



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A ABORDAGEM DO ESPORTE
NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Charles Phetterson Pereira Quirino de Sousa

BRASÍLIA - DF

2020

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A ABORDAGEM DO ESPORTE
NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, junto à Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de mestre em Educação Física.

Orientador: Pedro Fernando Avalone de Athayde

BRASÍLIA - DF

2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, especialmente à minha esposa Hayane, por seu amor e apoio incondicional durante esses dois anos de estudos incessantes, à minha amada filha Mariana que transformou a minha vida. Aos meus pais, meus exemplos de amor e dedicação, e às minhas irmãs que estão presentes em quaisquer circunstâncias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da minha vida e de toda minha família.

À minha amada esposa Hayane que participou efetivamente de todo o processo. Sem ela nada disso seria possível!

À minha linda e amada filha Mariana que nasceu concomitante ao início do mestrado, servindo de estímulo e me dando forças para superar toda e qualquer adversidade.

Aos meus pais, Fernandes e Glacy, que sempre cuidaram da minha educação com muito amor e carinho.

Às minhas irmãs, Karyne e Stefanie, que sempre estiveram presentes ao longo de toda minha vida.

À minha vizinha Lindiomar (*in memoriam*) que, mesmo nunca adentrando os portões de uma escola, era fonte de sapiência.

À minha amada e querida família Quirino que sempre foi alicerce e fonte de inspiração.

À família Couto, em especial minha sogra Edilis que pode compartilhar os cuidados com minha filha durante o processo de pesquisa.

Aos inúmeros alunos que tive ao longo desses doze anos de sala de aula, servindo como instrumento de crescimento pessoal e profissional.

Aos amigos do mestrado, com os quais pude compartilhar experiências, construindo uma linda e sólida amizade.

Aos professores da UnB que foram capazes de proporcionar momentos inesquecíveis de aprendizagem, contribuindo para minha formação acadêmica e profissional.

Ao meu orientador Pedro Athayde que soube conduzir com muita sabedoria e tranquilidade este trabalho.

Aos membros da banca examinadora que contribuíram com suas considerações e apontamentos para o crescimento do estudo.

Ao grupo de pesquisa Avante que me fez vivenciar momentos de muita aprendizagem, transformando-me numa pessoa e professor mais crítico.

À professora Ingrid que pode conduzir com disposição a coordenação do PROEF, sempre disposta a atender às nossas demandas.

Aos professores da Secretaria de Educação (CRE Samambaia) que participaram dessa pesquisa.

Aos gestores das escolas que abriram as portas para que eu pudesse realizar o estudo.

Ao Sinpro e aos professores da Secretaria de Educação que, mediante suas lutas, conquistaram o afastamento remunerado para os estudos.

À Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal que me proporcionou condições de cursar o mestrado, contribuindo com meu processo de formação continuada.

Às escolas em que tive oportunidade de ser professor. Todas tiveram sua parcela de contribuição no meu crescimento profissional.

E à Universidade de Brasília que tão bem me acolheu durante esses dois anos. Foi um sonho realizado! Muito obrigado!

.

“Só existirá democracia no Brasil no dia em que se montar no país a máquina que prepara as democracias. Essa máquina é a escola pública”.

Anísio Teixeira

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Bloco de Conteúdos do Ensino Fundamental.....	46
Quadro 2 - Dados da pesquisa exploratória.....	96

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual dos artigos selecionados por categoria	95
Gráfico 2 - Instituição de formação inicial dos professores entrevistados.....	106
Gráfico 3 – Conteúdos priorizados pelos professores entrevistados.....	112

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro da entrevista	142
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	143
Apêndice C – Entrevistas.....	146

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CEF – Centro de Ensino Fundamental

CESUBE – Centro de Ensino Superior de Uberaba

CID – Centro de Iniciação Desportiva

CIE – Centro de Iniciação ao Esporte

COP – Centros Olímpicos e Paralímpicos

CRE – Coordenadoria Regional de Ensino

JEBS – Jogos Estudantis Brasileiros

JESAM – Jogos Escolares de Samambaia

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

ME – Ministério do Esporte

PPP – Projeto Político Pedagógico

PROEF – Programa de Mestrado Profissional em Educação Física

SEEDF – Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UCB – Universidade Católica de Brasília

UNB – Universidade de Brasília

UNESP – Universidade Estadual de São Paulo

RESUMO

Este estudo é fruto do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) e tem como objeto a abordagem do esporte nos anos finais do ensino fundamental. Por se mostrar uma temática bastante recorrente no cotidiano da escola, o esporte carrega consigo questionamentos a respeito da sua abordagem. Portanto, a presente pesquisa teve como objetivo investigar sobre qual perspectiva este conteúdo é concebido dentro do ambiente escolar. A fim de tentar identificar e responder tais questionamentos, este estudo se fundamentou nos métodos qualitativo e dialético, fazendo uma análise sistemática dos fenômenos educacional e esportivo que se encontram em constante mobilidade. Utilizou-se, como instrumentos investigativos, das análises dos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas e das entrevistas realizadas com os professores regentes das respectivas unidades escolares pertencentes à CRE (Coordenadoria Regional de Ensino) da Região Administrativa de Samambaia no Distrito Federal, além de uma pesquisa exploratória que contemplou um recorte dos estudos relacionados ao esporte educacional e escolar na última década. A fundamentação teórica da pesquisa foi consubstanciada a partir de uma perspectiva crítica da Educação e da Educação Física, já que o Currículo em Movimento da Secretaria de Educação do Distrito Federal tem como pressupostos teóricos uma teoria fundamentada a partir da Pedagogia Histórico-Crítica. Após a investigação e análise dos dados, constatou-se que o esporte, a partir das apreciações das entrevistas e dos PPPs, distanciou-se de uma abordagem esportivista, seletiva e excludente, como nos moldes do esporte de alto rendimento. Talvez ainda não esteja sendo abordado de forma crítica, relacionando-se, de fato, com as abordagens críticas da Educação Física, contudo mostraram-se mais democráticas e inclusivas. Notou-se, a partir das análises dos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas, certo descaso com a Educação Física e com o esporte, que possivelmente tenha se efetivado pelo fato de o professor específico da área ter ficado à margem do processo de elaboração do projeto. Verificou-se ainda que os docentes parecem necessitar de maior aproximação e familiarização acerca do Currículo em Movimento da SEEDF.

Palavras-chave: Educação. Escola. Educação Física. Esporte

ABSTRACT

This study is the result of the Professional Master's Program in Physical Education in the National Network (PROEF) and has as its object the approach of sport in the final years of elementary school. As sport is a very recurring theme in school, it carries with it questions about its approach, so this research aimed to investigate about which perspective this content is conceived within the school environment. In order to try to identify and answer such questions, this study was based on the qualitative and dialectical method making a systematic analysis of the educational and sports phenomena that are in constant mobility. The investigative instruments of the Pedagogical Political Projects of the schools and the interviews conducted with the teachers from the respective school units belonging to the CRE (Regional Teaching Coordination) of the Administrative Region of Samambaia in the Federal District were used as investigative instruments, in addition to an exploratory research that included a section of studies related to educational and school sports in the last decade. The theoretical basis of the research was substantiated from a critical perspective of Education and Physical Education, since the Curriculum in Motion of the Education Department of the Federal District has as theoretical assumptions a theory based on Historical-Critical Pedagogy. After the investigation and analysis of the data, it was found that the sport, based on the assessments of the interviews and the PPPs, distanced itself from a sports approach, selective and excluding, as in the high performance sport model. Perhaps it is not yet being approached in a critical way, relating, in fact, with the critical approaches of Physical Education, however they proved to be more democratic and inclusive. It was noted, from the analysis of the Pedagogical Political Projects of the schools, a certain disregard for Physical Education and sport, which possibly was effected by the fact that the specific teacher of the area was left out of the project elaboration process. It was also found that the teachers seem to need greater approximation and familiarization about the SEEDF Curriculum in Motion.

Keywords: Education. School. Physical Education. Sport

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – “Aquecimento”	16
PERCURSO METODOLÓGICO “As regras do jogo”	19
CAPÍTULO 1 – “Apito inicial”	24
1 – Educação e função social da escola	24
1.1 – Pedagogia Histórico-Crítica, Psicologia Histórico-Cultural e o currículo da SEEDF	28
1.1.2 – Processo de construção e apresentação do currículo.....	39
1.1.3 – Base teórico-metodológica do currículo	43
1.1.4 – Pressupostos do currículo para Educação Física	44
CAPÍTULO 2 – “Segue o jogo”	49
2 – Educação Física escolar	49
2.1 – Percurso Histórico da Educação Física no Brasil.....	49
2.2 – O papel da Educação Física na escola a partir de uma abordagem crítica ...	58
2.2.1 – Abordagem Crítico-Superadora.....	60
2.2.2 – Abordagem Crítico-Emancipatória	64
CAPÍTULO 3 – “O jogo continua”	69
3 - Esporte.....	69
3.1 – Breve histórico do esporte no Brasil.....	70
3.2 – O esporte moderno e suas dimensões.....	72
3.3 – Esporte educacional.....	78
3.4 – Esporte “na” escola e esporte “da” escola.....	83
3.5 – Possibilidade para o ensino do esporte a partir da didática histórico-crítica...86	
CAPÍTULO 4 – “Mesa redonda”	93
4 – Analisando as regras do jogo.....	93
4.1 – Mapeamento contemporâneo dos estudos relacionados ao esporte	94
4.2 – Projeto Político Pedagógico das escolas	98
4.3 – Trajetória acadêmica e profissional dos entrevistados.....	105
4.4 – Organização e planejamento pedagógico	111
4.5 – Jogos escolares e a Educação Física	121
4.6 – O papel do esporte na visão dos professores	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS – “Debate final”	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	137

INTRODUÇÃO – “AQUECIMENTO”

Atualmente, o esporte é considerado um dos grandes fenômenos socioculturais bastante presente na vida das pessoas, sejam praticantes, espectadores ou consumidores, além de carregar consigo um forte aparato econômico, ocupando um grande espaço no mercado e na mídia.

Apresenta-se como um dos principais conteúdos da Educação Física escolar, sendo frequentemente trabalhado pelos professores. Devido aos inúmeros questionamentos acerca dessa temática, além da forma como ele é tratado dentro do componente curricular, despertou-me o interesse em compreender de fato como o conteúdo é abordado nas escolas. Diante disso, pensar sobre outras possibilidades de abordagem, refletir sobre uma maior diversidade e pluralidade em seu uso dentro do ambiente escolar, assim como ponderar a oferta de outros conteúdos da cultura corporal para além do esporte.

A oportunidade de fazer essa reflexão sobre a prática pedagógica de forma mais aprofundada veio a partir do mestrado profissional (PROEF)¹, já que nem sempre é possível fazê-la inserido na rotina escolar, mesmo nas horas de planejamento. O ensejo permite-me levar essas reflexões para dentro da escola, proporcionando diálogos com os professores da rede, além de contribuir para a minha própria intervenção pedagógica.

Por se mostrar uma temática bastante recorrente no cotidiano da escola, o esporte carrega consigo questionamentos a respeito de sua abordagem, portanto a presente pesquisa se justifica por uma inquietude sobre qual perspectiva este conteúdo é concebido dentro do ambiente escolar.

Diante disso, faz-se necessário realizar uma análise sobre o verdadeiro papel da escola, bem como da Educação Física escolar, a fim de questionar como se relacionam com o objeto esporte, podendo compreender seus diversos aspectos e principalmente como está sendo empregado na escola.

É importante verificar, por intermédio deste estudo, como o esporte vem sendo conduzido na Educação Física escolar, se ainda possui o viés esportivista,

¹ O Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) é um curso com oferta nacional, realizado por uma rede de Instituições de Ensino Superior no contexto da Universidade Aberta do Brasil (UAB), e coordenado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Agrega 12 instituições de Ensino Superior, dentre elas a Universidade de Brasília (UnB).

visando a seleção de talentos e a competição, de forma hegemônica como nas décadas de 1960 e 1970, ou se já vem sendo abordado com uma perspectiva crítica, reflexiva e inclusiva, se tem sido contemplado em ambas, ou até mesmo numa outra que possa surgir a partir da investigação. É de extrema importância para área identificar se os aspectos renovadores da disciplina vêm sendo empregados, principalmente se o esporte está incluído nesse processo de transformação.

Nesse sentido, é fundamental o enfoque de práticas pedagógicas que identifiquem e explorem o que realmente é importante e primordial na aprendizagem dos alunos a respeito do esporte, entendendo o fenômeno histórico que esse componente possui, tendo em vista a sua mutabilidade, permitindo-nos sua reestruturação na escola e destacando a importância de dar um tratamento adequado e um novo sentido ao conteúdo.

Sabendo que houve avanços teóricos em relação ao estudo do esporte na Educação Física escolar, sendo ele um tema com bastante abrangência das produções científicas da área, devemos questionar se estes avanços, de fato, materializaram-se na prática escolar.

Este estudo tem como objetivo verificar o tratamento que o esporte vem recebendo na Educação Física escolar, a partir dos PPPs (Projeto Político Pedagógico) das escolas e das entrevistas realizadas com os professores regentes das respectivas unidades escolares pertencentes à CRE (Coordenadoria Regional de Ensino) da Região Administrativa de Samambaia no Distrito Federal, além de uma pesquisa exploratória que contemplou um recorte dos estudos relacionados ao esporte educacional e escolar na última década.

Diante dessa verificação, poderemos obter respostas para uma série de perguntas, tais como: 1 - O esporte continua sendo abordado com uma perspectiva esportivista, excludente e seletiva ou já rompeu essa barreira e vem sendo desenvolvido numa abordagem mais crítica, democrática e inclusiva? 2 – O esporte é conteúdo hegemônico da Educação Física escolar? 3 – O esporte é considerado sinônimo da Educação Física escolar? 4 – Há alguma modalidade esportiva priorizada pelos professores? 5 - Os professores se fundamentam em alguma teoria pedagógica para o ensino do esporte? 6 – Qual é o papel do esporte na escola e na Educação Física escolar? Dentre outras.

A conjuntura da pesquisa proporciona a possibilidade de me inserir num processo de formação continuada, refletindo sobre a minha prática pedagógica e possibilitando uma melhor compreensão dos aspectos históricos e atuais da educação, da escola, da Educação Física escolar e do esporte. Nesse sentido, vislumbro a relevância de aprofundamento e análise de tais aspectos.

Diante disso, o estudo foi estruturado baseando-se nesses quatro elementos, partindo do geral para o específico, ou seja, da educação para o esporte.

No primeiro capítulo, discute-se sobre a educação e função social da escola, a fim de analisar, a partir de pressupostos críticos, a relação existente entre ambas, optando por trazer a Pedagogia Histórico-Crítica, já que essa teoria fundamenta o currículo da Secretaria de Educação do Distrito Federal, denominado Currículo em Movimento².

Posto isso, no capítulo seguinte, é debatido acerca da Educação Física escolar e seu histórico, além das abordagens críticas da Educação Física, especificamente a Crítico-Superadora e Crítico-Emancipatória.

Adiante, no capítulo três, é abordado o esporte de forma específica. Sua história, dimensões, a dicotomia em relação ao esporte “da” e “na” escola, além de um ensaio para o ensino do esporte à luz da Pedagogia Histórico-Crítica.

Por fim, é avaliado todo o conteúdo levantado ao longo da pesquisa. Os artigos selecionados, os Projetos Políticos Pedagógicos das escolas e as entrevistas foram instrumentos de análises, discussões e resultados.

² Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/curriculo-em-movimento-da-educacao-basica-2/>. Acesso: 09 mar. 2020.

PERCURSO METODOLÓGICO – “AS REGRAS DO JOGO”

A fim de tentar identificar e responder tais questionamentos, este estudo, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde da UnB, sob parecer nº 3.414.106, teve como base o método qualitativo e dialético com o intuito de fazer uma análise sistemática dos fenômenos educacional e esportivo que se encontram em constante mobilidade.

Em toda e qualquer pesquisa enquanto construção científica deve haver uma fundamentação epistemológica, assim como um posicionamento teórico do pesquisador. A epistemologia está relacionada ao estudo crítico das diversas ciências.

Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Geralmente isso se faz a partir do estudo de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento. (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p. 1)

É importante aproximar a pesquisa da vida diária do pesquisador, em qualquer esfera que ele atue, a fim de tornar um instrumento enriquecedor do seu trabalho. Além disso, é preciso compreender que a pesquisa não é privilégio de alguns seres dotados, mas também não deixa de requisitar habilidades e conhecimentos específicos.

Uma pesquisa científica deve seguir um percurso metodológico. A metodologia compreende a utilização de métodos que pressupõem o estabelecimento de procedimentos didáticos, metodológicos e técnicos, de modo que as etapas sejam coesas a fim de dar sustentação à pesquisa.

Entenda-se como metodologia de pesquisa um processo que se inicia desde a disposição inicial de se escolher um determinado tema para pesquisar até a análise dos dados com as recomendações para minimização ou solução do problema pesquisado. Portanto, metodologia é um processo que engloba um conjunto de métodos e técnicas para ensinar, analisar, conhecer a realidade e produzir novos conhecimentos. (OLIVEIRA, 2010, p.43)

Esse processo parte da escolha de um determinado tema, porém o que vai delinear todo o processo metodológico são os pressupostos teóricos que embasarão a análise do fenômeno. Aqui nos debruçaremos acerca da temática esporte,

especificamente sobre a abordagem do esporte nos anos finais do ensino fundamental.

Diante de suas características, essa pesquisa se classifica como uma pesquisa qualitativa, devido ao seu método reflexivo e crítico de analisar os fatos, sendo o tipo de investigação mais adequada a fim de compreender e obter respostas para as hipóteses que serão levantadas ao longo do estudo.

Oliveira (2010, p.38) aponta que em uma pesquisa qualitativa todos os fatos e fenômenos são significativos e relevantes, tais como:

- 1 – Ambiente natural como fonte direta de dados, e o pesquisador como instrumento fundamental.
- 2 – Caráter descritivo
- 3 – Significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida, que deve ser uma preocupação do investigador.
- 4 – Enfoque indutivo

A autora evidencia ainda que a pesquisa qualitativa é: “um processo de reflexão e análise da realidade por meio da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico”. (OLIVEIRA, 2010, p.37)

Como relatado, uma pesquisa requer a utilização de métodos, este se caracteriza, como uma ação a fim de se estabelecer um planejamento para conhecer alguma coisa e alcançar os objetivos preestabelecidos. Oliveira (2010, p.48) reforça isso ao afirmar que “o método pressupõe um planejamento, com a utilização de instrumentos adequados (técnicas) para consecução dos objetivos predeterminados”.

Essa pesquisa teve como base o método dialético, pois ao analisar os fenômenos educacional e esportivo, que se encontram constantemente em mobilidade e mutação, é de suma importância relacioná-los a outros fatos e fenômenos, de forma dialética, ou seja, em constante movimento. A dialética não analisa o objeto estático, contextualiza-o na dinâmica histórica, social e cultural. Para Marx, tudo se relaciona e tudo se transforma.

Para a dialética, as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está acabada, encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver; o fim de um processo é sempre o começo de outro. (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 83)

O método dialético tem uma relação muito próxima com a pesquisa qualitativa. Nessa perspectiva, Oliveira (2010) afirma que numa perspectiva

qualitativa, além de ser recomendado os fundamentos da dialética, é preciso ter uma visão holística e sistêmica da realidade em estudo.

Os procedimentos qualitativos apresentam uma abordagem diferenciada em relação aos métodos de pesquisa quantitativa.

A investigação qualitativa emprega diferentes alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coletas e análise de dados. Embora os processos sejam similares, os procedimentos qualitativos se baseiam em dados de texto e imagem, têm passos únicos na análise de dados e usam estratégias diversas de investigação. (CRESWELL, 2010 p. 206)

Triviños (1987) evidencia que as pesquisas no campo educacional sempre se caracterizaram por abordagens qualitativas, apesar de se manifestarem frequentemente através de medições, de quantificações.

INTRUMENTOS

Por ser um estudo qualitativo, essa análise permite o envolvimento do pesquisador, oferecendo a ele diversas estratégias para coleta de dados. Os instrumentos adotados serão a entrevista, a análise documental, a revisão bibliográfica, além de uma breve pesquisa exploratória.

Em paralelo à observação, a entrevista tem se tornado bastante presente nas pesquisas qualitativas, permitindo maior intimidade entre o pesquisador e o entrevistado, criando uma relação de interação entre ambos.

Segundo apresentam Ludke e André (1986, p. 34),

uma entrevista bem feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais, podendo permitir o aprofundamento de pontos levantados por outras técnicas de coleta de alcance mais superficial, como o questionário.

Durante a interlocução, o intuito é gerar um clima de leveza criando uma relação de interação entre o pesquisador e o entrevistado. A entrevista seguiu um roteiro, porém não totalmente estruturado, a fim de evitar um clima de rigidez entre os assuntos abordados, fazendo com que o entrevistado discorresse naturalmente sobre o tema proposto, ou seja, houve flexibilidade. O registro dos dados obtidos foi realizado por meio de anotações e gravação direta da entrevista e esses dados foram transcritos posteriormente.

A análise documental, embora pouco explorada, se constitui numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos. Oliveira (2010, p.90) destaca que “o acesso a documentos escritos [...] em muito contribui para um conhecimento mais aprofundado da realidade”.

Já a revisão bibliográfica é uma modalidade de análise de estudos científicos como, por exemplo, livros, periódicos e artigos científicos.

A pesquisa bibliográfica é uma modalidade de estudo e análise de documento de domínio científico [...] sem precisar percorrer diretamente aos fatos/fenômenos da realidade empírica. (OLIVEIRA, 2010, p.69).

PROCEDIMENTOS

A entrevista e a análise documental foram realizadas nas 10 (dez) escolas de Ensino Fundamental da Secretaria de Educação pertencentes à Região Administrativa de Samambaia no Distrito Federal. A escolha da região se deu pelo fato de o pesquisador ter lotação definitiva na referida regional de ensino, conseqüentemente, um trâmite mais acessível para realizar a pesquisa.

A análise documental apreciou a verificação dos PPPs (Projeto Político Pedagógico) das respectivas escolas e o Currículo em Movimento da Secretaria de Educação do Distrito Federal, com o intuito de analisar o tratamento que a Educação Física e o esporte recebem nos respectivos documentos. A entrevista foi realizada com um docente de Educação Física de cada Unidade Escolar, escolhido aleatoriamente, a fim de averiguar como o conteúdo esporte vem sendo abordado por eles, além de identificar qual a visão os mesmos têm em relação ao papel do esporte na escola e na Educação Física Escolar. A escolha dos professores se efetuou com o intuito de perpassar pelos quatro anos do ensino fundamental.

A revisão bibliográfica por sua vez tem a finalidade de levar o pesquisador a entrar em contato com as obras que abordam os temas analisados, a fim de dar embasamento teórico à sua pesquisa. Nesse caso, foram buscadas fontes com amplo reconhecimento no campo científico, nos temas que nortearam o estudo. São eles:

- a) Educação
- b) Escola

- c) Educação Física escolar
- d) Esporte
- e) Esporte Educacional
- f) Esporte Escolar

Já a pesquisa exploratória contemplou um recorte dos estudos relacionados ao esporte educacional e ao esporte escolar na última década, a fim de identificar qual a perspectiva contemporânea abordada pelos autores. Fazer um levantamento mais contemporâneo tem o objetivo de identificar se esses estudos ainda dialogam com os clássicos, que se consolidaram principalmente com os movimentos renovadores da Educação Física, que ocorreram no final de década de 1980 e início da década de 1990, ou se já partem para outra perspectiva. O levantamento foi realizado através de uma busca em 6 periódicos³ de Educação Física que tratam com mais frequência sobre este assunto específico, considerando o título, o resumo, as palavras-chave e o corpo do texto, após utilizar, como descritores de busca, os termos: “educação física escolar”, “esporte escolar” e “esporte educacional”.

³ 1) Revista Brasileira de Ciências do Esporte
2) Revista Pensar a prática
3) Revista Movimento
4) Revista Motrivivência
5) Revista Brasileira de Ciência e Movimento
6) Revista da Educação Física/UEM

CAPÍTULO 1 – “APITO INICIAL”

1 - EDUCAÇÃO E FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

A educação é um fenômeno social particular dos seres humanos, devendo ser responsável por suas transformações e pelo desenvolvimento da personalidade, possibilitando, assim, sua emancipação. Dessa forma, podemos afirmar que a educação está intrínseca e historicamente relacionada à sociedade e cultura, que geralmente estão vinculadas às questões políticas e econômicas de uma determinada sociedade.

Para conhecer e analisar a relação entre a educação e a escola, deve-se entender que as políticas educacionais e suas diretrizes, são cercadas de intencionalidade e geralmente representam a ideia de governo que se encontra no poder. Essas ideologias influenciarão as escolas e seus profissionais no que diz respeito à formação de seus alunos, determinando que tipo de sujeito será formado e educado. Por outro lado, quando essas políticas implementadas pelo sistema são reprodutivistas, é preciso compreender se a escola e seus profissionais irão aderir ou resistir, formulando coletivamente ações por meio de uma educação transformadora, que subsidiem a formação de um sujeito autônomo e crítico.

Considerando-se que a classe dominante não tem interesse na transformação histórica da escola (ela está empenhada na transformação de seu domínio, portanto apenas acionará mecanismos de adaptação que evitem a transformação), segue-se que uma teoria crítica (que não seja reprodutivista) só poderá ser formulada do ponto de vista dos interesses dominados. (SAVIANI, 1999, p.41).

As políticas educacionais adotadas pelo Estado devem ser compreendidas de maneira mais abrangente, envolvendo relações econômicas, culturais, sociais e geográficas. Acerca dessas relações, Libâneo et al. (2003, p.54) certifica que “os países ricos realizaram suas reformas educacionais, as quais, na maior parte dos casos, submeteram a escolarização às exigências da produção e do mercado”. Os organismos do capitalismo, a fim de manter sua hegemonia, organizam suas formas de produção e consumo, no intuito de fortalecer as nações ricas e submeter os países mais pobres à dependência, traçando uma política educacional para esses territórios emergentes.

Frigotto (1984) afirma que, à medida que a relação entre educação e estrutura econômico-social capitalista se efetiva numa sociedade de classes, vão aparecendo,

cada vez mais nitidamente, os interesses antagônicos que estão em jogo, evidenciando que esse conflito coexiste em todas as relações sociais e permeia, portanto, a prática educativa em seu conjunto, onde a relação de produção e utilização do saber revela-se, então, como uma relação de classes.

Por exemplo, o Brasil, considerado um país capitalista periférico, carrega consigo graves problemas educacionais e, ao longo do tempo, vem tentando corrigi-los importando soluções de outros países com características sociais distintas e com desenvolvimento econômico divergente, os quais possuem interesse de influência e domínio sobre o sistema de ensino de países como o nosso. Esse tipo de modelo está fadado ao fracasso, pois, no momento de se implementar políticas públicas educacionais, deve ser levada em consideração a especificidade e o interesse próprio de cada Estado. A comunidade local acaba sendo reflexo de sociedades hegemônicas, as quais têm por conveniência reproduzir os seus interesses por intermédio da escola. “A escola na sociedade capitalista, necessariamente, reproduz a dominação e exploração. Daí seu caráter segregador e marginalizador. Daí sua natureza seletiva”. (SAVIANI, 1999, p. 40).

Já que as políticas pretendem moldar o indivíduo, a educação por si só tem o objetivo de romper com esses moldes, tentando fugir das mazelas da sociedade capitalista, evitando que a massa que está por baixo seja subordinada por poucos que estão por cima.

A educação deve estar comprometida com a formação integral do sujeito, submetendo-o ao conhecimento cultural acumulado pela humanidade, mesmo sabendo que essa cultura é fruto da luta cotidiana por interesses econômicos e políticos. Os grupos e classes dominantes procuram sempre fazer com que as ideias e os valores aceitos por todos sejam os valores pregados por eles. Como já afirmavam Marx e Engels (2004, p. 65), “As ideias dominantes de uma época sempre foram apenas as ideias da classe dominante”.

É a partir desse ponto que entra em cena o conflito ideológico educacional, a fim de quebrar tais paradigmas. O ato de educar é simultaneamente a base da conservação da ordem, na perspectiva de manutenção e o alicerce do seu poder de mutação, na concepção de uma educação transformadora, ou seja, um paralelo conflituoso.

No contexto da sociedade contemporânea, a educação deve ser vista como fator que transporte o indivíduo ao pleno exercício da cidadania, na luta contra a superação das desigualdades e exclusão social, sendo capaz de agir criticamente na realidade, a fim de transformá-la.

Como instituição social educativa, a escola vem sendo questionada acerca de seu papel ante as transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo. Elas decorrem, sobretudo, dos avanços tecnológicos, da reestruturação do sistema de produção e desenvolvimento, da compreensão do papel do Estado, das modificações nele operadas e das mudanças no sistema financeiro, na organização do trabalho e dos hábitos de consumo. Esse conjunto de transformações está sendo chamado, em geral de globalização. (LIBÂNEO et al. 2003, p. 51).

Os acontecimentos de um mundo globalizado podem interferir na educação de diversas formas, direta e indiretamente, positiva e negativamente. E, sem dúvida, podem influenciar a atitude e o trabalho docente, pois as constantes mudanças exigem que o professor também faça as devidas atualizações em seu trabalho. Um exemplo disso é que as escolas e os professores são estimulados a mudarem as suas práticas pedagógicas devido aos avanços tecnológicos. O processo de globalização apresenta novos desafios para escola, o que a obriga a “[re] pensar”.

O mundo globalizado por si só não atualiza os objetivos e as prioridades da escola, contudo esses objetivos e prioridades podem ser envolvidos por uma educação que almeja uma análise crítica e transformadora diante desse cenário, bem como podem levar o sistema a estabelecer finalidades compatíveis com o interesse do mercado.

A escola do século XXI deve articular-se com outras modalidades de educação, não se vinculando apenas a educação formal, aquela devidamente planejada e sistematizada, mas também se articular com a educação informal, com o intuito de conceber indivíduos éticos e solidários, preparados para viver em sociedade, além de desenvolver conhecimentos, capacidades e qualidades para o exercício autônomo, consciente e crítico da cidadania.

Atualmente, a prática educativa informal, mesmo não tendo vinculação com a prática pedagógica sistematizada e estruturada, deve ser valorizada, respeitando o que acontece espontaneamente na sociedade, nos meios de comunicação, assim como nas relações sociais e interpessoais. Embora importante, ela não substitui a educação formal e sua função social.

Pensar no papel da escola nos dias atuais implica identificar, de fato, qual a sua função dentro da sociedade, se é apenas um “modus operandi” de reprodução dos interesses de um sistema hegemônico, como de costume, ou se realmente se busca uma escola progressista que transforma e modifica.

A escola, na visão progressista, parte do princípio de que a educação escolar é parte integrante da sociedade. Ela reflete as contradições da estrutura social. Colabora na divulgação de uma nova concepção de mundo, trabalha em prol das camadas mais pobres da população. Visa à preparação do indivíduo para a vida sociopolítica e cultural. Seu ideal político-pedagógico está voltado para emancipação do homem. (VEIGA, 1991, p. 78).

Historicamente, a escola atende às conveniências de quem a controla, entre as quais a de implementar políticas educacionais que estejam vinculadas ao interesse de reprodução e manutenção do capitalismo. Se contrapondo a esse modelo de educação, tendo a convicção de que a escola é uma organização socialmente construída, se constituindo como um empreendimento cultural da humanidade, esta deve assumir um novo papel, se vinculando a uma perspectiva crítica, a fim de que seja vista e entendida como uma instituição cercada de ideologias e cultura. De acordo com Saviani (1999, p. 42), “o papel de uma teoria crítica da Educação é dar substância concreta a essa bandeira de luta de modo a evitar que ela seja apropriada e articulada com os interesses dominantes”.

A escola atual deve envolver sujeitos que ensinam e aprendam simultaneamente, articulando-se com os diversos objetos que a ela pertencem, levando a uma reflexão contínua de questões conflituosas que fazem parte do cotidiano da instituição. A escola não é um ambiente neutro e absolutamente harmônico, é também espaço de tensão.

Por também ser um ambiente de enfrentamento, a escola deve reforçar os pilares da formação do sujeito como integrante de um espaço socialmente construído e frequentado por um grupo heterogêneo de pessoas, advindas com formação, cultura e pensamentos distintos. Portanto, cabe à escola reforçar esses pilares, fazendo com que o indivíduo desenvolva a capacidade de se conhecer e se compreender, entendendo qual o seu papel na sociedade, além de desenvolver o seu processo de construção da cidadania.

Dentro e fora da escola, o sujeito deve valorizar e compreender as questões políticas, éticas e estéticas. Políticas porque deve viver democraticamente,

compreendendo seus direitos e deveres, além de ter responsabilidade social. Éticas já que deve respeitar os seus pares e conviver de forma harmônica. Estéticas porque deve valorizar e considerar a diversidade da cultura existente em todos os espaços.

A escola passa a ser uma instituição de extrema importância na formação do indivíduo e, conseqüentemente, na transformação da comunidade, ajudando a superar as suas dificuldades, a combater as práticas desiguais e a lutar contra o cenário de relação de poder e reprodução. Nesse sentido, a escola valoriza a cultura e os anseios da própria comunidade, conduzindo esse processo de forma reflexiva e dialética, a fim de se consolidar como uma instituição democrática, crítica e autônoma, sem deixar de garantir o acesso ao saber.

Diante do explanado nesse capítulo, observa-se que a educação e a escola podem ser entendidas por diversos aspectos e sentidos. No capítulo seguinte, ao introduzir a pedagogia histórico-crítica, serão abordadas, de forma mais detalhada, algumas teorias da educação e qual o papel da escola à luz de cada uma delas.

1.1 - PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA, PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E O CURRÍCULO DA SEEDF

Antes de chegarmos ao currículo da SEEDF (Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal), devemos nos remeter aos pressupostos teóricos que os norteiam, ou seja, a Pedagogia Histórico-Crítica e a Psicologia Histórico-Cultural. Cabe destacar que tais pressupostos possuem uma inter-relação, o que veremos adiante. Neste momento, esse resgate é necessário a fim de que se compreenda o embasamento teórico e metodológico que referenda o currículo, contudo o objetivo não é fazer uma abordagem aprofundada e completa desses pressupostos, apenas uma abordagem panorâmica de suas características, considerando a sua influência no currículo.

Posteriormente, abordaremos o processo de construção do currículo e como este se apresenta. Adiante será exposto como a base teórico-metodológica está explicitada nele, além das suas proposições para Educação Física.

Para compreender a pedagogia histórico-crítica de Dermeval Saviani, devemos nos dirigir aos primórdios do processo de construção dessa teoria pedagógica.

O autor introduz, preliminarmente, um ensaio em relação à pedagogia histórico-crítica em sua obra denominada *Escola e Democracia*⁴, abordando sobre as teorias da educação, as quais englobam as teorias não-críticas e crítico-reprodutivistas e, o problema da marginalidade. A questão da marginalidade enfatizada por ele diz respeito às crianças em idade escolar que sequer têm acesso à escola e, quando têm, nela não permanecem e não usufruem o que é seu de direito, ou seja, estão à margem da educação.

No que diz respeito à questão da marginalidade, as teorias educacionais podem ser classificadas em dois grupos. No primeiro, temos aquelas teorias que entendem ser a educação um instrumento de equalização social, portanto, de superação da marginalidade. No segundo, estão as teorias que entendem ser a educação um instrumento de discriminação social, logo, um fator de marginalização. (SAVIANI, 2000, p.3)

Percebe-se que o primeiro grupo está relacionado à teoria não-crítica, já que a educação é vista como um instrumento de equalização social, ou seja, a sociedade é compreendida como harmoniosa, portanto um fator de superação da marginalidade. Já o segundo grupo, associado à teoria crítico-reprodutivista, entende a educação como um fator de discriminação social, ou seja, a sociedade é marcada pela divisão entre classes opostas que se relacionam a base da força. Destaca-se que, mesmo sendo críticas, compreendem que a função básica da educação é a reprodução da sociedade. Diante disso, as duas teorias são vistas pelo autor como tendências que precisam ser superadas a fim de que se estabeleça uma teoria crítica da educação.

As teorias não-críticas, são classificadas por ele em “Pedagogia Tradicional”, “Pedagogia Nova” e “Pedagogia Tecnicista”.

Na Pedagogia Tradicional, a escola é vista como um instrumento para equacionar o problema da marginalidade, seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. Contudo, a escola se organiza como uma instituição centrada no professor, que transmite esses conhecimentos aos alunos, os quais devem ser assimilados como lhes são transmitidos.

Libâneo (2002, p.23) reforça a ideia ao enfatizar que o papel da escola tradicional “consiste na preparação intelectual e moral dos alunos para assumir uma

⁴ O livro *Escola e Democracia* de Dermeval Saviani é considerado o manifesto de lançamento da pedagogia histórico-crítica.

posição na sociedade. O compromisso da escola é com a cultura, os problemas sociais pertencem à sociedade”.

Destaca-se que a referida escola não conseguiu disseminar um processo de universalização, deixando claro que nem todos conseguiram acesso e os que ingressaram nem sempre foram bem-sucedidos.

As críticas a essa pedagogia abriram espaços para o surgimento da Pedagogia Nova, a qual esboçava uma nova maneira de interpretar a educação, onde o aluno passaria a exercer um papel de protagonista, cabendo ao professor a função de orientador e estimulador da aprendizagem, cuja iniciativa principal deve ser incumbida aos próprios alunos.

Além disso, a Pedagogia nova ainda tinha a crença no poder da escola de exercer a função de equalização social, porém ao tentar resolver o problema da marginalidade, o agravou. Conforme elucida o próprio autor no seguinte trecho:

O tipo de escola acima descrito não conseguiu, entretanto, alterar significativamente o panorama organizacional dos sistemas escolares [...] No entanto, o ideário escolanovista, tendo sido amplamente difundido, penetrou na cabeça dos educadores acabando por gerar consequências também nas amplas redes escolares oficiais organizadas na forma tradicional. Cumpre assinalar que tais consequências foram mais negativas que positivas uma vez que, provocando o afrouxamento da disciplina e a despreocupação com a transmissão do conhecimento, acabou por rebaixar o nível do ensino destinado às camadas populares as quais muito frequentemente têm na escola o único meio de acesso ao conhecimento elaborado. (SAVIANI, 2000, p.10).

Dessa forma, ao final da primeira metade do século XX, o movimento escolanovista mostrava sinais visíveis de exaustão e as esperanças depositadas na escola tornaram-se frustradas. Um sentimento de desilusão tomou conta dos meios educacionais, buscando alternativas para tentar superar a questão da marginalidade, surgiu então a Pedagogia Tecnicista.

Saviani elucida que essa tendência pedagógica advoga pela reordenação do processo educativo de maneira a torna-lo objetivo e operacional. Buscou-se planejar a educação minimizando as interferências subjetivas que pudessem por em risco sua eficiência.

Observamos que nessa perspectiva, a eficiência era o ponto crucial, os objetivos foram instrumentalizados e o processo pedagógico mecanizado em praticamente todos os aspectos. Professores e alunos passam a exercer um papel

secundário, sendo subordinados ao processo que define o que eles devem fazer, quando e como farão, demonstrando ser uma pedagogia engessada e padronizada.

Libâneo (2002, p.29) corrobora com a ideia ao afirmar que “a escola atua no aperfeiçoamento da ordem social vigente (o sistema capitalista), articulando-se diretamente com o sistema produtivo, enfatizando que seu interesse imediato é o de produzir indivíduos ‘competentes’ para o mercado de trabalho”.

Em relação ao problema da marginalidade, Saviani afirma que essa tendência aumentou o caos no campo educativo gerando um alto nível de descontinuidade e fragmentação, que praticamente inviabilizou o trabalho pedagógico. O conteúdo de ensino tornou-se ainda mais fragilizado e a relativa ampliação das vagas tornou-se irrelevante devido aos altos índices de evasão e repetência, o que contribuiu para o agravamento da marginalidade.

Já as teorias crítico-reprodutivistas são abordadas pelo autor a partir de três manifestações que tiveram maior repercussão e que, segundo ele, alcançaram um maior nível de elaboração. São elas:

- a) Teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica
- b) Teoria da escola enquanto aparelho ideológico do Estado
- c) Teoria da escola dualista

A partir da segunda metade do século XX, a crítica à educação e à escola se acentuou, entre os maiores críticos encontramos os sociólogos franceses, Bourdieu e Passeron, autores da teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica; Baudelot e Establet, criadores da teoria da escola dualista, e o também filósofo francês Althusser que desenvolveu a teoria da escola enquanto aparelho ideológico do Estado. Segundo Gadotti (2008, p.187), as obras desses autores influenciaram em larga escala o pensamento pedagógico brasileiro na década de 70, demonstrando, sobretudo, o quanto a educação reproduz a sociedade, por isso são chamadas de crítico-reprodutivistas.

Conforme Saviani, os autores da teoria do ensino, enquanto violência simbólica, tomam como ponto de partida que toda e qualquer sociedade é estruturada como um sistema de relações de força material entre grupos de classes. Afirma ainda que a teoria não deixa dúvidas em relação à assertiva de que a função

da educação é a de reprodução das desigualdades sociais. A reprodução cultural contribui especificamente para a reprodução social.

Gadotti (2008, p.189) contribui com esse diálogo ao afirmar que para Bourdieu e Passeron toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica, enquanto imposição por um poder arbitrário. A arbitrariedade é a cultura dominante e esse poder é baseado na divisão da sociedade em classes. A ação pedagógica tende à reprodução cultural e social simultaneamente.

De acordo com essa teoria, Saviani assegura que marginalizados são os grupos ou classes dominados. Marginalizados socialmente porque não possuem força material (capital econômico) e marginalizados culturalmente, pois não possuem força simbólica (capital cultural). A educação, longe de ser um fator de superação da marginalidade, constitui um elemento reforçador da mesma. A classe dominante exerce um poder de tal modo absoluto que se torna inviável qualquer reação por parte da classe dominada, onde a luta de classe se torna impossível.

Freire (2005, p.154) afirma que “seria realmente ingenuidade esperar das elites opressoras uma educação de caráter libertário”, enfatizando o que disse Saviani ao explicar acerca do poder que a classe dominante exerce sobre a classe dominada.

Sobre a teoria da escola como aparelho ideológico do Estado, Althusser distingue em dois tipos de aparelhos, o repressivo e o ideológico. A distinção entre ambos se dá pelo fato de que os aparelhos repressivos funcionam massivamente pela violência e secundariamente pela ideologia, enquanto inversamente, os aparelhos ideológicos funcionam, primeiramente, pela ideologia e, de forma secundária, pela violência.

Althusser afirma que a escola, como aparelho ideológico do Estado, constitui o instrumento mais acabado de reprodução das relações de produção do tipo capitalista. Nesse contexto, Saviani evidencia que o fenômeno da marginalidade se inscreve em seu próprio seio, que se funda na expropriação dos trabalhadores pelos capitalistas. A escola, em lugar de dispositivo de equalização social, constitui um mecanismo construído pela burguesia para garantir e perpetuar seus interesses.

Diferentemente de Bourdieu e Passeron, Althusser não nega a luta de classes e afirma que os aparelhos ideológicos podem não ser só o alvo, mas também os

locais ideais para essa luta. Mesmo reconhecendo ser heroica a tentativa, conclui não haver chance de êxito.

A teoria da escola dualista elaborada por Baudelot e Establet, se empenha em mostrar que a escola, que enfatiza a aparência unitária e unificadora, é uma escola dividida em duas grandes redes, as quais correspondem à divisão da sociedade capitalista: a burguesia e o proletariado.

Gadotti (2008, p.196) reforça a ideia ao afirmar que os autores da teoria demonstram que a chamada “escola única” não pode ser “única” numa sociedade de classes. Atesta ainda que tudo que se passa na escola é atravessado pela divisão da sociedade, evidenciando que a cultura elaborada e transmitida não é uma só.

Na teoria dualista, Saviani afirma que a questão da marginalidade na escola está relativamente associada à cultura burguesa, assim como em relação à cultura proletária, conseqüentemente a escola se caracteriza duplamente como um fator de marginalização.

O autor reitera que a teoria admite a existência do proletariado, porém considera que tal ideologia tem origem e existência fora da escola, nas massas operárias e organizações, sinalizando que a possibilidade de a escola se constituir como instrumento de luta do proletariado fica descartada.

Em relação às teorias crítico-reprodutivistas e seus respectivos pensadores, podemos concluir sinteticamente, a respeito da escola e sua conexão com o capitalismo, o seguinte:

Bourdieu e Passeron sustentaram que a função própria da escola capitalista consistiria na reprodução da sociedade e que toda ação pedagógica seria uma imposição arbitrária da cultura das classes dominantes; Althusser sustentou que a escola constituía-se no instrumento mais acabado do capitalismo para reproduzir as relações de produção e a ideologia do sistema; Baudelot e Establet, analisando a escola capitalista na França, demonstraram a existência de duas grandes redes escolares, que correspondiam às suas classes fundamentais da sociedade: a burguesia e o proletariado. (GADOTTI, 2008, p. 188)

Em suma, como visto anteriormente, as teorias crítico-reprodutivistas, mesmo sendo críticas, compreendem que a função básica da educação é a reprodução da sociedade. Essas teorias não possuem uma proposta pedagógica, mas se empenham somente em demonstrar e explicar como o mecanismo de funcionamento da escola está constituído. Diante de tudo que foi debatido e elucidado anteriormente, conclui-se que o autor sentiu-se estimulado em propor uma

teoria verdadeiramente crítica – que não fosse reprodutivista – a fim de que se consolide uma educação crítica, transformadora, emancipadora e democrática, com o intuito de superar e extinguir o problema da marginalidade.

Na sequência do livro, Saviani aborda o debate sobre escola e democracia e o divide em duas partes. O segundo fragmento dessa argumentação já é considerado um esboço de formulação da pedagogia histórico-crítica.

A referida teoria se estabelece, de fato, na continuidade da reflexão que concluiu Escola e Democracia em outro livro intitulado Pedagogia Histórico-Crítica⁵, onde se estabelece uma proposta pedagógica à qual o autor se referia anteriormente como uma teoria crítica da educação. Vejamos de forma mais detalhada como ela se materializa.

A pedagogia de Saviani procura efetuar a crítica da visão crítico-reprodutivista, a qual compreende que qualquer tentativa na área da educação é reprodutora das condições vigentes e das relações de dominação da sociedade capitalista. Sendo assim, essa análise busca assimilar a educação a partir dos condicionantes sociais, portanto essa pedagogia:

Envolve a necessidade de se compreender a educação no seu desenvolvimento histórico-objetivo e, por consequência, a possibilidade de se articular uma proposta pedagógica cujo ponto de referência, cujo compromisso, seja a transformação da sociedade e não a sua manutenção, a sua perpetuação. (SAVIANI, 2011, p. 80)

Para Saviani (2011, p.6), a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos e que “o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo, a humanidade histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”. Sendo assim, o objetivo da educação diz respeito, por um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, por outro lado, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo e conseqüentemente alavancar o desenvolvimento humano.

Nessa perspectiva, a educação escolar se configura como ideal a fim de se consolidar tal perspectiva. Portanto, a escola aparece como instituição privilegiada, podendo detectar a dimensão pedagógica que permeia a prática social global.

⁵ As concepções contidas nesta obra de Saviani procuram aproximar o leitor da concepção educacional que, desde 1984, ele vem denominando de pedagogia histórico-crítica.

Diante disso, o autor afirma que a escola é um instituto cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado, evidenciando que não é qualquer tipo de saber, trata-se do conhecimento elaborado e não do conhecimento espontâneo, bem como da cultura erudita e não da cultura popular.

A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. As atividades da escola básica devem organizar-se a partir dessa questão. Se chamarmos isso de currículo, poderemos então afirmar que é a partir do saber sistematizado que se estrutura o currículo da escola elementar. (SAVIANI, 2011, p.14)

Enfatiza ainda que, para existir a escola, não basta apenas a existência do saber sistematizado, devendo ser necessário viabilizar as condições para sua transmissão e assimilação, implicando dosagem e sequência de um modo que o aluno passe gradativamente do seu não domínio ao domínio.

A pedagogia histórico-crítica defende que essa transmissão seja realizada pela mediação, a fim de que se consolide a passagem do saber espontâneo ao saber sistematizado, da cultura popular à cultura erudita.

A aprendizagem mediada, que tem como um de seus principais expoentes o pensador Vigotski, evidencia que a figura do outro, no caso da escola, o professor, é essencial na construção do saber por ser um elo intermediário entre o aluno e o conhecimento.

Vigotski afirma que a relação do indivíduo com o ambiente é mediada, pois este, enquanto sujeito do conhecimento, não tem acesso imediato aos objetos e sim a sistemas simbólicos que representam a realidade. (REGO, 1995, p.102)

Vigotski, ao introduzir o conceito de mediação, não o tomou como simples “elo” de coisas [...] para ele, a mediação é interposição que provoca transformações, encerra intencionalidade socialmente construída e promove desenvolvimento, enfim, uma condição externa que, internaliza, potencializa o ato de trabalho, seja ele prático ou teórico. (MARTINS, 2013, p. 289)

Observamos por meio da aprendizagem mediada de Vigotski a primeira relação de proximidade, citada no início do capítulo, da pedagogia histórico-crítica com a psicologia histórico-cultural, já que ele é um dos proponentes dessa teoria.

Ambas as teorias se fundamentam no materialismo histórico dialético de Marx e Engels, no qual a matéria é um princípio dinâmico ainda não constituído, em

processo, evoluindo dialeticamente. O homem é um ser social e histórico e suas necessidades o levam a trabalhar e transformar a natureza, estabelecer relações, produzir conhecimentos, construir a sociedade e fazer história.

É possível identificar inúmeras aproximações e contribuições de uma teoria em relação à outra. Martins elucida de forma muito reluzente a relação de proximidade entre elas.

Podemos constatar que a pedagogia histórico-crítica, ao propor como tarefa precípua da educação escolar a humanização de cada indivíduo particular por meio da apropriação do patrimônio cultural humano genérico, ao fazer a defesa da transmissão dos conceitos científicos, encontra o mais absoluto eco na psicologia objetiva representada pela psicologia histórico-cultural, que toma por objeto não a mera aparência do psiquismo humano, mas suas possibilidades máximas de expressão e, sobretudo, as condições sociais às quais esse desenvolvimento se subordina. (MARTINS, 2013, p.298)

Sendo assim, fica evidente que é na qualidade de condição social de desenvolvimento que se fundamenta a educação escolar tanto para Saviani, quanto para Vigotski.

Em relação às fases do método dialético de construção do conhecimento escolar – prática, teoria, prática – deve-se partir do nível de desenvolvimento atual dos alunos, trabalhando na zona de desenvolvimento proximal, ou seja, a distância entre aquilo que ele é capaz de fazer de forma autônoma e aquilo que ainda realiza em colaboração com outros elementos, a fim de que se alcance um novo nível de desenvolvimento. Este método é apontado pela teoria histórico-cultural de Vigotski, que se desdobra nos entendimentos da pedagogia histórico-crítica proposta por Saviani.

Por conseguinte, quanto à transmissão dos conhecimentos de forma mediada e sequenciada, a referida pedagogia, por intermédio de Saviani (2011) e Gasparin (2009), propõe uma didática, que podemos chamar de “processo de construção do conhecimento” que se materializa da seguinte forma:

- 1 – Prática social inicial
- 2 – Problematização
- 3 – Instrumentalização
- 4 – Catarse
- 5 – Prática social final

Na perspectiva da pedagogia histórico-crítica, é importante considerar os conhecimentos adquiridos pelos estudantes em sua vida cotidiana, o que chamamos de saber popular, saber do senso comum. Ele é o ponto de partida para que se alcance a assimilação do saber sistematizado, do saber erudito, ao final do processo. Emergir de algo que não domina e, posteriormente, passe a dominar.

Esses conhecimentos já adquiridos são frutos das relações sociais cotidianas dos alunos, ou seja, sua prática social. Considerar que essa prática é o ponto inicial para a construção do conhecimento, significa trabalhar o conhecimento a partir da articulação dialética dos saberes do senso comum com os saberes científicos. Para isso o reconhecimento da prática social e da diversidade dos docentes são condições fundamentais para que se obtenha um processo satisfatório de aprendizagem.

É nesse momento que o aluno evidencia a sua visão de totalidade a respeito do conteúdo proposto pelo professor. Diante disso, deve se avançar para o segundo passo, a problematização, a qual procura identificar os principais problemas posto pela prática e pelo conteúdo, debatendo-os a partir da visão dos alunos, a fim de transformar o conteúdo formal em desafios e dimensões problematizadoras.

Adiante, encaminha-se para instrumentalização, onde ocorrem as ações didático-pedagógicas entre professor e aluno, a fim de que se construa o conhecimento científico. A apresentação sistemática do conteúdo e das respostas dadas às questões da problematização constituem o momento onde acontece com mais ênfase a mediação pedagógica do professor.

Em seguida, após a instrumentalização, deve acontecer a catarse, ou seja, ocorrer uma nova postura mental do aluno, que deve ser capaz de reunir e sintetizar o cotidiano e o científico, o teórico e o prático, demonstrando o quanto se aproximou das questões levantadas nas etapas anteriores.

Todo esse processo é finalizado com o retorno à prática social de onde partiu, que consiste no novo agir do aluno com uma nova perspectiva, uma vez que este passou pelo estudo teórico, implicando então uma nova forma de entendimento e ação, unindo teoria e prática, visando agir sobre ela com entendimento mais crítico, elaborado e consistente, intervindo em sua transformação.

Gasparin (2009) afirma que essa metodologia de ensino-aprendizagem apresenta três características desafiadoras: 1) nova maneira de planejar as

atividades; 2) novo processo de estudo por parte do professor, pois todo o conteúdo a ser trabalhado deve ser visto por uma perspectiva totalmente diferente da tradicional; e 3) novo método de trabalho professor/aluno, que tem como base o processo dialético prática/teoria/prática.

Estudos recentes sobre a didática histórico-crítica sinalizam uma crítica em relação ao modelo proposto por Gasparin evidenciando que o mesmo associa o movimento do método dialético da síncrese à síntese pela mediação da análise a um reduzido esquema de partir da prática para a teoria e retornar à prática (prática-teoria-prática / ação-reflexão-ação).

Para Lavoura, Marsiglia e Martins (2019), a didática histórico-crítica não deve se reduzir a ideia de que tais relações são estanques e paralelas, convertendo o método pedagógico numa sequencia de passos mecânicos formalizados.

Nesse sentido, os autores defendem que o caminho coerente para tal realização da didática histórico-crítica é ter o método dialético de Marx e seus fundamentos como pressupostos do trabalho educativo e não como procedimento de ensino, o que foi feito por Gasparin. Em suma, a crítica se faz em relação a uma didatização do método como procedimento de ensino.

Os autores afirmam que a concepção de educação como mediação desenvolvida por Saviani somente é possível de ser compreendida se concebesse a mediação dentro da lógica Marxista, portanto, para eles, essa lógica dialética de movimento ocorre durante todo o processo educativo. Sendo assim, em termos didáticos, o ensino e a aprendizagem se movimentam no interior do trabalho pedagógico.

É a própria aprendizagem - e não as problematizações iniciais - que possibilita ou requer o aparecimento de novas problematizações e isso nos ressalta uma vez mais a dialeticidade do método pedagógico de Saviani, que não segue uma sequência linear de passos. (LAVOURA; MARSIGLIA; MARTINS, 2019, p.17)

Dessa forma, as problematizações podem ocorrer em qualquer etapa do processo educativo, evidenciando assim que as ações não são estanques nem tampouco fragmentadas, ocorrendo assim a constância de movimento, caracterizando a dialética do processo.

Mesmo diante da análise, os autores reconhecem a significativa importância da obra de Gasparin em relação à sistematização de uma didática para a pedagogia

histórico-crítica, afirmando que sem ela as discussões teóricas, em âmbito acadêmico e no interior de diversas secretarias de ensino, não teriam avançado.

Perante a explanação realizada acerca da pedagogia histórico-crítica, podemos sintetizar e concluir de forma sucinta, por intermédio do que o autor afirma serem tarefas da referida pedagogia em relação à educação escolar:

- a) Identificação das formas mais desenvolvidas em que se expressa o saber objetivo produzido historicamente, reconhecendo as condições de sua produção e compreendendo as suas principais manifestações, bem como as tendências atuais de transformação.
- b) Conversão do saber objetivo em saber escolar, de modo que se torne assimilável pelos alunos em espaços e tempos escolares.
- c) Provimento dos meios necessários para que os alunos não apenas assimilem o saber objetivo enquanto resultado, mas apreendam o processo de sua produção, bem como as tendências de sua transformação. (SAVIANI, 2011, p. 8)

Com a síntese efetivada a respeito da pedagogia histórico-crítica e da psicologia histórico-cultural, em seguida abordaremos, conforme previsto no início do capítulo, o processo de construção e como se apresenta o Currículo da Secretaria de Educação do Distrito Federal, já que para melhor entendimento se fazia necessária essa explanação, posto que os preceitos do currículo se fundamentam em ambas as teorias.

1.1.2 – PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E APRESENTAÇÃO DO CURRÍCULO

O currículo educacional deixou de ser apenas uma diretriz técnica, voltada única e exclusivamente para procedimentos e métodos. Atualmente, esse deve ser repleto de intencionalidade epistemológica, englobando não apenas os aspectos pedagógicos, como também políticos, sociais e econômicos.

O planejamento do currículo está ligado diretamente ao papel que a escola deve assumir perante os alunos, os educadores, os funcionários, os pais e a sociedade em seu todo. Esse papel implica assumir compromissos sociais e políticos, lidar principalmente com questões relacionadas com o processo de transmissão-assimilação e produção do conhecimento. Então, planejar currículo implica tomar decisões educacionais, implica compreender as concepções curriculares existentes que envolvem uma visão de sociedade, de educação e do homem que se pretende formar. (VEIGA, 1991, p. 83)

O processo de construção do currículo da SEEDF iniciou em 2011, por intermédio de um movimento coletivo que envolveu professores, estudantes, coordenadores pedagógicos e gestores das unidades escolares e diversos

segmentos da Secretaria, a fim de discutir o currículo apresentado, em caráter experimental, no ano de 2010, propondo uma nova estruturação teórica e metodológica desse importante instrumento entendido como campo político-pedagógico construído nas relações entre sujeitos, conhecimentos e realidades. Esse processo explicita o tipo de projeto político pedagógico que a Secretaria de Educação almeja para as escolas do Distrito Federal.

Ainda em 2011, foram realizadas plenárias sobre currículo com grupos de trabalhos juntamente com diversos setores da Secretaria, incluindo as coordenações regionais de ensino (CREs) e as instituições educacionais.

Em 2012 as discussões avançaram e foi elaborada uma minuta, organizada por cadernos, denominada “Currículo em Movimento”, a qual foi submetida às escolas para validação em 2013, ano em que o texto final foi elaborado a partir das contribuições advindas das instituições educacionais e das CREs. A partir de então, o currículo foi implementado.

O Currículo em Movimento da Educação Básica evidencia a garantia não apenas do direito ao acesso de todos à educação, mas também à qualidade referenciada nos sujeitos sociais, visto que a escola é um lugar de instrução e socialização, onde as diversas dimensões humanas se revelam e são reveladas.

A diretriz é vista de forma ampla, possuindo uma proposta de Educação Integral, objetivando ampliar tempos, espaços e oportunidades educacionais, onde é imprescindível a superação das concepções de currículo escolar, abrindo espaço para grandes temáticas de interesse social.

Nesse sentido, o referido currículo afirma que os conteúdos científicos devem se organizar em torno de uma determinada ideia ou eixos, que estruturam o trabalho pedagógico a ser desenvolvidos por professores e alunos, nos tempos e espaços escolares em todas as etapas e modalidades de ensino, articuladas aos projetos político-pedagógicos das escolas.

Os conteúdos retratam a experiência pessoal da humanidade no que se refere a conhecimentos e modos de ação, transformando-se em instrumentos pelos quais os alunos assimilam, compreendem e enfrentam as exigências teóricas e práticas da vida social. (LIBÂNEO, 2008, p. 129)

Um pequeno parêntese para elucidar a respeito do projeto político-pedagógico da escola. Veiga (1998, p.13), afirma que:

O projeto pedagógico aponta um rumo, uma direção, um sentido explícito para um compromisso estabelecido

coletivamente. O projeto pedagógico, ao se constituir em processo participativo de decisões, preocupa-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que desvele os conflitos e as contradições, buscando eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias [...] permitindo as relações horizontais no interior da escola.

Nesse sentido, fica evidente que para nortear a organização do trabalho da escola, o primeiro ato fundamental é a construção do projeto político-pedagógico, o qual deve assumir a função de coordenar a ação educativa a fim de que ela atinja os seus objetivos.

Retomando a respeito do conteúdo científico, devemos nos lembrar que, para Saviani (2011), a escola tem o papel de possibilitar o acesso das novas gerações ao mundo do saber sistematizado, metódico e científico.

Ao focalizar as aprendizagens como estruturante deste Currículo, a Secretaria ratifica a função precípua da escola de oportunizar a todos os estudantes, indistintamente, o direito de aprender. Para isso, a organização do trabalho pedagógico, proposta pelas escolas e inserida em seus projetos político-pedagógicos, deve contribuir para colocar crianças, jovens e adultos em situações que favoreçam as aprendizagens. Garantir aos estudantes o direito às aprendizagens implica um investimento sustentado nos princípios da ética e da responsabilidade, que incide também na formação de uma sociedade mais justa e mais desenvolvida nos aspectos sociais, culturais e econômicos.

O currículo considera, conforme assegurada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), as diferentes formas de organização da educação básica. Sérição, ciclos e semestralidade, previstas no documento, são propostas político-pedagógicas que buscam garantir as aprendizagens num processo de inclusão educacional.

Ao mencionar a inclusão educacional, a diretriz reforça sobre a questão da democratização do acesso à educação pública para as camadas populares da sociedade, evidenciando que deve haver ousadia dos governos, gestores e profissionais da educação para reinventar a escola.

O documento evidencia que os estudantes que frequentam as escolas e salas de aula da rede, são muito diferentes dos estudantes de épocas anteriores por apresentarem saberes, experiências e interesses muitas vezes distantes do que a escola na sociedade atual privilegia em seus currículos. Esse novo perfil de

estudante requer outra escola, outro profissional, outra relação tempo-espço escolar. A não observância desses elementos pode estar na gênese de resultados dos desempenhos escolares dos mesmos, expressos pelos altos índices de reprovação, evasão e abandono escolar de uma parcela significativa da população que à escola teve acesso, mas que nela não permanece. Ou, quando permanece, não obtém o êxito desejado, tornando-se excluídos.

Isso retrata bem a questão da marginalidade discutida no capítulo passado, no qual Saviani afirma que as pessoas em idade escolar que sequer têm acesso à escola ou que teve e que não permaneceu, não usufruindo o que é seu de direito, encontram-se à margem da educação.

Diante o exposto, a SEEDF entende que a oferta de outras possibilidades de organização do tempo e espaço, como educação integral, ciclos e semestralidade, são meios de combater o problema da reprovação, evasão e abandono escolar.

Mesmo com as possibilidades supracitadas, a Secretaria reconhece que muitas escolas organizadas em séries tenham construído projetos político-pedagógicos que sinalizam rupturas com processos conservadores de ensinar, aprender, pesquisar e avaliar, reorganizando o trabalho pedagógico com qualidade e compromisso com as aprendizagens.

Isso reforça a ideia que, independentemente da organização, o importante é que se tenha compromisso com uma educação pública de qualidade, crítica e transformadora.

A perspectiva com a implantação do currículo em movimento visa ao fortalecimento da escola pública do Distrito Federal e da construção de uma educação de qualidade, referenciada nos sujeitos sociais e históricos, fazendo da escola um espaço de aprendizado político e pedagógico.

No sentido político, a escola dá visibilidade, vez e voz a seus sujeitos para que interfiram no destino da educação. No sentido pedagógico, as aprendizagens acontecem num processo contínuo por meio das múltiplas relações sociais estabelecidas. (SEEDF, 2013, p. 15)

O que se espera de fato é que o projeto político-pedagógico seja fruto de profunda reflexão sobre as finalidades da escola e da explicitação do seu papel social, portanto a concretização deste currículo se dará a partir dos projetos das escolas, os quais devem estar alicerçados na referida diretriz.

1.1.3 – BASE TEÓRICO-METODOLÓGICA DO CURRÍCULO

Ao considerar a relevância da opção teórica, a SEEDF elaborou seu currículo a partir de alguns pressupostos da teoria crítica, questionando alguns elementos que podem parecer naturais na sociedade, acreditando que a educação deve desempenhar um importante papel na construção de uma nova sociedade.

Diante disso, o currículo evidencia que, na perspectiva da teoria crítica, são considerados, na organização curricular, conceitos, como: ideologia, reprodução cultural e social, poder, classe social, capitalismo, relações sociais de produção, conscientização, emancipação e libertação, currículo oculto e resistência. A intenção é de que o Currículo se converta em possibilidade de emancipação pelo conhecimento, seja ideologicamente situado e considere as relações de poder existentes nos múltiplos espaços sociais e educacionais, especialmente nos espaços em que há interesses de classes.

A secretaria reconhece que o campo educacional manifesta ser realmente um espaço de disputa, de relações de poder, de tensões e conflitos, de defesa de interesses diversos, contudo descarta a pretensão de apresentar um currículo ideal e rigorosamente engessado. Ainda assim, reconhece a necessidade de definir referenciais curriculares comuns, diretrizes gerais para a Rede. Ao fazer essa alusão, cita uma passagem de Saviani que corrobora com esse pensamento, ao enfatizar que a não definição de pontos de chegada contribui para a manutenção de diferentes patamares de realização e, portanto, manutenção das desigualdades.

A fim de respaldar o currículo com uma base teórico-metodológica, a SEEDF fundamenta-se na Pedagogia Histórico-Crítica e na Psicologia Histórico-Cultural, afirmando que essa opção:

se assenta em inúmeros fatores, sendo a realidade socioeconômica da população do Distrito Federal um deles. Isso porque o Currículo escolar não pode desconsiderar o contexto social, econômico e cultural dos estudantes. A democratização do acesso à escola para as classes populares requer que esta seja reinventada, tendo suas concepções e práticas refletidas e revisadas com vistas ao atendimento às necessidades formativas dos estudantes, grupo cada vez mais heterogêneo que adentra a escola pública do DF. (SEEDF, 2013, p. 30)

Enfatiza, ainda, que essa fundamentação teórica:

apresenta elementos objetivos e coerentes na compreensão da realidade social e educacional, buscando não somente explicações para as contradições sociais, mas sobretudo para

superá-las, identificando as causas do fracasso escolar e garantindo aprendizagem para todos. (SEEDF, 2013, p. 31)

Nessa perspectiva, os detalhes específicos de cada teoria que fundamenta o currículo foram abordados de forma mais detalhada anteriormente neste capítulo, evidenciando que tais particularidades também estão explicitadas no documento.

1.1.4 – PRESSUPOSTOS DO CURRÍCULO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

De antemão, é importante ressaltar que analisaremos os pressupostos para Educação Física no caderno específico dos anos finais do ensino fundamental, já que é o recorte deste estudo.

Trata-se da 2ª edição atualizada pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, a partir da 1ª edição publicada em 2014. Essa renovação se fez necessária para poder se ajustar à BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

A Educação Física situa-se na área de Linguagens do currículo, a qual permite ao estudante uma leitura mais ampla do meio em que vive e de sua identidade nesse lugar, de quem é o outro, como também das relações interpessoais entre os seres humanos, possibilitando a comunicação verbal, corporal, visual, sonora e digital.

A área de Linguagens tem o principal objetivo de possibilitar aos estudantes a participação em práticas de linguagem diversificadas que lhes permitam ampliar conhecimentos e capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, considerando o processo de constante transformação social. (SEEDF, 2018, p. 16)

O documento elucidada que o componente curricular Educação Física, tem como objeto de ensino as manifestações da cultura corporal, que contribui para a formação integral do ser humano desde seu ingresso na escola, por meio de brinquedo, de jogo simbólico, de movimentos gerais vivenciados mediante atividades orientadas, de iniciação das danças, de ginásticas e de jogos pré-desportivos, entre outras atividades que, ao oportunizar as aprendizagens, favoreçam o desenvolvimento do estudante.

Considera ainda que o enfoque dessa abordagem é mais abrangente à medida que valoriza e considera aspectos sócio-históricos de cada atividade trabalhada, como também o contexto em que os estudantes estão inseridos e as

aprendizagens motoras individuais, independentemente do nível de habilidades que apresentem.

A Educação Física é uma área do conhecimento que trata pedagogicamente de práticas e saberes relativos às manifestações corporais produzidas em diversos contextos sociais e históricos, constituindo, assim, a cultura corporal. As práticas que constituem a cultura corporal podem ser compreendidas como o conjunto de brincadeiras, danças, esportes, ginásticas, jogos, lutas e outras atividades relacionadas a práticas sociais que privilegiam o uso do corpo e do movimento humano, construídas e reconstruídas na dinâmica cultural humana. (SEEDF, 2018, p.109)

Acerca do exposto, fica transparente que os pressupostos para o ensino da Educação Física se relacionam com uma abordagem crítica e transformadora, o que se comprova no seguinte trecho:

Entende-se, contudo, que compete ao ensino da Educação Física no Ensino Fundamental a democratização desse acervo, garantindo uma progressão curricular que amplie sua diversidade e a complexidade no contato desses estudantes com as práticas corporais, agregando os aspectos sócio-históricos e os conhecimentos conceituais e atitudinais que permitam ao estudante reproduzir, transformar, analisar e criar os elementos envolvidos na apropriação crítica, na fruição e na reflexão sobre a prática das diferentes manifestações da cultura corporal. (SEEDF, 2018, p.109)

Desse modo, o ensino proposto da Educação Física requer uma participação ativa do estudante na vida social, superando a dicotomia corpo e mente, porém sem abandonar sua especificidade de ampliar a formação corporal e motora dos estudantes.

Em relação à especificidade, retrata que a Educação Física não deve abandonar, por exemplo, o ensino da técnica do esporte ou da promoção do desenvolvimento motor, tarefa que é intrínseca ao ensino da cultura corporal. O que importa realmente é a forma de abordagem e a democratização desse acervo cultural, agregando os aspectos sócio-históricos e conhecimentos que permitam ao aluno uma apropriação crítica dos conteúdos.

Nesse sentido, uma abordagem crítica para o ensino da Educação Física, busca:

desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação

simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas. (SOARES et al., 2013, p.34)

A forma de organização dos objetivos de aprendizagem e conteúdos apresentados na matriz curricular preza pela progressão em relação à etapa anterior. Os conteúdos estão organizados em blocos, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 – Bloco de Conteúdos do Ensino Fundamental

2º CICLO (ANOS INICIAIS)	3º CICLO (ANOS FINAIS)
Brincadeiras e jogos	Jogos
Esporte, ginásticas e lutas	Esportes
Danças e atividades rítmico-expressivas	Ginástica
Conhecimentos sobre o corpo	Danças e atividades rítmico-expressivas
	Lutas
	Práticas corporais de aventura
	Conhecimentos sobre o corpo

Fonte: SEEDF, (2018). Elaboração própria.

Para o 2º ciclo (anos iniciais), o currículo evidencia uma predominância para o bloco de jogos e brincadeiras, devido às características de desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes dessa faixa etária, porém foram propostos outros blocos que se relacionam com as manifestações da cultura corporal.

Já para o 3º ciclo (anos finais), a proposta do documento tem como referência diferentes categorias de práticas corporais que devem ser tematizadas nas aulas de Educação Física com maior adensamento, respeitando a progressão curricular. Isso se deve pela própria característica de construção permanente dessas práticas, tendo em vista o vasto rol de movimentos, que muitas vezes vão se modificando, procurando se ajustar à realidade de cada unidade escolar, o que possibilita ao professor não se restringir a conteúdos relacionados no currículo, como se este fosse um receituário fechado para o desenvolvimento de seu trabalho no cotidiano escolar, mas sim com autonomia e originalidade buscar o avanço de todas as aprendizagens dos estudantes. Vale destacar que nesse bloco o conteúdo esporte aparece com maior predominância em relação aos demais, possuindo maior acervo de possibilidades.

O documento chama atenção para questão de se considerar a vivência dos alunos em relação às práticas culturais, assim como é característica da pedagogia histórico-crítica, uma vez já elucidada aqui.

É importante salientar que as lutas, danças, jogos, ginásticas e esportes fazem parte do imaginário e cotidiano de nossos estudantes desde antes de entrarem para a escola. Dessa forma, a definição dos conteúdos a serem trabalhados deve considerar as informações e as características de desenvolvimento dos estudantes em um processo de identificação da prática social inicial, conforme preconizado pela didática para a pedagogia histórico-crítica. (SEEDF, 2018, p.111)

Posto isto, evidencia que:

O fundamental é permitir que a criança e o adolescente conheçam e vivenciem as práticas corporais, colaborando para que cada um construa seu estilo pessoal de participação e possa, a partir dessas práticas, ter consciência de seu corpo e de sua inserção social e ao mesmo tempo ampliar o próprio repertório motor. Na perspectiva da formação integral, a organização do trabalho pedagógico de Educação Física deve ainda buscar o equilíbrio entre objetivos e conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, visando atender o desejado desenvolvimento integral do estudante. (SEEDF, 2018, p.112)

Vale destacar que o currículo faz um breve levantamento do percurso histórico da Educação Física, evidenciando que em determinado período dava-se ênfase ao ensino instrumental das técnicas esportivas, associando-a meramente ao desenvolvimento físico e das técnicas esportivas que hegemonizaram as aulas de Educação Física nesse momento. Destaca, ainda, que a partir da década de 80 a Educação Física passa a ser influenciada pelas mudanças no cenário político e com a abertura de novas possibilidades pedagógicas, das quais se destacam as que se orientam por teorias críticas, buscando aproximar suas relações com a realidade social e função social da escola.

Debruçamo-nos, neste capítulo, acerca da função social da escola e da pedagogia histórico-crítica. Diante disso, surge o desafio de articular esta pedagogia, a qual enfatiza que o papel da escola é a transmissão do saber sistematizado, com o ensino do esporte numa perspectiva crítica.

Não se deve negar o saber sistematizado, como também esses conteúdos (saberes) devem ser abordados e transmitidos de forma crítica e reflexiva, evitando a forma mecanizada e tradicional de transmissão, onde os alunos assimilam tais conteúdos de forma acrítica.

Diante do exposto, deve-se apresentar um ato pedagógico com a intenção de fazer com que esse saber seja transmitido de modo a tornar-se uma mediação na construção de uma prática social, com a possibilidade da apropriação de elementos culturais necessários para atribuir um novo significado ao conteúdo esporte.

A partir de então, elucidaremos sobre esse fenômeno mundial, compreendendo sua história, suas dimensões e como transformá-lo pedagogicamente na escola.

CAPÍTULO 2 – “SEGUE O JOGO”

2 - EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Educação Física pode ser analisada sob o sentido abrangente ou em seus diversos sentidos estritos, especificamente, analisaremos sob o prisma da instituição escolar.

Segundo Oliveira (1983), a Educação Física, em um sentido mais amplo, existe em função do homem enquanto ser social e individual. Diante disso, tem o compromisso de estudar o homem em movimento, relacionando-se com a ginástica, o jogo, o esporte e a dança a fim de cumprir os seus objetivos. Evidencia ainda que a Educação Física é transmissora de cultura, mas pode ser, acima de tudo, transformadora de cultura.

No sentido estrito da instituição escolar, Soares et al. (2013) corroboram que a Educação Física é uma prática pedagógica que tematiza formas de atividades expressivas corporais, as quais configuram uma área do conhecimento chamada de cultura corporal. Afirmam ainda que esta deve ocupar-se da tensão do que vem sendo e do que deveria ser. Na concepção dos autores, perguntar o que é Educação Física só faz sentido quando a preocupação é compreender essa prática para transformá-la.

Aqui delimitaremos o debate sob a perspectiva da Educação Física relacionada à escola, baseada numa abordagem transformadora, assim como enfatizada no capítulo anterior, com a pretensão de discuti-la como um ato pedagógico enquanto educação.

Seguiremos adiante a fim de fazer uma reflexão crítica sobre o papel da Educação Física na escola, perpassando, anteriormente, por seu histórico no Brasil, desde os primórdios à atualidade.

2.1 – PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Antes de chegarmos ao histórico da Educação Física no Brasil, devemos nos remeter aos seus primórdios advindos da Europa.

Na Europa, o século XIX ficou marcado como um período importante para a compreensão da Educação Física, onde se consolidou conceitos básicos sobre o corpo e sua utilização como força de trabalho. Cabe destacar, complementarmente,

que se trata do período em que se estabilizou o Estado Burguês, originalmente na França.

Segundo Soares (2001), para manter a hegemonia, a burguesia investe na construção de um homem novo que possa suportar uma nova ordem política, econômica e social, um novo modo de reproduzir a vida sobre novas bases. Ao mesmo tempo, evidencia que a Educação Física se torna a disciplina a ser viabilizada em todas as instâncias, formas e espaços onde poderia ser efetivada a construção desse novo homem.

Diante disso, a Educação Física seria a própria expressão da sociedade capitalista, tornando necessária a construção de um homem saudável. Nesse processo, o homem que deve se humanizar pelas relações sociais passa a ser definido nos aspectos biológicos.

A Educação Física, seja aquela que se estrutura no interior da instituição escolar, seja aquela que se estrutura fora dela, será a expressão de uma visão biológica e naturalizada da sociedade e dos indivíduos. (SOARES, 2001, p.14)

O discurso higienista na Europa do século XIX veiculava a ideia de que as classes populares possuíam uma vida imoral, sem cumprimento de regras e com espírito vicioso, portanto era necessário garantir a saúde e os bons hábitos morais, a fim de que esses corpos não se tornassem doentes, haja vista que o interesse do capital era fazer com que esses corpos servissem de produto para atender aos seus interesses.

Cuidar do corpo significa também cuidar da nova sociedade em construção, uma vez que, como já se afirmou, a força de trabalho produzida e posta em ação pelo corpo é fonte de lucro. Cuidar do corpo, portanto, passa a ser uma necessidade concreta que devia ser respondida pela sociedade do século XIX. (SOARES ET AL, 2013, p.43)

Ainda no velho continente, especificamente no âmbito escolar, o exercício físico, denominado de ginástica desde o século anterior, vai sendo consolidado a partir de conceitos médicos, vinculando-se à ideia de saúde e corpo saudável.

Os métodos ginásticos advindos da Europa revelam em seu conteúdo características médicas e biológicas, sobretudo pelas ciências que lhes servem como base. Estas escolas tiveram grande penetração no Brasil, procurando dar destaque ao viés médico higienista que possuíam.

A Educação Física no Brasil, durante o século XIX e início do século XX, foi compreendida como um elemento de extrema importância a fim de resolver o

problema da saúde pública pela educação. Soares (2011) afirma que nesse ciclo, entre 1850 e 1930, as instituições médicas foram privilegiadas e o discurso médico higienista possuía elementos que auxiliavam na compreensão de uma Educação Física com sinônimo de saúde física e mental, como promotora de saúde, como regeneradora da raça, das virtudes e da moral. Esse espaço ficou caracterizado como o período higienista da Educação Física.

Esse período evidenciou que a medicina social em sua vertente higienista influenciou e condicionou de modo hegemônico a Educação Física, a educação escolar e a sociedade como um todo.

A Educação Física no Brasil, em suas primeiras tentativas para compor o universo escolar, surge como promotora da saúde física, da higiene física e mental, da educação moral e da regeneração ou reconstituição das raças. (SOARES, 2001, p. 91)

Castellani Filho (2008) afirma que a Educação Física sofreu grande influência das instituições militares e da categoria profissional dos médicos, desde o Brasil império. Mesmo se confundindo com as duas instituições, a primeira a ter relevância no percurso histórico da Educação Física foi a médica.

O pensamento pedagógico brasileiro da época foi veiculado com mais ênfase por Rui Barbosa e Fernando Azevedo, que revelaram uma proximidade de seus discursos pedagógicos com os discursos médicos, nos quais a Educação Física escolar privilegia, em suas propostas pedagógicas, as bases retiradas do pensamento médico/higienista.

Segundo Soares (2001), os dois pensadores consideravam a Educação Física um valioso componente curricular com acentuado caráter higiênico, eugênico e moral, desenvolvido segundo os pressupostos da moralidade sanitária, que se instaurou no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Evidencia ainda que nesse período colonial as questões relativas à saúde, à higiene e ao corpo dos indivíduos, começaram a fazer parte das preocupações das elites dirigentes.

A autora atesta que a Educação Física na escola é, para Fernando Azevedo, uma questão médica e não pedagógica, pois quem define o conteúdo e “permite” o aluno participar ou não de uma aula é o médico. Enquanto isso, o professor exerce um papel secundário, de executor de tarefas pensadas e fiscalizadas pelo médico. Podemos, analogamente, afirmar que nesse período o professor exerce o papel de médico e o aluno é um paciente.

Segundo Castellani Filho (2008), os higienistas lançaram mão da Educação Física, atribuindo-lhe um papel de extrema importância, o de criar o corpo saudável, robusto e harmonioso organicamente. Porém, ao assim fazê-lo, em oposição ao corpo relapso, flácido e doentio do indivíduo colonial, acabaram contribuindo para que este corpo representante de uma classe e de uma raça servisse para incentivar o racismo e os preconceitos sociais a eles ligados.

Diante disso, observamos a ligação da Educação Física higienista com a eugenia, por meio da qual se busca a depuração da raça, a fim de tentar criar uma população racial e socialmente identificada com a camada branca dominante, que pudesse estabelecer um equilíbrio de forças entre a população branca e a escrava.

Fernando Azevedo, autor de inúmeras obras acerca da Educação Física, possuía pensamento semelhante ao de Rui Barbosa, ambos enfatizaram a importância da Educação Física na eugenia da raça brasileira.

Segundo Castellani (2008), Azevedo definia eugenia como sendo a ciência ou disciplina que tem por objetivo o estudo das medidas sociais, econômicas, sanitárias e educacionais que influenciam, física e mentalmente o desenvolvimento das qualidades hereditárias dos indivíduos e, portanto, das gerações.

O autor afirma ainda que a eugenia é também a aplicação de uma educação enérgica para a conquista da plenitude das forças físicas e morais, afirmando ser o revigoramento do povo por uma sábia política de educação, de defesa sanitária e de cultura atlética. Destinava-se, portanto, à Educação Física, nessa questão da eugenia da raça, um papel preponderante.

A Educação Física no Brasil, por diversos períodos da sua história, confundiu-se com as instituições médicas e militares. A partir da década de 30, a ideia da Educação Física higienista é sobreposta pela ideia militarista. Diante disso, discorrer sobre a Educação Física brasileira passa, necessariamente, pela análise da influência, por ela sentida, das instituições militares.

A Educação Física Higienista, preocupada com a saúde, perde terreno para a Educação Física Militarista que subverte o próprio conceito de saúde. A saúde dos indivíduos e a saúde pública, presentes na Educação Física Higienista de inspiração liberal, são relegadas em detrimento da saúde da pátria. (GHIRALDELLI JUNIOR, 2001, p.18)

Contudo, a eugenia ainda se mostra bastante presente como um dos objetivos dessa concepção. A Educação Física continua funcionando como atividade

potencializadora do processo de seleção natural, tendo em vista o aperfeiçoamento da raça.

Segundo Ghiraldelli Junior (2001), o objetivo principal da Educação Física militarista é a obtenção de uma juventude capaz de suportar o combate, a luta e a guerra, sendo suficientemente rígida para elevar a nação à condição de servidora e defensora da pátria.

A fim de atender a essa expectativa, a Educação Física, nesse período, se aparelhou à Educação Moral e Cívica. Castellani Filho (2011, p. 92) ratifica ao afirmar que “a promoção da disciplina moral e adestramento físico da juventude brasileira impunha-se em razão da preocupação com a ‘defesa da pátria’”.

Nessa perspectiva, o papel do professor passa a ser de um instrutor físico militar e o aluno passa a ser um simples executor, associando-se à imagem de um soldado/recruta. Conforme afirma Ghiraldelli Junior (2001), a Educação Física militarista visa à formação do “cidadão-soldado”, capaz de obedecer cegamente e de servir de exemplo para o restante da juventude pela sua bravura e coragem.

As aulas de Educação Física nas escolas eram ministradas por instrutores físicos do exército, que traziam para essas instituições os rígidos métodos militares da disciplina e da hierarquia. (SOARES ET AL., 2013, p. 44)

A relação com o exército era tão evidente que Castellani Filho (2011, p.87) cita o trecho de um artigo de Hélio Póvas publicado na revista de Educação Física de 1938, que evidencia tal aproximação.

Entreguemos ao exército todos os poderes para que, no setor de Educação Física, ponha em prática em todo o território nacional, a sua técnica disciplinadora que é, no momento, um evangelho salutaríssimo à nação.

Destaca-se que nesse período foi criada a escola de Educação Física do exército e a disciplina, segundo previa a legislação da época, passa a ser obrigatória em todas as instituições de ensino.

Segundo Ghiraldelli Junior (2001), na Educação Física militarista, a ginástica, o esporte e os jogos visam à eliminação dos incapacitados físicos, contribuindo para maximização da força e poderio da população. A coragem, a vitalidade, o heroísmo, a disciplina exacerbada compõem a plataforma básica da Educação Física militarista.

O período militarista, que ficou mais evidente por cerca de duas décadas, deu lugar a outra perspectiva da Educação Física voltada para uma atividade

propriamente educativa. Essa concepção ganha notoriedade principalmente no período pós-guerra (1945-1964).

Com o fim do Estado Novo, a sociedade brasileira tentou recolocar o país em trilhos democráticos. A elaboração de uma nova Constituição em 1946, substituindo a de 1937, buscou, em diversos segmentos, dar distinção aos traços autoritários da sua antecessora, não foi diferente com a educação e, especificamente, com a Educação Física.

A perspectiva de uma Educação Física autoritária cede espaço a uma tendência mais educativa, chamada de Educação Física pedagogicista.

A Educação Física Pedagogicista é, pois, a concepção que vai reclamar da sociedade a necessidade de encarar a Educação Física não somente como uma prática capaz de promover saúde ou de disciplinar a juventude, mas de encarar a Educação Física como uma prática eminentemente educativa. (GHIRALDELLI JUNIOR, 2001, p. 19)

Influenciada pelo movimento escolanovista, essa tendência ganha força no período pós-guerra (1945-1964), onde a educação é observada pela primeira vez no Brasil como ambiente adequado para formação de consciência e valorização docente.

Conforme afirma Ghiraldelli Junior (2001), as concepções anteriores (higienista e militarista) não colocam a problemática da Educação Física como uma atividade propriamente educativa como disciplina comum ao currículo escolar. Essa tendência clama pela necessidade de encarar a Educação Física não somente como prática capaz de promover saúde ou disciplinar a juventude para defender a pátria, mas de ser uma prática eminentemente educativa.

A Educação Física pedagogicista se ancorou nos moldes da educação liberal, a qual buscava a formação de um ser voltado aos anseios da sociedade vigente. Num primeiro momento, passou a impressão de se abordar a Educação Física por uma nova concepção, porém, mesmo contributiva, não fugiu a reprodução das ideias conservadoras. Ghiraldelli (2001) corrobora ao elucidar que foi um avanço em relação a concepção militarista, contudo não se pode considerar uma tendência progressista.

Pode-se dizer que a Educação Física Pedagogicista se sustenta, como a Educação Física Higienista, em matizes do pensamento liberal. Todavia, é preciso entender aí que não se trata de liberalismo do início do século, que sonhava com uma “desodorização e higienização” da sociedade, mas sim de uma concepção que busca integrar a Educação Física como

“disciplina educativa por excelência” no âmbito da rede pública de ensino. (GHIRALDELLI JUNIOR, 2001, p.27)

Nesse período, a ginástica bastante presente nas concepções anteriores, começa a perder espaço de forma contundente para o esporte, que a partir de então passa a ser conteúdo hegemônico.

Diante disso abriu-se espaço para uma nova tendência da Educação Física, centrada no esporte. Assim como ocorreu nos períodos higienista e militarista, mais uma vez a Educação Física assume os códigos de uma outra instituição, dessa vez, a esportiva.

Essa concepção, denominada de esportivista/competitivista, se consolidou no período da ditadura militar no Brasil. Ao assumir o poder, os militares expandiram o sistema educacional a fim de usar a escola como fonte de propaganda do regime militar. Surge então uma forte associação do esporte com a Educação Física, principalmente após o triunfo da seleção brasileira de futebol nas copas do mundo de 1958, 1962 e 1970.

Aproveitando-se desse processo, o governo investiu pesado no esporte na busca de fazer com que a Educação Física fosse um amparo ideológico na medida em que ela estaria incluída na participação exitosa do país em competições esportivas de alto nível.

Diante disso, o esporte passa a ser um meio para transparecer à população a ideia de um Brasil desenvolvido, onde era importante minimizar os problemas internos e deixar transparecer a percepção de um país próspero em plena ascensão.

Segundo Bracht (1997), o esporte sofre no período do pós-guerra, um grande desenvolvimento quantitativo, tornando-se o elemento hegemônico da cultura de movimento. No Brasil, as condições para o desenvolvimento do esporte estavam agora mais do que antes, presentes.

Castellani Filho (2008) corrobora ao elucidar que a Educação Física nesse período se externava à caracterização de uma outra faceta, aquela voltada às questões afetas à performance esportiva de ordem da produtividade, eficiência e eficácia, inerentes ao modelo de sociedade no qual a brasileira encontra identificação.

O autor afirma ainda que a capacidade de catarse que o esporte possuía de canalizar em torno de si, para seu universo mágico, os anseios, esperanças e frustrações dos brasileiros foi imensamente explorada.

É nesse período que se evidencia na Educação Física a seleção dos mais habilidosos e a exclusão dos menos. Os procedimentos são extremamente tecnicistas enaltecendo a prática dos gestos técnicos esportivos como principal elemento da Educação Física. O professor exerce um papel de centralizador e cabe ao aluno apenas executar os seus comandos, caracterizando uma relação de treinador-atleta.

Segundo Ghiraldelli Junior (2001), o esporte de alto nível ganhou espaço no interior da sociedade e, conseqüentemente, da educação física, subjugando-a e tentando colocá-la como mero apêndice de um projeto que privilegia o treinamento desportivo, concluindo que o esporte de alto nível é o paradigma para toda Educação Física.

A Educação Física fica reduzida ao desporto de alto nível. A prática desportiva deve ser massificada, para daí poder brotar os expoentes capazes de brindar o país com medalhas olímpicas. No âmbito da Educação Física competitivista, a ginástica, o treinamento, os jogos recreativos etc. ficam submetidos ao desporto de elite. Desenvolve-se assim o Treinamento Desportivo baseado nos avançados estudos da Fisiologia do Esforço e da Biomecânica, capazes de melhorar a técnica desportiva. A Educação Física é sinônimo de desporto, e este, sinônimo de verificação de performance. (GHIRALDELLI JUNIOR, 2001, p.20)

Contudo, Bracht (1997) ressalta que o desenvolvimento da instituição esportiva não se dá independentemente da Educação Física, pois condicionam-se mutuamente.

Diante desse contexto, essa concepção foi bastante criticada pelos meios acadêmicos, principalmente a partir da década de 1980, onde os principais pensadores da área observaram a necessidade de romper com essa hegemonia, buscando dar um caráter científico e pedagógico à Educação Física. Surge então o movimento renovador da Educação Física.

A entrada mais decisiva das ciências sociais e humanas na área da Educação Física, processo que tem vários determinantes, permitiu ou fez surgir uma análise crítica do paradigma da Educação Física [...] esse viés encontra-se num movimento mais amplo que tem sido chamado de movimento renovador da Educação Física brasileira na década de 1980. (BRACHT, 1999, p. 77)

Caparroz (1997) esclarece que este não foi um movimento isolado da Educação Física, ao contrário, ele se inseriu num movimento muito mais amplo, o da redemocratização da sociedade brasileira. Foi o período em que se explicitaram o

descontentamento cada vez maior de parcela significativa da sociedade brasileira com o autoritarismo presente ao longo dos governos militares, marcando o tempo da transição democrática.

Durante o período da ditadura militar ficou evidente que a Educação Física fazia parte de um projeto de Brasil dos militares, ligada ao desenvolvimento da aptidão física a fim de garantir a capacidade produtiva da nação, principalmente da classe trabalhadora, e ao desenvolvimento esportivo, o qual deixaria transparecer uma imagem de nação desenvolvida (Brasil potência) no cenário internacional, além do que o esporte também contribuiria para a melhoria da aptidão física.

Esse movimento identificou a necessidade de se romper o caráter predominantemente biológico da Educação Física, materializado através de práticas desportivizadas visando o aprimoramento da aptidão física, desenvolvida por meio de uma pedagogia tecnicista. Diante desse cenário, Caparroz (1997) afirma que foram travados importantes debates e organizados movimentos que tiveram o intuito de tensionar as relações vigentes na área, com um movimento intenso de questionamento e contestação das práticas e das políticas públicas da época.

Nesse sentido, o autor explana que a produção teórica procurou operar a crítica em relação à visão histórica onde a Educação Física brasileira esteve atrelada ao paradigma biológico e que, nesta perspectiva, as práticas sustentaram-se a favor e a serviço da classe dominante, ou seja, a Educação Física voltava-se para a construção de um corpo ordeiro, disciplinado, forte e alienado, garantindo saúde e aptidão física ao trabalhador.

Diante desse novo cenário surgem novas perspectivas para área, nascem novas concepções e abordagens pedagógicas libertadoras, transformadoras e progressistas, a fim de se desenvolver uma Educação Física para o ser humano e não mais para atender às necessidades das elites e do capital. De acordo com Caparroz (1997), as elaborações traziam uma nova proposta diferente de tudo que havia sido pensado ou experimentado, visto que a Educação Física que se tinha até então só servia para manutenção do *status quo*.

As novas perspectivas que foram surgindo durante a década de 1980, a princípio eram apresentadas de forma homogênea, afinal o movimento buscava uma ruptura em relação aos moldes anteriores, contudo ao passar do tempo foram apresentadas propostas as quais possuíam cada qual sua singularidade.

Toda a discussão realizada no campo da pedagogia sobre o caráter reprodutor da escola e sobre as possibilidades de sua contribuição para uma transformação radical da sociedade capitalista foi absorvida pela EF. A década de 1980 foi fortemente marcada por essa influência, constituindo-se aos poucos uma corrente que inicialmente foi chamada de revolucionária, mas que também foi denominada de crítica e progressista. Se, num primeiro momento – digamos, o da denúncia –, o movimento progressista apresentava-se bastante homogêneo, hoje, depois de mais de 15 anos de debate, é possível identificar um conjunto de propostas nesse espectro que apresentam diferenças importantes. (BRACHT, 1999, p.78)

Diante desse cenário, várias propostas pedagógicas e metodologias foram desenvolvidas ao longo das décadas de 1980 e 1990, as quais se apresentam, atualmente, como alternativas, já que esse quadro se mostra bastante diversificado. Assim sendo, consolidaram-se as tendências pedagógicas da Educação Física.

Desta forma, Bracht (1999) ressalta a diversidade das propostas citando algumas delas (não todas), tais como: desenvolvimentista, psicomotricidade, construtivista e saúde renovada, apontando que essas concepções adotam tendências não críticas, já que não se vinculam a uma teoria crítica da educação. O autor faz menção a outras duas propostas que se derivam explícita e diretamente das discussões da pedagogia crítica brasileira. Uma delas está consubstanciada no livro Metodologia de Ensino da Educação Física, de um coletivo de autores, intitulada crítico-superadora. A outra proposta nesse espectro, denominada crítico-emancipatória, tem como idealizador o professor Elenor Kunz.

Isso posto, adiante, explanaremos o papel da Educação Física na escola a partir de uma abordagem crítica da educação.

2.2 – O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA A PARTIR DE UMA ABORDAGEM CRÍTICA

Segundo Bracht (1997), a instituição educacional é produto de um processo de complexificação da sociedade, produzido fundamentalmente pelo desenvolvimento das forças produtivas – que determinou uma diferenciação de sistemas os quais cumprem, no conjunto das relações sociais, determinadas funções: a transmissão do saber social acumulado exigiu o surgimento de uma instituição para cumprir tal tarefa – o sistema educacional. A Educação Física nasce praticamente junto com a escola e com os sistemas nacionais de ensino.

Kunz (2004) evidencia que cabe à Educação Física cumprir sua função sócio-educacional e que esta função só será alcançada quando o empirismo prático predominante perder o seu poder e se adotar uma concepção de ensino que entende a Educação Física como mais um espaço de práxis social, em que a comunicação e a reflexão crítica, relacionadas com a globalidade da estrutura sócio-política e econômica, sejam possíveis e necessárias.

A Educação Física na escola tem a obrigação de ser constituída e desenvolvida como componente curricular. A partir de uma abordagem crítica, esse componente deve partir das determinações das estruturas macrossociais, procurando questionar as finalidades sociais da Educação Física, identificando e se contrapondo ao utilitarismo no qual essa área sempre esteve inserida, voltada para a manutenção de um poder hegemônico. (Caparroz, 1997).

Diante desse contexto, Mattos e Neira (2000), afirmam que a Educação Física escolar depende de uma prática educativa que tenha como eixo norteador a formação de um cidadão autônomo, crítico e participativo. Nessa perspectiva, deve-se compreender que o aluno é sujeito no seu processo de ensino-aprendizagem, cabendo ao professor o papel de mediador desse processo.

Posto isso, abordaremos, a partir de então, a perspectiva de uma abordagem crítica da Educação Física na escola à luz das concepções pedagógicas crítico-superadora e crítico-emancipatória.

As propostas vêm gerando discussão há pelo menos três décadas, conquistando espaço no campo teórico-metodológico da Educação Física. Mesmo se apresentando de maneiras distintas no que se referem aos seus pressupostos teóricos, nos possibilita realizar um debate sobre os campos epistemológicos, didático e social.

A abordagem crítico-superadora é uma proposta elaborada por um coletivo de autores⁶, que utiliza o discurso de justiça social como ponto de apoio, valorizando a contextualização dos fatos e do resgate histórico. Está fundamentada no marxismo, tendo recebido na Educação Física grande influência do educador Dermeval Saviani, proponente da pedagogia histórico-crítica.

Já a abordagem crítico-emancipatória, elaborada pelo professor Elenor Kunz, advoga a favor do ensino crítico, pois é a partir dele que os alunos passam a

⁶ Carmem Lúcia Soares; Celi Nelza Zulke Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Ortega Escobar, Valter Bracht

compreender a estrutura autoritária dos processos institucionalizados da sociedade, promovendo condições para que essas estruturas sejam suspensas e o ensino encaminhado para uma emancipação. Tem grande relação com a fundamentação teórica de Paulo Freire.

2.2.1 – ABORDAGEM CRÍTICO-SUPERADORA

O coletivo busca situar a Educação Física escolar em duas perspectivas, no âmbito de suas matrizes pedagógicas, do desenvolvimento da aptidão física ou reflexão da cultura corporal.

Diante disso, os autores afirmam que a Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, de uma área denominada de cultura corporal, ou seja, o jogo, a ginástica, o esporte, a dança, a capoeira, entre outros.

Essa concepção aborda um currículo escolar vinculado a um Projeto Político Pedagógico, onde se destaca a função social da Educação Física dentro da escola.

Sendo assim, essa abordagem evidencia a relevância de se discutir aspectos políticos e sociais no projeto, já que numa sociedade de classe, como é o Brasil, o movimento social se caracteriza, fundamentalmente, pela luta entre as classes sociais a fim de afirmarem seus interesses. Diante disso, fica inviável desconsiderar tais determinantes dentro de um projeto escolar mais amplo, estando a Educação Física inserida neste contexto. (Soares et al., 2013)

Essa inserção se dá também no confronto de suas perspectivas com a dinâmica curricular.

A perspectiva da Educação Física escolar, que tem como objeto de estudo o desenvolvimento da aptidão física do homem, tem contribuído historicamente para a defesa dos interesses da classe no poder, mantendo a estrutura da sociedade capitalista. (SOARES ET AL., 2013, p. 32)

Os autores afirmam que nessa linha de raciocínio pode-se constatar que o objetivo é desenvolver a aptidão física, aproximando-se de uma perspectiva tradicional e tecnicista.

É então que surge o confronto das perspectivas, já que para eles, no âmbito da reflexão sobre a cultura corporal, a dinâmica curricular na Educação Física tem características bem diferenciadas da tendência anterior. Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o

homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizados pelos elementos da cultura corporal, os quais podem ser identificados como forma de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas.

Nessa concepção, o conhecimento é tratado metodologicamente com o intuito de favorecer a apreensão dos princípios da lógica dialética materialista, de modo a ser compreendido como provisório, produzido historicamente e de forma espiralada, ou seja, em constante movimento, a fim de ampliar a referência de pensamento do aluno.

Por essas considerações podemos dizer que os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido/significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade. (SOARES ET AL., 2013, p. 52)

Sendo assim, tomando o esporte como exemplo, enquanto tema da cultura corporal, este deve ser tratado na escola de forma crítico-superadora, enaltecendo o sentido e o significado dos valores que preconiza, assim como as normas que o regulamentam dentro do contexto sócio-histórico. (Soares et al. 2013)

Para o coletivo, a metodologia de ensino deve estar relacionada a um programa estruturado de Educação Física, devendo ser o pilar da disciplina e contendo como elementos principais:

- 1) O conhecimento de que trata a disciplina (conteúdos de ensino);
- 2) O tempo pedagogicamente necessário para o processo de apropriação do conhecimento; e
- 3) Os procedimentos didático-metodológicos para ensiná-lo.

Como já afirmado anteriormente, para os autores, a Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal.

Tratar os sentidos/significados dos elementos da cultura corporal abrange a compreensão de que o jogo, esporte, dança, ginástica, entre outros, carregam consigo os problemas sócio-políticos (históricos e atuais) inseridos em seus contextos.

A reflexão sobre esses problemas é necessária se existe a pretensão de possibilitar ao aluno entender a realidade social interpretando-a e explicando-a a partir dos seus interesses de

classe social. Isso quer dizer que cabe à escola promover a apreensão da prática social. Portanto, os conteúdos devem ser buscados dentro dela. (SOARES ET AL. 2013, p.52)

Para eles, tratar os grandes problemas sócio-políticos não significa um ato de doutrinação, contudo defendem, para escola, uma proposta clara de conteúdos, viabilizando a leitura da realidade e estabelecendo laços concretos com projetos políticos de mudanças sociais.

A escola, na perspectiva de uma pedagogia crítico-superadora, defendida pelos autores, deve fazer uma seleção de conteúdos, exigindo coerência com o objetivo de promover a leitura da realidade. O aprofundamento sobre a mesma se dá por meio da problematização de conteúdos, despertando no aluno curiosidade e motivação, potencializando o processo de ensino-aprendizagem.

Em relação ao tempo pedagogicamente necessário para o processo de assimilação do conhecimento, os autores advogam que os conteúdos sejam organizados, sistematizados e distribuídos dentro desse tempo. Isso implica que um mesmo conteúdo pode ser tratado em todos os níveis escolares numa evolução espiralada. Diante disso, o coletivo defende a formatação escolar em ciclos de aprendizagem.

Nos ciclos, os conteúdos de ensino são tratados simultaneamente, constituindo-se referências que vão se ampliando no pensamento do aluno de forma espiralada, desde o momento da constatação de um ou vários dados da realidade, até interpretá-los, compreendê-los e explicá-los. (SOARES ET AL. 2013, p.31)

Em relação aos procedimentos didáticos-metodológicos, os autores sinalizam que talvez seja o momento mais difícil do programa, uma vez que uma nova abordagem da Educação Física exige uma nova concepção de método, fugindo de uma teorização abstrata, de um praticismo que culmine na mesmice de sempre. É o momento de quebrar paradigmas apontando pistas para o “como fazer”.

Enfatizam ainda que os conteúdos da cultura corporal a serem apreendidos na escola devem emergir da realidade dinâmica e concreta do mundo do aluno, tendo em vista uma nova compreensão dessa realidade social, um novo entendimento que supere o senso comum. Diante disso, o professor orientará, por intermédio dos ciclos, uma nova leitura da realidade pelo aluno, com referências cada vez mais amplas.

Os procedimentos didáticos-metodológicos se relacionam com a proposta didática da pedagogia histórico-crítica de Saviani, elucidada anteriormente no capítulo 1, onde chamamos de “processo de construção do conhecimento”.

A estruturação da aula tem relevância significativa dentro do processo metodológico. Na perspectiva crítico-superadora, a estrutura de aula deve implicar um processo que acentue, na dinâmica da sala de aula, a intenção prática do aluno para aprender a realidade.

Nesse sentido, a aula “aproxima o aluno da percepção da totalidade das suas atividades, uma vez que lhe permite articular uma ação (o que faz), com o pensamento sobre ela (o que pensa) e com o sentido que dela tem (o que sente)”. (Soares et al., 2013, p. 74)

Em relação à avaliação do processo de ensino-aprendizagem em Educação Física, o coletivo sinaliza pela superação do modelo de avaliação somativa, ou seja, na avaliação entendida como soma das partes, soma de avaliações parciais. Sinalizam que a avaliação não pode cair no reducionismo de um universo meramente técnico, sendo necessária a consideração de outras dimensões.

O que se pretende é deixar evidente que a avaliação não se reduz a partes, no início, meio e fim de um planejamento, ou a períodos predeterminados. Não se reduz a medir, comparar, classificar e selecionar alunos. Muito menos se reduz a análise de condutas esportivo-motoras, a gestos técnicos ou táticas. O que se destaca é que a avaliação apresenta, em sua variedade de eventos avaliativos, em cada momento avaliativo, o que a constitui como uma totalidade que tem uma finalidade, um sentido, um conteúdo e uma forma (SOARES ET AL., 2013, p. 96)

O fato de se considerar a totalidade sinaliza para uma avaliação formativa, ou seja, ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando uma nova forma de pensar o aluno, fazendo com que ela sirva de referência para análise da aproximação ou distanciamento do que foi planejado previamente.

Observa-se que, de fato, a concepção crítico-superadora oferece uma proposta estruturada de ensino, direcionando para a construção de um planejamento pedagógico crítico, o qual abrange procedimentos didático-metodológicos, assim como a avaliação do processo de ensino-aprendizagem em Educação Física.

2.2.2 – ABORDAGEM CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA

O autor apresenta uma proposta didático-pedagógica para Educação Física Escolar centrada no ensino dos esportes, porém sem desmerecer outras objetivações culturais que se expressam pelo movimento humano e que devem ser utilizadas como conteúdos relevantes para a prática pedagógica da Educação Física.

O trabalho se apoia nas produções teóricas da área com propósito de denúncia e de crítica das atuais condições e concepções do ensino da Educação Física Escolar, tendo o intuito de anunciar e estimular mudanças reais e concretas na concepção de ensino, de conteúdo e de método da prática pedagógica. Trata-se de aceitar e entender o “pessimismo teórico” presente nos trabalhos de tendência crítica para se alcançar um “otimismo prático” com reais possibilidades de mudanças na referida prática. (Kunz, 2003)

O autor enfatiza que, durante o movimento renovador da Educação Física, ocorreu de forma intensa o desenvolvimento de projetos para uma Educação Física escolar comprometida com finalidades mais amplas, ou seja, além da sua especificidade, devendo ainda se inserir nas propostas político-educacionais de tendência crítica da educação brasileira.

A concepção crítico-emancipatória do ensino da Educação Física Escolar tem a intenção de esclarecer as razões e as necessidades de introduzir, na escola, uma nova forma de tematizar o ensino. Neste caso, o ensino do movimento humano.

Mesmo tendo a convicção de que o esporte é apenas um dos temas, o autor aponta que talvez seja o mais interessante dentre os temas da cultura do movimento a serem desenvolvidos na Educação Física Escolar, evidenciando que é oportuno incluir uma crítica, do ponto de vista humano e pedagógico, sobre os principais problemas que envolvem o esporte de alta competição ou de rendimento.

Kunz (2003) tece críticas à abordagem do esporte de alto rendimento nas escolas, admitindo que, pelo seu status, enquanto mercadoria altamente valorizada, tornou-se o modelo adequado e hegemônico da sociedade, porém este não deve ser reproduzido no ambiente escolar.

Procurando verificar as possibilidades práticas de um ensino crítico-emancipatório, o autor utilizou o esporte como protagonista principalmente por duas

razões: 1) Por ser uma das objetivações culturais expressas pelo movimento humano, que tem uma hegemonia universal e 2) Pela ideia de ser possível trabalhar com ele de forma pedagogicamente responsável e com valor educacional no sentido crítico-emancipatório.

Na visão crítico-emancipatória, em lugar de ensinar o esporte se associando ao modelo do alto rendimento, deverão ser incluídos conteúdos de caráter teórico-prático, permitindo aos alunos uma melhor organização da sua realidade de esporte, movimentos e jogos, de acordo com as suas possibilidades e necessidades.

Isso implica que, além de treinar habilidades e técnicas, devem ser considerados os aspectos da interação social, valorizando o trabalho coletivo de forma responsável, participativa e cooperativa, além do aspecto da linguagem, pois não só a linguagem verbal ganha expressão, mas todo o ser corporal do se movimentar, enquanto diálogo com o mundo.

Diante disso, a questão da linguagem e da comunicação ganha evidência a partir de uma abordagem crítico-emancipatória.

Uma teoria pedagógica no sentido crítico-emancipatório precisa, na prática, estar acompanhada de uma didática comunicativa, pois ela deverá fundamentar a função do esclarecimento e da prevalência racional de todo agir educacional. (KUNZ, 2003, p. 31).

Isso requer que o aluno, enquanto sujeito do processo de ensino-aprendizagem, seja capacitado também para sua participação na vida social e cultural, o que significa não somente adquirir uma capacidade de ação funcional, mas de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados da vida cotidiana por meio da reflexão crítica.

O autor analisa e entende a Educação Física Escolar com interesse em formular bases teóricas para um redimensionamento mais abrangente de suas intencionalidades pedagógico-educacionais, contudo elucida sobre o reducionismo pedagógico que esta possui a partir das automatizações e formalizações expressas pelo movimento humano, contudo propõe o ensino de uma Educação Física Escolar na concepção denominada por ele de crítico-emancipatória.

Mesmo possuindo uma descrição teórica, de certa forma pendendo para o lado do idealismo pedagógico, a ideia de ensino crítico-emancipatório, possui a sua realidade prática. (Kunz, 2003)

Diante disso, o autor se inseriu, em determinados momentos, totalmente na prática pedagógica, por meio de exemplos práticos que foram extraídos de realizações concretas a partir de aulas ministradas nas escolas de ensino fundamental e médio. O mesmo faz um esclarecimento amplo sobre o alcance pedagógico-educacional do ensino crítico-emancipatório na prática concreta ao exemplificar uma aula.

Na ocasião, o mesmo se depara com uma aula onde os alunos vivenciam os movimentos do esporte enquanto realizações de perfeições técnicas de gestos estereotipados, de melhorias na força, velocidade e resistência, tendendo a uma evolução, ao melhoramento de um padrão predeterminado. Nesse sentido, configurou-se em uma aula na qual o objetivo se fundamenta no aumento do rendimento esportivo e na capacidade de sobrepujar no esporte.

Diante disso, Kunz enfatiza que o ensino da Educação Física não deve se ocupar em oferecer aos alunos apenas as vivências práticas como a da aula exemplificada, devendo conseguir sensibilizá-los reflexivamente para as situações e condições do esporte, sendo possível considerar a sua concepção hegemônica.

Posto isso, é proposta uma transformação didático-pedagógica dos esportes, onde o autor enfatiza que:

Transformações devem ocorrer, acima de tudo, em relação às insuficientes condições físicas e técnicas do aluno para realizar com certa “perfeição” a modalidade em questão. Essa “perfeição” se concretiza no nível do prazer e da satisfação do aluno e não no modelo de competição, pois não é tarefa da escola treinar o aluno, mas ensinar-lhe o esporte, de forma atrativa, o que inclui a sua efetivação prática. (KUNZ, 2003, p. 126)

Sendo assim, o mesmo ressalta que deve haver sempre momentos na vida da pessoa, seja adulto, criança ou adolescente, em que a expressão de sua natureza sensível, comunicativa, alegre e prazerosa seja possibilitada. Por outro lado deve haver momentos em que o aprender deve prevalecer ao prazer, embora nem sempre necessite separar o aprender do prazer.

O ensino na concepção crítico-emancipatória deve ser um ensino de libertação de falsas ilusões, de falsos interesses e desejos, buscando romper a visão de mundo originário do meio circundante e regido pelo consumo, pelo modelo, pelo melhor, mais bonito e mais correto. Segundo Freire (2005), a ação libertadora deve tentar, através da reflexão e da ação, transformar-se em independente. Sendo

assim, o ensino pela libertação dessas falsas visões, com as quais o aluno se depara por meio da educação crítico-emancipatória, é um ensino, de certa forma, coercitivo por parte do professor e do conteúdo.

Kunz enfatiza que a escola é o meio capaz de exercer um papel decisivo para libertação, onde a “coerção” do sistema escolar para libertação deve ser pelo esclarecimento e pelo desenvolvimento de competências, como a autorreflexão, que possibilita uma libertação emancipatória livre de coerção.

A fim de possibilitar que a escola contribua para o desenvolvimento de um contexto livre de violência e de coação, o ensino escolar deve:

Se basear numa concepção crítica, pois é pelo questionamento crítico que se chega a compreender a estrutura autoritária dos processos institucionalizados da sociedade e que formam as falsas convicções, os falsos interesses e desejos.

Tarefa da Educação Crítica é desenvolver as condições para que as estruturas autoritárias e a imposição de uma “comunicação distorcida” possam ser suspensas e encaminhadas no sentido de uma emancipação que corresponda à realidade. Isso significa que o professor deverá promover o “agir comunicativo” entre seus alunos, possibilitando pelo uso da linguagem, para expressar entendimentos do mundo social, subjetivo e objetivo, da interação para que todos possam participar em todas as instâncias de decisão, na formulação de interesses e preferências, e agir de acordo com as situações e as condições do grupo em que está inserido e do trabalho no esforço de conhecer, desenvolver e apropriar-se de cultura. (KUNZ, 2003, p. 122)

A Educação Física como parte integrante da escola, a partir de uma abordagem crítico-emancipatória, deve seguir tais preceitos, possibilitando autonomia ao aluno fazendo com que ele descubra, pela própria vivência, as formas e os meios para uma participação bem-sucedida nas atividades propostas e que seja capaz de se manifestar por meio da linguagem o que experimenta e o que aprende. Por último, que os alunos aprendam a perguntar e questionar sobre suas aprendizagens e descobertas, considerando também o que ainda não sabem ou aprenderam.

Observamos que ambas as abordagens possuem características para um ensino da educação Física à luz de uma perspectiva crítica, contudo elas se diferenciam em alguns aspectos. Diferentemente da crítico-superadora, que apresenta uma proposta mais concreta com procedimentos didático-metodológicos de vários elementos da cultura corporal, assim como a avaliação do processo de ensino-aprendizagem em Educação Física, a crítico-emancipatória se preocupa em

trazer a transformação didático-pedagógica do esporte com algumas situações/programas de ensino relacionadas à modalidade atletismo, além de apresentar um plano de desenvolvimento de aula como exemplo.

A partir dessa fundamentação crítica, abordaremos, adiante, acerca do esporte de forma generalista, elucidando sobre suas dimensões e especificamente sobre o seu papel/relação com a escola, ou seja, o esporte como conteúdo da Educação Física Escolar.

CAPÍTULO 3 – “O JOGO CONTINUA”

3 - ESPORTE

O esporte é considerado um dos grandes fenômenos socioculturais, essa constatação se materializa na evidente presença que ele tem na vida de muitas pessoas, seja como consumidores, praticantes ou espectadores. Atualmente, destaca-se o importante espaço que ocupa na mídia e no mercado.

De acordo com Gaya (1994), o desporto (esporte) tornou-se plural e dentro dessa pluralidade assumiu novas formas e modelos, novos valores e sentidos. Pode aparecer como comércio, como indústria, como atividade cultural, como estilo de vida, como fator econômico, como fator de socialização, como meio de educação e formação, como estratégia de saúde e como objeto de investigação científica.

Autores, como Bracht (2005), afirmam que a prática esportiva se origina no interior da aristocracia europeia, como consequência da riqueza e liberdade das classes dirigentes, cuja condição social possibilitava o gozo de ócios marcados. Para esse autor, o esporte foi consequência do processo de esportivização de elementos da cultura corporal da nobreza e das classes populares inglesas, reconfiguradas em uma atividade corporal de caráter competitivo sob o domínio da cultura europeia da época.

Segundo Tubino (2006, p.8), “o termo esporte vem do século XIV, quando os marinheiros usavam a expressão “fazer esporte”, “desportar-se” ou “sair do porto” para explicar seus passatempos que envolviam habilidade física”.

O autor relata que para entender a origem do esporte é fundamental vinculá-lo ao jogo, afirmando que a história do esporte será invariavelmente a história dos jogos, que as próprias definições de esporte passam pelo jogo, o que demonstra de forma inequívoca que é o jogo que faz o vínculo entre a cultura e o esporte.

No entanto, alguns autores chegam a definir o esporte como a antítese do jogo, enquanto outros defendem que o esporte é o jogo institucionalizado, o jogo regulado por códigos e regras, comandado por entidades dirigentes.

Diante do exposto, mesmo nos dias atuais, é inevitável dissociar um do outro, principalmente ao se abordar o esporte como conteúdo da Educação Física escolar.

Contudo, é na escola que a presença do esporte se apresenta com um dos temas mais polêmicos e controversos pelos autores da área. No decorrer do

capítulo, abordaremos os diversos aspectos em relação ao esporte no âmbito educacional e escolar, perpassando, anteriormente, pela história do esporte no Brasil, assim como por suas dimensões na modernidade.

3.1 – BREVE HISTÓRICO DO ESPORTE NO BRASIL

Como visto no capítulo anterior, a Educação Física brasileira teve um período de relação próxima e marcante com o esporte, abrindo espaço para centralidade deste, tornando-o conteúdo hegemônico na Educação Física escolar.

Assis (2019) afirma que o grande avanço da influência do esporte sobre a Educação Física no Brasil se deu, por volta dos anos quarenta, com o método denominado “Educação Física Desportiva Generalizada”, criada pelo Instituto Nacional de Esportes da França e, posteriormente com o grande incentivo dispensado pelos governos pós 1964.

Nesse período (da ditadura militar), a concepção esportivista se consolidou. Os militares expandiram o sistema educacional, a fim de utilizar a escola como forte aliada do regime na disseminação de sua orientação ideológica e política. Surgiu então a intensa associação ao esporte, principalmente após as conquistas da seleção brasileira de futebol, sobretudo na Copa do Mundo de Futebol de 1970.

Diante disso, vinculou-se a Educação Física ao esporte de alto rendimento, com o intuito de que a escola – em particular a aula de Educação Física – se transformassem no alicerce da estrutura esportiva. Essa concepção baseava-se na ideia de que o espaço escolar se configuraria como celeiro da detecção de jovens talentos esportivos, necessários na busca do êxito do país em competições esportivas internacionais de alto nível, a fim de passar a ideia à população de um Brasil desenvolvido e competitivo.

A ascensão do esporte foi tão grande que surgiu então o binômio Educação Física/Esporte, chegando a ser tratado como sinônimos. Segundo Bracht (1997), o esporte se tornou a expressão hegemônica no âmbito da cultura corporal de movimento.

Na década de 1970, o esporte ganha notoriedade com o movimento “Esporte para Todos” (EPT), que surge com o intuito de proporcionar a prática do esporte mais acessível para todas as categorias da sociedade, sem qualquer tipo de distinção.

A atenção das autoridades estava voltada para o convencimento da população, principalmente a camada popular, de que o desenvolvimento do país tinha um correspondente no campo social, ou seja, o esporte. Diante disso, o EPT surge como:

Braço direito do desporto de massa, apresentado como uma proposta de esporte não formal, [...] encontrou o EPT, campo fértil para a sua propagação em nosso país, a partir da necessidade sentida pela classe governante, de convencer aos segmentos menos favorecidos da sociedade brasileira, de que, o desenvolvimento econômico propalado na fase do 'milagre' tinha seu correspondente, no campo social. (CASTELLANI FILHO, 2008, p.116)

O movimento renovador da Educação Física que ganhou força com a redemocratização do Brasil, na década de 1980, buscou romper com o paradigma do viés esportivista, que até então era hegemônico na área. Grande parte dessa corrente advogava por um esporte que rompesse com os ideais do esporte de alto rendimento, principalmente ao ser abordado dentro da escola.

Recentemente, a partir da década de 2000, principalmente após o fracasso da delegação brasileira nas olimpíadas de Sidney na Austrália, desencadeou-se, por meio da mídia e da sociedade, um movimento de valorização das práticas esportivas nas escolas com iniciativas associadas ao componente curricular de Educação Física. (BRACHT e ALMEIDA, 2003).

Diante disso, algumas soluções empíricas começam a aparecer depois de competições importantes, sobretudo se o resultado não é satisfatório. Uma delas é recrudescer o papel da escola na detecção de talentos e formação de atletas, utilizando a Educação Física escolar como meio para tal objetivo, tornando-se a base da pirâmide esportiva.

Assis (2019) enfatiza que “o ‘fracasso de Sidney’. como ficou conhecido o resultado olímpico de 2000, produz, então, novas expectativas sobre a ação do estado e sobre o papel da escola para o sistema esportivo”.

Dentre as ações do Estado, as que ganharam mais evidência no cenário nacional, a fim de justificar o fracasso dos jogos e atender o clamor da sociedade, foram a implementação do “programa esporte na escola” criado em 2001 e do “programa segundo tempo” criado em 2003.

Atualmente os programas se encontram suspensos, contudo, Assis (2019), ao realizar um estudo aprofundado sobre os mesmos, afirma que estes terminam por

não se configurarem nem como política de esporte no sentido do alto rendimento, nem como política educacional, no sentido do acesso ao conhecimento, concluindo que ambos se têm apresentado mais como programas com perfil de inclusão assistencialista.

No âmbito do Distrito Federal, o “programa futuro campeão”, em vigência desde 2013, vinculado à Secretaria de Esporte e Lazer, é desenvolvido nos Centros Olímpicos e Paralímpicos (COP), visa à formação de esportistas, em diversas modalidades, que possam representar Brasília em competições regionais, nacionais e internacionais. O projeto tem o propósito de combinar ações voltadas à área social com o esporte de rendimento.

Por mais que procure ter um viés social, o objetivo principal do programa é selecionar aqueles que possuem aptidão e talento esportivo, voltado para o esporte de alto rendimento, já pensando num projeto profissional, em que o intuito é transformar alunos da rede pública de ensino em atletas.

3.2 O ESPORTE MODERNO E SUAS DIMENSÕES

O esporte, que possui enorme relevância mundial, faz parte da história da humanidade, desde a antiguidade até a modernidade, com características específicas em relação a cada época. Embora reconheçamos a existência de diferentes concepções e narrativas acerca do processo histórico de desenvolvimento do fenômeno esportivo, aqui apresentaremos referências que abrangem essas distintas interpretações.

Conforme afirma Tubino (2006), cronologicamente, distingue-se primeiro o esporte na antiguidade, observado desde a pré-história e cujos destaques foram os jogos gregos, a maior manifestação esportiva daquela época, até a chegada do esporte moderno que se estabelece atualmente.

O autor atesta que o esporte moderno surgiu no século XIX, na Inglaterra, concebido por Thomas Arnold, o qual reconhecia, na sua concepção de esporte, três características principais: o jogo, a competição e a formação.

Já Bracht (2005) afirma que o esporte moderno surgiu um pouco antes, no século XVIII, proveniente da cultura europeia, especificamente das classes nobres da Inglaterra, incorporou-se de elementos competitivos ao esportivizar os jogos das

classes populares, se espelhou nas características do capitalismo e logo se difundiu pelo mundo.

Esse processo de expansão, logo chegou ao Brasil⁷ e posteriormente incorporou algumas manifestações advindas de documentos internacionais.

Quanto aos documentos Filosóficos Internacionais que influenciaram a reconceituação do esporte, o primeiro a iniciar esse processo de revisão foi o *Manifesto Mundial do esporte* [...] da UNESCO. Este documento foi a primeira manifestação que não reconheceu o esporte somente através do rendimento, mostrando que também existia um esporte na escola e um esporte de tempo livre, aberto para todos. (TUBINO, 1992, p. 12).

A legislação brasileira vigente, além de autores especialistas, abordam essas dimensões por diferentes vieses.

A Lei nº 9615/98, conhecida popularmente por Lei Pelé, institui as normas gerais sobre o desporto, evidenciando que pode ser reconhecido em qualquer das seguintes manifestações:

I - **desporto educacional**, praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer;

II - **desporto de participação**, de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente;

III - **desporto de rendimento**, praticado segundo normas gerais desta Lei e regras de prática desportiva, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com as de outras nações.

IV - **desporto de formação**, caracterizado pelo fomento e aquisição inicial dos conhecimentos desportivos que garantam competência técnica na intervenção desportiva, com o objetivo de promover o aperfeiçoamento qualitativo e quantitativo da prática desportiva em termos recreativos, competitivos ou de alta competição. (BRASIL, 1998, grifos nosso)

Observa-se que a legislação dispõe sobre quatro manifestações distintas em relação ao esporte, (entendemos aqui que “desporto”⁸ e “esporte” se equivalem), evidenciando que esse fenômeno pode ser compreendido em diversas

⁷ Especificamente, no capítulo anterior, é abordada a história do esporte no Brasil.

⁸ O termo desporto é proveniente de Portugal. O Brasil adotou o termo em 1941, a partir da primeira lei específica sobre esporte no país (Decreto Lei. 3199/41). Desde então esse termo vem se mantendo nas leis nacionais, inclusive na Constituição Federal.

características. Devido à universalidade da palavra, adotaremos o termo esporte como protagonista.

A norma faz um breve apanhado de forma generalista e, de certa forma vaga, havendo a necessidade de um maior aprofundamento em relação a essas manifestações do esporte, as quais discutiremos a seguir na visão de dois autores.

Para Tubino (1992), o esporte, após a sua revolução, partindo do pressuposto do direito de todos à prática, passou a ser compreendido a partir de três manifestações, que na verdade são as formas de exercício desse direito, assim definidos:

- a) esporte-educação;
- b) esporte-participação ou esporte popular; e
- c) esporte-performance ou de rendimento.

Posteriormente, em 2010, o mesmo autor faz uma atualização em relação às manifestações do esporte, segundo ele, cada uma delas está diretamente relacionada a um ou mais princípios, a seguir descritos:

a) **Esporte-Educação** (voltado para a formação da cidadania) está dividido em: Esporte Educacional e Esporte Escolar.

O **Esporte Educacional**, também chamado de Esporte na Escola, pode ser oferecido também para crianças e adolescentes fora da escola (comunidades em estado de carência, por exemplo). O Esporte Educacional, segundo Tubino, Garrido e Tubino (2006) deve estar referenciado nos princípios da: inclusão, participação, cooperação, co-educacao e co-responsabilidade. O **Esporte Escolar** é praticado por jovens com algum talento para a prática esportiva. O Esporte Escolar, embora compreenda competições entre escolas, não prescinde de formação para a cidadania, como uma manifestação do Esporte-Educação. O Esporte Escolar está referenciado nos princípios do Desenvolvimento Esportivo e do Desenvolvimento do Espírito Esportivo. O Espírito Esportivo e mais do que “Fair-play”, pois compreende também a determinação em enfrentar desafios e outras qualidades morais importantes.

b) **Esporte-Lazer**, também conhecido como Esporte Popular, praticado de forma espontânea, tem relações com a saúde e as regras. Estas podem ser oficiais, adaptadas ou ate criadas, pois são estabelecidas entre os participantes. O Esporte-Lazer, que também é conhecido como Esporte Comunitário, Esporte-Ocio, Esporte-Participação ou Esporte do Tempo Livre, tem como princípios: a participação, o prazer e a inclusão.

c) **Esporte de Desempenho**, conhecido também como Esporte de Competição, Esporte-Performance e Esporte Institucionalizado, é aquele praticado obedecendo a códigos e regras estabelecidos por entidades internacionais. Objetiva resultados, vitórias, recordes, títulos esportivos, projeções na mídia e prêmios financeiros. A ética deve ser uma referencia

nas competições e nos treinamentos. Os dois princípios do Esporte de Desempenho são: a Superação e o Desenvolvimento Esportivo. Convém esclarecer que o Esporte de Desempenho pode ser: de Rendimento ou de Alto Rendimento (Alta Competição, Alto Nível etc.). Os princípios para essas duas manifestações do Esporte de Desempenho são comuns. (TUBINO, 2010, p.42,43, grifo nosso).

Três anos após a publicação da obra, especificamente em 2013, a Lei Pelé é regulamentada pelo Decreto nº 7984/13, que institui normas gerais sobre o desporto e incorpora em seu texto legal os pressupostos teóricos de Tubino (2010).

I - **desporto educacional** ou **esporte-educação**, praticado na educação básica e superior e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a competitividade excessiva de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer;

II - **desporto de participação**, praticado de modo voluntário, caracterizado pela liberdade lúdica, com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, a promoção da saúde e da educação, e a preservação do meio ambiente; e

III - **desporto de rendimento**, praticado segundo as disposições da Lei nº 9.615, de 1998, e das regras de prática desportiva, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados de superação ou de performance relacionados aos esportes e de integrar pessoas e comunidades do País e de outras nações. (BRASIL, 2013, grifo nosso)

Algumas alterações acerca das manifestações do esporte foram realizadas em relação ao que estava disposto na lei que foi criada em 1998.

Observa-se que a quarta manifestação, prevista anteriormente, intitulada como “desporto de formação”, foi incorporada como sinônimo do “esporte educacional” na referida lei.

O desporto educacional pode constituir-se em:

I - **esporte educacional**, ou **esporte formação**, com atividades em estabelecimentos escolares e não escolares, referenciado em princípios socioeducativos como inclusão, participação, cooperação, promoção à saúde, co-educação e responsabilidade; e

II - **esporte escolar**, praticado pelos estudantes com talento esportivo no ambiente escolar, visando à formação cidadã, referenciado nos princípios do desenvolvimento esportivo e do desenvolvimento do espírito esportivo, podendo contribuir para ampliar as potencialidades para a prática do esporte de rendimento e promoção da saúde.

§ 2º O **esporte escolar** pode ser praticado em competições, eventos, programas de formação, treinamento,

complementação educacional, integração cívica e cidadã, realizados por:

I - Confederação Brasileira de Desporto Escolar - CBDE, Confederação Brasileira de Desporto Universitário - CBDU, ou entidades vinculadas, e instituições públicas ou privadas que desenvolvem programas educacionais; e

II - instituições de educação de qualquer nível. (BRASIL, 2013, grifo nosso)

Como já destacamos, a legislação se assemelha muito à proposta de Tubino (2010), porém compreendo haver alguns equívocos e contradições.

Sobre o esporte-educação, o autor o divide em dois segmentos: esporte educacional e esporte escolar, assim como vem discriminado na lei nº 9615/98. Essa segregação se configura, em nossa interpretação, como um equívoco, pois trata como se os dois estivessem em esferas distintas.

A contradição se materializa quando a norma dispõe que o esporte-educação deve ser praticado na educação básica e superior e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade e a competitividade excessiva de seus praticantes, logo em seguida está disposto que o esporte escolar deve ser praticado pelos jovens estudantes que possuem algum talento para prática esportiva no ambiente escolar, podendo ser praticado em competições realizadas pelas confederações. Se o esporte-educação deve evitar a seletividade e a competitividade, como seria possível o esporte escolar ser praticado apenas por jovens talentosos (que por si só caracteriza uma seleção) visando ao treinamento e à competição?

Diante do que expõe o autor e a lei em relação ao esporte-educação, deve-se, a partir de agora, compreender que o esporte escolar não é distinto do esporte educacional, assim como elucidado, e sim um desdobramento dele, contemplado dentro do espaço formal de educação, ou seja, a escola. Isso se comprova com a própria redação da legislação ao expor que o esporte educacional deve ser praticado em estabelecimentos escolares e não escolares, referenciado em princípios socioeducativos como inclusão, participação, cooperação, promoção à saúde, coeducação e responsabilidade.

Já que o esporte escolar está intrinsecamente relacionado ao esporte educacional, talvez a distinção e a terminologia utilizada para explicitar sobre a

competição entre escolas pudesse ser outra senão o “esporte escolar”, já que este não se reduz apenas a esse fim. Bracht (2003, p.87), evidencia isso ao relatar que:

[...] o esporte escolar só faz sentido se for pedagogizado, ou seja, submetido aos códigos da escola. Em termos mais concretos, isso significa que não basta, para a realização da função da escola, que o esporte seja aprendido e praticado nos seus espaços, é preciso também que o esporte escolar instrumentalize o indivíduo a compreender o fenômeno esportivo.

Retomando sobre as dimensões do esporte, Bracht (2005) reconhece a multifacitude do fenômeno esportivo, porém sinaliza por uma abordagem mais diferenciada ou complexa, adotando um esquema dual do fenômeno esportivo:

- a) Esporte de alto rendimento ou espetáculo
- b) Esporte enquanto atividade de lazer

É importante observar que, para o autor, diferentemente do que sinaliza a legislação vigente, o esporte educacional não está explícito no esquema por ele proposto, pois, toda prática esportiva é educacional, evidenciando que o esporte praticado no âmbito da instituição educacional pode se vincular a uma das duas perspectivas de esporte referidas acima, tanto à dimensão do lazer quanto à de rendimento, sinalizando que parece predominar as características do esporte de rendimento dentro da escola, ou seja, fornecendo o modelo para o esporte escolar.

Conforme explanado pelo autor, o esporte escolar ao assumir essas características, conseqüentemente se assemelha aos aspectos que dispõe a lei e ao que pensa Tubino. Isso não quer dizer que concorda com o fato de que essa dimensão do esporte deva assumir tais particularidades, sendo subordinado ao esporte de alto rendimento. Muito pelo contrário, pois, na sequência de sua elucidação, o autor faz sérias críticas ao esporte de alto rendimento, dando a entender que discorda veementemente que o esporte escolar seja subordinado a ele.

Podemos dizer que o esporte de alto rendimento ou espetáculo, aquele imediatamente transformado em mercadoria, tende a nosso ver, a assumir, as características dos empreendimentos do setor produtivo ou de prestação de serviços capitalistas, ou seja, empreendimentos com fins lucrativos, com proprietários e vendedores de força de trabalho, submetidos às leis do mercado. (BRACHT, 2005, p.18)

A discordância por parte do autor fica explícita ao afirmar que o esporte de alto rendimento fornece o modelo de operação para as demais dimensões, incluindo

sua socialização ao esporte escolar com o intuito de vinculá-lo ao consumo do produto esporte.

É o esporte de alto rendimento que, em linhas gerais, ainda fornece o modelo de atividade para grande parte do esporte enquanto atividade de lazer, como também recruta, cada vez menos, é verdade parte do seu contingente de praticantes (trabalhadores) nessa manifestação e no esporte escolar, este propiciando, ainda, a socialização para o consumo do esporte (contingente consumidor do produto esporte e de seus subprodutos). (BRACHT, 2005, p.18)

Vale ressaltar, após a explanação das dimensões esportivas, que o esporte como conteúdo da Educação Física escolar está interligado às políticas educacionais e às orientações pedagógicas. Diante disso, este deve ser regido por diretrizes e parâmetros educacionais ligados ao Ministério da Educação, secretarias estaduais e municipais, assim como pelas unidades escolares, as quais são competentes para orientar a prática pedagógica para o ensino deste conteúdo. Não se deve negar a relação com outros sistemas ou instituições, no entanto esse relacionamento deve ocorrer a partir da especificidade da instituição educacional.

É notório que a dimensão do esporte educacional, especificamente, por se cercar de muita complexidade, ainda precisa ser bastante estudada e pesquisada, a fim de que se tenham conceitos/objetivos claros, condizentes e concretos, já que se trata da dimensão prioritária dos recursos públicos, além de ser responsável pelo desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania.

3.3 - ESPORTE EDUCACIONAL

O esporte educacional, como uma das manifestações das práticas esportivas, deve ser garantido pelo Estado. A Constituição Federal da República Federativa do Brasil garante tal direito, enfatizando que a destinação dos recursos deve ser prioritária para esse fim.

Art. 217. É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um, observados:
II - a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento. (BRASIL, 1988).

No ano seguinte, após a promulgação da Constituição Federal de 1988, foi lançado, pela Secretaria de Educação Física e Desportos, vinculado ao Ministério da

Educação, o caderno esporte na escola, no qual consta a “Carta Brasileira do Esporte na Escola”, elaborada na I Conferência do Esporte na Escola, que destacou a promoção prioritária ao esporte educacional, como previsto na Carta Magna. Além disso, abordou alguns aspectos acerca do esporte educacional, entre eles:

Considerando que, no Brasil, as chamadas manifestações de Esporte-Educação foram, na sua maioria, reproduções do esporte institucionalizado, sem uma preocupação substantiva com o sentido educativo.

Considerando, ainda, que aos educadores compete: a) ter como referência o sentido educativo emancipador para os praticantes do Esporte na Escola, que ultrapassa o simples domínio corporal e a saúde, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso do ser humano em comunidade; b) recusar toda forma de preconceito e a especialização precoce; c) favorecer o crescimento pessoal e social dos praticantes do Esporte na Escola, através de uma atuação pedagógica apoiada na ação e na reflexão; d) perceber que mesmo as situações de treinamento e competição do Esporte-Educação necessitam continuar referenciadas nos preceitos educacionais do Esporte; (BRASIL, 1989).

É notório que as manifestações do esporte de rendimento institucionalizado, conforme referenciado no documento, sempre estiveram presentes no ambiente educativo. Há uma intenção explícita, nas determinações da carta, de tentar romper com essa hegemonia, incumbindo e dando autonomia aos educadores no sentido de buscar essa ruptura, almejando o sentido educativo e emancipador para os praticantes do Esporte na Escola, recusando toda forma de preconceito e especialização precoce, além de permitir o crescimento pessoal e social dos praticantes.

O esporte educacional não pode estar desvinculado das políticas públicas da educação e do bem estar social da população. Não pode estar distante da escolarização e do Projeto Político Pedagógico da escola, assim como não pode ser admitido fora do contexto de reinvenção e transformação da sociedade. (Taffarel, 2000)

Nessa perspectiva, a Educação Física no âmbito escolar aborda, pedagogicamente, um conhecimento denominado de cultura corporal. O esporte, enquanto conteúdo do componente curricular, está inserido como um dos temas dessa cultura.

O esporte, como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão

complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica. Por isso, deve ser analisado nos seus variados aspectos, para determinar a forma em que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte “da” escola e não como esporte “na” escola. (SOARES et al., 2013, p.59).

A legislação⁹ específica que institui as normas gerais sobre o esporte evidencia que o mesmo pode ser reconhecido em diversas dimensões, como visto anteriormente, uma delas é o esporte educacional. Este pode ser realizado dentro do espaço escolar, relacionando-se com a educação formal, caracterizando-se como “esporte escolar”. Segundo Kunz (2003, p. 73), “a escola é por excelência o lugar social específico onde a organização da situação educativa é formal e explícita, onde o espaço pedagógico é penetrado de intenções”.

Pode ser também realizado fora da escola, em formas assistemáticas de educação, tal qual prevê a mesma legislação, como por exemplo em: projetos socioeducativos oferecidos por meio de políticas públicas, clubes, escolinhas, academias, centros de iniciação desportiva, entre outros, relacionando-se com a educação não formal.

A prática esportiva educacional deve estar relacionada à transformação, possibilitando educar e transformar o indivíduo ou até mesmo uma sociedade por intermédio do esporte, e a escola, por possuir autonomia pedagógica, acaba se tornando um espaço ideal para se empreender essa metamorfose.

É, sobretudo, embora não exclusivamente, na escola que se estabelece uma relação especial com o esporte, afinal, é ali que o conhecimento produzido pelo homem é pedagogizado e tratado metodologicamente para que o aluno venha a aprendê-lo ou apreendê-lo. (ASSIS, 2001, p.6).

Uma vez que o esporte escolar¹⁰ deve ser inclusivo, respeitando a diversidade, os alunos têm o direito de aprendê-lo na perspectiva da autonomia, e praticá-lo independentemente de condições físicas, de raça, cor, sexo, idade, religião ou condição social, através de atividades auto-organizadas e autodeterminadas. (PNE, 2005).

O esporte escolar é o esporte praticado na escola no âmbito da educação básica e superior, seja como conteúdo curricular ou

⁹ Lei nº 9615/98, conhecida popularmente por Lei Pelé, institui as normas gerais sobre o desporto.

¹⁰ Diante do que foi debatido no capítulo anterior, deve-se compreender que o esporte escolar é um desdobramento do esporte educacional, contemplado dentro do espaço formal de educação, ou seja, a escola.

atividade extracurricular, atendendo aos objetivos do Projeto Político Pedagógico. (PNE, 2005, p.25).

O ensino do esporte na escola não deve orientar-se, apenas, para formação de uma futura elite esportiva, visando o alto rendimento, mas também não significa a eliminação da possibilidade de identificação de possíveis atletas.

Da forma como vem sendo tratado no interior da escola, o esporte, com suas características e abordagens atuais, tem sido bastante questionado devido a sua caracterização hegemônica do alto rendimento. Kunz (2003, p.125) evidencia isso ao afirmar que:

[...] o esporte ensinado nas escolas enquanto cópia irrefletida do esporte competição ou de rendimento, só pode fomentar vivências de sucesso para uma minoria e o fracasso ou vivência de insucesso para a grande maioria.

Diante dessa situação, a estrutura organizacional do esporte fomentada pelo Estado, deve contemplar os locais e meios adequados, que não seja a escola, para a realização de um trabalho específico de iniciação desportiva.

No âmbito do Distrito Federal, há uma política pública que relaciona o esporte escolar à iniciação esportiva. Um projeto vinculado à Secretaria de Educação, gratuito e exclusivo, realizado nas unidades escolares, em ginásios ou em quadras comunitárias. O CID (Centro de Iniciação Desportiva)¹¹, como é intitulado, atende aos alunos matriculados na rede pública de ensino, acontecendo em turno contrário, onde são oferecidas variadas modalidades esportivas. Já na esfera Federal, vinculado ao Ministério do Esporte, é nomeado de CIE (Centro de iniciação ao Esporte).

Os Centros de Iniciação Desportiva (CID) objetivam proporcionar aos alunos da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal o conhecimento técnico e tático de diferentes modalidades esportivas, buscando identificar diferentes aptidões e interesses dos estudantes, ampliando o processo de seleção e formação de futuros atletas. (SEEDF, 2018).¹²

O objetivo dos Centros de Iniciação ao Esporte (CIE) é ampliar a oferta de infraestrutura de equipamento público esportivo qualificado, incentivando a iniciação esportiva em territórios de vulnerabilidade social das grandes cidades brasileiras. (ME, 2018).¹³

¹¹ Para mais informações a respeito do CID, acessar o sítio <http://www.se.df.gov.br/centro-de-iniciacao-desportiva-cid/>

¹² Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/centro-de-iniciacao-desportiva-cid/>

Acesso em: 11/03/2019

¹³ Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/cie>

Acesso em: 11/03/2019

Os objetivos explícitos dos Centros de Iniciação Desportiva, por serem espaços educacionais que visam a iniciação ao esporte, não deveriam se distanciar de uma proposta relacionada à abordagem pedagógica e lúdica do desporto, por mais que essa seja desenvolvida implicitamente.

A prática pedagógica esportiva incorpora ideias e valores educativos quando não submete os alunos a uma perspectiva excludente que visa à seleção dos mais habilidosos e a exclusão dos menos talentosos. Deve ser democrático proporcionando a participação de todos.

A participação assim como a totalidade, a coeducação, a emancipação, a cooperação e o regionalismo fazem parte dos princípios do esporte educacional, referendados pelo Congresso Internacional sobre Educação Populacional e Desenvolvimento da UNESCO, realizado na cidade de Paris em 1993.

Esses princípios se complementam. Pois, no que se refere ao princípio da participação, todas as ações que levam os protagonistas do esporte educacional a interferir na realidade através da participação estão presentes nesse princípio que, por sinal, compromete os praticantes no campo social do esporte pelas vivências que essa atuação oferece.

Os princípios da totalidade e da coeducação cooperam respectivamente por defender que o esporte educacional deve fortalecer a unidade do homem consigo, com o outro e com o mundo, tendo como elementos indissociáveis a emoção, a sensação, o pensamento e a intuição e, ao afirmar que a prática esportiva educacional integra situações heterogêneas de sexo, idade, nível socioeconômico, condições físicas, dentre outras, das pessoas envolvidas nas práticas esportivas.

Da mesma forma, o princípio da emancipação (também introduzido nas atividades esportivas educacionais) busca levar os participantes a situações estimulantes de desenvolvimento da independência, autonomia e liberdade. Sendo assim complementado pelos princípios da cooperação e do regionalismo que incentivam ações conjuntas durante a prática do esporte educacional a fim de promover o respeito, a proteção e a valorização das raízes e heranças culturais.

Nota-se que os princípios do esporte educacional fortalecem uma abordagem inclusiva do esporte, seja ele realizado dentro ou fora da escola, valorizando as

diferenças de seus praticantes, estimulando a cooperação, além de tentar conduzir o indivíduo à aquisição de sua autonomia e liberdade.

Esses princípios reforçam a necessidade de se refletir criticamente o esporte educacional, devendo levar em consideração as práticas pedagógicas dos professores na abordagem do conteúdo, tentando buscar a reinvenção e transformação do esporte. Essa reflexão gira em torno das contradições explicitadas entre a instituição esporte e suas relações com a educação.

Essa manifestação contraditória se dá por meio dos interesses políticos e econômicos de exploração do mercado esportivo, tornando-o, a partir da escola, local privilegiado para sua introdução, ampliação e domínio.

Diante de todo o contexto, fica transparente que “a finalidade do esporte escolar é o desenvolvimento integral do homem como ser autônomo, democrático e participante.” (Ministério do Esporte, 2018)¹⁴.

3.4 - ESPORTE “NA” ESCOLA E ESPORTE “DA” ESCOLA

O fenômeno esportivo, ao longo dos anos, vem sendo escolarizado, como um dos conteúdos da Educação Física, porém é necessário identificar qual a verdadeira relação desse conteúdo com a escola e com o componente curricular. Diante disso, alguns questionamentos acerca dessa temática surgiram ao longo dos anos, gerando a necessidade de se responder a seguinte pergunta: qual a intencionalidade pedagógica do esporte escolar?

O esporte escolar pode ser abordado como esporte “da” escola ou esporte “na” escola, porém precisamos entender as peculiaridades de cada um.

Segundo Castellani Filho (1997), o esporte presente no espaço escolar, deve estar comprometido com os objetivos da instituição escolar e não com os da instituição esportiva, tornando-se legitimamente possível falarmos do esporte da escola e não do esporte na escola.

Vago (1996) discute as relações da escola com as práticas culturais de esporte, estabelecendo um diálogo com Bracht (1992), apresentando a ideia central de que a escola, como instituição social, pode produzir uma cultura escolar de esporte que, ao invés de reproduzir as práticas hegemônicas de esporte na

¹⁴ Disponível em: <http://portal.esporte.gov.br/snee/default.jsp> - Acesso em: 11/03/2019

sociedade, estabeleça com elas uma relação de tensão permanente, num movimento propositivo de intervenção na história cultural da sociedade.

Em determinado período histórico, especificamente nas décadas de 60 e 70, o esporte sofre um grande desenvolvimento quantitativo. A Educação Física acaba assumindo os códigos de uma outra instituição e, de tal forma, que temos não o esporte da escola, mas sim o esporte na escola, o que indica sua subordinação aos códigos/sentido da instituição esportiva. O esporte na escola é um braço prolongado da própria instituição esportiva. (Bracht 1992)

Nota-se que, desde então, a instituição esportiva submete a instituição escolar aos modelos de reprodução hegemônica do esporte de alto rendimento. Taffarel (2000, p.18) afirma que “o desporto da forma como vem sendo tratado no interior do Sistema Educacional, com suas características atuais, está sendo severamente questionado”.

Os códigos da instituição esportiva podem ser resumidos em: princípio do rendimento atlético-desportivo, competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo é sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas. O que pode ser observado é a transplantação reflexa destes códigos do esporte para a Educação Física. Utilizando a linguagem sistêmica, poder-se-ia dizer que a influência do meio-ambiente (esporte) não foi/é selecionada (filtrada) por um código próprio da Educação Física, o que demonstra sua falta de autonomia na determinação do sentido das ações em seu interior. (BRACHT, 1997, p. 22)

A hierarquia da instituição esportiva diante da instituição escolar é legitimada pela dimensão que o fenômeno esportivo assumiu na sociedade. Vago (1996, p. 8) aponta para o seguinte paradoxo da Educação Física quando ensina o esporte na escola: “A Educação Física conquista a sua legitimidade pedagógica na medida em que perde sua autonomia pedagógica”.

Dessa maneira, necessitamos refletir sobre o esporte escolar: A Educação Física na escola tem sido apenas um meio para transmitir e reproduzir os códigos e interesses do esporte de alto rendimento? Está apenas a serviço da indústria do esporte, valorizando-o como mercadoria?

Diante destes questionamentos, é preciso reconhecer que há um movimento de resistência que parte da própria escola com seus “códigos e funções”, tentando romper com essa barreira a fim de pedagogizar o esporte.

[...] a Educação Física, em se realizando na instituição educacional, presume-se, assume o estatuto de atividade

pedagógica e, como tal, incorpora-se aos códigos e funções da própria escola. (BRACHT, 1997, p.17)

Vago (1996) entende que há duas ideias importantes contidas nessa consideração. A primeira é de que a escola tem seus próprios códigos e funções, admitindo que ela possui uma certa autonomia como instituição social. A segunda decorre imediatamente da anterior: a Educação Física e os temas que ela vai ensinar, dentre os quais, o esporte, assume e incorpora em seu ensino esses "códigos e funções" da escola.

No Brasil, esses questionamentos, especialmente na década de 80, ganharam força e veio à tona um período de crítica, talvez seja melhor dizer de denúncia, sobre a hegemonia e o modelo de esporte praticado nas escolas por meio da Educação Física. (Kunz, 2003)

Diante desse contexto, evidenciou-se a necessidade de se valorizar o esporte da escola, ou seja, que a instituição criasse sua própria cultura escolar, abordando o esporte com viés de transformação e não apenas de reprodução.

Buscando esse viés, Souza (2009) afirma que o ensino do esporte escolar deve estar comprometido em oferecer possibilidades aos alunos de se apropriarem do conhecimento do esporte de maneira a garantir a sua prática a todos.

A autora enfatiza ainda que, ao apropriar-se de um conteúdo de ensino, no caso, o esporte, é possível que os sujeitos envolvidos – alunos e professores – ao mesmo tempo em que acrescentam novos dados à cultura corporal, têm a possibilidade de refletir sobre a sua prática social.

Nesse sentido, cabe ao professor desenvolver uma didática para o ensino do esporte na escola, comprometido pedagogicamente em oferecer possibilidades aos alunos de se apropriarem do conhecimento do esporte de maneira a superarem a imediatividade de sua realidade cotidiana.

Retomando sobre as peculiaridades do esporte “na” e “da” escola, Assis (2001) aborda um ponto que requer reflexão, o qual se contrapõe ao diálogo de Bracht (1992) e Vago (1996). O autor vê de forma diferente, ao trazer que o esporte da escola pode ser exatamente igual ao esporte na escola, que a possibilidade de serem diferentes está inscrita na esfera da ação do professor e na sua prática pedagógica.

Diante do exposto, acredito que após a sua transformação pedagógica, o esporte ganha características próprias se tornando esporte DA escola, portanto o

esporte praticado a partir de então no espaço escolar passa a ter suas próprias características, pois já foi transformado.

Independentemente da terminologia, o importante é que o esporte que adentra os muros da escola seja pedagogizado, passando por um processo de transformação e criando sua própria identidade, a fim de que essa dicotomia NA e DA seja compreendida e superada, já que no meu entendimento, são coisas distintas.

De forma resumida, podemos concluir que, no que se refere ao “esporte na escola”, a instituição escolar pode constituir-se em cenário para qualquer manifestação do esporte, inclusive do esporte de alto rendimento, desde que em atividades extracurriculares. Já em relação ao “esporte da escola”, este passa a ser conteúdo do componente curricular Educação Física, apresentando características e valores educacionais, podendo sofrer transformações a fim de atender a todos os alunos.

Diante do contexto, a fim de responder à pergunta do início do capítulo sobre a intencionalidade pedagógica do esporte escolar, consuma-se que este pode ter a intenção de reprodução (esporte na escola) ou de transformação (esporte da escola).

3.5 - POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DO ESPORTE A PARTIR DA DIDÁTICA HISTÓRICO-CRÍTICA.

O objetivo é avançar coletivamente rumo à construção de uma abordagem para o ensino do esporte, tomando como base a didática histórico-crítica, pautada na lógica dialética que vai da síntese à síntese por meio da mediação da análise e do professor.

Alertamos ainda, para o fato de que esta é uma forma possível de se abordar o ensino do esporte como conteúdo da Educação Física escolar, contudo sem excluir outras possibilidades, destacando que a proposta aqui desenvolvida não pretende esgotar a complexidade do tema em foco.

Ao propor uma possibilidade para o ensino do esporte a partir da referida didática, a argumentação será fundamentada na pedagogia histórico-crítica de Saviani e na didática histórico-crítica desenvolvida por Gasparin, reconhecendo que o movimento dialético desta pedagogia não sinaliza que as etapas sejam estanques

e fragmentadas, enfatizando que a dialeticidade do método ocorre durante todo o processo de ensino, independente de qual estágio esteja sendo abordado.

Com o intuito de dar uma sequência lógica e transparente à proposta, adotaremos os passos sugeridos pelos autores, conforme já explanado no capítulo 1¹⁵.

A proposta toma como componente o conceito didático de Saviani, porém sem deixar de lado as abordagens críticas da Educação Física elucidadas no capítulo anterior, assim como os elementos do esporte da escola discutidos neste capítulo.

Apresentamos como exemplo o desenvolvimento de um plano didático para o ensino do conteúdo futsal nos anos finais do ensino fundamental¹⁶. Trazemos o exemplo do futsal já que ele se apresenta como um dos esportes mais trabalhados dentro do ambiente escolar.

Ao sugerir uma proposta para o ensino do futsal como conteúdo da Educação Física escolar pensamos na necessidade de buscar um sentido realmente pedagógico, por meio da didática histórico-crítica, tornando-o diferente no que diz respeito à sua aprendizagem, seus princípios, seus ensinamentos básicos, seus ideários, seu compromisso social, político, econômico e cultural, buscando assim desenvolver uma nova concepção do esporte da escola, transformado didaticamente para atender ao compromisso educacional e não apenas às exigências esportivas.

A proposta visa desenvolver o conteúdo para que seja trabalhado em diversas dimensões, sendo capaz de contribuir para a formação de pessoas críticas e emancipadas, desenvolvendo os aspectos social, cultural, afetivo, cognitivo e motor por parte de todos os alunos, considerando suas vivências pessoais.

¹⁵ A transmissão dos conhecimentos de forma mediada e sequenciada, por intermédio de Saviani (2011) e Gasparin (2009), propõe uma didática, que podemos chamar de “processo de construção do conhecimento” que se materializa da seguinte forma:

- 1 – Prática social inicial
- 2 – Problematização
- 3 – Instrumentalização
- 4 – Catarse
- 5 – Prática social final

¹⁶ Sugerimos os anos finais (6º ao 9º ano) do ensino Fundamental, já que é o segmento de maior proximidade com a pesquisa, não inviabilizando essa abordagem em outras etapas da Educação Básica, podendo ser adaptada, com mais ou menos complexidade, de acordo com o segmento em questão.

Partindo do pressuposto de suas vivências, apresentamos a proposta fazendo um recorte específico dentro do conteúdo futsal e a questão de gênero como tema da aula: Futsal só para meninos?

PRÁTICA SOCIAL INICIAL

A prática social é o ponto de partida. Momento de verificar o que é comum ao professor e aos alunos, levando em conta a heterogeneidade dos sujeitos envolvidos nesse contexto.

A prática social inicial, primeiro momento do trabalho pedagógico, consiste em ver a realidade e tomar consciência de como ela se coloca no seu todo e em suas relações com o conteúdo que será desenvolvido no processo. (GASPARIN, 2009, p.34)

Nesse instante, a compreensão do professor é sintética, porém ainda precária, já que não tem entendimento sobre o que os alunos conhecem. Entretanto, a compreensão dos alunos é sincrética, devido ao fato dos conhecimentos, que possuem em relação ao conteúdo, serem apenas do cotidiano, não possuindo ainda uma articulação pedagógica da prática social que participam.

Essa prática é o ponto inicial para a construção da aprendizagem, o que significa trabalhar o conhecimento a partir da articulação dialética dos saberes do senso comum com os saberes científicos.

Diante disso, a partir de uma visão conceitual, o professor pode debater com os alunos sobre os aspectos gerais e suas vivências em relação ao futsal e a questão de gênero, buscando os relatos dos mesmos sobre suas experiências.

Na sequência, o professor pode fazer com que os alunos vivenciem o jogo da forma que eles conhecem. É a oportunidade de observar os diversos aspectos que ocorreram durante esse momento e a partir desse levantamento seguir para a problematização.

PROBLEMATIZAÇÃO

A problematização trata da identificação dos aspectos levantados durante a prática social, os quais precisam ser abordados no processo educativo. Essas questões, em concordância com os objetivos de ensino, orientam o trabalho pedagógico a ser desenvolvido pelo professor e pelo aluno.

Saviani (1999) corrobora ao afirmar que a problematização trata de se detectar quais questões precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e, em consequência, que conhecimento é necessário abordar.

Diante disso, o professor deve levantar os problemas a partir da prática social confrontando o conhecimento popular com o saber científico, a fim de problematizar alguns novos elementos em relação ao conteúdo, tais como:

- Futsal e futebol são a mesma coisa?
- Só os melhores/mais habilidosos podem jogar?
- É um esporte predominantemente praticado por meninos?
- Quais os motivos que afastam as meninas do futsal?
- Existe preconceito em relação à prática das meninas no futsal?
- Os preconceitos de gênero só acontecem nessa prática ou também existem na sociedade, na escola, no seu bairro, na sua família?
- É possível meninos e meninas jogarem juntos?
- Podemos adaptar as regras e transformar o jogo a fim de atender a essas necessidades?

A partir de então é preciso instrumentalizar as questões abordadas no processo de problematização.

INSTRUMENTALIZAÇÃO

É o instante onde ocorre com mais ênfase a mediação pedagógica do professor. Momento onde ocorrem as ações didático-pedagógicas entre o docente e os discentes com o intuito de se construir o conhecimento científico.

As formas pedagógicas adequadas são todas aquelas que contribuam para a transmissão do saber escolar. Em didática, isso se refere aos procedimentos, recursos e técnicas que permitem a efetivação dos conteúdos levando em conta os sujeitos a que se destinam. (LAVOURA; MARSIGLIA; MARTINS, 2019, p.18)

Segundo Gasparin (2009), a instrumentalização é o caminho pelo qual o conteúdo sistematizado é posto à disposição dos alunos para que assimilem e o recriem a fim de incorporá-lo, transformando-o em instrumento de construção pessoal.

Nesse sentido o professor deve oportunizar vivências (teorias e práticas) favoráveis para participação em conjunto da turma. Durante esse processo, o professor fará a mediação do conteúdo (futsal/gênero) a fim de que os alunos se

apropriem da temática. Podendo, inclusive, solicitar que eles criem jogos que incluam meninos e meninas na prática do futsal e, a partir das criações, oportunizem a vivência do que foi criado por eles próprios.

Ensejamos um exemplo de jogo que pode ser oportunizado pelo professor. Nesse caso, a atividade desenvolvida na aula será o futsal em duplas mistas e o professor deve orientar para que os alunos formem duplas mistas (menino e menina). No primeiro momento, solicita-se que os alunos da dupla conduzam a bola e realizem um passe para o outro colega que está de mãos dadas e assim sucessivamente, a fim de trabalhar o aquecimento e a socialização entres os membros da dupla.

Em seguida, o professor monta duas equipes compostas pelas duplas mistas para dar início ao jogo. A princípio, a atividade possui as mesmas regras do futsal, com a adição que os alunos devem jogar de mãos dadas não podendo se soltar. Durante o jogo, o professor deve exercer o papel de mediador, debatendo com os alunos as possibilidades de se organizar o jogo para que as meninas participem ativamente deste. Dessa reflexão, devem sair algumas regras que têm como objetivo possibilitar a participação de todos.

No decorrer da atividade, o professor deve realizar um rodízio entre os alunos, com o intuito de socializá-los, fazendo com que eles vivenciem a atividade com outros pares.

Algumas variações podem ser utilizadas pelo professor a fim de valorizar a participação das meninas durante um período do jogo, como, por exemplo, 1) permitir que somente as meninas possam marcar gols; 2) permitir que apenas as meninas conduzam a bola; e 3) para que um menino possa fazer gol, a bola tem que ter sido passada por uma menina.

No final da aula, o professor deve estimular os alunos a refletir sobre a participação das meninas e dos meninos no jogo, questionando-os sobre sua de atuação, isto é, o que podem modificar na sua participação, quais as principais dificuldades encontradas, se existiu preconceito e/ou discriminação durante a aula etc.

CATARSE

Segundo Gasparin (2009), catarse é a expressão elaborada pela nova forma de entender a prática social. O aluno adquire uma atitude teórico-mental diferente do que havia apresentado no início do processo de estudo.

É o instante em que o aluno adquire um salto qualitativo de desenvolvimento acerca do conteúdo trabalhado, ou seja, nesse momento, ocorre a ruptura do entendimento menos elaborado sobre o futsal e a questão de gênero, passando a ser um elemento mais elaborado capaz de transformação.

Por ser uma proposta dialética, em constante movimento, as etapas não devem ser dissociadas umas das outras. Diante disso, podemos concluir que no momento da catarse, novas problematizações podem surgir, já que o aluno passa a adquirir um novo entendimento do conteúdo. Lavoura, Marsiglia e Martins (2019, p.19) corroboram ao afirmar que “a catarse é que cria espaço para novas problematizações e instrumentalizações”.

Nesse sentido, é o momento de avaliar o processo de ensino e aprendizagem, sendo necessário que o professor crie condições para que o aluno demonstre o seu crescimento, sobre como se apropriou do conteúdo abordado. Nesse caso, sobre o futsal e a questão de gênero, e se conseguiu equacionar/resolver as questões da problematização desenvolvidas na instrumentalização.

PRÁTICA SOCIAL FINAL

É o retorno à prática social, agora não mais entendido de forma sincrética pelos alunos, nem de forma sintética-precária pelo professor.

De antemão, é importante salientar que a ação não se esgota na prática social final, já que a mesma pode servir como ponto de partida (prática social inicial) para um novo processo, caracterizando o método dialético da proposta.

Para Saviani (2009), a compreensão da prática social passa por uma alteração qualitativa, afirmando que a prática referida no ponto de partida e no ponto de chegada é e não é a mesma.

É a mesma uma vez que é ela própria que constitui ao mesmo tempo o suporte e o contexto, o pressuposto e o alvo, o fundamento e a finalidade da prática pedagógica. E não é se considerarmos que o modo de nos situarmos em seu interior se alterou qualitativamente pela mediação da ação pedagógica. (SAVIANI, 2009, p.82)

Com a abordagem realizada durante a problematização e instrumentalização, os alunos retornam à prática social com o entendimento concretizado em determinações e relações acerca do conteúdo futsal/gênero.

Desse modo compreende-se que o futsal e a questão de gênero significam o ponto de partida e de chegada, agora entendidos pelos alunos de forma sintética, onde adquiriram uma nova visão do conteúdo.

Já que agora o professor e os alunos chegaram a uma síntese, os quais se encontram em constante processo de aprendizagem, podem, em conjunto, propor ações a fim de intervir, de forma crítica e reflexiva, no meio social em que estão inseridos, seja na escola ou fora dela, a partir do futsal e da questão de gênero.

CAPÍTULO 4 – “MESA REDONDA”

4 – ANALISANDO OS DADOS DO JOGO

Conforme antecipado no percurso metodológico, a fim de analisar de forma sistemática a abordagem do esporte nas escolas, optamos por fazer um recorte em 10 escolas de Ensino Fundamental da Região Administrativa de Samambaia no Distrito Federal.

Neste capítulo específico, versaremos acerca do debate sobre os PPPs (Projeto Político Pedagógico) e das entrevistas dos professores das referidas escolas, porém, anteriormente, trataremos sobre os estudos contemporâneos relacionados ao esporte. A análise do PPP de cada unidade escolar tem o objetivo de verificar o tratamento que a Educação Física e o esporte recebem nesses documentos.

Apesar de se tratarem de documentos públicos, que se encontram disponíveis no sítio¹⁷ da Secretaria de Educação do Distrito Federal, para essa discussão, iremos identificar as escolas por nomes fictícios¹⁸ a fim de preservar a identidade destas.

A entrevista foi realizada com um docente de cada uma dessas escolas, escolhido de forma aleatória, totalizando 10 professores(as). A escolha se deu por meio da indicação do docente pela equipe gestora no momento da apresentação do pesquisador na unidade escolar e pela predisposição do professor em participar do estudo.

A amostra se resumiu em 8 professores (as) efetivos e 2 professores (as) substitutos, dentre eles 8 são do sexo masculino e 2 do sexo feminino. O anonimato dos professores será preservado e para isso os identificamos como P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9 e P10.

A análise e debate das entrevistas tem o intuito de averiguar variados aspectos em relação à Educação Física e ao conteúdo esporte, como ele vem sendo abordado, além de identificar qual é a visão dos professores em relação ao seu papel na escola.

¹⁷ <http://www.se.df.gov.br/category/ppp/>. Acesso em:24/03/2019

¹⁸ CEF Marx; CEF Saviani; CEF Freire; CEF Teixeira; CEF Ribeiro; CEF Libâneo; CEF Montessori; CEF Vigotski; CEF Piaget; CEF Freinet

4.1 – MAPEAMENTO CONTEMPORÂNEO DOS ESTUDOS RELACIONADOS AO ESPORTE

As análises críticas ao papel do esporte na escola, impulsionadas no movimento renovador, tiveram um grande impacto na produção de conhecimento da área. Nesse sentido, para conhecer melhor as características dessa produção no cenário contemporâneo, foi realizada uma pesquisa em periódicos da área, com o intuito de mapear os estudos e discussões em relação ao esporte, relacionados à área educacional e escolar.

Cabe destacar que esse trabalho não corresponde a uma revisão sistemática da literatura e tampouco a estudos de “estado da arte”. A intenção é apenas de conhecer como a relação entre Educação Física, escola e esporte vem sendo abordada pela produção de conhecimento atual, tentando identificar continuidades e rupturas com as análises produzidas na década de 1980 e 1990.

Como visto na metodologia, os artigos foram selecionados a partir de uma pesquisa exploratória a qual contemplou um recorte dos estudos, entre os anos de 2008 e 2018, relacionados ao esporte educacional e ao esporte escolar na última década, a fim de identificar qual é a perspectiva atual e abordagem dessa temática.

O levantamento foi realizado através de uma busca em 6 periódicos¹⁹ reconhecidos pelo campo da Educação Física e que tratam com mais frequência de assuntos vinculados à subárea sociocultural e pedagógica. Foram considerados como critério de seleção o título, o resumo, as palavras-chaves e o corpo do texto, após utilizar como descritores de busca, os termos: “educação física escolar”, “esporte escolar” e “esporte educacional”.

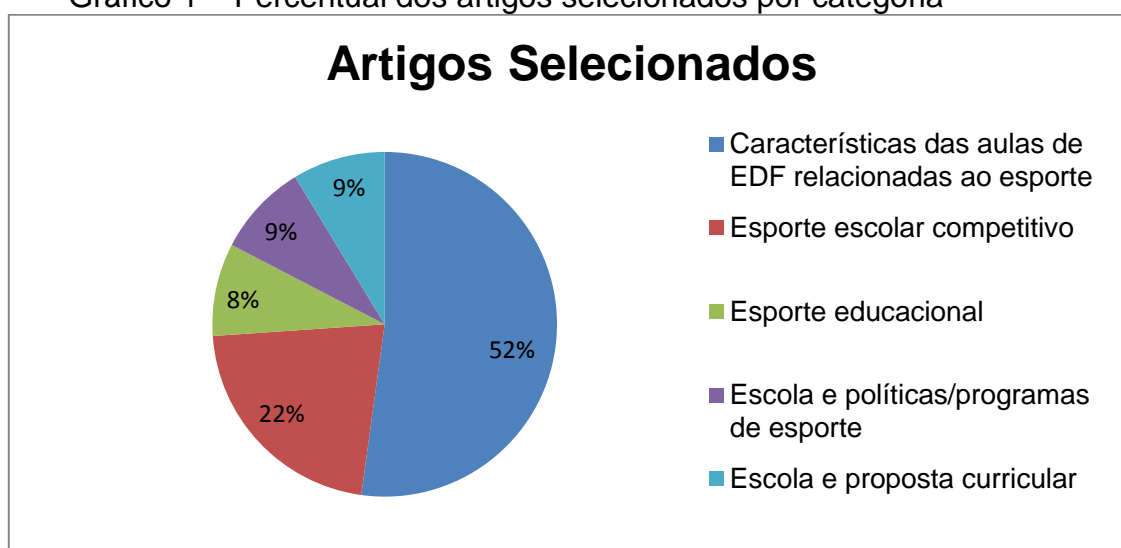
Para se chegar à seleção final dos artigos e refinamento da busca inicial, em alguns casos, realizou-se a leitura do corpo do texto a fim de identificar se tinha relação iminente com o assunto específico. Diante disso, foram selecionados 23 artigos.

¹⁹ 1) Revista Brasileira de Ciências do Esporte
2) Revista Pensar a prática
3) Revista Movimento
4) Revista Motrivivência
5) Revista Brasileira de Ciência e Movimento
6) Revista da Educação Física/UEM

Após os procedimentos de filtragem da amostra inicial, os artigos foram organizados pelo autor em 5 categorias distintas considerando sua análise em relação ao conteúdo, a saber:

1. Características das aulas de Educação Física relacionadas ao esporte
2. Esporte escolar competitivo
3. Esporte educacional
4. Escola e políticas/programas de esporte
5. Esporte e proposta curricular

Gráfico 1 – Percentual dos artigos selecionados por categoria



Elaboração própria

A categoria “características das aulas de Educação Física relacionadas ao esporte”, apareceu com mais incidência, contemplando 12 artigos dos 23 selecionados, correspondendo a 52% destes. Nessa categoria, foi identificada uma proximidade do esporte com a Educação Física escolar, em suas diversas abordagens e perspectivas, caracterizando então o esporte como conteúdo desse componente curricular.

O “esporte escolar competitivo” foi identificado em 5 artigos, ou seja, 22% do total, os quais remetem a uma abordagem do esporte escolar competitivo relacionado ao alto rendimento.

Já o “esporte educacional” teve aparição em 2 artigos. Um deles se relacionou com a educação formal, ou seja, a escola, tratando sobre a formação continuada dos professores e suas reflexões acerca da sua prática pedagógica relacionada ao esporte educacional. O outro tratou sobre uma revisão sistemática

analisando a produção acadêmico-científica da área em relação ao esporte educacional de forma mais ampla.

Na categoria “escola e políticas/programas de esporte” 2 artigos foram selecionados. O primeiro analisou a concepção e o ensino do esporte presente em um programa de esportes em escolas públicas de Pernambuco. O segundo constitui uma tentativa de análise do programa de formação esportiva na escola – atleta na escola.

Foram selecionados dois artigos na categoria “esporte e proposta curricular”. Um faz a análise de como o tema esporte foi abordado nas propostas curriculares de Pernambuco de 1989 a 2013, o outro investiga a regulação curricular da Educação Física e seus efeitos no trabalho de docentes iniciantes.

O quadro abaixo apresenta de forma sucinta a categoria, o periódico, o título e o ano de publicação do artigo.

Quadro 2 - Dados da pesquisa exploratória

CATEGORIA	PERIÓDICO	TÍTULO	ANO
Esporte escolar competitivo	Pensar a Prática	Análise da relação entre esporte e desempenho escolar: um estudo de caso	2015
Esporte escolar competitivo	Pensar a Prática	Competições escolares: Reflexão e ação em pedagogia dos esportes para fazer a diferença na escola	2008
Características das aulas de Educação Física relacionadas ao esporte	Pensar a Prática	Educação Física escolar: Significações de alunos e atletas	2016
Esporte Educacional	Pensar a Prática	Formação continuada na implementação do Esporte Educacional na Educação Física escolar	2018
Esporte Educacional	Pensar a Prática	O Esporte Educacional como tema da produção de conhecimento no periodismo científico brasileiro: uma revisão sistemática	2015
Características das aulas de Educação Física relacionadas ao esporte	Pensar a Prática	O ensino do esporte através do jogo: análise, possibilidades e desafios na Educação Física escolar	2017
Esporte escolar competitivo	RBCE	A pedagogia do esporte na Educação Física no contexto de uma escola eficaz	2013
Escola e políticas/programas de esporte	RBCE	Concepção e ensino do esporte no programa Inspiração Internacional: compreensão e ações pedagógicas	2018

Características das aulas de Educação Física relacionadas ao esporte	RBCE	O planejamento das práticas esportivas escolares no ensino fundamental na cidade de Santos	2015
Esporte e proposta curricular	RBCE	Propostas curriculares para Educação Física em Pernambuco: entendimentos acerca do esporte	2015
Características das aulas de Educação Física relacionadas ao esporte	Movimento	Educação Física e esportes: motivando para a prática cotidiana escolar	2017
Esporte e proposta curricular	Movimento	Esportivização da Educação Física escolar: um dispositivo e seus regimes de enunciação	2016
Características das aulas de Educação Física relacionadas ao esporte	Movimento	O esporte como conteúdo da Educação Física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica "inovadora"	2012
Características das aulas de Educação Física relacionadas ao esporte	Movimento	O esporte na Educação Física escolar: um conteúdo com potencial emancipador	2018
Esporte escolar competitivo	Movimento	Os jogos escolares como mecanismo de manutenção e eliminação: uma crítica à lógica esportiva da escola	2013
Características das aulas de Educação Física relacionadas ao esporte	Motrivivência	A prática da cultura esportiva nas aulas de Educação Física	2014
Esporte escolar competitivo	Motrivivência	Esporte Escolar: aspectos pedagógicos e de formação humana	2008
Características das aulas de Educação Física relacionadas ao esporte	Motrivivência	O discurso midiático e a formação de atletas: uma questão para educação física escolar	2013
Escola e políticas/programas de esporte	Motrivivência	Programa de formação esportiva na escola – atleta na escola – fundamentos lógicos e circunstâncias históricas	2015
Características das aulas de Educação Física relacionadas ao esporte	Revista da UEM	A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal	2009
Características das aulas de Educação Física relacionadas ao esporte	Revista da UEM	Motivação de escolares das séries finais de ensino fundamental nas aulas de Educação Física	2012
Características das aulas de Educação Física relacionadas ao esporte	Revista da UEM	Sentidos e significados do esporte no contexto da Educação Física escolar	2016
Características das	RBCM	Os conteúdos das aulas de	2012

aulas de Educação Física relacionadas ao esporte		educação física do ensino fundamental: o que mostram os estudos?	
--	--	--	--

Elaboração própria

4.2 - PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DAS ESCOLAS

1) CEF Marx

O PPP da escola trata o componente curricular de forma específica, reconhecendo a Educação Física como campo de conhecimento pedagógico ligado à cultura corporal, contribuindo para formação integral do estudante nas dimensões afetiva, cognitiva, social e motora, enfatizando que o processo de ensino e de aprendizagem permite correlacionar dimensões humanas a conhecimentos socialmente construídos, propiciando abordagem articulada a eixos transversais do currículo da SEEDF.

Foram verificados outros aspectos relevantes em relação ao trato da Educação Física no documento, sinalizando para uma abordagem crítica.

A dinâmica curricular no âmbito da Educação Física deve articular a possibilidade de fruição e apreensão crítica dessa prática social. Assim, a cultura corporal cumpre demandas que se desenvolvem em múltiplas dimensões da vida - social, econômica, afetiva, cognitiva, mediadas por intervenções pedagógicas sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história. (CEF Marx, 2018)

Em relação ao esporte, o documento faz alusão a ele no contexto da cultura corporal, trazendo o coletivo de autores como referência, mais uma vez se relacionando com uma perspectiva crítica.

Um detalhe importante observado em relação aos conteúdos da Educação Física, dentre eles o esporte, foi a autonomia dada ao professor sinalizando que ele não deve se restringir aos conteúdos relacionados na proposta curricular. Além disso, há uma tentativa de estímulo à diversidade dos conteúdos da Educação Física escolar.

A especificação de conteúdos relativos a elementos da cultura corporal (esporte, ginástica, jogos, lutas, atividades rítmico-expressivas), pela própria característica de construção permanente dessas práticas, aborda vasto rol de movimentos, que muitas vezes vão modificando-se, o que possibilita ao professor não restringir-se a conteúdos relacionados na proposta curricular. (CEF Marx, 2018)

O documento sinaliza também para captação de parcerias com o setor público e privado na busca de bem-feitorias e projetos na escola, dentre eles, aparece o esporte, porém sem especificar detalhes do projeto. Relata ainda, em outra ocorrência, que a escola possui uma quadra poliesportiva precária.

2) CEF Saviani

O PPP da escola não trata de forma específica sobre o componente curricular Educação Física. Apresenta, apenas, nas disposições gerais, algumas normas que o aluno deve seguir durante as aulas.

O documento relata sobre o clamor dos alunos por uma educação de qualidade, por uma escola que os acolha por todo o dia, com espaço para o lazer, escola integral e com esporte de qualidade. Vale ressaltar que o documento não se pauta no clamor dos alunos, porém em um trecho cita os alunos como partícipes no processo de enfrentamento na busca de uma educação de excelência, em que clamam por um esporte de qualidade, contudo sem se referir o que seria, para eles, esse esporte.

Os jogos interclasses são citados no documento como momento de integração entre os alunos em torno do esporte. Em contrapartida o documento faz uma alusão aos jogos escolares do Distrito Federal, da seguinte forma:

O CEF Saviani já tem inscrito seu nome em participações históricas do JESAM DF e inclusive com premiações. Neste ano de 2017, estaremos inscritos na 57ª edição dos Jogos Escolares do Distrito Federal, nas etapas regional, em princípio, e posteriormente, como é de se esperar, na etapa Distrital. (CEF Saviani, 2018).

Diante do exposto, é importante ressaltar que o destaque aos Jogos Escolares demonstra como essa é uma política prioritária para o esporte educacional no DF, mas, ao mesmo tempo, pode ser uma prova do predomínio do esporte de rendimento no âmbito escolar.

Outro equívoco foi em relação à data, haja vista que o documento é de 2018 e a redação do texto relata o ano de 2017, evidenciando que o projeto não passou por um novo debate, por uma nova construção coletiva, assim como deve ser. Simplesmente mantiveram o que já estava redigido no ano anterior.

Em suma, o PPP aborda de forma muito sucinta os aspectos relacionados ao esporte e à Educação Física, demonstrando um descaso com o componente curricular.

3) CEF Freire

O PPP não trata especificamente do componente curricular, a Educação Física aparece apenas quando se aborda os projetos Interclasse e Gincanão que são organizados coletivamente, porém liderados pela equipe de Educação Física.

Em relação ao esporte, o documento contempla elementos que requer uma reflexão mais detalhada. Os jogos interclasses se justificam da seguinte maneira:

Tendo em vista o principal interesse dos adolescentes do CEF Freire pelo futebol e queimada como esportes, incentivar a prática dessas modalidades é um mecanismo para se formar cidadãos com hábitos saudáveis de vida. O formato de competição vem com a perspectiva de aperfeiçoar a prática esportiva, o espírito de competitividade e senso de equipe e união como valor social importante para a vida. Propiciar momentos lúdicos e de interação entre alunos se faz necessário para a construção de valores sociais importantes. (CEF Freire, 2018).

Diante do exposto, alguns elementos devem ser debatidos. Primeiro a consideração do jogo queimada como esporte, além do incentivo à prática dessas modalidades, reforçando a hegemonia que essas possuem no ambiente escolar, sem a preocupação de oferecer o enorme acervo de jogos e modalidades. Talvez isso se justifique devido a outro projeto da escola, o Gincanão, porém não são explicitadas as atividades desenvolvidas nele.

Além disso, a citação ao futebol e à queimada reforça uma visão de senso comum sobre a aula de Educação Física, deixando subentendido um preconceito de gênero. “Meninos jogam futebol e meninas jogam queimada”. Essa questão ainda fortalece outro aspecto que é evidenciado na fala do P5.

O professor, às vezes, só entregava uma bola, não tinha uma metodologia, não tinha uma forma de ensino sistemática, não tinha na verdade uma sequencia de ensino, e aí, acabou que dava uma bola pros meninos, uma pras meninas, dividia a quadra, os meninos jogavam futsal metade da quadra, as meninas jogavam queimada e era isso aí, Educação Física o ano todo! (P5)

Isso reforça a ideia sexista em relação ao gênero nas aulas, além de fortificar a concepção de “aula livre”, sem planejamento pedagógico. Também é importante destacar que o incentivo à prática dessas modalidades se reduz ao objetivo de se

formar cidadãos com hábitos saudáveis de vida, desconsiderando as demais possibilidades que o esporte proporciona como elemento de formação.

Além disso, no que diz respeito ao aperfeiçoamento da prática esportiva e ao espírito de competitividade. Mesmo trazendo elementos subsequentes que relatam a ludicidade, interação e valor social, o projeto demonstra a preocupação de aperfeiçoamento da prática desportiva e do espírito competitivo, deixando de lado os aspectos cooperativos.

O esporte tratado e privilegiado na escola pode ser aquele que atribui um significado menos central ao rendimento máximo e à competição, e procura permitir aos educandos vivenciar também formas de prática esportiva que privilegiem antes o rendimento possível e a cooperação. (BRACHT, 2000, p.19)

4) CEF Teixeira

O PPP não trata sobre o componente curricular, a única menção referente à Educação Física é sobre o uso do uniforme, sinalizando que nas aulas os alunos devem usar a camisa do uniforme, bermuda, calça tãctel ou legging e tênis.

O projeto não aborda aspectos relevantes do esporte. Apenas menciona que a cidade oferece pouquíssimos locais para prática do esporte. Relata também sobre a importância de dar continuidade aos projetos educacionais buscando a integração do aluno na escola no sentido amplo de convivência e nos aspectos ligados à arte, letramento e esporte.

De fato, o projeto não aborda elementos específicos da Educação Física escolar e do esporte, assim como não discute as outras disciplinas de forma específica, dando uma ênfase maior aos aspectos gerais relacionados à educação e ao cotidiano da escola.

5) CEF Ribeiro

O projeto trata de forma superficial o componente curricular, trazendo o esporte apenas como um dos elementos da Educação Física, porém sem trazer detalhes específicos.

6) CEF Libâneo

Não aborda especificamente sobre o componente Educação Física, tampouco sobre o esporte. A única menção que faz, diz respeito à quadra de esportes.

7) CEF Montessori

A Educação Física não é abordada no PPP. Já o esporte aparece apenas relacionado aos jogos interclasses e ao JESAM (Jogos Escolares de Samambaia), enfatizando que o objetivo dos jogos é envolver as turmas na prática de esportes como alternativa de vida saudável, além de usar o esporte como forma de interação e conscientização de espírito coletivo e respeito mútuo.

Mesmo enfatizando que o objetivo dos jogos é envolver as turmas na prática de esportes, é notório que, especificamente, nos jogos escolares esse envolvimento não acontece, haja vista que existe um processo seletivo e apenas um percentual reduzido de alunos que participam.

Sendo assim, subentende-se que o documento sinaliza para uma concepção relacionada ao esporte de rendimento/competitivo, tratando-o de forma reducionista.

Segundo Kunz (2003), o esporte ensinado nas escolas enquanto cópia do esporte competitivo, não apresenta elementos de formação geral para se constituir uma realidade educacional.

8) CEF Vigotski

Nenhuma ocorrência a respeito da Educação Física. O esporte é citado apenas dentro do princípio da integralidade expresso no documento da seguinte forma:

O princípio da integralidade deve buscar o desenvolvimento em todas as dimensões humanas, com equilíbrio entre os aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores e sociais, por meio de práticas educativas associadas a diversas áreas do conhecimento, tais como cultura, artes, esporte, lazer, informática, entre outras, visando ao pleno desenvolvimento das potencialidades humanas. (CEF Vygotsky, p.12, 2018)

É importante ver o esporte relacionado a este princípio, citado como área do conhecimento e valorizando o ser integral nos aspectos cognitivo, afetivo, psicomotor e social, porém o documento poderia trazer alternativas de efetivação por intermédio dele.

9) CEF Piaget

Assim como as demais disciplinas, o componente é tratado de forma superficial e o esporte é citado apenas uma vez como conteúdo da Educação Física capaz de estimular os aspectos motores, sociais, afetivos e cognitivos dos

estudantes a partir de sua prática, contudo sem relatos mais aprofundados acerca do esporte.

10) CEF Freinet

Existe uma parte específica abordando o componente curricular, porém de forma superficial, além de não fazer alusão, em nenhum momento, ao esporte.

Um detalhe interessante exposto no documento diz respeito a uma pesquisa realizada na tentativa de traçar o perfil dos estudantes do CEF Freinet. Em relação à disciplina que os alunos mais gostam, no ensino fundamental, a Educação Física aparece muito à frente das demais. A amostra demonstrou que 131 alunos sinalizaram a favor da disciplina, bem adiante da matemática que aparece em seguida com 45 apontamentos. Um fator importante que deve servir de reflexão para os professores da área é que a relação de afetividade da disciplina perante os alunos pode não ser apenas um fator positivo.

Esse contexto pode reforçar a imagem que a Educação Física tem diante da comunidade escolar, que se trata de um momento de “recreação e lazer”, acarretando a desvalorização da disciplina em relação à comunidade, podendo, inclusive, interferir na construção do PPP, fazendo com que o componente seja secundarizado na elaboração e conteúdo do projeto.

Vale ressaltar que essa concepção muitas vezes se dá pela ausência de planejamento do professor, (aulas pautadas no espontaneísmo, vulgarmente conhecido como “rola bola”) fazendo com que os alunos gostem da disciplina, mas em contrapartida não a reconhecem com a mesma importância em relação às outras.

Como visto no capítulo 1, para nortear a organização do trabalho da escola, o primeiro ato fundamental é a construção do projeto político-pedagógico, o qual deve assumir a função de coordenar a ação educativa a fim de que ela atinja os seus objetivos. Veiga (1998) afirma que o projeto pedagógico aponta um rumo, uma direção, um sentido explícito para um compromisso estabelecido coletivamente. O PPP é a identidade da escola.

Diante disso, espera-se, em relação aos componentes curriculares, que os professores de todas as disciplinas participem ativamente da construção do documento, reconhecendo o valor significativo que ele possui, bem como suas

ações pedagógicas e fundamentação teórica. Os docentes devem compreender também sobre a enorme importância que tem a identidade da disciplina curricular contida no projeto, bem como sua vinculação direta ao documento.

Conforme consta na LDB (lei 9394/96), a Educação Física é identificada como componente curricular integrado ao projeto político pedagógico da escola, onde o professor deve se inserir no debate acerca da construção do projeto.

Esse fato é resultado do acúmulo de um debate crítico realizado na Educação Física durante a década de 80 e constitui-se em um acontecimento de significativa importância para o reconhecimento e valorização da Educação Física como disciplina integrante da grade curricular, bem como, do próprio professor de Educação Física como um dos atores da comunidade escolar, responsáveis pela construção coletiva do PPP da escola.

Kunz (2004, p.62) corrobora ao enfatizar que “essa presença é o que lhe atribui sentido, torna-a partícipe, conferindo-lhe um modo próprio de ser/estar no mundo escolar”.

Mesmo diante do exposto, as análises apontam que a Educação Física está insuficientemente integrada aos PPPs das unidades escolares, pois pouco se notou a sua presença e em alguns casos foi totalmente desprezada. Podemos verificar também que nenhum dos documentos sinalizou como o esporte deve ser trabalhado, nem sequer discute sobre o seu papel dentro da escola e da Educação Física escolar.

Vale ressaltar que o PPP do CEF Marx foi o que mais se aproximou na tentativa de debater a Educação Física e o esporte de uma forma mais detalhada. Juntamente com mais 3 documentos, foram os únicos que se relacionaram com o componente curricular de forma específica, porém esses outros tratam a Educação Física de forma superficial sem trazer elementos de abordagem do esporte como conteúdo.

Observamos ainda que nenhuma das escolas, por intermédio dos seus Projetos Político-Pedagógicos, abordou de forma mais relevante e aprofundada o esporte como manifestação da cultura corporal e conteúdo da Educação Física escolar, tampouco como um fenômeno cultural, o qual pode ter um trato pedagógico, sendo contributivo em diversos aspectos dentro do ambiente escolar.

Sendo assim, pensando a partir de uma construção coletiva, com participação efetiva dos professores, o PPP deveria conter informações específicas e ações pedagógicas acerca de todos os componentes curriculares, já que o documento é, também, um referencial pedagógico da unidade escolar.

Especificamente sobre a Educação Física, por estar fundamentada nas diretrizes curriculares e por fazer parte de um projeto de escolarização, necessita estar conectada ao Projeto Político Pedagógico da escola. Nesse caso, o professor é peça fundamental para fazer a articulação da disciplina ao projeto.

Mesmo diante do exposto, notamos certo distrato com a Educação Física e com o esporte nos documentos, que talvez tenha se efetivado pelo fato de o professor específico da área ter ficado à margem do processo de elaboração do PPP, seja por razões pessoais, institucionais ou culturais. A presença do professor é de fundamental importância, a fim de se posicionar e colocar sua visão de mundo, expressando a importância da disciplina, muitas vezes discriminada pela comunidade escolar. Diante disso, é relevante a presença do docente no processo de construção do Projeto.

A Educação Física escolar enquanto componente curricular é um dos responsáveis pela formação do cidadão, e por isso, deve participar das discussões referentes à construção do PPP [...] O professor de Educação Física, que é membro do coletivo escolar, tem tarefas e responsabilidades a cumprir e deve estar comprometido com o seu papel pedagógico e político. (DARIDO; VENÂNCIO, 2012, p. 103)

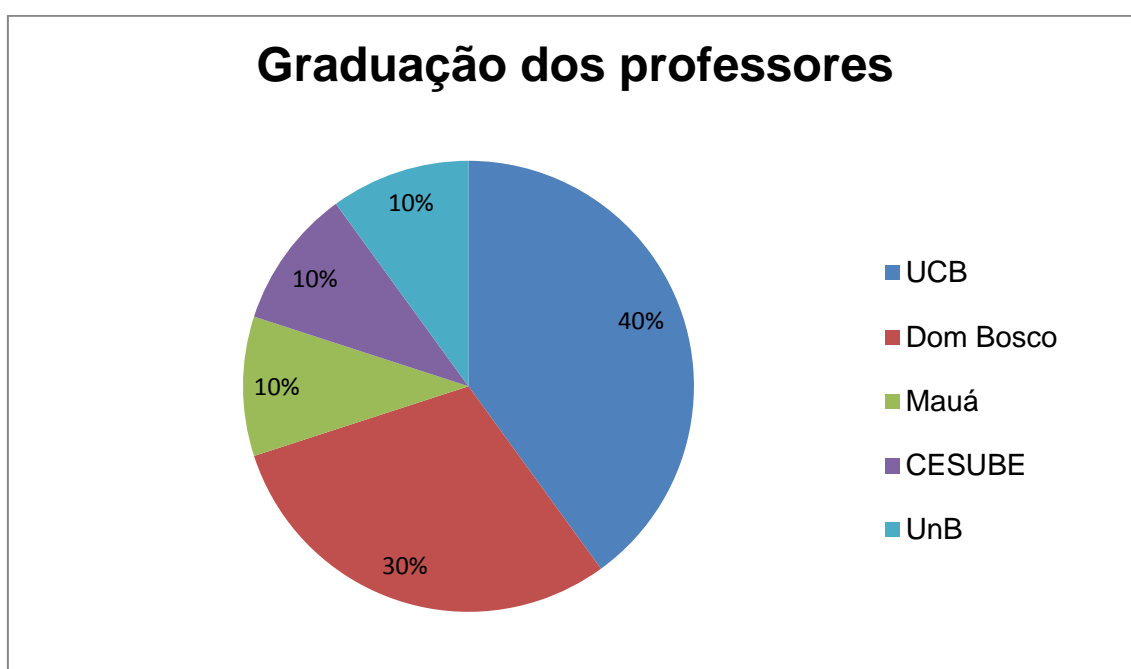
Mattos e Neira (2000) ratificam isso ao afirmarem que o professor de Educação Física deve buscar, a todo custo, uma integração com o trabalho desenvolvido na escola, colocando o componente curricular no mesmo patamar de seriedade em relação aos demais e fortalecendo o compromisso com a formação do estudante. Enfatizam ainda que em diversas escolas a disciplina de Educação Física encontra-se desprestigiada e relegada a segundo plano.

4.3 – TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL DOS ENTREVISTADOS

Abordaremos, nessa parte, a trajetória acadêmica e profissional dos professores entrevistados, na busca de compreender os motivos que os levaram a cursar Educação Física e serem professores da educação básica, procurando assimilar a relação que o conteúdo esporte possuiu durante essa trajetória, tentando investigar como ele foi abordado no decorrer da graduação.

Traçando o perfil acadêmico dos entrevistados, 90% são provenientes de instituições privadas de ensino superior, o que corresponde a 9 professores do total da amostra. A Universidade Católica de Brasília (UCB) aparece como destaque, 4 professores graduados nesta universidade e mais 3 na extinta Faculdade Dom Bosco, que posteriormente se vinculou à UCB. 1 professor (a) formado na Faculdade Mauá (DF), 1 na CESUBE (Uberaba) e mais 1 na UnB (Universidade de Brasília), representados no gráfico a seguir.

Gráfico 2 – Instituição de formação inicial dos professores entrevistados



Elaboração Própria

Em relação aos motivos que os levaram a cursar Educação Física e serem professores desta disciplina, 6 deles sinalizaram que a busca pelo curso se deu por conta da proximidade com o esporte, uns pelo gosto e outros por serem atletas de alguma modalidade esportiva.

Isso demonstra que o esporte influenciou a maioria dos entrevistados no que diz respeito à escolha do curso superior.

Eu me interessei pela Educação Física, pela parte esportiva, porque eu já fui atleta de futebol de campo, já fui atleta de handebol, já fui atleta de futebol de salão, né? O atual futsal e eu já fui atleta de remo, então durante a minha juventude eu participava muito, eu competia bastante, normalmente nos anos que eu estudei no colégio militar, eu praticava muito o desporto e eu criei esse interesse, né? E seguir como profissional de Educação Física. (P2)

O P1 relata que foi aluno atleta de handebol por 12 anos, chegando à seleção brasiliense estudantil, sinalizando uma inspiração em seus professores. “O que me inspirou a ser professor de Educação Física foram dois professores que eu considero os meus mestres, que foram os meus treinadores na escola.”

Assim como os demais, o P10, afirma ter optado pela Educação Física ainda no ensino médio, pois era atleta de vôlei. Já os professores P5, P8 e P9, afirmaram possuir uma relação de afinidade pelo esporte.

Eu sempre gostei muito de esporte [...] eu gostava muito de esporte, aí, eu sempre tive o desejo de trabalhar na área até mesmo pra fazer um pouco diferente do que eu vivenciei no Ensino Fundamental, onde o professor, às vezes, só entregava uma bola, não tinha uma metodologia, não tinha uma forma de ensino sistemática, não tinha na verdade uma sequência de ensino. (P5)

Figueiredo, ao pesquisar sobre a formação docente em Educação Física, relata que:

A maior parte das respostas afirmava que a escolha pelo curso decorria da identificação com o esporte de alto nível ou pela própria experiência escolar voltada ao esporte, ou seja, pela experiência social que o aluno mantinha com essa área do saber. (FIGUEIREDO, 2004, p.96)

A partir do que foi exposto, fica evidente a influência que o esporte possui no momento de escolha dos professores para cursarem a Educação Física.

Em relação à escolha da profissão, o P6 relata que atuava em área técnica, porém sentiu a necessidade de ter mais contato com o processo de formação das pessoas.

Eu acho que faria mais diferença pra sociedade se eu fosse atuante numa área dessas do que se eu fizesse um trabalho desses, que às vezes é até é mais bem remunerado, até mais bem visto socialmente, mas não se reverte em tanto benefício para a sociedade que a gente vive né? (P6)

A fala do entrevistado traz certa contradição. Pessoalmente, reconhece a importância da profissão de professor na formação humana, mas, ao mesmo tempo, pondera que existem profissões econômica e socialmente mais valorizadas.

Segundo Libâneo (2008), o professor é parte integrante do processo educativo pelo qual os membros da sociedade são preparados para formação na vida social, ou seja, cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos.

Dessa forma, o professor deve ser partícipe e mediador desse processo formativo, exercendo um papel de fundamental importância na constituição do cidadão.

Durante a graduação, os entrevistados possuíam professores que participaram do seu processo de formação. Já que o professor é parte integrante desse processo, tendo a responsabilidade de planejar e conduzir o ato pedagógico, elucidaremos, adiante, como o conteúdo esporte foi abordado por esses docentes.

A maioria dos professores entrevistados relatou que durante a graduação, os esportes eram abordados por disciplinas específicas de cada modalidade, sendo que 4 deles apontou que a metodologia de ensino possuía um viés mais articulado com os aspectos técnicos, relacionando-se com uma perspectiva voltada para o alto rendimento, ficando evidente na fala do P3.

O esporte dentro da graduação, ele é muito presente, de forma bem técnica mesmo, não é esporte como meio, é esporte como fim e acho que talvez daí a dificuldade quando a gente chega na escola pra trabalhar, porque aqui não pode ser o esporte como fim, né? O esporte como meio, então, talvez, surja daí tantas dificuldades que a gente enfrenta. Outra coisa que não condiz com a realidade é que na faculdade a gente tinha 20 bolas, 30 bolas, uma bola pra cada aluno, então todas as metodologias que os professores passaram ali, eu não posso usar aqui, na minha realidade com 40 alunos e duas bolas. Então, tudo tem que ser adaptado e essa adaptação a faculdade não ajudou, né? (P3)

Nesse sentido, o esporte como fim se assemelha ao esporte de alto rendimento e se circunscreve a seus códigos e valores. Já o esporte como meio, significa que ele pode ser um meio para se alcançar determinados objetivos específicos, como por exemplo: esporte como meio de inclusão, socialização etc.

Talvez esse tipo de situação ainda seja resquício do caráter esportivo da formação do licenciado em Educação Física, que predominou nos governos militares (1964 a 1985), haja vista que professores formados na década de 2000/2010 relataram esse tipo de perspectiva em suas formações. Outro fator de preponderância vem do paradigma da aptidão física que predominou nesse período e ainda tem forte influência na identidade epistemológica da área.

É possível perceber que no ensino dos esportes no âmbito da formação em Educação Física ainda predominam os aspectos pedagógicos restritos à competência objetiva ou técnica. Efetivamente, por centrarem-se na perspectiva da reprodução mecânica de alternativas bem sucedidas de solução para o

aprendizado de aspectos técnicos do esporte, as concepções de ensino não priorizam o desenvolvimento de situações didáticas que possibilitem a compreensão das inter-relações sociais que se constroem em sua decorrência. (KUNZ, 2004, p.71)

Foram identificados também relatos acerca de uma dualidade de abordagem, tanto com viés tecnicista, relacionado ao esporte de alto rendimento, quanto aos aspectos formativos relacionados à Educação Física escolar.

Na faculdade, foi uma formação assim, principalmente direcionada à técnica, à metodologia de ensino do esporte, mas, também, com essa preocupação de você formar não só o atleta, mas o cidadão. (P5)

O P5 sinaliza ainda que a preocupação em formar o cidadão se deu mais no estágio.

Estagiei em escolas e aí eu vi mais essa área mais voltada pro aluno, mas na faculdade eu creio que foi mais voltada pro atleta, apesar de não ser tanto assim, né? Mas teve uma tendência.

Isso evidencia que a formação muitas vezes se distancia da realidade escolar, direcionando para uma formação voltada para o ensino do esporte visando o rendimento.

Outro professor, ao ser questionado como era a abordagem do esporte na graduação, sinaliza da seguinte forma:

Dependia muito do professor [...] tive professores que orientaram a gente para um trabalho com formação, na nossa formação como professor e alguns outros, poucos, menos que esses primeiros, que nos, quase que nos preparavam como atletas. (P1)

A partir do relato é importante fazer uma reflexão em relação ao papel do professor no processo pedagógico, já que esse processo é conduzido por ele.

O P6 relata que os professores que possuíam uma história relacionada ao esporte aplicavam muita mais uma “pegada” de treinamento do que a questão pedagógica.

A fala do entrevistado evidencia que as relações e vivências relacionadas ao esporte, sejam anteriores ou atuais, podem influenciar na prática pedagógica do professor formador. Essa influência, a priori, não constitui um problema. Entretanto, a dimensão empírica não deve ser a única a compor o planejamento e intervenção pedagógica.

Em função de um contato muito elementar com determinados saberes, muitos professores buscam em sua prática pedagógica, como elemento de referência, os saberes das suas experiências e vivências. O professor que possui uma relação muito próxima com o esporte de alto rendimento pode acabar direcionando sua prática a partir dos princípios e características dessa experiência pregressa.

Isso fica evidente na fala do P8 ao relatar que o perfil do professor pode sinalizar a sua prática pedagógica.

[...] porque também tem o perfil do professor, você entendeu? Porque, as vezes, assim o professor, a metodologia do futebol é um treinador de futebol, ele não tem nenhuma assimilação com a escola, ele vai passar o quê? (P8)

Já o P7, que foi um dos poucos que sinalizaram que tiveram uma formação para o ensino do esporte mais voltado para a área escolar, evidencia em suas palavras a mesma linha de raciocínio ao ser questionado sobre a abordagem do esporte na sua formação.

Era mais voltado pra Educação Física Escolar. E eu tento trazer isso pras minhas aulas [...] eu trago esses conteúdos com a visão de vivência, eles vivenciar, não pra formar atletas. [...] Inclusive, eu tive alguns professores que eles eram próprios da Secretaria, então, tinha muito essa visão, né? Da Educação Física Escolar. (P7)

Dessa forma, o relato evidencia a importância da presença de professores na formação inicial e que saibam combinar o conhecimento técnico da modalidade com as especificidades do ambiente escolar.

Vale ressaltar que, mesmo com perspectivas distintas, a fala do entrevistado aponta novamente para a influência que a vivência do professor exerce em sua prática pedagógica. Nesse caso, os professores, por serem da Secretaria de Educação e terem uma proximidade maior com a escola, utilizaram-se de suas vivências para formar novos professores a partir dessa perspectiva.

Um dos entrevistados relatou que, durante a sua graduação, os professores da faculdade deram autonomia para que os alunos escolhessem uma abordagem mais voltada para o âmbito escolar ou não.

Na minha época, nós fomos preparados, teve até essa questão, na época, na própria faculdade, o que você ia querer. Você ia trabalhar mais fora da escola ou dentro da escola, então [...] foi feita uma abordagem em relação a isso e nós queríamos mais o que? Ser voltado para escola.

Isso demonstra a importância da implementação do planejamento participativo, envolvendo professor e alunos, reconhecendo-os como sujeitos do processo, a fim de se estabelecer uma proposta de trato pedagógico com o conteúdo esporte no âmbito da formação em Educação Física.

Os professores de Educação Física são fruto de uma formação dicotômica que o coloca entre dois campos: o da Educação Física e o do desporto. Essa dicotomia não se dá apenas por conta de uma estrutura curricular de base esportivizada e biologiscista, mas também pela falta de clareza acerca do perfil desse profissional. (BORGES, 1998)

Em suma, percebe-se que a amostra indicou que a formação técnico-desportiva predominou em relação à formação com caráter pedagógico voltado para a Educação Física escolar, conferindo ao licenciado uma formação com viés eminentemente esportivista, evidenciando um distanciamento entre a formação acadêmica e a prática pedagógica que se realiza no interior da escola.

É preciso ponderar que alguns professores foram formados antes da divisão do curso entre licenciatura e bacharelado. Mesmo contendo, na amostra, relato de professores com formação de viés esportivista dentro da licenciatura, é importante levar em consideração que após essa divisão é possível que essa dicotomia tenha sido reduzida e o contato com a realidade escolar tenha aumentado na licenciatura, deslocando essa formação para o bacharelado.

Diante disso, fica evidente que a universidade e a escola devem ter uma relação de proximidade, associando os que produzem o conhecimento aos que o aplicam, ou seja, articulando a teoria à prática para que a formação do professor seja condizente com a realidade que ele vai encontrar no ambiente escolar.

4.4 – ORGANIZAÇÃO E PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO

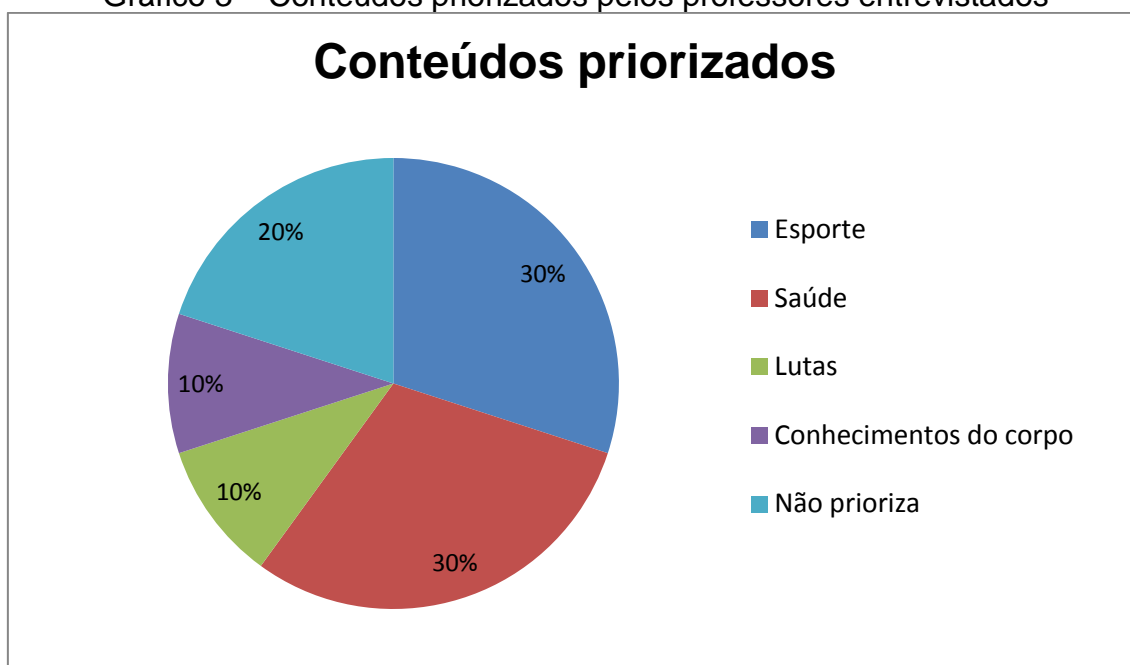
A partir de então, nesse subcapítulo, elucidaremos a respeito da organização e planejamento pedagógico para se abordar o conteúdo esporte no ambiente escolar.

A fim de procurar identificar, primeiramente, se o esporte aparece como conteúdo prioritário no planejamento do professor, foi perguntado qual dos

conteúdos da Educação física escolar é priorizado por eles em seu trabalho pedagógico com os alunos.

O “esporte” apareceu em condição de igualdade com o tema “saúde”, três professores sinalizaram priorizar o esporte e outros três a saúde. Um professor apontou ao conteúdo “lutas” e outro para o “conhecimento do corpo”. Dois professores sinalizaram que não priorizam um conteúdo em detrimento de outro, porém um deles indicou que trabalha visando à formação desportiva e a vivência motora, já o outro admite ter uma tendência voltada para a temática saúde, evidenciando a condição de igualdade dos dois conteúdos na amostra.

Gráfico 3 – Conteúdos priorizados pelos professores entrevistados



Elaboração própria

Os professores P2, P3, e P6, relataram dar prioridade ao conteúdo esporte, evidenciando que o mesmo possui maior proeminência em relação aos demais conteúdos.

Atualmente, a gente continua priorizando o desporto mesmo, o desporto coletivo, porém a gente tem dado uma margem maior para outras atividades, atividades lúdicas, né? (P2)

Todavia, o professor ressalta que essa margem maior para outras atividades não se dá pelo fato de querer oportunizar outros conteúdos da Educação Física e sim pela dificuldade de material e infraestrutura para desenvolver a modalidade esportiva.

O esporte, o esporte em si, ele é o mais priorizado aqui, por mim, gosto de trabalhar jogos também, jogos cooperativos, jogos competitivos, porque como todos, por conta dos esportes, os meninos se tornam, já é do ser humano, extremamente competitivos, então, quando a gente traz o jogo cooperativo, a gente consegue mostrar o outro lado pra eles [...] sempre enfatizando que o objetivo da escola não é formar atletas e sim cidadãos responsáveis, então todos os conteúdos tem essa abordagem social. (P3)

O mesmo professor, ao ser questionado se acha que o esporte tem relevância em relação aos demais conteúdos no planejamento, não hesitou em dizer: “Sim! Com certeza o esporte”. Acredita ainda que se trata de uma questão cultural e que a Educação Física escolar acaba se entrelaçando com o esporte.

Conforme nos alerta Bracht (2005, p.9):

Este fenômeno esportivo, com estas características, tomou como de assalto o mundo da cultura corporal de movimento, tornando-se sua expressão hegemônica, ou seja, a cultura corporal de movimento esportivizou-se.

Durante as entrevistas, alguns professores chegaram a relatar que a Educação Física se confunde com o esporte, chegando a ser tratados como sinônimos.

Pra mim, é sinônimo mesmo, você fala em Educação Física, você liga diretamente ao esporte, então, pra mim, não tem separação. Se você falou em esporte, você está falando em Educação Física, se você falar que vai trabalhar Educação Física Escolar, você vai trabalhar, fatalmente esporte, acho que não tem como você trabalhar Educação Física, desenvolver atividades durante o ano letivo sem trabalhar o esporte, então, assim, eu acho que está totalmente ligado. (P5)

Vago (1996) elucida a esse respeito ao enfatizar que o esporte é legitimado pela sociedade e é exatamente isso que garantiria legitimidade para o ensino da Educação Física na escola: ensinar esporte. Concluindo que a Educação Física quando ensina o esporte na escola conquista a sua legitimidade pedagógica, na medida em que perde a sua autonomia pedagógica.

Concomitante com o esporte, o tema saúde mostrou-se bastante relevante em relação ao planejamento dos professores entrevistados, sendo conteúdo prioritário de P4, P8 e P10.

Eu gosto de trabalhar saúde, eu gosto de trabalhar saúde com eles, porque é o conteúdo que eles pedem [...] o que eu gosto mesmo é saúde [...] pra que eles entendam a necessidade do esporte, da atividade física. (P10)

Diante do exposto, o professor enfatizou que a saúde aparece com protagonismo em relação aos demais conteúdos e, nesse caso, o esporte, na sua concepção, passa a ser um meio para se promover saúde.

Na mesma perspectiva do professor anterior, P8, ao ser indagado sobre qual conteúdo era priorizado em seu planejamento, relatou:

No meu particularmente é a promoção de saúde [...] questão de nutrição, prevenção, mas principalmente no âmbito da alimentação [...] qualidade de vida, bem-estar. (P8)

Reforça ainda a ideia de que o conteúdo se aproxima mais da realidade dos alunos, enfatizando a importância de abordá-lo na tentativa de se criar um artifício de prevenção e não de tratamento.

A compreensão dos professores acerca dessa temática se relaciona com a abordagem da saúde renovada, onde a saúde é tratada de forma direta através de aulas teóricas e práticas.

A abordagem saúde renovada tem por paradigma a Aptidão Física relacionada à Saúde e por objetivos: informar, mudar atitudes e promover a prática sistemática de exercícios [...] deve abranger todos os alunos e não somente os mais aptos. (DARIDO e RANGEL, 2011, p. 16).

Em relação ao planejamento e organização pedagógica para o desenvolvimento do conteúdo esporte nas aulas de Educação Física, a maioria apontou fazer o planejamento de forma coletiva com os demais professores de Educação Física da escola. Metade da amostra sinalizou trabalhar um esporte por bimestre, dentre eles o futsal, basquete, vôlei e handebol, evidenciando a hegemonia das quatro modalidades no ambiente escolar, conhecida popularmente por “quarteto fantástico”.

Inicialmente, no começo do ano, como a gente faz o planejamento anual, eu conversando com os outros professores também de Educação Física [...] eu defini que trabalharia um esporte por bimestre [...] e defini que trabalharia no primeiro bimestre o futsal, segundo bimestre voleibol, terceiro bimestre basquetebol e o quarto bimestre handebol. (P5)

Embora reconhecendo trabalhar as quatro modalidades específicas, alguns professores relataram abordá-las em conjunto com outras modalidades e/ou conteúdos.

No início do ano a gente faz o planejamento de curso e eu procuro colocar um conteúdo por bimestre, um esporte por

bimestre e um tema transversal também para ser trabalhado junto com aquele esporte por bimestre. (P3)

Trabalho um grande esporte por bimestre separado, mas não apenas ele. (P10)

A fala do P10, ao utilizar o termo “grande esporte”, o associa novamente às quatro modalidades como se elas estivessem num grau de importância maior em relação às demais.

Betti (1999) corrobora ao afirmar que o esporte se tornou o conteúdo hegemônico na Educação Física, porém apenas algumas modalidades são eleitas pelos professores, onde geralmente o ano é dividido em “bimestres letivos” e, nesses períodos, trabalha-se um desporto (futebol, vôlei, handebol e basquete) em cada bimestre.

Mesmo diante dos apontamentos em relação a essas modalidades específicas, alguns professores abordam o conteúdo esporte de formas distintas.

Ao ministrar o conteúdo, o P2 relata:

Eu utilizo uma aula semanal pra fazer esse trabalho com relação ao desporto, pra passar os fundamentos do desporto, as técnicas, as táticas, então a gente utiliza uma aula semanal. (P2).

Diante do exposto, a abordagem do professor para o ensino do esporte, em uma aula específica na semana, parece se relacionar com um ensino mais voltado para a aprendizagem da técnica, sem se preocupar com os aspectos lúdicos.

Já o P3, mesmo reconhecendo dar ênfase ao “quarteto fantástico”, procura trabalhar de forma mais crítica.

Nós professores, temos a obrigação de mostrar o esporte como meio e não somente como fim, né? Então, é aquela questão, que eles veem e querem jogar e querem fazer como eles veem na mídia, então, cabe ao professor mostrar que não, que não é assim, que na hora do empurrão ali, você tem que pedir desculpas, pegar na mão do colega, ajudar a levantar, então, a gente tem sim, trabalha sim, muito esporte na Educação Física Escolar, mas é nossa obrigação trazer esse lado social. (P3)

A outra metade sinalizou não priorizar o trabalho de um esporte específico por bimestre. Inclusive o P9 procura oferecer uma gama maior de esportes, tentando fugir do tradicional, enfatizando que o currículo da SEEDF contempla a abordagem de outros esportes.

Fazendo um recorte do 7º ano, a título de exemplo, o currículo sinaliza que:

Vivenciar diferentes modalidades esportivas procurando ampliar a compreensão de sua historicidade, aspectos sociais,

políticos e culturais, suas regras e fundamentos técnicos e táticos das modalidades praticadas. (SEEDF, 2018)

Além disso, utiliza o termo “etcétara”, deixando em aberto a possibilidade de o professor lançar mão de outras modalidades.

Esportes de marca (atletismo, natação, ciclismo etc.), esportes de precisão (bocha, arco e flecha, boliche etc.), esportes de invasão (basquete, futsal, handebol etc.) e esportes técnico-combinatórios (ginástica artística e ginástica rítmica etc). (SEEDF, 2018)

É importante lembrar, assim como sinalizado no capítulo 1, que essa previsão está fundamentada na segunda versão do currículo da SEEDF, que foi atualizado a fim de se ajustar à BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

Então, assim, eu acho que a gente tem um leque muito grande de atividades, o esporte coletivo mesmo, hoje em dia se fala muito, aqui em Brasília, pelo menos, tem uma equipe boa de rugby, né? Eu conheço pouco ainda, porque eu tô aqui há pouco tempo. Mas eu sei que tem, eu acompanho jornal, né? A questão do atletismo da marcha, a gente tem um representante. Então, assim, eu acho que essas representações regionais, tinham que ser mais aproveitadas. (P9)

As representações regionais são previstas na própria LDB (Lei 9394/96), onde os currículos da Educação Básica devem levar em consideração as características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

Três professores, P6, P7 e P10, relataram inserir jogos para contemplar o ensino do esporte.

Eu sempre trabalho primeiro a fundamentação teórica, pra depois a gente ir pra prática [...] e são os jogos educativos né? Gosto muito de trabalhar com jogos educativos, pra mostrar o que, aqui é o passe, aqui é o chute, então, eu trabalho muito com os jogos educativos quando eu saio da parte teórica eu vou mais pra essa parte prática, então, os jogos educativos. (P7)

O P6 relata trabalhar com os jogos a fim de contemplar algum objetivo específico no ensino de alguma modalidade esportiva.

Pego a modalidade que me atende melhor dentro do objetivo que eu tenho, seja ele motor, desenvolvimento motor, seja ele de outras características né? Psicológicas, sociais, tudo [...] eu trabalho um conteúdo voltado pra apresentar os esportes pra eles, assim, eu tento abordar o máximo de modalidades possíveis né? [...] a ideia é dar a modalidade de uma forma muito mais lúdica né? [...] então eu fazia muitos jogos. (P6)

Para Freire (1991), no contexto da educação escolar, o jogo proposto como forma de ensinar conteúdos às crianças não se trata de um jogo qualquer, mas sim de um jogo transformado em instrumento pedagógico, em meio de ensino.

Em relação ao lúdico, Bracht, citado por Assis (2001, p. 200), enfatiza que “o desporto na escola, deve preservar ou recuperar o caráter lúdico, devendo, portanto, estar a ação pedagógica voltada para tal”.

O P1, de forma similar, procura abordar o esporte por meio de circuitos de atividades para trabalhar determinada fundamentação da modalidade, porém, anteriormente, o professor relatou considerar o conhecimento prévio dos alunos em relação ao conteúdo.

Eu desenvolvo com eles, primeiro a observação daquilo que eles trazem de histórico motor e vivencial do que indica os fundamentos do desporto [...] depois dessa observação inicial, identificando aquilo que é necessário pra intensificar aqui ou ali com o desenvolvimento mais adequado, a gente vai trabalhando com implemento, propriamente dito, que é o estimulador deles, a gente não pode levar, deixar de levar isso em conta, pra conquistar o aluno, você precisa dar um elemento estimulador. E no caso deles é a bola (P1)

Mesmo especificando apenas o aspecto motor, o professor levou em consideração as vivências e conhecimentos anteriores dos alunos, assim como sugere Saviani no início do processo educativo.

Segundo Saviani (1999), a prática social inicial envolve uma antecipação do que lhe será possível fazer com alunos cujos níveis de compreensão ele não pode conhecer no ponto de partida, a não ser de forma precária.

A partir de então, o professor afirma que desenvolve elementos de construção da identidade desportiva com a vivência diária nas aulas. Durante esse processo, relatou demonstrar aos alunos aquilo que eles precisam vivenciar.

A parte conceitual, eu trabalho num momento e demonstrando a eles aquilo que eles precisam viver. Aí a gente vai vivendo junto, é um processo de vivência coletiva. Eles vivem entre eles e eu vivo junto com eles. (P1)

Essa relação evidencia um processo participativo de aprendizagem entre professor e aluno. Ao ser questionado de forma direta se utiliza o ensino aberto fazendo com que o aluno participe do processo, respondeu:

Sim! Porque eles precisam sentir. E aí, dentro de cada aula, um rodízio de alunos pra montar o circuito. Eles próprios se dispõem. Isso é bacana porque, quando você abre o espaço

pra que ele passe a um outro aspecto dessa relação, ele abraça a disciplina com prazer maior. (P1)

Diante do exposto, o professor parece se relacionar com um processo autônomo de aprendizagem no qual os alunos, em determinados momentos, exercem um papel de protagonista, entretanto de forma supervisionada pelo professor.

Em contrapartida, em uma outra escola, os alunos parecem exercer o mesmo papel de protagonista, porém de forma distinta. O P8 expôs que não costuma trabalhar muito com o esporte e que os alunos ficam, quase sempre, com uma aula livre. Declara ainda que o esporte só aparece em seu planejamento porque está previsto na diretriz curricular.

Não obstante, o professor relata que:

Grosseiramente, assim, não que eu seja o professor rola bola, você entendeu? Que deixa os meninos lá e vou resolver outras, então assim, com todos os meninos lá na quadra, eles gostam muito, eles têm muita afinidade com queimada e com futebol. [...] De forma mais prática, é queimada e futebol! Então, assim, eu trabalho às vezes, então assim no conteúdo de vôlei, mas não chego, algumas vezes a relacionar a prática com a teoria. Às vezes eu passo um conteúdo, mas lá acontece outra coisa porque, basicamente, não são obrigados a fazer a aula, você entendeu? (P8)

Gonzáles (2015), ao explicar sobre a atuação dos professores de Educação Física escolar, expõe que o abandono do trabalho docente é o tipo de atuação profissional que recebe no Brasil denominações como “rola bola”, entre outras.

Em linhas gerais, trata-se da atuação do professor que não apresenta grandes pretensões com suas práticas; talvez a pretensão maior seja a de ocupar seus alunos com alguma atividade. Com frequência, a ação se reduz a uma simples administração do material didático. Em resumo, como consequência desse não se empenhar ou dessa ausência de pretensões de ensino, o que se nota é a configuração de um fenômeno que podemos denominar “não aula”. De tal modo, nos referimos dessa forma a um tipo de atuação caracterizada pelo abandono da tarefa de ensinar ou desvinculada do papel docente. (GONZÁLES, 2015, p. 5)

Diante do exposto, nota-se que esse tipo de aula tem como principal característica a falta de intervenção do professor, que se expressa em situações em que os alunos escolhem a atividade que querem participar, em regra, optando pelo “jogar bola” (futsal), no caso dos meninos, e queimada no caso das meninas, reforçando a hegemonia dessas modalidades no ambiente escolar, além de reforçar

a separação entre gênero. Em alguns casos, os alunos, simplesmente optam por não fazerem nada durante a aula.

Além do relato do P8, podemos notar também a opção dos alunos em relação a essas modalidades na fala do P10. Ao ser questionado se prioriza alguma modalidade esportiva, sinalizou que não, porém evidenciou que os alunos gostam mais de futsal.

Os professores P3, P4 e P7 sinalizaram priorizar o atletismo em seus planejamentos, segundo eles, essa modalidade serve como base para todos os outros esportes, porém isso não sinaliza que seja a que os alunos mais gostam.

Eu gosto de priorizar o atletismo [...] porque ele é mais amplo, ele ensina a correr, ele ensina a saltar, então são muitas modalidades dentro de uma, muitas categorias dentro de uma modalidade. (P3)

Eu, no sexto ano, a primeira coisa que eu gosto de trabalhar é atletismo porque é a base de todos os outros esportes. (P7)

Geralmente é as que eu gosto mais, que eu vivenciei mais! O atletismo né? [...] mas o que eles gostam mais, masculino é o futebol, no caso futsal. As meninas é voleibol e handebol. (P4)

Os demais professores relataram não priorizar qualquer tipo de modalidade esportiva. Mesmo declarando não priorizarem uma modalidade específica, ficou evidente que o “quarteto” aparece com destaque nos planejamentos dos entrevistados.

O P1 enfatizou que a priorização não é adequada.

Não entendo priorização como adequada. Mesmo porque, eu estou dando aula. Imagina um professor de matemática que só gosta de fração? Que só vai viver fração, ou regra de três, ele não vai avançar em elementos que vão construir o conhecimento do aluno, a Educação Física é de formação inclusiva! No nosso caso, o princípio que a gente segue é esse! Eu preciso como professor de Educação Física, dentro da série, da turma, do ciclo, do bloco que o aluno se encontra, a gente vai desenvolver aquilo que atende aquela, aquilo que é previsto na diretriz pedagógica e aquilo que a gente entende ser adequado e essencial pra eles. Então, por exemplo, a gente não corre com a modalidade! A gente não tem intenção de sair daqui com atletas! Inclusive, uma fala comum de nós quatro. Nós aqui não formamos atletas, nós formamos alunos! (P1)

O professor relata ainda que não gosta de ser técnico, que não entende o ambiente da sala de aula para desenvolver aspectos técnicos.

Pra sala de aula, eu não entendo o aspecto técnico como mais importante. Eu entendo que, pra que o aluno consiga ter, entrar

na vivência, em todos os campos desportivos que ele venha querer desenvolver pra vida dele ou até mesmo de relação, porque o desporto, na nossa visão, digo nossa porque, da área de Educação Física, a gente consegue com atividade de Educação Física desenvolver elementos dos mais diversos, com esses alunos e de modo concreto para aplicação da vida deles. Eu consigo ver isso na Educação Física com uma clareza absurda! Não consigo ver em outra! Na Educação Física eu consigo! (P1)

Fica evidente, a partir de sua fala, que o professor se distancia de uma abordagem tecnicista, privilegiando e oportunizando a vivência do esporte a fim de que os alunos se apropriem da gama de elementos pertencentes a cada modalidade, com o intuito de desenvolvê-los e aplicarem ao longo de sua vida.

Questionado se segue alguma teoria ou abordagem pedagógica para o ensino do esporte, o professor relatou gostar do modelo Piagetiano, onde consegue observar características de cada indivíduo e a partir dessa observação tentar desenvolver nele aqueles aspectos que para ele parece ter mais sentido.

O modelo Piagetiano tem relação com a abordagem construtivista-interacionista da Educação Física.

Conforme Piaget, a intenção no construtivismo é a construção do conhecimento a partir da interação do sujeito com o mundo [...] O construtivismo na área de Educação Física tem o mérito de considerar o conhecimento que o aluno previamente já possui. (DARIDO, 2011, p.11)

Os demais professores relataram não seguir qualquer tipo de teoria ou abordagem pedagógica, com exceção do P7, que expôs gostar muito da teoria histórico-crítica, contudo afirmou não levar explicitamente para dentro do planejamento, afirmando que se materializa na sua prática pedagógica.

Isso demonstra o desconhecimento por parte dos professores em relação aos pressupostos teóricos, que fundamentam o currículo da Secretaria de Educação e que, em alguns casos, quando conhecem, desconsideram.

O Currículo da Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal fundamenta-se na Pedagogia Histórico-Crítica e na Psicologia Histórico-Cultural, opção teórico-metodológica que se assenta em inúmeros fatores, sendo a realidade socioeconômica da população do Distrito Federal um deles. Isso porque o Currículo escolar não pode desconsiderar o contexto social, econômico e cultural dos estudantes. A democratização do acesso à escola para as classes populares requer que esta seja reinventada, tendo suas concepções e práticas refletidas e revisadas com vistas ao atendimento às necessidades formativas dos estudantes, grupo cada vez mais heterogêneo que adentra a escola pública do DF. (SEEDF, 2018)

4.5 – JOGOS ESCOLARES E A EDUCAÇÃO FÍSICA

A partir de agora nos debruçaremos acerca da relação entre os jogos escolares e a Educação Física escolar. A análise tem o intuito de investigar como os professores entrevistados percebem essa relação. Essa competição também foi destacada pelo protagonismo que vem ganhando entre as políticas de esporte educacional, seja em âmbito local, seja nacional.

Os “jogos escolares da juventude”, etapa nacional, surgiram em 1969 com a nomenclatura de “jogos estudantis brasileiros”. Atualmente os Estados e Municípios promovem suas próprias disputas, balizadas a partir do regulamento geral dos jogos da juventude, que servem como seletivas para a competição nacional.

No âmbito do Distrito Federal, os jogos são disputados em duas etapas: Etapa Regional, dentro de cada regional de ensino, e Etapa Distrital. JEDF – Jogos Escolares do Distrito Federal – os campeões da etapa regional e melhores classificados no ano anterior.

A fim de tentar compreender a relação entre os jogos e a Educação Física escolar, os professores entrevistados foram questionados se participam e como se dá o processo de seleção e preparação para os jogos.

Dos 10 professores entrevistados, 7 relataram não participarem dos jogos atualmente, porém alguns sinalizaram que já participaram em algum momento.

O P1 relata que, em um período anterior, a escola tinha espaço e logística de grade horária do professor para desenvolver equipes para participar dos jogos, porém, em determinado momento, os professores de Educação Física observaram que não tinham um espaço na escola para atender o conjunto de alunos.

E nós pensamos da seguinte maneira: como é que eu vou solicitar a um professor que me ceda um espaço onde tá trabalhando conteúdo com 34 alunos, que tá dando formação para esse aluno, para que ele tenha vivência social, coletiva adequada, o espaço escolar intensifica dentro dele, tirando espaço de aula, porque a nossa sala de aula é a nossa quadra, isso é bem claro pra gente! [...] Eu não posso, é só uma questão que a gente coloca, pedir que um professor abra mão de atender a 34 alunos pra eu trabalhar com 10. Eu não posso! Eu não estaria cumprindo meu papel como professor de escola! (P1)

Diante do exposto, nota-se que a escola possui uma dinâmica, com seus espaços e objetivos específicos e que o esporte possui suas características

particulares. Portanto, como se pode trabalhar o esporte relacionado à competição no ambiente escolar a partir do momento que essa logística não permite?

A escola tem especificidades que precisam ser respeitadas; isso “obriga” todo e qualquer tipo de saber que pretenda adentrar a escola a passar pelo crivo dessas especificidades, tornando-se um saber tipicamente escolar. Portanto, e sem negar o potencial educativo do esporte, é preciso que o esporte passe por um trato pedagógico para que se torne um saber característico da escola e que se faça educativo na perspectiva de uma determinada concepção ou projeto de educação. (BRACHT e ALMEIDA, 2003, p. 97)

Posto isso, seria possível trabalhar o treinamento com vista aos jogos escolares nas aulas de Educação Física no turno regular? Conforme indicam os autores, o esporte deve ser pedagogizado com o intuito de ser abordado como conteúdo da Educação Física escolar, não cabendo maior atenção a preparação aos jogos. Surge como alternativa a fim de atender a essa demanda a prática desportiva no contra turno de aula como atividade extracurricular.

O professor declara que até tem vontade de voltar a competir, mas que não vai sacrificar os alunos da aula por conta de um capricho para atender uma minoria e que a própria Secretaria de Educação afastou as escolas públicas e os professores das atividades de competição. Entretanto, dados recentes apontam para uma maior adesão das escolas públicas aos jogos.

Conforme aponta Lopes (2019), baseada em dados do GEFID (Gerência de Educação Física e Desporto Escolar) da SEEDF, entre 2012 e 2014, tornou-se visível a inversão da participação de estudantes de escolas públicas e privadas. Em 2017, o quantitativo²⁰ de estudantes das escolas públicas já era muito maior.

O relato do professor se deve ao fato de que em um período anterior, os professores atendiam os alunos no contraturno, com tempo e espaço disponível, para atendê-los com o desenvolvimento de equipes para participarem de competições. Evidencia que nos moldes atuais, na grade regular, não seria prudente atuar dessa forma, o que ocasionaria prejuízo a uma ampla quantidade de alunos.

O P2 reforça o pensamento do anterior ao relatar que:

Antigamente, a Educação Física era fora da grade horária, então a gente ministrava as aulas no turno contrário, e aí, era uma excelente oportunidade pra gente, além de ministrar a Educação Física Escolar, a gente montar as equipes pra participar das diversas modalidades que os jogos de

²⁰ Conforme os dados da GEFID, no ano de 2017, 14985 estudantes participaram dos jogos escolares, onde 9930 (66,26%) eram das escolas públicas e 5055 (33,74%) das escolas particulares.

Samambaia ofereciam, mas, com a inclusão da Educação Física na grade horária, ficou muito difícil, porque aí a gente, por exemplo, pra treinar a gente vai tá discriminando aquele aluno que não gosta, não participa, na hora, vocês vão ficar aqui, que eu vou treinar o time que vai, a equipe que vai disputar o JESAM, então, a partir dessa ótica, eu, realmente, fiquei muito desestimulado e desisti de participar. (P2)

É importante ressaltar que a Educação Física se unificou à grade horária, a fim de se integrar ao projeto pedagógico da escola em articulação com os demais componentes curriculares, atendendo ao dispositivo da LDB. “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica”.

Na mesma linha de raciocínio, o P7 relata que nunca participou devido às questões de logística externa, como, por exemplo, o transporte para levar os alunos aos jogos, assim como as dificuldades internas no processo de preparação.

Fazer dentro das aulas? Mas aí você vai ter que tirar quem não joga? Não, aqui o time que vai participar! E aí, como é que fica você como educador, como, que eu vejo muito, gosto de ver muito educação inclusiva mesmo, que abraça todos. Como que a gente vai desenvolver isso? É muito difícil! [...]

O professor demonstra ser um entusiasta da educação inclusiva que abraça todos os alunos. Diante disso, reforça que a competição é excludente.

É, a seleção a gente vai ter que fazer o processo de observação, de quem tem mais habilidade, tem que ser. Infelizmente, a competição é exclusiva né? Exclui mesmo! (P7)

Se você for participar tipo de uma competição, você vai excluir, vai ter que excluir, oh, vem aqui, você, você, você! E porque eu não fui? Complicado! Você tem que, são crianças né? Como é que eu vou falar: oh, o outro tá melhor por esse quesito e tal, mas, quem sabe numa próxima você não vai?

Frizzo (2013) corrobora ao afirmar que esta forma de trabalhar com o conteúdo esporte nas aulas de educação física, sob o viés da competição, contribui para a adaptação e "naturalização" de relações individualistas e competitivas entre os alunos, os quais convivem com formas de inclusão e exclusão a partir de demandas que transcendem a forma escolar.

Não obstante, o P8 demonstra pensar como os demais que optam por não participar dos jogos, pois o processo de preparação foge da realidade por não ter espaço suficiente nem tempo hábil para tal. Além disso, declara não ter interesse pessoal em participar dos jogos.

Já o P6 alega não participar dos jogos e que, no seu entendimento, esse tipo de competição deveria ter como representantes os CIDs (Centro de Iniciação Desportiva) e não as escolas. Caso fossem as escolas, deveriam se remeter a algo muito mais social, não com o foco competitivo.

Você seleciona muitos poucos alunos em relação à quantidade que você tem, pra participar de um evento muito fechado, ali, e às vezes, com o cunho muito competitivo. (P6)

Em relação aos CIDs e à escola, o P1 elucida que:

O modo como é estruturada tanto a grade como a área de Educação Física hoje nas escolas, a Secretaria nos afastou das atividades de competição, ela nos tirou, colocou os CIDs no lugar das escolas. E eu considero isso de um aspecto de um prejuízo pedagógico gigantesco! Que eu nunca vi, mesmo quando era eu, aluno-atleta, eu não conseguia enxergar as competições exclusivamente com o aspecto de competição pura e simples, por isso, havia um monte de coisa ao redor disso [...] Que agregava valores inclusive, dentro do processo!

Como visto no capítulo 3, os CIDs atendem aos alunos matriculados na rede pública de ensino em turno contrário, onde são oferecidas várias modalidades esportivas.

Para essa especificidade a proposta é válida, já que os CIDs objetivam proporcionar aos alunos da rede pública o conhecimento técnico e tático de diferentes modalidades desportivas, buscando identificar diferentes aptidões e interesses dos estudantes, ampliando o processo de seleção e formação de futuros atletas. (SEEDF, 2018)

É aí que nasce o embate! Os Cids são responsáveis pela iniciação desportiva, talvez seja o espaço ideal para ocorrer o processo de preparação para os jogos escolares. Contudo, deve-se levar em consideração, que os CIDs, mesmo que sejam voltados para o treinamento, não pode limitar a participação apenas aos mais habilidosos. Em tese, qualquer aluno matriculado na rede pública tem direito a participar do CID.

No entanto, essa incumbência passa a ser da escola a partir do momento em que as diretrizes preveem que é dela a responsabilidade de se inscrever nos jogos. Como preparar as equipes e os alunos se não é ofertada condições de organização dentro da própria escola, acarretando enorme prejuízo quando esse tipo de processo ocorre na grade horária regular de Educação Física.

O P9 relata que uma possível solução para corrigir o problema seja a oferta da prática desportiva, similar ao que acontece nos CIDs, no contraturno escolar. Isso evidencia que se é pra escola ser representada nos jogos, que essa preparação ocorra dentro dela e não nos CIDs, já que é o professor da unidade escolar que acompanha e participa de todo o processo.

Para que isso se concretizasse de fato, a Secretaria de Educação seria responsável em efetivar uma necessária e ampla reestruturação curricular, de grade horária e infraestrutura.

O P10 declara não participar, assim como os demais, pela falta de logística e tempo, além de questões internas da escola relacionadas à violência. Mesmo diante do relato, o professor sinalizou que se as condições de preparação fossem adequadas, participaria dos jogos, evidenciando que os jogos escolares precisam ser fortalecidos.

Fortalecer os jogos escolares é o que nós precisamos, porque você tem os jogos escolares feitos pela rede pública, organizados com o dinheiro público, para as escolas particulares vencerem. (P10)

Seguindo o mesmo caminho o P1 declara:

Eu vejo hoje, os jogos promovidos pelo Governo do Distrito Federal, como jogos exclusivos para atender as escolas particulares. A maioria das modalidades representadas em torneios nacionais são de escolas particulares. Nós estamos fora! Nós estamos fora! A Secretaria hoje não nos permite, não fornece espaço, nem condições pra que a gente possa participar de um torneio, dando a esses nossos alunos um outro patamar de vivência. Não tem mais! (P1)

Costa (2015), ao analisar acerca do esporte escolar competitivo, traz em seu artigo o caso de um professor atuante na área de basquetebol que corrobora com a soberania das escolas privadas de ensino.

Está há 14 anos trabalhando com o esporte escolar. Conhece a estrutura do antigo JEB's por ter feito parte da equipe que organizava os jogos escolares do Distrito Federal no início da década de 1990. Trabalha há 15 anos numa escola privada que tem tradição em fomentar o esporte escolar e, por isso, pôde desenvolver trabalhos que o conduziu à participação em todos os eventos escolares nacionais, desde 2000, como representante do DF nesses eventos. (COSTA, 2015, p.78).

A partir da colocação, percebe-se que durante 15 anos a mesma escola, nesse caso uma instituição privada de ensino, foi a representante do Distrito Federal em todas as edições dos jogos em âmbito nacional.

Como relatado anteriormente, mesmo diante do exposto, o cenário vem se alterando e, atualmente, os dados demonstram que as escolas públicas têm participado em maior quantidade, porém os resultados ainda apontam certa hegemonia das escolas particulares em relação às públicas, principalmente nas modalidades coletivas, que correspondem ao maior número de participantes que obtêm melhores resultados nos jogos.

Lopes (2019) após analisar os anos de 2017 e 2018, infere que não há como fazer uma análise aprofundada, mas pode-se dizer que as escolas públicas, nas modalidades coletivas, apesar de participarem em maior quantidade, chegam em menor proporção as primeiras colocações.

A fim de tentar solucionar essa problemática, o professor 1 sugere um retorno aos moldes anteriores.

Não se pode levar pra uma competição dessa uma escola, você tem que levar o estado, o estado é um coletivo, é um conjunto, como na minha época, quando eu treinava, tanto na seleção de handebol como na de voleibol, nós tínhamos colegas da rede privada e da rede pública. (P1)

Talvez essa não seja a melhor solução. Na verdade, seria um retrocesso, já que essa formatação tem uma tendência a ser ainda mais excludente. Afinal, esse modelo selecionará os melhores do Estado para a seleção, deixando de fora muitos integrantes da escola que venceram os jogos locais.

Contraopondo-se aos demais professores, os P3, P5 e P9 declararam participar do

O P3 relata que, mesmo diante das adversidades, principalmente em relação ao tempo de preparação, participa dos jogos. Ao ser questionado como se dá o processo de preparação, declara:

Então, os alunos são escolhidos nas aulas, como é uma competição, a gente prioriza aquele de maior habilidade, mas, eu, particularmente, precisa ser um bom aluno na quadra e um bom aluno em sala, é feito, todos os professores sabem do processo, e a gente tá sempre em conversas com os outros professores, caso o aluno atleta não esteja sendo um bom aluno, ele é convidado a se retirar ou a gente faz aquela pressão pra ver se ele melhora, e que tem dado resultado dentro de sala, porque eles não querem ficar sem participar. Sobre o treino, é feito no horário de coordenação e nos outros dias que eu não deveria estar na escola, nos dias de CPI, né? Coordenação Pedagógica Individual estou usando para dar os treinos. (P3)

Diante do exposto, fica evidente que o processo seleciona os alunos mais habilidosos para comporem a equipe, privilegiando-os em relação aos menos aptos. Mesmo perante o relato de que o aluno só participa da equipe se for um bom estudante, caso contrário é convidado a se retirar, isso não quer dizer que um aluno pouco habilidoso, mesmo que seja um ótimo estudante, faça parte da equipe. A seleção dos mais aptos parece ser sempre prioritária.

Outro fator importante no relato diz respeito ao momento de preparação (treinamento). O professor utiliza o horário de coordenação pedagógica a fim de contemplar. Essa conduta é reforçada também pelo P9 que, além de citar a coordenação, declarou utilizar os 15 últimos minutos da aula como momento de preparação.

Ah, a coordenação, tá! O que realmente é efetivo na minha disciplina? Se é pra atingir os meus objetivos, então eu acho que poderia ter essa brecha, eu preferia mil vezes está fazendo um trabalho com os meus alunos da manhã, vindo aqui no outro turno, né? E a gente tendo, mesmo pela falta, a gente se adaptaria, espaço a gente se adapta, né? Conversaria com os outros professores, porque eles também poderiam ter isso, no turno, no outro turno. Mas, a gente fica engessado!

Assim, diante das adversidades, os professores acabam visualizando ou de fato utilizando um momento de extrema importância, de coordenação pedagógica, no contra turno, com o intuito de preparar os seus alunos para participarem dos jogos escolares.

O P1 reforça a importância da coordenação pedagógica ao relatar que:

E isso fez com que os nossos espaços de desenvolvimento de modalidade pra competição diminuísse assustadoramente. Que sobraram os espaços de coordenação, na escola a coordenação é respeitada, nós temos três dias de coordenação, que é coletiva, são três dias de coordenação coletiva [...] Então, a gente não pode sair da nossa coordenação coletiva pra um treinamento [...] Porque a escola tem uma dinâmica da qual a gente faz parte, a gente precisa participar dela. Então, a gente priorizou atender o aluno na escola.

Não estamos aqui culpabilizando a conduta do professor, mas evidenciando a complexidade que envolve essa questão. Os professores que se propõem a participar dos jogos não têm o mínimo de condição para fazerem uma preparação adequada e acabam sacrificando o seu horário de aula, de coordenação pedagógica e muitas vezes o seu tempo livre para conseguir suprir essa demanda, o que não é o ideal.

4.6 – O PAPAEL DO ESPORTE NA VISÃO DOS PROFESSORES

Após problematizar e situar o esporte dentro do planejamento e dos jogos escolares, é o momento de tentar compreender qual entendimento os professores têm em relação ao papel do esporte dentro da escola e, especificamente, como conteúdo da Educação Física escolar.

Os entrevistados relataram diversas vertentes em relação ao papel do esporte. Alguns visualizam o esporte como mecanismo de formação e transformação, outros como forma de inclusão, socialização e lazer, outros como meio para aquisição de saúde, além de um que entende que ele pode ser voltado ao alto rendimento.

O P1 considera o esporte como um dos elementos mais democráticos dentro do espaço escolar, contribuindo para o desenvolvimento, formação e transformação do indivíduo.

Eu considero o esporte como modalidade um dos espaços mais democráticos e de construção de identidade! É muito bom quando você consegue pegar uma turma heterogênea, observando característica individual de cada um desses indivíduos, dar a ele condição de se desenvolver dentro daquilo que ele tem como identidade pessoal, utilizando o esporte pra intensificar determinados comportamentos que irão ser importantes na vida dele lá na frente. (P1)

A gente consegue promover um desenvolvimento global, seja intelectual, motor, funcional, com esses alunos, que eu não consigo ver em nenhuma outra modalidade ou modalidade escolar de conhecimento como a Educação Física pode fazer [...] Principalmente por conta do esporte, eu não conseguiria fazer isso dentro de sala de aula, dando aula teórica, num quadro branco, com esses alunos. E é modalidade esportiva, do esporte propriamente dito, ele é estimulante, incentivador e transformador. (P1)

O professor expõe também que o esporte é um grande mecanismo de inclusão, ao relatar sua experiência com um aluno autista.

Utilizando o desporto, como ferramenta e como ferramenta segura, porque você consegue olhar o todo daquele indivíduo [...] e com a Educação Física a gente consegue fazer com que ele mude a história de vida dele, dizendo pra ele que ele tem um transtorno, ou ele tem uma deficiência ou ele tem uma situação, uma doença, algo que é crônico na vida dele, mas que não é limitador [...] E dentro da nossa aula, na vivência desportiva, com a modalidade que a gente tá desenvolvendo, esse aluno consegue se encontrar, ele se vê. Quando ele pega uma bola e precisa passar dele pra um colega, ele tá identificando ali, não mais aquele que vai colocar de lado, mas aquele que está compartilhando com ele. Quando ele recebe uma bola de alguém, a sensação que ele tem é que o colega está aceitando ele, pra participar do mesmo grupo. (P1)

Na mesma linha de pensamento, o P10 relata a importância de trazer elementos de ensino do esporte, para que todos se sintam incluídos, afirmando que a Educação Física escolar deve ter espaço para o esporte inclusivo, deixando de lado os aspectos relacionados ao alto rendimento.

Por estar inserido numa escola com alto índice de violência, afirmou:

O esporte na escola ele tem que ser um meio para trabalhar as necessidades e aqui a nossa é intolerância, violência, respeito... isso é o que tem que torner os conteúdos dentro de quadra. (P10)

O P2 evidencia que o desporto é uma ferramenta importante para formação do aluno, ressaltando que o mesmo precisa ser mais valorizado no ambiente escolar.

O desporto, ele é um fator preponderante na formação do aluno [...], eu acho, acho não, tenho certeza, que o desporto na escola, ele deve ser, assim, mais valorizado, mais incentivado a prática dele, porque a gente tá vendo a cada ano, parece que tá havendo uma diminuição, o interesse dos gestores, das pessoas que têm, assim, digamos, o poder de ajudar, né? Então, a gente vai vendo e isso reflete nos colegas, os professores que vão desanimando, eles vão ficando desanimados, chega lá, vamos participar ali do torneio, ah, não sei, quanto que é? Tem que pagar? Tem, tem que pagar a taxa de inscrição! Ah, o colégio não tem dinheiro! Entendeu? (P2)

Mesmo evidenciando a importância na formação, o relato do professor demonstra que o esporte deve ser mais valorizado, porém se restringe ao âmbito da participação em torneios.

Assim como ele, o P5 elucida a respeito da valorização do esporte dentro do ambiente escolar.

Pra mim ele é de suma importância, importantíssimo. Só que eu acho que o esporte na escola, às vezes ele é meio negligenciado, sendo deixado de lado, meio visto, até pela direção, talvez, pelos coordenadores, por todos [...] pela comunidade escolar como algo secundário, algo não prioritário, algo que não é tão importante, e aí é visto como se, se tivesse um tempo livre você vai lá e faz o esporte, se tiver a disponibilidade a gente vai fazer os treinamentos, mas, assim, não é visto como uma coisa prioritária. (P5)

O professor é peça fundamental na tentativa de modificar esse cenário de desprestígio perante a comunidade escolar.

Kunz (2003) corrobora ao evidenciar que a escola se configura como um dos espaços de organização social onde as práticas esportivas acontecem, cabendo ao profissional da Educação Física proporcionar, pela tematização do seu conteúdo

específico, uma compreensão crítica das práticas esportivas, potencializando os sujeitos a estabelecer vínculos com o contexto sociocultural em que estão inseridos. Isso demonstra a importância do esporte no âmbito escolar, assim como a do professor de Educação Física.

O P3 também evidencia a respeito dessa importância, sinalizando que a atuação do professor deve se relacionar com o lado social do esporte.

É como eu costumo muito usar essa frase, falar muito pros meus alunos, eu não estou formando atletas, pra ser atleta de futsal, vôlei, vai pra uma escolinha de futsal, aqui é uma escola, aqui é Educação Física Escolar, então, assim, a gente não pode esquecer o lado social do esporte, a gente precisa trazer, não é só a competição, aproveitar o embate de uma competição. (P3)

Segundo Soares et al. (2013), o esporte é uma prática social de origem histórico-cultural que precisa ser questionada como conteúdo pedagógico.

Se aceitamos o esporte como fenômeno social, tema da cultura corporal, precisamos questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria.

Na escola é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual. (SOARES ET AL., 2013, p. 59)

Relacionando-se com aspectos similares, o P8 declara que: “o esporte tem o papel de resgate, de mudança de vida, de superação, principalmente de superação.” Logo em seguida, afirma que também possui um importante papel social, porém, ao ser questionado se acredita que o esporte ainda aparece como sinônimo da Educação Física, relata:

Eu encaro de forma separada, porque ambos são pra promoção da saúde, mas cada um de uma forma, de uma forma separada. (P8)

Nesse ponto específico a fala do professor é contraditória ao enunciar que ambos (Educação Física e esporte) têm o objetivo de promover saúde. Por mais que sejam um meio para promoção, não se reduz apenas a tal. Isso evidencia um pensamento reducionista e contraditório em relação ao que foi exposto anteriormente, após relatar que o esporte possui um importante papel social, de resgate, mudança de vida e superação.

Amparado também no discurso da saúde, o professor 4, ao ser questionado sobre o papel do esporte, discorre:

Olha bem, eu comento com os meus alunos o seguinte, a vida é tão maçante, né? É totalmente desestressante, então voltado pra saúde, sempre, né? (P4)

Assim como o P8, o discurso do professor relaciona o esporte à saúde de uma forma restrita, onde ele se traduz como meio para promoção da saúde, sem considerar os demais aspectos do esporte como conteúdo da Educação Física escolar.

O professor 6 relata ainda não ter uma visão consolidada acerca do papel do esporte na escola, porém relata que o papel do esporte é de socialização, de lazer e de cuidar da saúde, dando recursos adicionais para os alunos a fim de se integrarem na sociedade e para cuidarem de si também.

O papel do esporte na escola vai ser pra dar recursos pro moleque, ter uma vida mais saudável no futuro né? Ser mais ativo, socializar melhor, ter um lazer mais interessante, talvez pra ele e desenvolver vários valores. (P6)

O P9 se contrapõe aos demais por ter um discurso que possui uma relação de proximidade com o alto rendimento. Mesmo relatando sobre um equilíbrio, a relação fica explícita em sua fala.

Olha, hoje se fala muito da inclusão, né? Mas eu acredito assim, eu acho que o esporte ele também tem que ser de alto, voltado pro alto rendimento, eu acho que precisa do equilíbrio na verdade, nós poderíamos ter mais aulas, também seria uma outra solução, acho que nós poderíamos ter mais aulas. (P9)

Após sinalizar que o esporte no âmbito escolar deve ser também voltado para o alto rendimento, o entrevistado foi questionado se o esporte dentro da Educação Física escolar deve ter essa concepção ou uma perspectiva mais inclusiva, agregando a todos? O professor se contradiz, contudo não deixa de dar importância ao alto rendimento.

Eu não sei se ele tem espaço pro alto rendimento, mas eu acho que a gente tem que ter o pontapé. Eu creio assim, ele tem que ser inclusivo, ele tem que fazer parte, é como eu falei, o objetivo é inserir a atividade física na vida desses meninos, mas a gente não pode deixar de ter esse olhar, individual mesmo, daqueles alunos que podem, e é aí onde eu acho que a escola peca, porque deveria existir ligações, entendeu? [...] Aí de repente eu notei um talento, eu tinha que ter um lugar pra encaminhar esse aluno.

Ou seja, o professor tenta enaltecer a importância de ser inclusivo, mas também não se absteve em explicar que é ali que se inicia, que não pode deixar de ter esse olhar. É um pensamento condizente com o Diesporte (Diagnóstico Nacional do Esporte), que sinaliza que a escola é o lugar onde a população tem o primeiro contato com a prática esportiva. Contudo, reconhece que a partir do momento em

que se detecta um talento há a necessidade de um encaminhamento para o local específico de aperfeiçoamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – “DEBATE FINAL”

Tendo em vista o que foi abordado neste trabalho, é possível afirmar que determinantes específicos podem influenciar o pesquisador no momento da escolha do objeto de estudo. O esporte sempre foi um elemento de proximidade ao longo da minha vida, perpassando por todas as etapas, desde a infância até o presente momento, não apenas como espectador ou praticante, mas também como profissional.

Ainda assim, ao adentrar na escola como pesquisador, novas experiências e perspectivas vinculadas ao esporte foram vivenciadas. Dessa forma, ao iniciar o projeto de pesquisa, pude contatar a necessidade de investigação acerca de como o conteúdo esporte vem sendo abordado dentro das escolas de ensino fundamental.

Diante da tentativa de verificação, alguns objetivos foram propostos, bem como atingidos ao longo da pesquisa. É possível contatar, mesmo perante algumas limitações, que o objetivo geral foi atendido. Pois, por meio desta pesquisa, verificou-se como o esporte vem sendo abordado no ambiente escolar, a partir das entrevistas realizadas com os professores e da análise dos Projetos Político-Pedagógicos de suas respectivas escolas.

A partir da fundamentação teórica que delimita a pesquisa, verificou-se ainda que, após o movimento renovador da Educação Física, muitos estudos apontaram para uma predominância do conteúdo esporte nas aulas, chegando a ser considerado por muitos, como sinônimo da Educação Física. Esse predomínio, diagnosticado pelos autores, quase sempre foi pautado na concepção de reprodução do alto rendimento.

Na perspectiva de se compreender a relação do esporte com a escola, buscou-se o embasamento da pesquisa a partir das teorias críticas da Educação e da Educação Física, a fim de se criar possibilidades para abordagem do conteúdo esporte de forma crítica, reflexiva e inclusiva, acreditando que a metodologia de ensino amparada nessas teorias possa favorecer a prática pedagógica do professor ao trabalhar esse conteúdo.

Ainda neste trabalho, foi realizada uma pesquisa exploratória a fim de diagnosticar qual a perspectiva contemporânea em relação às produções acadêmicas da área. Identificou-se, por meio dos periódicos selecionados, que os estudos (artigos) apontam para variadas vertentes do esporte, as quais foram

classificadas em 5 categorias e a que mais se destacou foi: “as características das aulas de Educação Física relacionadas ao esporte”. Nela identificou-se uma proximidade do esporte à Educação Física escolar, com suas diversas abordagens e perspectivas, caracterizando então o esporte como conteúdo do componente curricular.

A partir das análises dos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas, nota-se certo descaso com a Educação Física e com o esporte, que talvez tenha se efetivado pelo fato de o professor específico da área ter ficado à margem do processo de elaboração do projeto. Diante disso, foi identificado que nenhuma das escolas, por intermédio dos seus PPPs, abordou de forma mais relevante e aprofundada o esporte como manifestação da cultura corporal e conteúdo da Educação Física escolar.

Por intermédio das entrevistas, vários aspectos em relação à Educação Física e ao conteúdo esporte foram identificados. 90% dos professores tiveram sua formação em instituições privadas de ensino, sendo que 6 deles sinalizaram que a busca pelo curso se deu por conta da proximidade com o esporte, demonstrando que a maioria dos entrevistados, no que diz respeito à escolha desse curso superior, foi influenciado pelo esporte.

Os professores sinalizaram realizar o planejamento pedagógico de forma coletiva com os demais professores de Educação Física da escola. Metade da amostra apontou trabalhar um esporte por bimestre, dando prioridade às quatro modalidades tradicionais (futebol/futsal, vôlei, basquete e handebol), conhecidas vulgarmente por “quarteto fantástico”, porém alguns professores relataram a busca por uma oferta maior de modalidades.

Ainda sobre o planejamento e organização pedagógica, vários aspectos foram levantados, caracterizando uma amostra bastante heterogênea. Os professores relataram que abordam o conteúdo esporte de formas distintas, desde uma perspectiva mais inclusiva de vivência/experimentação do esporte, utilizando-se de jogos e circuitos até uma abordagem voltada ao ensino dos fundamentos técnicos e táticos.

Há ainda um caso específico em que o professor demonstrou abordar o conteúdo de forma não mediada, expondo que não costuma trabalhar muito com o

esporte e que os alunos ficam, quase sempre, com uma “aula livre”, o que pode caracterizar o abandono do trabalho docente.

Sobre a priorização de conteúdos, revelou-se que o esporte apareceu em condição de igualdade com o tema saúde, onde ele passa a ser apenas um meio para aquisição desta. Mesmo aparecendo em equivalência alguns professores chegaram a relatar que a Educação Física se confunde com o esporte, chegando a ser tratados como sinônimos.

Pode-se observar acerca das modalidades esportivas que a maioria dos professores relatou não priorizar qualquer tipo de modalidade, com exceção de três deles que citaram o atletismo, contudo, implicitamente, ao falarem sobre o planejamento, o “quarteto fantástico” aparece como destaque. Foi observado ainda que o futsal aparece como modalidade preferida dos alunos.

Apenas dois professores relataram seguir alguma tendência ou abordagem pedagógica para o ensino do esporte. Um relatou gostar do modelo Piagetiano e o outro citou a teoria histórico-crítica.

Acerca dos jogos escolares, conclui-se que a maioria dos professores optou em não participar dos jogos por diversas razões, principalmente por questões de logística, relatando que a aula de Educação Física não é o espaço ideal a fim de se preparar para esse tipo de competição. O contra turno apareceu como uma possível solução para atender essa demanda.

Em relação ao esporte no ambiente escolar e como conteúdo da Educação Física, observou-se que os professores compreendem que ele possui vários papéis. Alguns visualizam o esporte como mecanismo de formação e transformação, outros como forma de inclusão, socialização e lazer, outros como meio para aquisição de saúde, além de um que compreende que ele pode ser voltado ao alto rendimento.

Em suma, concluiu-se que o esporte, a partir das análises das entrevistas e dos PPPs, se distanciou de uma abordagem esportivista, seletiva e excludente como nos moldes do esporte de alto rendimento. Talvez ainda não esteja sendo abordado de forma crítica, relacionando-se, de fato, com as abordagens críticas da Educação Física, contudo se mostrou mais democrático e inclusivo.

Isso não quer dizer que as descrições dos professores nas entrevistas se materializem efetivamente em sua prática pedagógica, já que não foi realizada a observação das aulas, o que caracteriza uma das limitações dessa pesquisa.

No entanto, essas limitações podem fazer parte de estudos futuros, a fim de verificar se os relatos se concretizam na prática pedagógica do professor, além de buscar responder a outros objetivos e perguntas.

É importante destacar que a amostra utilizada foi muito específica, com um recorte de escolas da mesma Região Administrativa, portanto não é possível generalizar os achados dessa pesquisa para todo o Distrito Federal, muito menos em âmbito nacional.

Notou-se ainda, a partir das entrevistas, que os docentes parecem necessitar de maior aproximação e familiarização acerca do Currículo em Movimento da SEEDF, que aponta para uma teoria crítica da educação. Diante disso, foi ensaiada, no capítulo 3, uma proposta para o ensino do esporte a partir da didática histórico-crítica, alertando ser uma forma possível de se abordar o ensino do esporte como conteúdo da Educação Física escolar, contudo sem excluir outras possibilidades.

Alguns professores parecem desconhecer a fundamentação teórica que os norteia. Afinal, a maioria sinalizou não seguir qualquer tipo de teoria educacional ou abordagem pedagógica para o ensino do esporte. Identificou-se também a necessidade de o currículo estar mais vinculado aos PPPs das escolas.

Talvez essa situação fosse amenizada com a possibilidade de formação continuada dos professores, fazendo com que eles, em determinados momentos, afastem-se de sua prática pedagógica a fim de “[re] pensar” sobre ela, oportunidade esta que estou tendo ao realizar o Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, S. **Reinventando o esporte**: Possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2001.
- ASSIS, S. **Programas de esporte escolar. Entre a garantia de direitos e o assistencialismo**. Olinda: Livro Rápido, 2019.
- BETTI, I. C. R. Esporte na escola: mas é só isso, professor? **Motriz**, v. 1, p. 25-31, Junho 1999. ISSN 1.
- BORGES, C. M. F. **O professor de educação física e a construção do saber**. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. 2ª. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.
- BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Caderno Cedex**, v. 48, p. 69-88, Agosto 1999.
- BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, Rio Grande do Sul, 2000. ISSN 12.
- BRACHT, V. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 87-101, Maio 2003.
- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 3ª. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.
- BRACHT, V. et al. **Pesquisa em ação**: educação física na escola. Ijuí: Unijuí, 2003.
- BRASIL, MINISTÉRIO DO ESPORTE. Política Nacional do Esporte, Brasília, Junho 2005.
- BRASIL. CONSTITUIÇÃO. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. DECRETO 7984, 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D7984.htm>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- BRASIL. LEI 9394, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 25 jun. 2019.

BRASIL. LEI 9615, 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9615consol.htm>. Acesso em: 25 jun. 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Esporte na escola: os XVIII jogos escolares brasileiros como marco reflexivo**. Brasília: MEC/SEED, 1989.

BRASIL. MINISTÉRIO DO ESPORTE. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/index.php/cie>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DO ESPORTE. Secretaria Nacional de Esporte Educacional. Disponível em: <<http://portal.esporte.gov.br/snee/default.jsp>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL. Disponível em: <<http://www.se.df.gov.br/curriculo-em-movimento-da-educacao-basica-2/>>. Acesso em: 22 Julho 2019.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL. Disponível em: <<http://www.se.df.gov.br/centro-de-iniciacao-desportiva-cid/>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

CASTELLANI FILHO, L. Projeto reorganização da trajetória escolar no ensino fundamental: uma proposta pedagógica para Educação Física. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, p. 11-19, ago. 1997.

CAPARROZ, F. E. **Entre a Educação Física da Escola e a Educação Física na Escola**. Vitória: UFES, CEFD, 1997.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta**. 15. ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

COSTA, J. M. Esporte escolar no Brasil: contradições e possibilidades. **Kinesis**, Santa Maria, v. 33, p. 71-86, jan/jun 2015. ISSN 1.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na Escola: Implicações para a prática pedagógica**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

DARIDO, S. C.; VENÂNCIO, L. A educação física escolar e o projeto político pedagógico: um processo de construção coletiva a partir da pesquisa-ação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, p. 97-109, jan/mar 2012.

FIGUEIREDO, Z. C. C. Formação docente em Educação Física: experiências sociais e relação com o saber. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, p. 89-111, Janeiro/Abril 2004. ISSN 1.

FILHO, L. C. Projeto reorganização da trajetória escolar: uma proposta pedagógica para Educação Física. **Revista da EDUCAÇÃO FÍSICA/UEM**, Maringá, nov. 1997.

FREIRE, J. B. **Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da Educação Física**. 2ª. ed. São Paulo: Scipione, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame da relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista**. São Paulo: Cortez : Autores Associados, 1984.

FRIZZO, G. Os jogos escolares como mecanismos de manutenção e eliminação: uma crítica à lógica esportiva na escola. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, p. 163-180, out/dez 2013. ISSN 4.

GADOTTI, M. **História das idéias pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2008.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

GAYA, A. C. A. **As ciências do desporto nos países de língua portuguesa. Uma abordagem epistemológica**. Porto: Universidade do Porto, 1994.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **Educação Física Progressista. A Pedagogia Crítico-Social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira**. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GONZÁLES, J. F. **Atuação dos professores na Educação Física escolar: entre o abandono do trabalho docente e a renovação pedagógica**. CONBRACE. Vitória, Espírito Santo: [s.n.]. 2015.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 5. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

KUNZ, E. **Didática da educação física 2**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

KUNZ, E. **Ensino & mudanças**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

LAVOURA, T. N.; MARSIGLIA, A. C. G.; MARTINS, L. M. Rumo à outra didática histórico-crítica: superando imediatismos, logicismos formais e outros reducionismos do método dialético. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 19, n. 019003, p. 1-28, Março 2019.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. Coleção Magistério. Série Formação do Professor. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LIBÂNEO, J. C. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 10ª. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LOPES, P. M. D. A. M. **Perspectivas e desafios para o desporto educacional do Distrito Federal: uma análise dos programas de esporte escolar de 2008 a 2017**. Brasília : UnB (Dissertação de Mestrado), 2019.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARK, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MARTINS, L. M. Contribuições da psicologia histórico-cultural para a pedagogia histórico crítica. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, p. 286-300, Setembro 2013. ISSN 52.

MATOS, M. G.; NEIRA, M. G. **Educação Física na Adolescência - Construindo o Conhecimento na Escola**. São Paulo: Phorte, 2000.

MEDINA, J. P. S. **Educação Física cuida do corpo. e "mente"**. 8. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

OLIVEIRA, M. M. D. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, V. M. **O que é educação física**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SAVIANI, D. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 32ª. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11ª. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SOARES, C. L. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do Ensino da Educação Física [livro eletrônico]**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SOUZA, M. D. S. **Esporte Escolar. Possibilidade superadora no plano da cultura corporal.** São Paulo: Ícone, 2009.

TAFFAREL, C. N. Z. Desporto Educaional: realidade e possibilidades das políticas governamentais e das práticas pedagógicas nas escolas públicas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 6, p. 15-35, 2000. ISSN 13.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte.** São Paulo: Autores Associados, 1992.

TUBINO, M. J. G. **O que é esporte.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

TUBINO, M. J. G. **Estudos brasileiros sobre o esporte:** ênfase no esporte-educação. Maringá: Eduem, 2010.

UNESCO. Report by the Director-General on the work of the International Congress on Population Education and Development, Paris, 1993.

VAGO, T. M. O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente - Um diálogo com Valter Bracht. **Movimento**, Porto Alegre, v. 3, p. 4-17, 1993. ISSN 5.

VEIGA, I. P. A. **Escola:** Espaço do projeto político-pedagógico. Campinas, SP: Papyrus, v. Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico, 1998.

VEIGA, I. P. A.; CARDOSO, M. H. F. **Escola Fundamental:** currículo e ensino. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1- Qual foi o motivo que o levou a cursar Educação Física e a ser professor da Educação Básica?
- 2- Há quanto tempo trabalha no Ensino Fundamental? Durante esse tempo, sempre trabalhou na SEDF?
- 3- Como o conteúdo esporte foi abordado durante sua graduação?
- 4- Qual dos conteúdos da Educação Física é priorizado por você em seu trabalho pedagógico com os alunos? Por quê?
- 5- Qual é a condição de estrutura física e material oferecida pela escola para trabalhar os conteúdos da Educação Física?
- 6- Como é seu planejamento/organização pedagógica para o desenvolvimento do conteúdo esporte dentro das aulas de Educação Física?
- 7- Você segue alguma(s) teoria(s) educacional(is) ou abordagem(ns) pedagógica(s) para o ensino do esporte? Qual(is)?
- 8- Há alguma modalidade esportiva que é priorizada? Por que?
- 9- Você participa dos jogos escolares?
Se sim, onde e como ocorre o processo de preparação para os jogos?
Se não, por qual motivo?
- 10- Na sua visão, qual é o papel do esporte dentro da escola e, mais especificamente, dentro da Educação Física escolar?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação Física – FEF

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar voluntariamente do projeto de pesquisa EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A ABORDAGEM DO ESPORTE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, sob a responsabilidade do pesquisador Charlles Phetterson Pereira Quirino de Sousa.

O projeto tem o objetivo de investigar a abordagem que o conteúdo esporte vem recebendo dentro das escolas nos anos finais do ensino fundamental, por meio da análise dos Projetos Políticos Pedagógicos e da metodologia de trabalho dos professores inseridos nesse segmento.

A sua participação dar-se-á por meio de entrevista, com gravação do áudio, a ser realizada na própria escola de lotação, em data e horário que mais se adequar à sua disponibilidade, evitando qualquer tipo de custo financeiro e deslocamento por sua parte. Para tal, estimamos a realização de um único encontro, com a duração de aproximadamente uma hora. Considerando a importância de dialogarmos a respeito do esporte como conteúdo da Educação Física escolar, pretendemos analisar, através de 10 questões (que serão abordadas na entrevista), os diversos aspectos referentes ao esporte escolar.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá na mesma, sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a).

Caso aceite participar, estará auxiliando para a reflexão e discussão sobre o tratamento que o esporte vem recebendo dentro das escolas de ensino fundamental (anos finais) na atualidade, tentando identificar e compreender os seus diferentes sentidos e abordagens, a fim de que seja contributivo no campo profissional. Entretanto, teremos o

cuidado em preservar a identidade do entrevistado, uma vez que seu nome não será informado no trabalho.

A realização da entrevista não oferece risco imediato ao(a) senhor(a), com garantia de segurança e bem estar por parte do pesquisador na condução da entrevista, porém considera-se a possibilidade de um risco mínimo e subjetivo, pois algumas perguntas podem remeter a algum desconforto, evocar sentimentos ou lembranças desagradáveis ou até mesmo levar a um leve cansaço após os questionamentos. Será assegurada a integridade moral dos entrevistados, com a garantia de não violação dos dados coletados, a fim de minimizar os mínimos riscos preestabelecidos. Caso algumas dessas possibilidades ocorram, o senhor(a) poderá se recusar a responder ou participar de qualquer procedimento/questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa no momento em que desejar, sem nenhum prejuízo. Sua participação é voluntária, evidenciando que o senhor(a) não terá nenhum custo ou compensação financeira ao participar da pesquisa.

Os resultados da pesquisa serão divulgados pela Faculdade de Educação Física da UnB (Universidade de Brasília), podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se por ventura possuir qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para Charles Phetterson Pereira Quirino de Sousa no telefone: (61) 99932-0040, disponível inclusive para ligação a cobrar, ou entre em contato pelo e-mail: prof.charles@hotmail.com.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidos

pelo telefone (61) 3107-1947 ou do e-mail cepfs@unb.br ou cepfsunb@gmail.com, horário de atendimento de 10:00hs às 12:00hs e de 13:30hs às 15:30hs, de segunda a sexta-feira. O CEP/FS se localiza na Faculdade de Ciências da Saúde, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Universidade de Brasília, Asa Norte.

Caso concorde em participar, pedimos que assine este documento que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o(a) Senhor(a).

Nome: _____

Assinatura: _____

Nome e assinatura do Participante de Pesquisa

Nome e assinatura do Pesquisador Responsável

Charles Phetterson Pereira Quirino de Sousa

Brasília, ____ de _____ de _____.

APÊNDICE C - ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM O PROFESSOR 1

ENREVISTADOR - Ok! Vamos dar início à entrevista com o professor 1 a respeito da, do esporte como conteúdo da Educação Física Escolar. De antemão, quero agradecer sua participação, sua colaboração com o meu estudo, professor. Lembrando mais uma vez, que seu nome será mantido em absoluto sigilo e que você responda de acordo com as suas convicções, ok? Professor, pra gente começar esse diálogo, eu queria que você falasse um pouquinho do seu histórico relacionado à Educação Física. Quando graduou? Onde graduou? E por que a escolha de ser professor da Educação Básica?

ENTREVISTADO - Bom, eu me formei em 1991, na Faculdade Dom Bosco de Educação Física.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Fui aluno-atleta por 12 anos.

ENREVISTADOR - Ok! De qual modalidade?

ENTREVISTADO - Handball.

ENREVISTADOR - Handball!

ENTREVISTADO - Joguei voleibol também. Fui até a Seleção Brasiliense Estudantil de Handball.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Mas o que me inspirou a ser professor de Educação Física foram dois professores que eu considero meus mestres, que foram os meus treinadores na escola. Um deles, professor Carlos, professor de voleibol, faleceu num acidente de carro um dia antes da semifinal do GDF de 1984, e depois o professor Cesário, que foi também professor de handball, deve tá vivo até hoje, meu velhinho, que foi o meu grande inspirador.

ENREVISTADOR - Inspirador!

ENTREVISTADO - Meu grande inspirador!

ENREVISTADOR - Maravilha! Perfeito! Então, há quanto tempo você tá trabalhando na Educação Básica? Mais especificamente na Secretaria de Educação?

ENTREVISTADO - Eu farei agora, em junho, 26 anos.

ENREVISTADOR - 26 anos.

ENTREVISTADO - De magistério na Secretaria de Educação. Como professor e trabalhei em séries iniciais como professor de natação e como dinamizador, na época, era esse nome que dava, nos meus dois primeiros anos, depois de formado.

ENREVISTADOR - Perfeito! E teve passagem pela rede privada?

ENTREVISTADO - Tive, mas um período muito curto.

ENREVISTADOR - Muito curto, né?

ENTREVISTADO - Foram oito meses, só!

ENREVISTADOR - Perfeito! E na Secretaria de Educação nesse longo período que você já tem, sempre no Ensino Fundamental? Ou perpassou pelas outras modalidades? Pelo ensino, pelos outros segmentos, melhor dizendo. Pela Educação Infantil, séries iniciais, Ensino médio ou sempre com Ensino Fundamental?

ENTREVISTADO - Só Ensino Fundamental.

ENREVISTADOR - Perfeito! Então, é um tempo considerável, bastante considerável no nosso recorte de estudo aqui, que é o Ensino Fundamental. Maravilha! Vamo voltar um pouquinho lá na sua graduação. Como que o esporte ele era contemplado lá aquela época, dentro da sua formação lá na graduação? Como que era o ensino do esporte na sua formação?

ENTREVISTADO - Na verdade, nós tínhamos dois blocos de estudos na época, era a parte (...) esportiva e a parte biomédica. Então, a parte (...) esportiva, ela tinha um conteúdo bem destacado no que diz respeito a esportes de quadra e de campo.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - E a parte biomédica tratava muito das (...) relações fisiológicas do exercício.

ENREVISTADOR - Fisiologia, anatomia, etc.

ENTREVISTADO - É! Exato! Agora a parte (...) esportiva era muito destacado essa questão no que diz respeito aos esportes de quadra e de campo.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Todos aqueles que são muito comuns e eram a época, né? Mais comuns na nossa realidade social, foram os que a gente conseguiu desenvolver (...)

ENREVISTADOR - Perfeito! E como era essa abordagem lá na sua formação? Ele era mais voltado prum treinamento desportivo, era mais voltado pra Educação Física Escolar? Você se recorda? Como é que foi essa sua formação?

ENTREVISTADO - Dependia muito do professor.

ENREVISTADOR - O professor que geralmente...

ENTREVISTADO - Dependia muito do professor.

ENREVISTADOR - Trazia pra dentro da sua aproximação?

ENTREVISTADO - Tive professores que foram, orientaram muito a gente pra um trabalho com formação, na nossa formação como professor e alguns outros, poucos, menos que esses primeiros, que nos, quase que nos preparavam como atletas.

ENREVISTADOR - Perfeito! Naquela época era um curso só né? Da Educação Física. Licenciatura junto com o Bacharel.

ENTREVISTADO - Era um só, licenciatura plena. No meu caso, licenciatura plena.

ENREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Vamos trazer um pouquinho pra sua realidade aqui na escola. Falando agora de forma mais ampla, dos conteúdos como um todo da Educação Física. Há algum que é priorizado por você? Você prioriza algum? Você tem uma aproximação ou acha que algum deva ser trabalhado com mais prioridade? E por quê?

ENTREVISTADO - Aqui na escola, nós conseguimos construir uma história da Educação Física.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Então, somos 4 professores, dois no matutino, dois no vespertino. Nós conseguimos...

ENREVISTADOR - Já tem um tempo considerável de casa?

ENTREVISTADO - Já! Estamos juntos, já trabalhamos há um certo tempo.

ENREVISTADOR - Entendi, perfeito!

ENTREVISTADO - Então, nós conseguimos uma harmonia de trabalho de modo que nós conseguimos dar uma sequência de desenvolvimento do sexto até o nono ano.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Isso foi muito bacana porque os nossos alunos eles não tem solução de continuidade no processo educativo.

ENREVISTADOR - Maravilha!

ENTREVISTADO - Né? Então, a ênfase que nós damos aqui, no meu caso, em específico, a gente trabalha com formação desportiva e fundamental e vivência motora em aspectos gerais,

ENREVISTADOR - Ok!

ENTREVISTADO - Que é o que nós temos percebido, por exemplo, os nossos alunos tem chegado até o ensino fundamental, séries finais, com prejuízo motor considerável no que diz respeito ao processo de aprendizado e vivência. Então, parte do período, do tempo que nós temos com eles, nós trabalhamos vivência motora e vivemos também a parte desportiva.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Esse é o foco.

ENREVISTADOR - O foco.

ENTREVISTADO - Desse nosso período de trabalho, inicia no sexto ano, no sétimo ano a parte de desenvolvimento de exercícios gerais e qualidade físico desportiva, entrando também com a modalidade desportiva.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Oitavo ano uma outra abordagem e no nono ano, aí sim, uma abordagem um pouco mais teórica, porque já preparamos pra ir pro Ensino Médio.

ENREVISTADOR - Perfeito! Então assim, de forma resumida, pelo o que você falou, você acredita que dessa história construída, essa questão da aprendizagem, desenvolvimento motor, associada à questão desportiva, elas aparecem com foco, com um pouco mais de ênfase?

ENTREVISTADO - Pra nós, aqui é o foco da área de Educação Física.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Aquilo que a gente pretende vivenciar.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Essa é nossa área! É onde a gente domina e é aqui que eles se identificam.

ENREVISTADOR - Maravilha! Perfeito! Entendi! E aí você falando um pouquinho da história que vocês construíram uma história da Educação Física aqui na escola, como que é a estrutura física e de material da escola para que vocês possam trabalhar, pra que você possa trabalhar e desenvolver os conteúdos da Educação Física?

ENTREVISTADO - Fazendo um resgate histórico, quando eu cheguei aqui na escola, não tinha quadra, não tinha muro, não tinha material.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Eu me lembro na minha primeira reunião com um grupo de Educação Física da Samambaia, eu trabalho nessa escola desde que eu entrei na Secretaria, nunca mudei de escola.

ENREVISTADOR - Sempre aqui? Então os 26 anos são nessa escola?

ENTREVISTADO - Aqui! Nessa escola!

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - A primeira reunião que eu participe, com meus 22 anos de idade, reclamei, falei que a gente precisava de material pra desenvolver atividade na escola, muitos colegas já vivido, dentro da área, perguntou se eu era iniciante na Educação Física Escolar, na Secretaria de Educação, na época, na época não era Secretaria, era Fundação.

ENREVISTADOR - É, Fundação Educacional.

ENTREVISTADO - Falei que sim e ele disse então entra na realidade. Se quer material, compra! Falei, não! Eu trabalho numa escola e a escola tem que me dar condições pra trabalhar! Essa é a minha realidade! Foi com isso que a gente trabalhou na construção da nossa identidade como Educação Física aqui.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Então, nesse período, nós conseguimos a construção da primeira quadra interna, dávamos aula na quadra externa, então, a gente tava sempre sujeito às questões da comunidade.

ENREVISTADOR - Ok!

ENTREVISTADO - Queria até fazer um destaque, eu trabalhava, eu dei aula para alunos com idade, com a relação idade/série muito discrepantes.

ENREVISTADOR - Discrepantes. Fora da faixa etária.

ENTREVISTADO - Então, eu trabalhei muito com garotos que tinham uma conduta social bem complicada! Então, pra eu dar aula na quadra, eu tinha alunos meus que tinham as suas gangues, que protegiam a gente na quadra externa pra poder dar aula. Então, ninguém se aproximava até eu terminar a minha aula.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Eu terminava minha aula.

ENREVISTADOR - E a quadra externa era próxima à escola?

ENTREVISTADO - É bem aqui ao lado!

ENREVISTADOR - Certo!

ENTREVISTADO - Bem aqui ao lado! Bom, então nós conseguimos a construção da primeira quadra, aqui dentro.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - E por conta dessa nossa luta de saber que a necessidade pra desenvolver um bom trabalho na Secretaria nos fornecer o material adequado, nós insistíamos muito com as direções da escola pra que ela suprisse essa necessidade. Então, uma luta grande inicialmente, mas o fato de nós termos conquistado o nosso espaço, a nossa importância, já nos deu um modo mais interativo com a direção. Então, nós conseguíamos material pra dar aula, conseguimos a construção do espaço. Com a reforma da escola, a reconstrução na realidade, a quadra antiga foi retirada, eles fizeram essa quadra que temos hoje. É uma quadra no tamanho oficial ao desporto que exige desse tamanho, o handball e o futsal.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Ela é toda rodeada por alambrados e nós temos uma conta direta com compra de material, nós gerenciamos da Educação Física.

O ENREVISTADOR - s próprios professores? São os gestores da conta?

ENTREVISTADO - Somos os gestores da conta, o professor, diretor, nosso diretor...

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Ele alimenta a conta e a nós gerenciamos a compra das nossas, das coisas que a gente precisa aqui.

ENREVISTADOR - Perfeito! Das necessidades, né?

ENTREVISTADO - Então, nós não temos falta de material de nenhuma espécie pra nenhum tipo de desporto que a gente venha a desenvolver.

ENREVISTADOR - Maravilha! Isso foi uma construção histórica e essa gestão de recursos se deu com a direção atual ou já é, já vem de um tempo pra cá, também? Interessante esse ponto.

ENTREVISTADO - Então, nós, que na verdade, a gestão atual já tá conosco há um tempo. Ela foi construída antes, mas ela se consolidou na gestão atual.

ENREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Ótimo! Vamos trazer agora pra dentro do seu planejamento, planejamento e organização pedagógica com o conteúdo esporte, o trabalho do esporte. Como é que você planeja e se organiza pedagogicamente pra trabalhar o esporte? O conteúdo esporte dentro das suas aulas?

ENTREVISTADO - Eu tô trabalhando handball!

ENREVISTADOR - Perfeito! Nesse bimestre, no caso?

ENTREVISTADO - Nesse bimestre! Nos dois primeiros bimestres a gente trabalhou handball e na nossa programação, os dois últimos bimestres, eles são destinados à parte de atletismo, que é o que tá no nosso conteúdo. A gente trabalha, a gente não casa, a gente.

ENREVISTADOR - Só fazer um parêntese, pelo o que você falou esse planejamento é elaborado de forma coletiva?

ENTREVISTADO - Coletiva!

ENREVISTADOR - Isso na semana pedagógica?

ENTREVISTADO - Isso na semana pedagógica!

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Nós nos reunimos na área.

ENREVISTADOR - E já fazem esse planejamento?

ENTREVISTADO - Inclusive, todo o planejamento já é entregue à coordenação, eles tem do primeiro ao quarto bimestre todo o nosso planejamento pronto.

ENREVISTADOR - Perfeito! Tá! E aí seguindo relação à abordagem do esporte.

ENTREVISTADO - Bom, o que que a gente desenvolve? Eu desenvolvo na questão do handball com eles, primeiro a observação daquilo que eles trazem de histórico motor e vivencial do que indica os fundamentos do desporto.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Depois dessa observação inicial, identificando aquilo que é necessário pra intensificar aqui ou ali com o desenvolvimento mais adequado, a gente vai trabalhando com implemento, propriamente dito, que é o estimulador deles, a gente não pode levar, deixar de levar isso em conta, pra conquistar o aluno, você precisa dar um elemento estimulador. E no caso deles é...

ENREVISTADOR - Que é a motivação.

ENTREVISTADO - A bola! Eles precisam ter na mão deles aquele elemento que cria aquele imaginário na cabeça deles do que seja o desporto.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - E a partir daí, a gente vai desenvolvendo esses elementos de construção da identidade desportiva com a vivência diária deles na aula. Então, tenho desenvolvido agora, por exemplo, a gente já tá na segunda etapa de fundamentação, então a primeira eu já trabalhei, que é a parte de apreensão de

bola, passe e recepção e agora eu tô na parte mais detalhada, que aquela que exige uma movimentação mais complexa, que são os três passos, salto, arremesso e drible.

ENREVISTADOR - Perfeito! Isso no handball?

ENTREVISTADO - Isso no handball!

ENREVISTADOR - E aí no segundo, no segundo semestre, no caso, terceiro e quarto bimestre, você tenta outra modalidade?

ENTREVISTADO - A gente continua com o handball, por quê? Nós identificamos, de modo geral, nesses últimos anos, que pelo fato deles não trazerem do ensino.

ENREVISTADOR - O conhecimento.

ENTREVISTADO - Esse conhecimento básico, os dois primeiros bimestres são insuficientes pra entrar na parte do jogo propriamente dito e pra eles, o jogo propriamente dito é o grande final da coisa.

ENREVISTADOR - É o prazer.

ENTREVISTADO - Se eu não trabalhar a parte de finalização com o esporte propriamente dito, é como se ficasse faltando algo, porque o professor do sétimo ano tá trabalhando basquetebol, que faz uma sequência semelhante a essa, que vai encerrar com o jogo propriamente dito. Então, esse processo, é essencial pra esse trabalho, só que a gente acrescenta também o elemento atlético, no terceiro e no quarto bimestres.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Que a gente coloca o atletismo dentro do conjunto também!

ENREVISTADOR - Ah, tá! Perfeito! O atlético você fala, você traz a modalidade pra dentro do planejamento?

ENTREVISTADO - A modalidade atletismo pra dentro do planejamento.

ENREVISTADOR - Perfeito! Só pra que eu possa entender. Então, como é um planejamento coletivo, você diz que aqui tem uma identidade, uma história construída, que tem uma sequência lógica, então, cada professor, de certa forma, fica com uma modalidade durante esses quatro anos nesse bloco de Ensino Fundamental? Como que é isso?

ENTREVISTADO - A princípio, primeiro e segundo, sexto e sétimo ano trabalha com aquelas modalidades aonde há movimentos mais naturais.

ENREVISTADOR - Mais básicos?

ENTREVISTADO - Mais básicos! Então o drible, a corrida, o salto, arremesso, movimento. Basquete e handball, eles contemplam nesse aspecto. No sétimo, no oitavo e no nono ano, e aí com uma especificação, aí você entra com o voleibol, que tem movimentos não comuns, são movimentos criados pra própria modalidade.

ENREVISTADOR - Movimentos mais complexos, né?

ENTREVISTADO - O professor trabalha com vivências com desportos que não são comuns na cultura brasileira, então ele trabalha com a bola de futebol americano, trabalha, ele criou, junto com os alunos o bacanês, ele trouxe os meninos, deu a base e os meninos criaram regra dentro da base pra utilizar o implemento.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Entendeu? E o professor do nono ano, aí sim, ele trabalha com o jogo, propriamente dito, aí ele não entra mais com fundamentação, ele entra com o jogo, propriamente dito, e a parte de intensificação atlética.

ENREVISTADOR - Perfeito, vamos trazer novamente pra sua realidade específica, quando você vai trabalhar um esporte, fazer o ensino desse esporte, você me falou aí que já delimitou, mais ou menos, essa questão de trazer um pouquinho pra parte de fundamentação, de uma sequência lógica, começando com as habilidades mais básicas, pra chegar lá no jogo, mais pro final do ano, o jogo propriamente dito. Esse processo todo, ele se dá de forma apenas prática? Tem a parte conceitual? Como é que você faz esse trabalho? Tem a dimensão conceitual?

ENTREVISTADO - Normalmente, eu avalio para sexto ano, uma outra identificação que nós tivemos, com essa nova realidade que tem chegado pra gente. Em princípio, eles chegariam pra nós com a vivência completa, já construída, e nós conseguiríamos entrar nessa parte da construção mental do movimento de modo mais efetivo. Eles têm chegado pra gente sem a vivência concreta, então quando você diz a ele: o drible envolve o movimento de subir e descer a mão empurrando a bola, ele entende o que você falou, mas ele não consegue transportar pro processo prático que não seja vendo você fazer.

ENREVISTADOR - Visual, né?

ENTREVISTADO - E sentindo o movimento nele mesmo! Então, a parte conceitual, eu trabalho num momento e demonstrando a eles aquilo que eles precisam viver.

ENREVISTADOR - Fazendo a demonstração.

ENTREVISTADO - Aí a gente vai vivendo junto, é um processo de vivência coletiva. Eles vivem entre eles e eu vivo junto com eles.

ENREVISTADOR - Participativo?

ENTREVISTADO - Participativo! Processo é esse!

ENREVISTADOR - Processo participativo!

ENTREVISTADO - É! O que que a gente tem construído? Criei com eles circuitos de atividades, então, no ano passado, por exemplo, eu já não trabalhei com circuitos. Eles não conseguiam entrar no sentido de circuito. Então, eu tive que viver aquele momento básico do movimento propriamente dito. Com esse grupo desse ano, eu já consegui trabalhar com circuito de variação.

ENREVISTADOR - Pra trabalhar uma determinada modalidade?

ENTREVISTADO - Pra trabalhar uma determinada fundamentação da modalidade! Então, eles conseguiram entrar no circuito vivenciando cada uma delas. E é a cada parte vivenciada, a gente, eu acrescento outro elemento.

ENREVISTADOR - Esse circuito que você fala, seria um circuito, como se fosse um jogos.

ENTREVISTADO - É, um circuito desportivo. Então, eles tem elementos variados, então, esse período agora eu tô trabalhando com arco, medicine ball e os limitadores.

ENREVISTADOR - Sim, os pratinhos.

ENTREVISTADO - É, os pratinhos. Eu chamo, gosto de brincar com eles, nossa tartaruginha. Aí falou tartaruginha ele já vai. Acabou.

ENREVISTADOR - Já sabem!

ENTREVISTADO - Nossa tartaruginha. Então, a gente trabalha com esses três elementos, arco, medice ball e os demarcadores. Agora, a gente já tá num ponto que eles compreenderam o circuito, eu os permito montar o circuito. Eu já não monto mais! Eu vou com eles corrigindo posições, mas a montagem, eles já compreenderam o processo.

ENREVISTADOR - De certa forma, então, você abre um pouquinho o ensino e faz com que o aluno participe do processo.

ENTREVISTADO - Sim! Porque eles precisam sentir. E aí, dentro de cada aula, um rodízio de alunos pra montar o circuito. Eles próprios se predispõem. Isso é bacana porque, quando você abre o espaço pra que ele passe a um outro aspecto dessa relação, ele abraça a disciplina com prazer maior.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Né? Isso é bacana! A questão da distribuição do material, por exemplo, a gente tem material para todos os alunos, 34 alunos eu tenho 34 bolas, mas eu não uso as 34. Porque eles precisam aprender a ter o trabalho colaborativo.

Então, eles sempre tem que pegar a bola que ele usou e passar pro colega, pra que o colega também tenha a oportunidade de usar. Então, essa vivência estrutural pedagógica de vivência, social, coletiva nesse aspecto. E a vivência motora relacionada diretamente ao aspecto da modalidade que estamos trabalhando, acaba me trazendo um crescimento no que diz respeito a evolução deles, muito grande.

ENREVISTADOR - Em vários aspectos, né?

ENTREVISTADO - Em todos os aspectos! Inclusive no aspecto relacional.

ENREVISTADOR - Exato!

ENTREVISTADO - Que pra nós tem sido um ganho muito grande!

ENREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Pra gente tentar finalizar essa questão de organização, planejamento, você ou de certa forma, vocês, como vocês tem uma harmonia muito grande, segue alguma tendência, alguma abordagem pedagógica específica? De trabalho? Como é que funciona?

ENTREVISTADO - Eu sou muito, gosto muito de buscar esse processo de compreender o aluno. A minha aula não é do meu jeito, é do jeito que eu consegui construir observando os meus alunos. Então, eu não consigo trabalhar, um exemplo, com o 6º A do mesmo modo que eu consigo trabalhar com o 6º G. Apesar da idade/série ser muito, as idades são muito semelhantes. Pouquíssimos alunos não atende esse princípio de idade/série, mesmo sendo A e G. Mas o modo de construção de conhecimento é diferente em cada uma das turmas.

ENREVISTADOR - Das turmas.

ENTREVISTADO - Então, eu gosto muito do modelo Piagetiano, em que, Piaget consegue observar característica de cada indivíduo e a partir dessa observação, tentar desenvolver nele aqueles aspectos com os quais ele precisa ter maior sentido.

ENREVISTADOR - Realmente faz sentido pro aluno.

ENTREVISTADO - E gosto muito do modo como Paulo Freire construiu o conhecimento, partindo daquilo que o autor da realidade.

ENREVISTADOR - Da realidade.

ENTREVISTADO - Tem!

ENREVISTADOR - Exato! Parte do aluno.

ENTREVISTADO - Então, na proposta de avaliação, eu nunca posso avaliar alunos meus que fazem CID com alunos meus que estão começando a trabalhar agora. Apesar da nota ser semelhante na distribuição. Processo de crescimento de cada um que é avaliado individualmente.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Então, o modo que eu gosto de trabalhar é esse! Os outros colegas tem modos próprios mas a gente de modo geral, segue um, não vou dizer padrão, padrão é um negócio meio complicado.

ENREVISTADOR - Meio complicado! Parece que é engessado, né?

ENTREVISTADO - É! Mas assim a gente segue caminhos...

ENREVISTADOR - Similar.

ENTREVISTADO - Caminhos similares. Caminhos similares.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Sabe? Nessa construção pedagógica, a gente procura observar esses aspectos.

ENREVISTADOR - Perfeito! Então vamo trazer todo esse apanhado que você fez de novo pro esporte. Então, você se considera, no ensino do esporte, um professor que diz que busca a realidade do aluno, que tem Piaget ali como base, Paulo Freire. Você se considera, no ensino do esporte, mais voltado pra ser um professor mais tecnicista ou mais crítico, trazer uma transformação do esporte, como é que você?

ENTREVISTADO - Eu mudo o nome, procuro trabalhar, eu me considero um professor vivencial.

ENREVISTADOR - O que você consideraria vivencial?

ENTREVISTADO - Você constrói a identidade desportiva com aluno a partir de uma construção individual dentro de um aspecto positivo. Então, eu trabalhei aqui na escola por uns 8, 9 anos, com equipes esportivas participando dos torneios da Secretaria de Educação.

ENREVISTADOR - Isso! Vou até chegar lá nesse ponto.

ENTREVISTADO - Então, deixa pra daqui a pouco a gente aborda.

ENREVISTADOR - Isso!

ENTREVISTADO - Eu não gosto, coisa minha, eu não gosto de ser técnico, eu não entendo o ambiente de sala de aula pra desenvolver aspectos técnicos.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Para sala de aula! Pra CID é outra história. Pra sala de aula, eu não entendo o aspecto técnico como mais importante. Eu entendo que, pra que o aluno consiga ter, entrar na vivência, em todos os campos desportivos que ele

venha querer desenvolver pra vida dele ou até mesmo de relação, porque o desporto, na nossa visão, digo nossa porque, da área de Educação Física, a gente consegue com atividade de Educação Física desenvolver elementos dos mais diversos, com esses alunos e de modo concreto para aplicação da vida deles. Eu consigo ver isso na Educação Física com uma clareza absurda! Não consigo ver em outra! Na Educação Física eu consigo!

ENREVISTADOR - Se materializam, né?

ENTREVISTADO - Educação Física e Arte são áreas que conseguem entrar na vida deles, então, eu não consigo vivenciar desporto com aspecto tecnicista.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Nem com aspecto essencialmente lúdico onde você tira o aluno de uma realidade, eu não consigo enxergar a Educação Física dando aula de Biologia, aula de Biologia é com biólogo, professor de biologia, aula de Ciências com professor de Ciências, eu dou aula de Educação Física! Eu preciso saber os desdobramentos de uma atividade física e os meus alunos precisam saber que eu sei disso!

ENREVISTADOR - Cada área com as suas incumbências!

ENTREVISTADO - Cada área com as suas incumbências! Então, aqui na escola, a gente deixa isso bem claro! Educação Física é área de Educação Física, eu não substituo professor de Ciências, eu não entro em sala pra dar aula de Ciências pra eles.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Eu posso até complementar um conteúdo que o professor de Ciências possa estar desenvolvendo...

ENREVISTADOR - Fazer um tema transversal!

ENTREVISTADO - Exatamente! Então, a nossa proposta de trabalho aqui, a minha em especial, é essa!

ENREVISTADOR - Perfeito! Contemplado e entendido! Ok! E aí, vamos só trazer um pouquinho o esporte e as modalidades esportivas, antes da gente chegar lá no tópico dos jogos escolares. Por você, há alguma modalidade que você prioriza? Modalidade dentro do esporte, que você acha que deve ser priorizado? Que por si só, você já prioriza? Ou ela tem tratamento de forma igual?

ENTREVISTADO - Normalmente, eu chamo o aspecto de construção coletiva aqui da escola, nós, na nossa discussão, nós entendemos que, eu, se tivesse com o

oitavo ano, estaria desenvolvendo o que o professor Isaque está desenvolvendo. E se ele estivesse no sexto ano, ele estaria...

ENREVISTADOR - Já que tem uma construção coletiva?

ENTREVISTADO - Exatamente! Então, a gente, não entendo priorização como adequada. Mesmo porque, eu estou dando aula. Imagina um professor de matemática que só gosta de fração? Que só vai viver fração, ou regra de três, ele não vai avançar em elementos que vão construir o conhecimento do aluno, a Educação Física...

ENREVISTADOR - De forma ampla!

ENTREVISTADO - É! De formação inclusiva! No nosso caso, o princípio que a gente segue é esse! Eu preciso, como professor de Educação Física, dentro da série, da turma, do ciclo, do bloco que o aluno se encontra, a gente vai desenvolver aquilo que atende aquela, aquilo que é previsto na diretriz pedagógica e aquilo que a gente entende ser adequado e essencial pra eles. Então, por exemplo, a gente não corre com a modalidade! A gente não tem intenção de sair daqui com atletas! Inclusive, uma fala comum de nós quatro. Nós aqui não formamos atletas, nós formamos alunos!

ENREVISTADOR - Ok!

ENTREVISTADO - Nós trabalhamos com alunos!

ENREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Vamos entrar agora nos jogos escolares. Você já antecipou aí que já participou, mas eu queria perguntar, hoje, como é que tá essa questão da sua relação como professor da escola, ou até de forma coletiva aqui da escola, com os jogos escolares? Você participa? Se participa, onde e como ocorre esse processo? E se não participa, o por quê? Queria que você falasse um pouquinho pra gente poder tentar entender!

ENTREVISTADO - Fazendo novamente um resgate histórico.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Eu participei como aluno atleta, participei como aluno de graduação e depois como professor, pensei inclusive quando entrei, em ser professor de CID, depois eu descobri que realmente não tenho perfil de professor de CID. Eu gosto de escola!

ENREVISTADOR - Gosta de escola!

ENTREVISTADO - Então, nós trabalhamos aqui, num período que nós tínhamos, atendíamos os dois turnos, né? Nós fazíamos 20/20 e tínhamos um espaço dentro da escola com tempo disponível pra atender alunos com o desenvolvimento de equipes para participação de...

ENREVISTADOR - Jogos escolares!

ENTREVISTADO - Então, nós passamos por 8 anos tanto do GDF como do JESSAM. Chegou um momento...

ENREVISTADOR - Esse processo acontecia aqui dentro da escola?

ENTREVISTADO - Aqui dentro da escola!

ENREVISTADOR - Tá! Ok! Chegou um momento?

ENTREVISTADO - Chegou um momento em que nós observamos o seguinte, nós só temos um espaço na escola pra atender o conjunto de alunos...

ENREVISTADOR - A comunidade como um todo!

ENTREVISTADO - Então, em cada horário de aula, nós temos seis aulas corridas, a cada horário, nós atendemos à setenta alunos, no total do dia, a 420, 460 alunos, nessa média! Entre 420, 460 alunos! Todos os dias!

ENREVISTADOR - Isso em cada turno?

ENTREVISTADO - Isso em cada turno! Cada turno! Todos os dias! E nós pensamos da seguinte maneira: como é que eu vou solicitar a um professor que me ceda um espaço onde tá trabalhando conteúdo com 34 alunos, que tá dando formação para esse aluno, para que ele tenha vivência social, coletiva adequada, o espaço escolar intensifica dentro dele, tirando espaço de aula, porque a nossa sala de aula é a nossa quadra, isso é bem claro pra gente! A nossa sala é a quadra! A escola trabalha com sala ambiente, a gente gosta de dizer que a nossa sala ambiente não está completa ainda, porque não tem cobertura, porque eu fico em sala pra fazer a chamada, mas a minha sala de aula é quadra!

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Eu não posso, é só uma questão que a gente coloca, pedir que um professor abra mão de atender a 34 alunos pra eu trabalhar com 10. Eu não posso!

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Eu não estaria cumprindo meu papel como professor de escola!

ENREVISTADOR - Exato!

ENTREVISTADO - De escola! Então, a gente, depois de um tempo de participar exaustivamente, nós chegamos à conclusão que a jornada ampliada de um, não é crítica á jornada ampliada, é uma característica do momento que a gente vive de acordo com a característica . A jornada ampliada nos tirou um espaço de construção

desportiva para competição da escola. Nos tirou! Então a gente preferiu dar espaço pra o desenvolvimento desportivo educativo.

ENREVISTADOR - Perfeito! Então até esse período que vocês trabalharam exaustivamente durante oito anos, né? Que você falou! Era então na época que era quebrada? Como era a formatação dessa grade?

ENTREVISTADO - Nós tínhamos, nos trabalhávamos vinte horas pela manhã, vinte horas a tarde, isso pegando a semana toda. E nós atendíamos aos alunos do turno contrário. Então, à tarde nós atendíamos os alunos do matutino, e no vespertino, no matutino nós atendíamos os alunos do vespertino. Cada um de nós com 5 turmas em cada turno de trabalho, dez turmas no total! Então assim que nós atendíamos esse coletivo. Com a jornada ampliada, todas as turmas passaram pra um turno só!

ENREVISTADOR - Isso! A parte pedagógica, como é que eu digo? A Educação Física como componente curricular...

ENTREVISTADO - Passou a fazer parte da grade.

ENREVISTADOR - Parte da grade curricular.

ENTREVISTADO - De um modo geral!

ENREVISTADOR - Da escola!

ENTREVISTADO - E isso fez com que os nossos espaços de desenvolvimento de modalidade pra competição diminuísse assustadoramente. Que sobraram os espaços de coordenação, na escola a coordenação é respeitada, nós temos três dias de coordenação, que é coletiva, são três dias de coordenação coletiva.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Então, a gente não pode sair da nossa coordenação coletiva pra um treinamento.

ENREVISTADOR - Preparar equipes pra uma competição.

ENTREVISTADO - Porque a escola tem uma dinâmica da qual a gente faz parte, a gente precisa participar dela. Então, a gente priorizou atender o aluno na escola.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Há vontade nossa de voltar a competir? Sim! Condições de desenvolver aqui a gente tem? Tem! Mas nós não vamos sacrificar os nossos alunos da aula por conta de capricho, às vezes, porque eu gosto muito de modalidade.

ENREVISTADOR - E por uma minoria, né?

ENTREVISTADO - Pra uma minoria! É uma quantidade pequeniníssima de aluno! Chegou um momento aqui que foi uma das causas que nos fez, umas das razões que nos fez parar com o trabalho, para os alunos ficou difícil virem aos treinamentos e nos passamos a atender os nossos ex-alunos que estavam em outra escola. Era quase um CID!

ENREVISTADOR - Acabou que se transformou essa aula no turno contrário como se fosse um CID?

ENTREVISTADO - Era quase um CID! E a gente percebeu que não era esse o nosso objetivo.

ENREVISTADOR - Exato! E até porque ia se transformando num CID mesmo sendo no turno contrário, você tinha que, não deixou de ser Educação Física Escolar!

ENTREVISTADO - Eu sacrifiquei, não tínhamos como nós deixarmos a coordenação, então os treinamentos eram dados pós-coordenação, e pós-aula, então ficava aqui de sete da manhã até às oito horas da noite. Na escola, o treinamento terminava sete e meia, oito horas da noite. Não dava! Pra eles é sacrificante, pra mim era sacrificante! E o objetivo não era atendido! Fugia o foco! Então a gente preferiu trabalhar dessa forma! Nós entendemos, aqui eu digo nós novamente porque é uma visão coletiva, que no modo como é estruturada a, tanto a grade como a área de Educação Física hoje nas escolas, a Secretaria nos afastou das atividades de competição, ela nos tirou, colocou os CIDs no lugar das escolas. E eu considero isso de um aspecto de um prejuízo pedagógico gigantesco! Que eu nunca vi, mesmo quando era eu, aluno-atleta, eu não conseguia enxergar as competições exclusivamente com o aspecto de competição pura e simples, por isso, havia um monte de coisa ao redor disso.

ENREVISTADOR - Que agregava, né?

ENTREVISTADO - Que agregava! Valores inclusive, dentro do processo! Como estudante, eu fui árbitro de tanto de INTERCID, que acho que não existe mais e...

ENREVISTADOR - Existe ainda!

ENTREVISTADO - Existe? Eu não sei por que, porque INTERCID GDF atendem as mesmas, os mesmos...

ENREVISTADOR - Por que o quê que acontece? Porque os jogos escolares, o JESAM, no caso, os jogos do GDF...

ENTREVISTADO - Do GDF!

ENREVISTADOR - Na verdade, existem os CIDS, mas quem representa é a escola! Às vezes tem um aluno lá do CID, e os INTERCIDs quem representa é o próprio CID!

ENTREVISTADO - Pois é! Eu sou de uma época em que nós tínhamos o GDF para a escola e os INTERCIDs para os CIDs!

ENREVISTADOR - Para os CIDs!

ENTREVISTADO - Se o aluno estudasse na escola e era do CID, a escola só poderia usar dois alunos do CID na equipe da escola porque o CID tinha uma outra realidade, especificação maior, ali você tá preparando atleta propriamente dito! Não tem intenção como escola!

ENREVISTADOR - A especificidade é essa!

ENTREVISTADO - É lá no CID! Não é na escola! Quando houve essa mistura, você desmotivou assustadoramente as escolas que não tinham, os professores não tinham o espaço de tempo, nem objetivo de desenvolver atletas dentro da escola, diferente do pessoal do CID! Que faz um trabalho maravilhoso, tendo esse objetivo!

ENREVISTADOR - Exato! Dentro da sua especificidade!

ENTREVISTADO - Você afastou esse grupo de professores porque eles perceberam que os próprios alunos não conseguiam construir uma boa identidade porque eles sempre se percebiam inferiores a aquele grupo de pessoas que tinham tempo específico pra poder desenvolver aquilo. A modalidade propriamente dita. Então a minha visão é: nós não participamos dos torneios que o governo do Distrito Federal prepara ou patrocina ou fomenta, porque a Secretaria de Educação praticamente disse pra nós, de modo subjetivo, que nos não atenderíamos mais...

ENREVISTADOR - De forma implícita, né?

ENTREVISTADO - A condição de participante porque nós não temos espaço...

ENREVISTADOR - Tempo hábil e útil.

ENTREVISTADO - Tempo hábil e o objetivo!

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Objetivo! Então, inclusive, como ponto crítico mesmo, eu não consigo enxergar, chegamos uma vez numa semifinal do GDF de handball infanto-juvenil, pra chegar a isso eu joguei com os meus alunos sete jogos no mesmo dia, eu terminei o dia com alguns com febre, mal nutridos...

ENREVISTADOR - Exauridos!

ENTREVISTADO - Exauridos, pra poder chegar a uma semifinal! No dia seguinte, coitados, eles estavam...

ENREVISTADOR - (...) Que o esporte traz!

ENTREVISTADO - Não, que acréscimo a isso? Não há agregação de valor nenhum! A competição pela competição não tem objetivo, isso foi mais um fator que nós falamos, não é isso que a gente quer.

ENREVISTADOR - E ainda tem a questão da, da concorrência de certa forma, querendo ou não, a gente não pode fugir, é uma competição, você vai pra uma competição, uma concorrência de certa forma até desleal com a rede particular, privada.

ENTREVISTADO - Exatamente! Eu vejo hoje, os jogos promovidos pelo Governo do Distrito Federal, como jogos exclusivos para atender as escolas particulares. Por quê? Os únicos ambientes, os únicos, as únicas equipes de escola pública ou de atividade pública, que participam de torneios nacionais, são CIDs e de modo muito pinçado, muito pontual, a maioria das modalidades representadas em torneios nacionais são de escolas particulares.

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Nós estamos fora! Nós estamos fora! A Secretaria hoje não nos permite, não fornece espaço, nem condições pra que a gente possa participar de um torneio, dando a esses nossos alunos um outro patamar de vivência. Não tem mais! Muito diferente da época que eu vivi, tanto o CID quanto os desportos de escola.

ENREVISTADOR - De escola! Perfeito!

ENTREVISTADO - Que era completamente diferente! E outra coisa que, aí é um modo de visualização geral, eu não gostei da mudança que fizeram, tudo pra privilegiar a escola particular, na estruturação dos JEBS e dos Jogos da Juventude. Eu nem sei se continuam existindo.

ENREVISTADOR - Continuum!

ENTREVISTADO - Não se pode levar pra uma competição dessa uma escola, você tem que levar o estado, o estado é um coletivo, é um conjunto, como na minha época, quando eu treinava, tanto na seleção de handball como na de voleibol, nós tínhamos colegas da rede privada e da rede pública.

ENREVISTADOR - Que no final do processo interno do Distrito Federal se organizasse uma outra seleção dos atletas pinçando um de cada lugar e fizesse uma seleção representando o estado.

ENTREVISTADO - Exatamente! Que iria levar a representação do estado nessas competições.

ENREVISTADOR - A nível nacional.

ENTREVISTADO - Mudaram, para atender exclusivamente a nicho. E isso nós, de modo geral, aqui na escola, e hoje específico na escola completamente. Não participo porque discordo!

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Inclusive a gente é cobrado constantemente: por que não participa do JESAM? Porque eu não concordo!

ENREVISTADOR - Pela gestão, você diz? A cobrança?

ENTREVISTADO - Não! Pelo modo de estruturação. Quem participa do JESAM?

ENREVISTADOR - Não, eu digo a cobrança!

ENTREVISTADO - Não, aqui na escola a gente não tem! Cobrança nenhuma!

ENREVISTADOR - Ah, tá! É que você falou: aí a gente é cobrado...

ENTREVISTADO - Da regional pra escola!

ENREVISTADOR - Ah, da regional! A regional cobrando da escola!

ENTREVISTADO - Cobrando da escola!

ENREVISTADOR - Ah, tá! Pensei que fosse a gestão cobrando os professores!

ENTREVISTADO - Não, não! Aqui na escola, uma das coisas que a gente conseguiu, como eu te disse, a nossa área, é representada! Os dois grandes trabalhos envolvidos na escola é de nossa responsabilidade! Que é o interclasse, os jogos interclasses...

ENREVISTADOR - O Gincanão.

ENTREVISTADO - E o Gincanão!

ENREVISTADOR - Que inclusive é conhecido até na, por nós, eu que sou professor da rede também, aqui da regional, ouvi falar, mesmo trabalhando aqui na escola à noite, a importância que o, que esses projetos têm pra...

ENTREVISTADO - E tudo criado por nós, nossa área de Educação Física.

ENREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Professor e pra gente encerrar, eu queria que você falasse, qual a sua visão, pra gente fechar com o esporte, já que é objeto de estudo, qual é o papel do esporte dentro da Educação Física Escolar e como conteúdo da Educação Física, dentro da escola? O que você acha? O quê que o esporte tem? Qual o papel do esporte? Dentro da escola e dentro da Educação Física Escolar?

ENTREVISTADO - Eu considero o esporte como modalidade um dos espaços mais democráticos e de construção de identidade! É muito bom quando você consegue pegar uma turma heterogênea, observando característica individual de cada um desses indivíduos, dar a ele condição de se desenvolver dentro daquilo que ele tem como identidade pessoal, utilizando o esporte pra intensificar determinados comportamentos que irão ser importantes na vida dele lá na frente. Então, alguns que a gente discutiu muito na época de faculdade e aqui também, nas nossas reuniões, tanto com professores da Samambaia, eu e professor Rubens, a gente participou de quase todas as reformulações de currículo antes desse último agora, quase todos a gente trabalhou e discutiu, porque a gente sempre teve uma posição de dizer que Educação Física Escolar é o nosso nicho, nós temos que trabalhar a modalidade esportiva Educação Física Escolar com os nossos alunos, eles precisam disso! Então, eu entendo assim, esse modo com que nós trabalhamos, a respeitabilidade aos princípios de regra, o cumprimento de tarefas dentro daquilo que ele pode ofertar, não é daquilo que eu quero que ele oferte, mas aquilo que ele pode ofertar dentro daquela construção que nós planejamos...

ENREVISTADOR - Dentro do processo.

ENTREVISTADO - Dentro do processo! A vivência coletiva, ele deixa de ser um indivíduo isolado e ele passa a ser indivíduo com sua característica particular dentro de um coletivo pequeno, mas importante, porque ele vai ampliar isso daqui a algum tempo.

ENREVISTADOR - Pra viver em sociedade.

ENTREVISTADO - Exatamente! E outra, a gente consegue promover um desenvolvimento global, seja intelectual, motor, funcional, com esses alunos, que eu não consigo ver em nenhuma outra modalidade ou modalidade escolar de conhecimento como a Educação Física pode fazer.

ENREVISTADOR - Então, por meio do esporte você consegue?

ENTREVISTADO - Principalmente por conta do esporte, eu não conseguiria fazer isso dentro de sala de aula, dando aula teórica, num quadro branco, com esses alunos. E é modalidade esportiva, do esporte propriamente dito, ele é estimulante, incentivador e transformador. Você consegue olhar pra aquele aluno, eu tenho um aluno autista...

ENREVISTADOR - E quando a gente fala em transformador, eu creio que você não só transformar ele, pensando no esporte, que ele seja um atleta, não seria essa a sua visão? Você fala em transformar no aspecto como indivíduo?

ENTREVISTADO - Não, não é! Como indivíduo!

ENREVISTADOR - Como cidadão, como pessoa.

ENTREVISTADO - Como cidadão, como pessoa! Utilizando o desporto, como ferramenta e como ferramenta segura, porque você consegue olhar o todo daquele indivíduo. Eu tenho um aluno autista, não só um, eu tenho dois alunos autistas, eu tenho aluno com transtornos de toda sorte, hoje em dia, inclusive, a gente recebe uma quantidade imensa de alunos com transtornos dos mais diversos e com a Educação Física a gente consegue fazer com que ele mude a história de vida dele, dizendo pra ele que ele tem um transtorno, ou ele tem uma deficiência ou ele tem uma situação, uma doença, algo que é crônico na vida dele, mas que não é limitador. Esse aluno que é autista, ele tem má formação congênita nos pés, ele tem dificuldade na fala, ele tem estrabismo, por conta disso, a convivência dele dentro de sala, inicialmente...

ENREVISTADOR - Ele tem o cognitivo comprometido?

ENTREVISTADO - Não, ele não tem! O cognitivo dele não é comprometido! E dentro da nossa aula, na vivência desportiva, com a modalidade que a gente tá desenvolvendo, esse aluno consegue se encontrar, ele se vê. Quando ele pega uma bola e precisa passar dele pra um colega, ele tá identificando ali, não mais aquele que vai colocar de lado, mas aquele que está compartilhando com ele...

ENREVISTADOR - Tá inserido, se sente inserido!

ENTREVISTADO - Quando ele recebe uma bola de alguém, a sensação que ele tem é que o colega está aceitando ele, pra participar do mesmo grupo.

ENREVISTADOR - Que ele tá inserido, que faz parte do processo.

ENTREVISTADO - Não tem outro aspecto que você consiga desenvolver que não seja ali na quadra, com a bola, com o handball, com basquete, com o voleibol, ou com futsal, ou com o trabalho de softball que o professor faz, só a modalidade esportiva é capaz de transformar esse indivíduo, desde que a gente consiga ter essa visão também! Porque parte da gente também!

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Nós professores precisamos olhar a Educação Física como ela realmente é, sem essas inserções indevidas que ela andou sofrendo nos últimos tempos, desconfigurando a essência com qual ela trata, nós tratamos com o desporto, essa é a nossa essência!

ENREVISTADOR - Você falando de essência, eu ia te fazer essa pergunta, você então acredita ainda que o esporte ele ainda tá bem atrelado à Educação Física ou aparece assim como protagonista, vamos dizer assim, da Educação Física Escolar?

ENTREVISTADO - Completamente! Aqui eu vivo isso! Eu, como professor, nesses 20, vou fazer 27 anos de Secretaria, eu vivo isso!

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Eu vivo isso! E eu acredito nisso! Meu professor Cesário ele, quando eu disse que ia ser professor de Educação Física: arruma outra coisa pra fazer! Não! Eu quero ser professor de Educação Física porque eu quero ser igual a você! Então deixa eu te dizer uma coisa, quer ser um bom professor? Marque o seu aluno! O seu aluno, ele precisa se lembrar de você, ele pode até não lembrar do seu nome, mas você tem que ter sido importante pra ele. Então você tem que andar junto, você não pode ser um cara que diz assim: vai lá e faz! Você tem que fazer junto! Ele tem que te sentir perto dele. Eu tenho aqui na escola uma ex-aluna que é educadora social que tá terminando o curso de Educação Física na UnB, e ela fez um depoimento esses dias que eu me emocionei, nunca imaginei, nunca passou pela minha cabeça isso! Ela falou que eu fui o inspirador da vida dela!

ENREVISTADOR - Das escolhas dela, né?

ENTREVISTADO - Cara, aquilo pra mim foi, nunca imaginei! Nunca imaginei!

ENREVISTADOR - Marcou!

ENTREVISTADO - Tem que marcar! A gente tem que marcar! E marcar bem os nossos alunos no que diz respeito a entender que, por exemplo, desculpa alongar, mas é importante isso, quando eu levava os meninos para os torneios a gente tinha regramento. Primeiro, aluno meu não fala palavrão, então eles eram proibidos de falar palavrão dentro de quadra, não permito, se falasse palavrão, senta no banco, outro entra no lugar! Nós não precisamos ser grosseiros com os alunos! Segundo, nós não agredimos! É regra! Aluno meu não agride! Se agredir, pode ser o melhor atleta que eu tenho, sai do jogo.

ENREVISTADOR - Trabalhava essa questão dos valores.

ENTREVISTADO - Exatamente! Terceiro, a gente é correto! Então a gente não inventa falta! A gente recebe a falta. A gente não inventa, a gente tem que ser correto. Que a vida da gente exige isso! Então, todos eles que participaram com a gente, não era só comigo, tinha a professora Rosemeire que trabalhou muito com a gente, professor, não lembro o nome dele agora, que também trabalhou com a gente no futsal, esse conjunto de valores, foram essenciais pra que hoje fossem indivíduos. Só um seguiu a carreira de Educação Física, professor, mas todos eles são pessoas de bem!

ENREVISTADOR - Mas é isso, a questão da transformação que eu te perguntei.

ENTREVISTADO - E com o esporte!

ENREVISTADOR - Não só, eu te perguntei você falou muito em transformação, mas a transformação como indivíduo, como cidadão, porque quando eu pergunto transformação, porque a Educação Física é vista pela sociedade de

uma transformação apenas esportiva pra você se tornar um campeão olímpico, né? A Educação Física é a base da pirâmide, a Educação Física, o esporte tem que ser trabalhado lá se detecta, pode ser até detectado aqui, né? Mas esse não é foco principal, acredito eu e pela sua fala.

ENTREVISTADO - E não pode ser! Eu não acredito nessa imagem! Eu não acredito!

ENREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Eu acredito que a gente tem lá valores individuais e pessoas que tem suas habilidades mais desenvolvidas e a gente manda pra quem desenvolve.

ENREVISTADOR - Exatamente!

ENTREVISTADO - A escola tem essa função de formar o indivíduo.

ENREVISTADOR - Exato! De transformar, mas não...

ENTREVISTADO - E o desporto, meu amigo, eu digo isso porque o que a gente tem aqui é isso! Os nossos amigos das outras áreas respeitam a Educação Física aqui na escola.

ENREVISTADOR - Porque vocês criaram uma identidade e conseguiram transmitir, inserir a importância que a Educação Física tem!

ENTREVISTADO - Então, eles entendem quando a gente tá trabalhando com um aluno lá fora e ele volta pra sala, ele tá levando pra sala aquilo que a gente desenvolveu e trabalhou de valores lá fora! Então, quando ele vai escrever numa folha aqui, caderno pautado, ele precisa respeitar a regra, ele traz o respeito à regra do handball que você tem linhas demarcatórias, pra poder escrever um texto de português, que na teoria talvez ele não compreenda, mas ele sabe que se ele ultrapassar a linha pra cá ou a linha pra cá...

ENREVISTADOR - A margem.

ENTREVISTADO - Ele não seguindo o regramento adequado e ele aprendeu isso, jogando handball com a gente lá na quadra.

ENREVISTADOR - Você vê a influência que a Educação Física tem no cotidiano escolar como um todo!

ENTREVISTADO - Exatamente!

ENREVISTADOR - Perfeito! Professor, contemplou perfeitamente o que nós esperávamos de um diálogo, não gosto nem de falar entrevista, um diálogo, sobre o esporte como conteúdo da Educação Física Escolar, não só o esporte, a gente conseguiu trazer vários e vários outros aspectos da Educação Física pra dentro do nosso diálogo. Então, de antemão, quero agradecer mais uma vez a sua participação, a sua colaboração com a minha pesquisa, com meu

estudo e que a gente possa, não só em momento como esses de pesquisa, né? Acho que é necessário, o quanto enriquece o nosso campo e o nosso trabalho como professor e como profissional.

ENTREVISTADO - Charles, assim, não sei, ultimamente a gente tem sentido falta de algumas coisas importantes, a gente tem recebido alguns convites pras reuniões de professores de Educação Física de modo geral, mas eu só entendo a construção de uma identidade de Educação Física partindo da nossa base para o geral. Não vem do geral pra base, porque se torna impositivo. Eu tô sentindo falta disso! Antes a gente se reunia uma vez a cada bimestre pra discutir elementos próprios de desenvolvimento da Educação Física nas escolas.

ENREVISTADOR - E de quem realmente está no chão da escola!

ENTREVISTADO - Exato! Somos nós! E essa imagem pra mim é a das mais lindas! O chão da escola! Isso pra mim, eu ouvi esses dias, uma professora comentar isso com a gente aqui, me marcou! O chão, nós somos os que batemos e fazemos o chão da escola. E isso a gente tá precisando! De teóricos, de teóricos eu leio muito.

ENREVISTADOR - Eu falei isso com um outro professor de uma outra escola que eu estava entrevistando aqui da regional também, falando exatamente isso, porque se a gente faz esse diálogo, tem essa conversa, sem entender a realidade, não faz sentido! Às vezes eu tô com uma visão só de teoria aqui te entrevistando e às vezes o que você falou não fez sentido pra mim, nem pro meu estudo.

ENTREVISTADO - Exato!

ENREVISTADOR - Mas eu sou um par, que compartilho do mesmo ambiente e da mesma vivência, então a gente se identifica e constrói coletivamente, isso é uma construção e é um dos meus propósitos do meu estudo é posteriormente fazer um encontro com os que participaram, com os que participaram da entrevista, da minha pesquisa e pros demais, abrir o convite pros demais professores da rede. Mas pra que a gente faça essa intervenção, esse diálogo, essa reflexão, uma reflexão coletiva mais nós, que estamos em sala de aula.

ENTREVISTADO - A gente precisa disso!

ENREVISTADOR - Né? Em sala de aula, como diz você, lá na quadra, dentro da escola, quem está no chão da escola. Não impositivo como você falou, de cima pra baixo, isso não resolve.

ENTREVISTADO - E não funciona!

ENREVISTADOR - Não resolve! A realidade parte de nós que estamos aqui no dia a dia! Professor, agradeço mais uma vez, muitíssimo obrigado!

ENTREVISTADO - Eu que agradeço a oportunidade!

ENTREVISTA COM O PROFESSOR 2

ENTREVISTADOR - Ok! Vamos dar início aqui a entrevista com o professor 2, lembrando que a entrevista é para fins acadêmicos, da minha pesquisa a cerca do esporte como conteúdo da Educação Física Escolar. Muito obrigado, professor! Te antemão, já agradeço a sua colaboração, a sua contribuição para com meu estudo e para com a minha pesquisa. Então nós vamos ter uma conversa bem tranquila, que o senhor responda de acordo com as suas convicções, tá certo? Queria que antes você já me fizesse um resumo, qual foi a sua, como eu posso dizer? Como é que foi a sua graduação e porque você escolheu a Educação Física Escolar como graduação? Em que ano foi a sua conclusão de curso?

ENTREVISTADO - A minha graduação iniciou-se no ano de 1985, em janeiro de 1985, na faculdade Dom Bosco de Educação Física, que hoje é vinculada, né? A Universidade Católica.

ENTREVISTADOR - Aqui em Brasília mesmo, né?

ENTREVISTADO - O polo, isso, na W3 Sul, quando era lá na W3 Sul, e eu me interessei pela Educação Física Escolar, pela parte esportiva, porque, eu já fui atleta de futebol de campo, já fui atleta de handball, já fui atleta de futebol de salão, né? O atual futsal e eu já fui atleta de remo, então, durante a minha juventude eu participava muito, eu competia bastante, normalmente nos anos que eu estudei no colégio militar, eu praticava muito o desporto e eu criei esse interesse, né? E segui como profissional de Educação Física.

ENTREVISTADOR - Então você teve, durante a sua juventude, uma ligação muito íntima com o esporte, né?

ENTREVISTADO - Exatamente!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Então, essa questão da intimidade com o esporte, você via uma possibilidade mais pra trabalhar já, visando a Educação Física Escolar ou de tentar ir mesmo pro esporte...

ENTREVISTADO - Mais assim, a prática desportiva, e fazer carreira no desporto. Eu só não fui porque o meu pai era militar, oficial do Exército, e aí ele não acho muito boa a ideia de eu, ele achava que eu tinha que ter uma graduação, me graduar, né? E seguir assim, sem ser um profissional do desporto como um jogador, um atleta.

ENTREVISTADOR - Perfeito! E qual foi o ano que você adentrou à Secretaria de Educação? Como professor de Educação Básica?

ENTREVISTADO - Em 1997, em maio de 1997.

ENTREVISTADOR - Perfeito! E teve alguma experiência antes?

ENTREVISTADO - Anteriormente eu trabalhava na rede particular de ensino, a partir de agosto de 1988 eu ingressei, passei a dar aula na rede de ensino Compacto, que hoje não existe mais, né?

ENTREVISTADOR - Sim, eu me recordo!

ENTREVISTADO - Recorda, né? Então, eu comecei a trabalhar em agosto de 1988, e de lá pra cá, na Secretaria de Educação. Depois em 1997, eu ingressei na Secretaria de Educação.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Então, vamos dizer, já 22 anos, né? Na Secretaria,

ENTREVISTADO - Na Secretaria é! São 22 anos!

ENTREVISTADOR - E o segmento? Sempre no Ensino Fundamental? Ou passou no Ensino Médio em algum momento?

ENTREVISTADO - Na escola particular, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

ENTREVISTADOR - E aqui na Secretaria?

ENTREVISTADO - Apenas Ensino Fundamental.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha!

ENTREVISTADO - E Educação de Jovens e Adultos.

ENTREVISTADOR - Também no EJA, né?

ENTREVISTADO - É!

ENTREVISTADOR - Maravilha! Perfeito! E voltando um pouquinho lá pra parte da graduação, já trazendo pro esporte, né? Esse trato com o esporte, como é que foi o esporte lá na época da graduação? Na faculdade, na faculdade Dom Bosco? Como o esporte era abordado pelos professores, na grade curricular, queria que você falasse um pouquinho sobre isso.

ENTREVISTADO - Olha, a parte, os desportos, né? Na Dom Bosco, ele foi muito bem contemplado, os professores eram realmente muito capacitados, inclusive da parte de futebol, futebol de campo, o meu professor, era professor, finado, né? Que Deus o tenha, professor Kleber Soares do Amaral, que foi integrante da comissão técnica na Copa do Mundo de 1970, integrante da comissão técnica do Brasil na Copa de 1970, então, ele trouxe muita experiência que eu adquiri bastante conhecimento através desse professor e outros também, professor de handball, professor Santiago, professor Moacir Marques.

ENTREVISTADOR - Santiago foi meu professor.

ENTREVISTADO - Professor Santiago, professor de voleibol era o professor Gerônimo Soares do Amaral, professor Gerônimo Perdomo, Gerônimo Perdomo, então, eu adquiri bastante conhecimento, eu só lamento não ter conseguido em relação ao futebol de salão, né? Que não era oferecido essa modalidade. O que eu aprendi, assim, (...) depois eu me tornei técnico de futsal, depois eu passei a ser árbitro, né? Da Federação Brasiliense de Futsal, e, eu lamento só essa parte em relação ao futsal.

ENTREVISTADOR - Então naquela época já era contemplado os esportes, cada um separadinho, dentro da...

ENTREVISTADO - Exatamente!

ENTREVISTADOR - Porque hoje nós vemos muito os esportes coletivos, tudo no mesmo cesto e naquela era tudo separado?

ENTREVISTADO - Certo! Era tudo separado! Cada desporto coletivo, um professor específico.

ENTREVISTADOR - Perfeito! E como era essa abordagem do esporte? Era mais uma abordagem mais tecnicista, de ensinar o, mais voltada pro treinamento, mais voltada pro ensino escolar, como é que era essa abordagem?

ENTREVISTADO - Mais voltada para o treinamento, mais voltada pro treinamento.

ENTREVISTADOR - Perfeito, professor! Legal, vamos adiante! Qual dos conteúdos da Educação Física é priorizado, se há uma priorização, por você no seu trabalho pedagógico com os alunos? E por quê? Eu digo conteúdo de forma ampla, se você pegar o esporte, o jogo, a dança, há uma prioridade, o esporte aparece como prioridade e por quê? Queria que você falasse um pouquinho, no seu planejamento pedagógico.

ENTREVISTADO - Atualmente, a gente continua priorizando o desporto mesmo, o desporto coletivo, porém, a gente tem dado uma margem maior pra outras atividades, atividades lúdicas, né? Por quê? Devido a falta de infraestrutura e de material para que a gente possa se envolver a contento essas atividades desportivas, então, a gente, tem hora que tenta, nós temos voleibol, 5 bolas de voleibol, então, pra você trabalhar o voleibol com 5 bolas numa aula é muito difícil, né? Você passar os fundamentos, então a gente está, também, agora deixando uma parte para outras atividades.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Eu ia até fazer essa pergunta, já que você tocou no assunto, eu vou antecipar, como é a estrutura física e de material da escola? Da escola especificamente da escola que hoje você está inserido?

ENTREVISTADO - Muito ruim! Muito precária! Nós temos um espaço lá, que antigamente era uma caixa de areia, porque essa escola, ela foi planejada para servir de escola classe, não como Centro de Ensino Fundamental, mas devido a baixa demanda da comunidade escolar, transformou-se num CEF, Então, não havia instalações adequadas para a Educação Física. Então, eu ingressei aqui nessa escola em 1998, apenas em 2002 é que, um ex-diretor, conseguiu uma verba, e aí aquela tanque de areia, transformou num, não numa quadra, num quadrado literalmente, porque é um quadrado, muito pequeno, e aí a gente padecia com essa falta de infraestrutura e padece até hoje porque não é um local adequado, não é uma quadra desportiva adequada!

ENTREVISTADOR - Perfeito! E de material?

ENTREVISTADO - O material também é absolutamente precário...

ENTREVISTADOR - Quantitativo baixo?

ENTREVISTADO - Exatamente, a quantidade e a qualidade do material. Nós pedimos, fizemos uma lista no início do ano e a direção, por exemplo, as bolas de voleibol, elas, ao invés daquelas bolas tradicionais, de boa marca, Penalty, Topper, ela conseguiu aquelas bolas que a gente chama de pra jogar na areia, pra criança brincar na praia, bolas, o peso não é correto, então, pra passar, pra aprendizagem dos fundamentos pro aluno, fica muito difícil, devido à precariedade do material, a qualidade do material.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Entendido! Então vamos dar um passo atrás e voltar a falar sobre planejamento e organização. Como é o seu planejamento e organização pedagógica para o desenvolvimento do conteúdo esporte? Anteriormente eu havia te perguntado se o, qual o conteúdo que era priorizado, agora vamos fazer um recorte apenas no esporte, como é o seu planejamento pra trabalhar, pra desenvolver esse conteúdo esporte? Como é que funciona?

ENTREVISTADO - A gente, a carga horária são três aulas semanais e eu utilizo uma aula semanal pra fazer esse trabalho com relação ao desporto, pra passar os fundamentos do desporto, as técnicas, as táticas, então a gente utiliza uma aula semanal, com esse material precário, então, a aula fica assim, muito recortada, porque quando você, o aluno tá lá fazendo o fundamento do arremesso no handball, quando tá passando pra terceira fase, né? O salto, a aula já acabou, então, os alunos, eles tem dificuldade, justamente, por essa falta de material, temos apenas 4 bolas de handball disponíveis, então, pra cada aluno executar, fica muito difícil o aluno conseguir, assim, em apenas uma aula, fazer aquela atividade, a turma toda eu digo.

ENTREVISTADOR - Que seja contemplado, né? De forma mais ampla!

ENTREVISTADO - Exatamente! Que se houvesse uma quantidade de material maior, no caso as bolas, o aluno poderia ter um maior contato com aquele fundamento, pra aprender a técnica, mas, devido a falta de material, é essa a dificuldade.

ENTREVISTADOR - Perfeito! E como é essa contemplação dos esportes dentro do planejamento? Vamos tentar ser um pouquinho mais específico, é por bimestre? Um esporte a cada bimestre?

ENTREVISTADO - Exatamente! É um desporto a cada bimestre.

ENTREVISTADOR - Aí, geralmente, você planeja como?

ENTREVISTADO - No primeiro bimestre, nós fizemos voleibol, no segundo bimestre, agora, handball, no terceiro bimestre a gente faz futsal e noções de futebol de campo, apenas a parte teórica e o quarto bimestre basquetebol, também mais assim noções dos fundamentos, apenas o drible, a progressão de bola, porque nós não temos tabela, entendeu?

ENTREVISTADOR - Não tem espaço específico pra trabalhar...

ENTREVISTADO - Não tem espaço específico! Não temos!

ENTREVISTADOR - Então, no caso seria basicamente os quatro esportes que a gente chama dos tradicionais da Educação Física Escolar?

ENTREVISTADO - Isso, dos tradicionais! Exatamente!

ENTREVISTADOR - E o plano de curso, você aqui na escola tem um momento de fazer um plano de curso com os demais professores e falando nisso, são quantos professores de Educação Física na escola?

ENTREVISTADO - No início do ano, no início do ano letivo, na semana pedagógica é feito a reunião por área, por disciplina e aí cada um dos professores elabora seu plano de curso.

ENTREVISTADOR - Em conjunto?

ENTREVISTADO - Em conjunto, isso! E nós somos 4 professores de Educação Física, dois com a carga horário de 40 horas e dois com a carga horária de 20 horas.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Ok! E aí pra finalizar essa parte de planejamento, de organização, você segue alguma teoria educacional, abordagem pedagógica, alguma específica para o ensino do esporte?

ENTREVISTADO - Não!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Ok! Agora voltando a falar das modalidades, dentre essas modalidades que você citou, você prioriza alguma, você acha que alguma dessas aparece com mais ênfase dentro da...

ENTREVISTADO - Não! Eu dou o mesmo valor a todas!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! E agora vamos falar um pouquinho dos jogos escolares, você participa dos jogos escolares que tem aqui na Samambaia? (...)

ENTREVISTADO - Não, nós não participamos, por absoluta falta de condições de material, de uniforme...

ENTREVISTADOR - Perfeito! Ia te perguntar o porquê?

ENTREVISTADO - E até, assim, por parte da direção, não existe, assim, muito incentivo, entendeu? E aí a gente não participa.

ENTREVISTADOR - Perfeito! E eu queria que você falasse um pouquinho, porque essa questão dos jogos escolares é uma situação que me instiga muito, você como professor, você acha que é válido essa participação? Ela deveria ser em outro formato? Como é que você acharia essa questão dos jogos escolares hoje, associado à Educação Física Escolar?

ENTREVISTADO - Professor, (...) é o seguinte, no início, quando eu cheguei aqui nessa escola, em 1998, nós participávamos, né? Dos jogos escolares, do JESAM, de Samambaia, por quê? Porque havia uma maior facilidade, tanto em relação, assim, à disponibilidade, pra gente treinar as equipes, por quê? Antigamente, a Educação Física era fora da grade horária, então a gente ministrava as aulas no turno contrário, e aí, era uma excelente oportunidade pra gente, além de ministrar a Educação Física Escolar, a gente montar as equipes pra participar das diversas modalidades que os jogos de Samambaia ofereciam, mas, com a inclusão da Educação Física na grade horária, ficou muito difícil, porque aí a gente, por exemplo, pra treinar a gente vai tá discriminando aquele aluno que não gosta, não participa, na hora, vocês vão ficar aqui, que eu vou treinar o time que vai, a equipe que vai disputar o JESAM, então, a partir dessa ótica, eu, realmente, fiquei muito desestimulado e desisti de participar.

ENTREVISTADOR - Maravilha! Perfeito! Entendido! Ok! Então, vamos lá, pra finalizar, acho que a gente conseguiu contemplar de forma bem ampla, aí eu pergunto, na sua visão, qual é o papel do esporte dentro da escola e mais especificamente dentro da Educação Física Escolar? Qual o papel que você enxerga o esporte?

ENTREVISTADO - O desporto, ele é um fator preponderante na formação do aluno, se na vida, porque a gente vê aqui, especialmente aqui, uma comunidade muito carente, muitos alunos aqui a gente conversa, eles praticam, muitos praticam,

treinam em escolinhas, né? Visando, almejando um dia chegar a se tornar um profissional, um jogador. Inclusive, eles falam pra sair da situação socioeconômica em que eles se encontram. Ajudar a família, então, muitos deles têm esse sonho, então, a gente procura, né? Incentivar, fazer o máximo possível pra que esse sonho não se perca, né? A gente sabe, estatística (...) Então, a gente procura incentivar da melhor forma possível, né? Gostaria de fazer mais por eles, mas, infelizmente, devido a essa falta de infraestrutura, a gente não consegue, mas, a gente procura sempre estimular eles. Então, a gente, eu, pelo menos, dou um papel, eu acho, acho não, tenho certeza, que o desporto na escola, ele deve ser, assim, mais valorizado, mais incentivado a pratica dele, porque a gente tá vendo a cada ano, parece que tá havendo uma diminuição, o interesse dos gestores, das pessoas que têm, assim, digamos, o poder de ajudar, né? Então, a gente vai vendo e isso reflete nos colegas, os professores que vão desanimando, eles vão ficando desanimados, chega lá, vamos participar ali do torneio, ah, não sei, quanto que é? Tem que pagar? Tem, tem que pagar a taxa de inscrição! Ah, o colégio não tem dinheiro! Entendeu? E aí a gente fica...

ENTREVISTADOR - Refém!

ENTREVISTADO - Refém! Exatamente!

ENTREVISTADOR - Beleza! Perfeito! Professor, encerramos por aqui, mais uma vez quero agradecer a sua colaboração, a sua participação com o estudo, com a pesquisa, eu acho que é de fundamentação importância a gente ter esses momentos, principalmente dentro da Educação Física Escolar, de tentar compreender, de tentar avançar, de tentar, realmente, verificar como é que as abordagens estão acontecendo dentro da escola e foi de grande valor a sua contribuição para com o estudo, tá? Agradeço, muito obrigado!

ENTREVISTADO - Prazer!

ENTREVISTA COM A PROFESSORA 3

ENTREVISTADOR - Então vamos dar início à entrevista com a professora 3 da regional de ensino de Samambaia. Antes de qualquer coisa, professora, quero agradecer o seu aceite em relação a estar participando dessa pesquisa, desse estudo. Então nós vamos iniciar a entrevista de forma bem tranquila e que você responda de acordo com as suas convicções em relação ao que você realmente pensa, especificamente sobre o objeto de estudo que é o conteúdo esporte na Educação Física Escolar, tá certo?

ENTREVISTADO - Ok!

ENTREVISTADOR - Então, vamos lá! Primeiro, qual foi o motivo que te levou a cursar Educação Física e ser professor da Educação Básica? Pode responder tranquila, de forma separada, com o tempo que você achar necessário.

ENTREVISTADO - Tá bom! Eu escolhi Educação Física mais associado a um gosto pessoal que é a dança, então era um campo que eu pensei que cursando Educação Física que talvez eu fosse pra esse lado, mas a realidade não condiz, nem sempre condiz com os sonhos da gente e aí eu comecei a trabalhar com o esporte no SESI, dentro de uma escola pública, e aí, a partir daquela vivência ali dentro da escola pública, aí foi onde eu tracei meus novos objetivos que eu queria entrar na Secretaria de Educação.

ENTREVISTADOR - Perfeito! E qual foi o ano que você se formou?

ENTREVISTADO - Formei em 2008.

ENTREVISTADOR - E há quanto tempo você já está trabalhando no Ensino Fundamental? Sempre foi no Ensino Fundamental? Desde da época do SESC, né?

ENTREVISTADO - Do SESI!

ENTREVISTADOR - Do SESI!

ENTREVISTADO - No SESI era Ensino Fundamental I. Era, foram os anos de 2011, 2010, 11 e 12.

ENTREVISTADOR - Ah, tá! Então Fundamental II! Até o quinto ano, no caso?

ENTREVISTADO - Isso! Isso! E agora Ensino Fundamental II, 2015, 16, 17, 18, 19. Cinco anos!

ENTREVISTADOR - Cinco anos! Sempre com, ali dentro do Ensino Fundamental, dentro desse recorte, sempre com as mesmas turmas? Ou você perpassou por outras turmas? De sexto, sétimo, como é que foi?

ENTREVISTADO - Sempre sexto e sétimo.

ENTREVISTADOR - Sempre sexto e sétimo, nesses anos!

ENTREVISTADO - Sexto e sétimo!

ENTREVISTADOR - Você já tem esses cinco anos sempre dentro dessas duas, desses dois anos.

ENTREVISTADO - Sempre!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Tá, você já falou, além da Secretaria de Educação, você teve esse convênio com o SESI. Então, vamos lá, vamos tentar chegar

dentro do que a gente se propõe a entender essa questão do esporte. Como o conteúdo esporte foi abordado dentro da sua graduação? Antes de qualquer coisa, onde você foi graduada?

ENTREVISTADO - Fui graduada na Católica, Universidade Católica de Brasília. O esporte dentro da graduação, ele é muito presente, de forma bem técnica mesmo, não é esporte como meio, é esporte como fim e acho que talvez daí a dificuldade quando a gente chega na escola pra trabalhar, porque aqui não pode ser o esporte como fim, né? O esporte como meio, então, talvez, surja daí tantas dificuldades que a gente enfrenta. Outra coisa que não condiz com a realidade é que na faculdade a gente tinha 20 bolas, 30 bolas, uma bola pra cada aluno, então todas as metodologias que os professores passaram ali, eu não posso usar aqui, na minha realidade com 40 alunos e duas bolas. Então, tudo tem que ser adaptado e essa adaptação a faculdade não ajudou, né?

ENTREVISTADOR - Perfeito! Qual dos conteúdos da Educação Física é priorizado por você em seu trabalho pedagógico com os alunos? E por quê?

ENTREVISTADO - Bom, o PPP, não, como é que é o nome do...

ENTREVISTADOR - Plano de curso?

ENTREVISTADO - O plano de curso, não, o plano de curso é feito por mim, mas é baseado no?

ENTREVISTADOR - Você fala no PPP da escola e nas Diretrizes, na ABNCC, NO Currículo em Movimento da Secretaria, seria isso?

ENTREVISTADO - É! Então, ele me dá um amplo, vários conteúdos pra serem abordados, trabalhados, mas ao mesmo tempo, a Secretaria exige outras coisas, por exemplo, precisamos participar dos jogos escolares, os jogos escolares, quais são as modalidades? Futsal, handball, basquete, vôlei. São essas as modalidades coletivas. Como fugir daí? Como não dar essas quatro modalidades, sendo que os jogos exigem essas quatro?

ENTREVISTADOR - É o que chama de quarteto fantástico, né?

ENTREVISTADO - É, então a gente fica...

ENTREVISTADOR - Com maior predominância!

ENTREVISTADO - É, então, eu gosto muito de trabalhar o atletismo no primeiro bimestre pra ensinar os meninos a correrem, que a gente sabe que eles tem muita dificuldade, não tiveram acesso na Educação Infantil I, mas com esse calendário de jogos, essas coisas, ou a gente faz um ou faz outro. Então, eu optei pelo futsal e handball nesse primeiro momento, pra poder...

ENTREVISTADOR - Perfeito! Quando a gente fala em priorização, quando te pergunto qual dos conteúdos é priorizado, você citou a questão dos esportes, mas vamos falar de forma mais ampla, como você falou da dança, que você gostava muito da dança, pegando os conteúdos da cultura corporal, tem algum que você é priorizado, esporte, a dança, que é priorizado por você? Como é que você trabalha e como é que você planeja pra trabalhar os conteúdos da Educação Física dentro da escola? Trazendo assim de forma mais ampla, esporte, dança, os jogos, tem algum que é mais priorizado?

ENTREVISTADO - O esporte, o esporte em si, ele é o mais priorizado aqui, por mim, gosto de trabalhar jogos também, jogos cooperativos, jogos competitivos, porque como todos, por conta dos esportes, os meninos se tornam, já é do ser humano, extremamente competitivos, então, quando a gente traz o jogo cooperativo, a gente consegue mostrar o outro lado pra eles. Gosto de trabalhar conteúdos do corpo humano, como um todo, funcionamento do corpo humano, questão de saúde, questão de higiene pessoal em todos os conteúdos também trabalhando sempre enfatizando que o objetivo da escola não é formar atletas e sim cidadãos responsáveis, então todos os conteúdos tem essa abordagem social.

ENTREVISTADOR - Mas, no final das contas, você acha que o esporte ainda tem uma relevância em relação aos outros?

ENTREVISTADO - Sim!

ENTREVISTADOR - Durante o planejamento?

ENTREVISTADO - Sim! Com certeza o esporte...

ENTREVISTADOR - Por quê? Por que você acha assim? Vamos tentar entender um pouquinho isso! Por que você acha que o esporte ainda aparece com mais relevância, com mais prioridade que os demais?

ENTREVISTADO - Não numa questão de importância, mas algum dos fatores, por exemplo, material, seu eu não trabalhar num jogo de futsal, por exemplo, tenho 10 alunos envolvidos ali e uma bola, ou seja, eu já tenho 1/3, 1/4 da turma ali, jogando e com uma bola, quando eu faço um jogo, uma atividade sempre vai envolver mais materiais, nem sempre a escola tem esses recursos, o tempo, também, a gente acaba acontecendo outras coisas do contexto escolar que acaba tirando a gente ali do planejamento, então assim, você planejou uma aula diferenciada hoje, um jogo cooperativo que exige balões, barbante, e aí, daqui a pouco, a diretora vem e te pede pra subir uma aula, como que você vai fazer um jogo com 60, 70 alunos, ao mesmo tempo, você sozinha, você acaba fazendo o quê? Pega as bolas, entrega pros meninos, e eles vão o que? Futsal, vôlei, queimada, então, acaba sendo priorizado o esporte.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Perfeito! E só pra gente encerra esse trecho, essa parte, pensando no esporte, dentro do planejamento, você acha que essa ênfase maior, até aparecer mais dentro do planejamento, se deve ao fato de uma questão cultural? Talvez?

ENTREVISTADO - Sim! Com certeza! Com certeza é uma questão cultural! Não só o futebol, que já está enraizado todos nós brasileiros, mas, a competição em si, então o que vai trazer é o esporte, o que vai alimentar essa vontade, então, não tem como desvincular a Educação Física Escolar do esporte.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Então, a gente pode dizer, no caso, no seu entendimento, você acredita que a Educação Física Escolar está, é um sinônimo do esporte e vice e versa? O sinônimo é esporte na Educação Física Escolar? Que eles estão bem atrelados? O que você pensaria a respeito disso?

ENTREVISTADO - Acredito sim, que eles estão bem entrelaçados, mas, nós professores, temos a obrigação de mostrar o esporte como meio e não somente como fim, né? Então, é aquela questão, que eles veem e querem jogar e querem fazer como eles veem na mídia, então, cabe ao professor mostrar que não, que não é assim, que na hora do empurrão ali, você tem que pedir desculpas, pegar na mão do colega, ajudar a levantar, então, a gente tem sim, trabalha sim, muito esporte na Educação Física Escolar, mas é nossa obrigação trazer esse lado social.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Perfeito! Então vamos andando! Você já falou um pouquinho de estrutura física e de material, mas eu vou trazer esse tópico novamente, qual é a condição de estrutura física e material oferecida pela escola? Hoje, no caso aqui, o CEF 312, para trabalhar os conteúdos da Educação Física?

ENTREVISTADO - Hoje, o material aqui, não falta, mas também não tem uma diversidade de materiais, que a gente sabe que a Educação Física abrange, nós temos materiais básicos, as bolas dos 4 esportes, corda, colete, então, são sempre materiais básicos, não tem muita diversidade.

ENTREVISTADOR - Mas que não te limita também pra poder trabalhar? Poderia ser melhor, mas...

ENTREVISTADO - Poderia ser melhor, mas já dá pra trabalhar.

ENTREVISTADOR - E associando ao esporte novamente, que a gente tá sempre trazendo o esporte pra dentro do diálogo. Hoje, pra trabalhar os esportes, os materiais atendem? A estrutura física da escola atende?

ENTREVISTADO - A estrutura física da escola atende, os materiais atende, daquela maneira, poupando, economizando.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Entendido! Vamos avançando! Como é o seu planejamento, organização pedagógica, como você planeja e se organiza pedagogicamente para o desenvolvimento do conteúdo esporte dentro das aulas de Educação Física? Como é que você faz esse plano? Como é que você pensa pra planejar? Você elabora um plano de curso? Você faz uma relação com o PPP? Como é que, acho até que você já falou um pouquinho sobre isso, a gente poderia entrar...

ENTREVISTADO - Sim, no início do ano letivo a gente faz o planejamento de curso e eu procuro colocar um conteúdo por bimestre, um esporte por bimestre e é um, esqueci o nome agora, e um tema transversal também pra ser trabalhado junto com aquele esporte por bimestre.

ENTREVISTADOR - Com a modalidade no caso?

ENTREVISTADO - Modalidade...

ENTREVISTADOR - Aí seria no caso, aquelas quatro modalidades que você falou?

ENTREVISTADO - As quatro modalidades...

ENTREVISTADOR - Que associa aos jogos escolares?

ENTREVISTADO - Sim, só que no caso do caso do sexto ano eu não vou trabalhar o voleibol pela limitação deles, mas vou trabalhar o atletismo, só vou inverter, ao invés de trabalhar no início do ano, vou ter que trabalhar mais pro final.

ENTREVISTADOR - Fazer essa substituição! Entendi! Entendi, aí você faz essa substituição do vôlei pelo atletismo no caso?

ENTREVISTADO - Sim!

ENTREVISTADOR - Tá! E em relação ao PPP da escola? Você tem conhecimento do PPP?

ENTREVISTADO - Tenho! Tenho sim!

ENTREVISTADOR - E aí você fez questão de planejar em relação ao PPP também? O que a escola pensa sobre a Educação Física, sobre o esporte? Ou procurou se basear mais nas diretrizes da Secretaria de Educação no caso?

ENTREVISTADO - No PPP da escola, nós temos o interclasse, então é ali praticamente onde é aceitado a Educação Física ali! Mas pra montar meu plano de curso, foi baseado nas diretrizes.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! E trazendo mais pras teorias pedagógicas da Educação Física, você segue alguma teoria educacional? Abordagem pedagógica pro ensino do esporte? E se segue, qual seria ou...

ENTREVISTADO - Não, não sigo!

ENTREVISTADOR - Tá! Perfeito! E modalidade esportiva, já que a gente falou no tópico anterior, há alguma modalidade esportiva que é priorizada? Agora falando das modalidades, dentro do esporte, tem alguma que é priorizada por você e por quê? Você falou aí que trabalha em 4 bimestres com cada modalidade, né?

ENTREVISTADO - Isso! Eu gosto de priorizar o atletismo!

ENTREVISTADOR - Por quê? Tem algum?

ENTREVISTADO - Porque ele dá, ele é mais amplo, ele ensina a correr, ele ensina a saltar, então é muitas modalidades dentro de uma, muitas categorias dentro de uma modalidade.

ENTREVISTADOR - Entendi! É uma modalidade mais ampla, né?

ENTREVISTADO - Isso!

ENTREVISTADOR - Você diz... Perfeito! Vamos entrar agora na questão, você já até citou, os jogos escolares, você participa dos jogos escolares?

ENTREVISTADO - Sim!

ENTREVISTADOR - Sim! Então, se sim, onde e como ocorre o processo de preparação para os jogos?

ENTREVISTADO - Então, os jogos escolares iniciam no mês de abril, iniciaram as inscrições, e aí, é sempre, o prazo é curto, pra ser feita a inscrição, a exigência, eles fazem muita exigência de documentação, que nem sempre a escola tem essa documentação do aluno, também tem a questão de não cumprimento de prazo, eles colocam, por exemplo, era pra eu ter começado semana passada, foi adiando pra essa e pode ser adiado mais uma vez, então tá sendo adiado, então, falta um pouco de compromisso com a Educação Física por da regional, por parte da Secretaria.

ENTREVISTADOR - Entendi! Então, vamos tentar trazer mais internamente, você como professora, como é que você faz essa preparação com os alunos que vão participar dos jogos? Como é feito esse processo?

ENTREVISTADO - Então, os alunos são escolhidos nas aulas, como é uma competição, a gente prioriza aquele de maior habilidade, mas, eu, particularmente, precisa ser um bom aluno na quadra e um bom aluno em sala, é feito, todos os professores sabem do processo, e a gente tá sempre em conversas com os outros professores, caso o aluno atleta não esteja sendo um bom aluno, ele é convidado a se retirar ou a gente faz aquela pressão pra ver se ele melhora, e que tem dado resultado dentro de sala, porque eles não querem ficar sem participar. Sobre o treino, é feito no horário de coordenação e nos outros dias que eu não deveria estar

na escola, nos dias de CPI, né? Coordenação Pedagógica Individual, estou usando para dar os treinos.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Continuando, que é uma coisa que a gente precisa debater, que me instiga muito, essa questão dos jogos escolares. Aí, você me fala que a seleção ocorreu dentro das aulas, qual é o seu entendimento, é uma forma que você entende que atende esse processo ser realizado dentro das aulas? Ou, qual seria uma outra solução pra fazer essa seleção e de certa forma, preparação para os alunos participarem dos jogos escolares? O que você pensa a respeito?

ENTREVISTADO - Então, fica complicado fazer a seleção dentro das aulas por conta dos outros alunos também, enquanto a gente seleciona um grupo, o outro grupo tá disperso, é complicado! Mas, a gente não tem muito apoio, pra tá vindo em horário contrário, pra trazer esse tanto de menino, não tem como receber dentro da escola, a escola não tem estrutura. Tem estrutura pra receber aquela quantidade de alunos por turno, então, quando você faz, se você levar uma proposta dessa, pra fazer uma seletiva em horário contrário, primeiro que a quadra vai estar sendo utilizada pelo outros professores, então, não tem estrutura, não tem espaço, não tem horário pra ser feito em horário oposto.

ENTREVISTADOR - É, realmente é uma situação bem delicada, né? Porque como você falou, tem o horário da aula e pelo o que você falou, no horário de coordenação pedagógica, que você deveria, de certa forma, estar coordenando, você abre mão da coordenação pra estar fazendo essa preparação pros jogos. Perfeito! Entendido! Vamos caminhando! Então, assim, após todo esse apanhado de perguntas, pra tentando, pros finalmentes da nossa entrevista, na sua visão, qual é o papel do esporte dentro da escola? E mais especificamente, dentro da Educação Física Escolar? Então, assim, trazendo um recorte do esporte, vamos pegar o esporte e trazer pra discussão e qual o seu entendimento do papel do esporte na escola?

ENTREVISTADO - Então, como eu já havia falado, da importância do esporte dentro da escola, e da nossa atuação como professor, pra trazer o lado social do esporte, ele não pode ser, é como eu costumo muito usar essa frase, falar muito pros meus alunos, eu não estou formando atletas pra ser atleta de futsal, vôlei, vai pra uma escolinha de futsal, aqui é uma escola, aqui é Educação Física Escolar, então, assim, a gente não pode esquecer o lado social do esporte, a gente precisa trazer, não é só a competição, aproveitar o embate de uma competição, já levantar ali a questão do respeito, do flarplay, trazer...

ENTREVISTADOR - Trazer o que a chama de as dimensões conceituais, né? Atitudinais, né? Melhor dizendo, do conteúdo!

ENTREVISTADO - Isso! Trazer todas as dimensões atitudinais pra aquele momento ali, porque eu acredito que, não tem coisa melhor pra fixar, pra um aluno entender,

compreender que ali, na hora do jogo, aconteceu algum problema, alguma coisa, o professor já intervém, reúne, aproveita, explica, enfatiza, então acho que aquilo ali fica muito mais do que somente uma teoria, ou abrir a roda e falar, eu acho que juntando a prática e a teoria é o caminho!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Bem esclarecedor, uma entrevista muito boa! Agradeço a sua participação aqui no nosso estudo, na nossa pesquisa, se você desejar fazer alguma consideração final, acho que é o momento.

ENTREVISTADO - Não, acho que foi ótimo! Gostei! Tranquilo!

ENTREVISTADOR - E a gente, num momento futuro, tentar reunir, né? Como eu falei, nós vamos passar pelas dez escolas, que acho que é um tema que precisa ser debatido!

ENTREVISTADO - Precisa!

ENTREVISTADOR - Principalmente fazer essas reflexões, e a gente tentar entender como o esporte tá sendo abordado, realmente, dentro das escolas. Perfeito?

ENTREVISTADO - Ok!

ENTREVISTADOR - Muito obrigado! Agradeço!

ENTREVISTA COM O PROFESSOR 4

ENTREVISTADOR - Ok! Estamos iniciando a entrevista com o professor 4 a respeito do esporte como conteúdo da Educação Física Escolar. Professor, de antemão, já quero agradecer a sua participação e a colaboração e a concordância em contribuir com a minha pesquisa e com o meu estudo, tá ok? Podemos iniciar?

ENTREVISTADO - Vamos lá!

ENTREVISTADOR - Então, professor, antes eu queria que você falasse um pouquinho do seu histórico em relação à Educação Física. Onde graduou? Quando graduou? Em que ano? E o porquê escolheu ser professor da Educação Básica?

ENTREVISTADO - Bom, magistério tá no sangue, é família da minha mãe, né? Materna, todinha é professora, então, o que eu gostava? Educação Física ou História, passei pros dois, preferi a Educação Física e entrei em 84 na Dom Bosco.

ENTREVISTADOR - Lá na Dom Bosco. Perfeito!

ENTREVISTADO - Fiquei um semestre trancado por problema de lesão e finalizei em 87 pra 88, na Dom Bosco. Na Fundação Educacional eu entrei em 95, fui professor de academia por 12 anos, trabalhei com escolinhas, natação, voleibol...

ENTREVISTADOR - Certo!

ENTREVISTADO - De tudo um pouquinho eu dei aula, ginástica, até yoga eu dei aula!

ENTREVISTADOR - Certo! Então você fez, foi concomitante, a escola e junto com a academia?

ENTREVISTADO - Isso! Sempre! Sempre! Eu sempre coloquei pra mim que eu teria ter atividade dos dois lados, dos dois aspectos, sempre coloquei na cabeça isso, entendeu?

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Então, eu ia trabalhar, né? Tentando a Fundação, no início não consegui, trabalhava mais em escola particular e depois fiz o concurso, passei em 95, então tem 24 anos na Secretaria de Educação.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Na Secretaria de Educação!

ENTREVISTADO - Nessa escola aqui!

ENTREVISTADOR - Nessa escola? Sempre nessa escola?

ENTREVISTADO - E trabalhei no 507 e no 614, na época era 20, 20, aí depois...

ENTREVISTADOR - Juntou a carga horária!

ENTREVISTADO - 40 horas aqui!

ENTREVISTADOR - Tá! Perfeito! E sempre no Ensino Fundamental ou perpassou pelo Médio?

ENTREVISTADO - Não, não! O CEF 412 ele não era CEF antigamente, ele era pra ser Escola Classe 412.

ENTREVISTADOR - Certo!

ENTREVISTADO - Só que foi aqui foi Centrão, então eu dei aula aqui de terceira série até terceiro ano do Segundo Grau.

ENTREVISTADOR - Ah, tá! Então você passou por todas as etapas da Educação Básica?

ENTREVISTADO - Todas as etapas, todas as etapas!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! E na escola particular?

ENTREVISTADO - Dei aula também pra primeira a quarta, também!

ENTREVISTADOR - Fundamental 1.

ENTREVISTADO - Até Segundo Grau também! Segundo ano do Segundo Grau.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Então você teve uma vivência na Educação Básica tanto na rede privada e agora na rede pública.

ENTREVISTADO - Como na pública!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Legal! Vamos tentar agora trazer o esporte pra dentro da nossa discursão. Como, você me falou que foi graduado lá na Faculdade Dom Bosco.

ENTREVISTADO - Dom Bosco, agora é Católica!

ENTREVISTADOR - Isso! Se transformou na Católica, como o esporte ele foi abordado lá naquela época, dentro da graduação? Como é que foi a sua formação relacionada ao esporte?

ENTREVISTADO - Na época que eu me formei, a gente tinha uma, eu acho que era uma coisa mais visada, mais importante, no contexto ali do que agora, assim, da gente poder dar aula, com relação a material didático, isso e aquilo!

ENTREVISTADOR - Certo!

ENTREVISTADO - Não é com relação a conhecimento! Conhecimento a gente vai sempre evoluindo e tem mais, né? Mas eu acho que a visão, daquela época, era uma visão mais, eu acho que talvez por causa da clientela, que clientela foi deixando um pouco de lado e com isso foi fugindo um pouco a importância da atividade física nesse momento que a gente tá vivendo.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Entendeu? Dentro da escola! Porque nos outros cursos que eu vivenciei, sempre foi importante, né?

ENTREVISTADOR - Certo!

ENTREVISTADO - Na academia, mas dentro da escola, naquela época, a visão da Educação Física, assim, dos alunos, com relação a respeito do professor também, tinha muito isso, né? Era diferente que agora! Agora passou, de uns tempos pra cá, passou a ser um trabalho mais recreativo do que a própria, do próprio significado mesmo, da Educação Física.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Perfeito! Concluindo, lá na época da graduação, os esportes eles eram contemplados em disciplinas, você se recorda, disciplinas isoladas? Por exemplo, vamos trabalhar o futsal, vôlei, ou era, na graduação, na sua formação e como que se dava essa formação, se era voltado mais pro ensino na Educação Física Escolar, se era mais voltado pro treinamento desportivo, do esporte, como é que funcionava?

ENTREVISTADO - Na minha época, nós fomos preparados, teve até essa questão, na época, na própria faculdade: o quê que você ia querer? Você ia trabalhar mais em, fora da escola ou dentro da escola, então...

ENTREVISTADOR - Então, você já optava na faculdade, como é que é?

ENTREVISTADO - Não, não! Foi feito uma abordagem com relação a isso e nós queríamos mais o quê? Ser voltado para a escola!

ENTREVISTADOR - Mais pro lado da licenciatura?

ENTREVISTADO - Da licenciatura! Então, a gente fez um trabalho específico para isso mesmo. Os próprios professores na época da Dom Bosco, ele trabalharam em cima disso...

ENTREVISTADOR - Voltado pra Educação Física Escolar?

ENTREVISTADO - Pra Educação Física Escolar! A gente ia ensinar os alunos, e aí as modalidades, era trabalho específico das modalidades, sempre! Não era um trabalho muito em conjunto, entendeu? Era um trabalho específico das modalidades, então, até hoje eu ainda trabalho um pouco assim. Apesar que no primeiro bimestre eu faço um trabalho de condicionamento geral.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Vamos falar já sobre o planejamento! Organização!

ENTREVISTADO - Tá. Tá bom!

ENTREVISTADOR - Legal! E continuando, com essa questão voltada do esporte dentro da escola...

ENTREVISTADO - Do esporte dentro da escola, isso!

ENTREVISTADOR - isso! Eu pergunto a você, dentro dos conteúdos, o esporte como um dos conteúdos da Educação Física, vamos pensar de forma mais ampla, há algum conteúdo que você prioriza no seu trabalho aqui dentro da escola? Conteúdo que eu falo: esporte, os jogos, as lutas, a dança, há algum dos conteúdos que é priorizado? E por quê? Se você prioriza? Ou se todos tem o mesmo tratamento? Como é que você pensa em relação a isso?

ENTREVISTADO - Não, é geral! É saúde! O que eu coloco pros meninos é que eles têm que mexer o esqueleto, entendeu? Tem que sair daqui pensando que o esporte tem que fazer parte da sua vida, da sua existência.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Então, é voltado para a saúde e em cima disso a gente faz os jogos, né?

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Na escola. Mas a primeira coisa que eu abordo é a Educação Física e saúde.

ENTREVISTADOR - A saúde sempre relacionada às suas aulas.

ENTREVISTADO - Sempre relacionada! A primeira coisa que eu comento com eles é isso: oh, isso aqui tem que fazer parte da sua vida, da sua existência, e aí do jeito que você vai buscar, eu vou te dar artifícios pra você chegar, né? A utilizar alguma forma de você vivenciar isso pro resto da vida.

ENTREVISTADOR - Maravilha!

ENTREVISTADO - E aí, dentro da escola, tem os jogos, os jogos interclasses, que a gente faz aqui, que eles gostam, tá bom? Então é sempre, e tem os temas transversais, não sei se (...) Eu posso citar também, aqui? Que aí eu trabalho com eles também, drogas, trabalho a questão do anabolizante, trabalho com eles primeiros socorros, socorros de urgência.

ENTREVISTADOR - Que não deixa de estar relacionado à saúde.

ENTREVISTADO - À saúde! À saúde!

ENTREVISTADOR - Os temas transversais! Perfeito!

ENTREVISTADO - Por isso que eu falo lá pra eles, no primeiro dia de aula, escolhe palavra-chave da Educação Física, saúde!

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - E aí eu trabalho até com funcionamento também, do organismo, assim, bem básico mesmo, a gente não pode tá voltado só pro que o pessoal vê, a aparência, é importante, mas...

ENTREVISTADOR - Entender a questão... a fisiologia do corpo.

ENTREVISTADO - Os órgãos internos, os órgãos internos estão sendo trabalhados, então, tudo isso voltado pra saúde.

ENTREVISTADOR - Perfeito! E vamos falar um pouquinho da estrutura física que você tem pra trabalhar e de material na escola em que você está inserido. Você já me falou que tá aqui há vários anos, então você tem um...

ENTREVISTADO - Bom, até, de 95 até dois mil e, dois mil, estamos em 2019, 2018 que eles ainda começaram a fazer a quadra, não tinha quadra coberta, isso aqui é um problema de Samambaia.

ENTREVISTADOR - Da regional de Samambaia, isso!

ENTREVISTADO - A gente não sabe, houve algum problema político aí e sempre trabalhei na descoberta, e logo no início, a gente não tinha nem, era chão batido, né?

ENTREVISTADOR - Da quadra, né?

ENTREVISTADO - Não tinha quadra! Porque era uma Escola Classe! Então, uma Escola Classe não tinha quadra, então a gente chegou, fizemos um chão batido quando era Segundo Grau, e a gente dava aula no chão batido, e aí devagar...

ENTREVISTADOR - Sem cobertura, sem nada?

ENTREVISTADO - Sem nada! Aí, na época, o Exército veio, fez a quadra lá, que ainda tá até hoje, aquela quadra do lado da coberta, que nós temos ali, e ali a gente foi desenvolvendo as atividades, mas foi muito, essa questão do material é meio complicada, porque não chegava muito material, de uns tempos pra cá, que aí a gente teve gestões que o pessoal deu mais importância, de uns 4, 5 anos pra cá, um pouquinho mais, que aí começaram a ter um grau de importância.

ENTREVISTADOR - Quantitativo de material melhor...

ENTREVISTADO - É, melhor!

ENTREVISTADOR - Pra poder desenvolver as aulas.

ENTREVISTADO - Mas sempre foi deixado meio de lado, a gente que tinha, teve época que eu comprei do meu bolso, material.

ENTREVISTADOR - Isso que eu ia falar, inviabiliza até desenvolver o que foi planejado, né?

ENTREVISTADO - É, não tinha como! Faltava bola, entendeu? Faltava material, eu comprava dinheiro, do meu dinheiro, material.

ENTREVISTADOR - Maravilha! Perfeito! Agora vamos entrar na questão do planejamento, propriamente dito, em relação ao esporte, como que você planeja e se organiza pedagogicamente pra trabalhar o esporte, né? Por exemplo, você vai trabalhar um esporte, um determinado esporte num bimestre. Como é que você planeja pra trabalhar esse conteúdo específico?

ENTREVISTADO - Eu abordo, sempre abordei dessa forma, geralmente, primeiro bimestre, eu dou um trabalho geral, mais voltado pro condicionamento físico, como é que tá o condicionamento físico dele? A gente não sabe como é que tá, né? Então, a gente busca caminhada, caminhada com corrida, aí, isso aí trabalhando de formas recreativas.

ENTREVISTADOR - Mais lúdicas?

ENTREVISTADO - Pique pega, pique ajuda, corrente, volta ao redor da escola, aqui dentro, pra ver o espaço.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Aí também, voltado de formas recreativas de iniciação ao jogo, aos jogos também!

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Então, nesse primeiro bimestre a gente aborda dessa forma, e aí, já tem uma iniciação ao atletismo, que é mais (...)

ENTREVISTADOR - Isso no primeiro bimestre?

ENTREVISTADO - É! Mais voltado pra provas de velocidade e quando a gente tinha espaço, era voltado pra prova de meio fundo.

ENTREVISTADOR - Ou seja, então o atletismo como uma modalidade esportiva já entra ali no...

ENTREVISTADO - No condicionamento físico!

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Aí o segundo bimestre, a gente sempre optou por três modalidades, que era mais fácil da gente poder tá aplicando aqui, né? Com relação ao que a gente tinha também.

ENTREVISTADOR - Que se adequa mais a realidade no caso?

ENTREVISTADO - Futsal, voleibol e handball.

ENTREVISTADOR - Ok!

ENTREVISTADO - Aí agora que a gente tá tendo tabela e tudo mais, que a gente tá tentando introduzir o basquete.

ENTREVISTADOR - Maravilha!

ENTREVISTADO - E aí, nos outros bimestres a gente baseava nessas três modalidades. E aí a gente via o que a gente trabalhou no ano anterior, pra gente fazer um rodízio dos bimestres, pra não ficar...

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Porque chega lá no último bimestre, começa a chover demais, então fica sempre uma modalidade menos trabalhada, então esse ano tá sendo o quê? Tá sendo agora o voleibol, segundo bimestre, aí o outro vai ser o hand junto com o basquete.

ENTREVISTADOR - No terceiro, no caso?

ENTREVISTADO - Não, não, vai ser o futebol, junto, o futebol, e aí o último bimestre vai ser o hand com o basquete.

ENTREVISTADOR - Perfeito! E voltando...

ENTREVISTADO - Tudo iniciação! Iniciação esportiva.

ENTREVISTADOR - Era isso que eu ia te perguntar...

ENTREVISTADO - Eu vou trabalhar fundamentos, o básico, regras também, o básico.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Eles têm que sair daqui, eu coloco na minha cabeça, agora vai depender da clientela também! Eles tem que sair daqui, pra chegar no, lá no 414, no Ensino Médio, sabendo o básico, e em cima disso, em cima disso eu trabalho, em cada modalidade, eu trabalho, histórico, fundamentos e regras. Então, eu jogo o histórico, bem básico mesmo, da modalidade que eu tô trabalhando...

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Fundamentos, básico também! E as regras básicas, né? Sistemas eu entro muito pouco, sistemas defensivo, eu entro muito pouco!

ENTREVISTADOR - A parte tática você diz?

ENTREVISTADO - É, muito pouco com isso! Quase nada!

ENTREVISTADOR - Então você faz um trabalho conciliando tanto a parte conceitual teórica quanto a parte prática?

ENTREVISTADO - Junto! Por exemplo, agora que eu dei o voleibol, tô dando toque junto com manchete, eu já passei pra eles na teoria, né? Toque, toque com os dedos, a manchete, né? Então eu trabalho lá a teoria e levo pra prática.

ENTREVISTADOR - Pra prática! Perfeito! Maravilha! Vamos agora ampliar, a gente fez um recorte, ampliando falando do planejamento, aqui na escola são quantos professores de Educação Física?

ENTREVISTADO - São dois pela manhã, dois à tarde.

ENTREVISTADOR - E aí há um momento de planejamento junto, porque você está com turmas do nono ano, não é isso?

ENTREVISTADO - Nono ano, a Sueli tá com oitavo, o Sidinei tá com, não sei, acho que é sétimo e a, esqueço o nome dela, a outra tá com o sexto ano.

ENTREVISTADOR - Aí vocês fazem esse planejamento junto?

ENTREVISTADO - É!

ENTREVISTADOR - É mais individual, de acordo com?

ENTREVISTADO - Isso aí também é uma outra, quando tá todos os professores, porque a carga, por exemplo, eu sou efetivo, a Sueli que tá junto comigo pela manhã é efetiva também, os outros dois à tarde não são!

ENTREVISTADOR - São contratos.

ENTREVISTADO - E muitas vezes eles saem ou vem outro professor que saiu, pegou atestado e tal, tal, então tem muito isso...

ENTREVISTADOR - Oscila muito, né?

ENTREVISTADO - Oscila! Mas assim, a gente sempre planeja, tenta planejar juntos, esse bimestre agora que a menininha, Ariadna, ela tá dando handball, mas era pra dar voleibol, mas eu falei: ah, tudo bem! Não tem problema! Mas geralmente seria voleibol! Porque a gente arma as redes, né? Ela tem que tá tirando, também pra ter a mesma tocada.

ENTREVISTADOR - E aí nesse planejamento, seja ele, nos momentos que vocês conseguem ou até de forma individual, vocês seguem o currículo da Secretaria ou é mais interno, com o PPP, como é que fazem essa relação pra poder, um vai trabalhar um esporte, no nono ano, oitavo, um outro conteúdo, como é que funcionaria?

ENTREVISTADO - Não, não! A gente não tem essa, essa, nós que montamos isso aí, sabendo que tá bem amplo, você tem que tá mexendo com o corpo dos meninos, de que forma, você que vai ter um direcionamento, a gente vai levar pra direção e a direção vai, né? Então, nunca teve esse problema não, a gente faz esse trabalho há muito tempo, os alunos aceitam, né? No interclasse são trabalhados também, por exemplo, entra o ping-pong, entra o totó, então nesse bimestre vai ter também um trabalho apropriado pra isso.

ENTREVISTADOR - Já específico por interclasse?

ENTREVISTADO - É! Com o interclasse, tem os joguinhos, tem o dardo, tem um monte de coisinha que eles vão estar fazendo...

ENTREVISTADOR - É, porque o currículo realmente ele é amplo!

ENTREVISTADO - Ele é aberto!

ENTREVISTADOR - Ele é bem flexível!

ENTREVISTADO - É! Você pode trabalhar de diversas formas, o que você tem que ter em mente é que você tem que fazer com que esse aluno se mexa, trabalhe o esqueleto, observe que aquilo lá é bom pra ele.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - E saia daqui com essa visão.

ENTREVISTADOR - Maravilha! Perfeito! E pra finalizar essa questão de planejamento, organização, sobre teoria, alguma, você segue alguma teoria específica? Pedagógica, alguma abordagem pedagógica? Ou não?

ENTREVISTADO - Com o estudo da época e tudo mais, eu fui fazendo um trabalho pra mim mesmo. Então, tem uma ou outra apostila, livros assim, Fernandes do atletismo, então eu peguei, montei, aí tá...

ENTREVISTADOR - Internalizado.

ENTREVISTADO - Eu nem uso muita apostila não! Tá tudo gravado aqui!

ENTREVISTADOR - Tantos anos, tá internalizado!

ENTREVISTADO - Se você quiser que eu dê uma aula pra você aqui assim do básico eu vou dar agora pra você aqui!

ENTREVISTADOR - Internalizou! Perfeito!

ENTREVISTADO - Tá tudo gravado!

ENTREVISTADOR - Sim, era só...

ENTREVISTADO - Mas eu tenho! Se você de repente precisar, pra sua fonte, aí, as fontes de pesquisa, eu tenho! Eu tenho a...

ENTREVISTADOR - Geralmente você tem algum autor específico? Se é uma abordagem mais crítica, mais tecnicista? Qual seria mais esse seu perfil de abordagem?

ENTREVISTADO - É bem, é bem, é bem liberal assim, eu também sinto os alunos também, né?

ENTREVISTADOR - Isso tudo tem que, a questão da realidade!

ENTREVISTADO - Vai depender deles, né? Por exemplo, agora que eu não estava conseguindo trabalhar direitinho com eles lá, porque essa turma foi a última a conseguir toque por manchete, e aí eu falei: galera, vocês querem que eu volte lá com o toquezinho até o meio de campo e volte com vocês no nono ano?

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Ai eles, pá, não, vamos tentar! Aí eles conseguiram de primeira lá, o objetivo proposto de hoje, né?

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Ótimo! E aí falando do esporte, agora vamos fazer um recorte dentro do esporte, falando das modalidades, né? Você já citou algumas aí, até no seu planejamento. E dessas modalidades esportivas, há alguma que você prioriza? Você falou do atletismo, falou do futsal, do hand, tem alguma que você acha que você dá uma ênfase maior dentro do seu planejamento?

ENTREVISTADO - Geralmente é as que eu gosto mais, que eu vivenciei mais! O atletismo, né? E o voleibol!

ENTREVISTADOR - E o voleibol!

ENTREVISTADO - Que eu vivenciei mais! Mas os que eles gostam mais, masculino é o futebol.

ENTREVISTADOR - Futsal, o futebol, futsal, né?

ENTREVISTADO - Futsal! No caso futsal, porque a gente não tem...

ENTREVISTADOR - Então você acha que, aqui também, o futsal ele é hegemônico, ele tem uma, até por parte dos alunos?

ENTREVISTADO - É! Sim, por parte dos alunos e de Samambaia mesmo, né? As meninas é voleibol e handball! Tem algumas que jogam, gostam de queimada, as meninas.

ENTREVISTADOR - É bem cultural, né?

ENTREVISTADO - Queimada! Eles gostam muito de queimada! Se fosse um desporto mesmo aqui no nosso país, a gente estaria bem representado!

ENTREVISTADOR - Isso, porque a queimada, querendo ou não é um jogo!

ENTREVISTADO - É um jogo!

ENTREVISTADOR - Não é um esporte regulamentado!

ENTREVISTADO - Aqui no nosso país, tem locais que já tem competições!

ENTREVISTADOR - Exato!

ENTREVISTADO - Se a gente pudesse trabalhar em cima seria bacana! Só que a gente utiliza no interclasse como uma forma recreativa.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Tá bom? Mas assim, no caso de atividade desportiva, é o voleibol e o handball, elas gostam, handball.

ENTREVISTADOR - No caso, as meninas! Público feminino.

ENTREVISTADO - Agora, o masculino é mais o futebol, depois vem o vôlei, né?

ENTREVISTADOR - Questão cultural mesmo, né?

ENTREVISTADO - Cultural!

ENTREVISTADOR - Sociedade impõe isso dentro da escola!

ENTREVISTADO - Sim, justamente!

ENTREVISTADOR - E o futsal, querendo ou não, aparece com hegemonia!

ENTREVISTADO - Não tem jeito!

ENTREVISTADOR - Perfeito! E você gosta muito do atletismo no caso?

ENTREVISTADO - Gosto de atletismo! Até lutei aqui em Samambaia, na época, pra poder montar um polo, aqui na escola quando não tinha a creche, tinha um espaço bem grande, pra montar e eu tocar, só que passou em branco.

ENTREVISTADOR - No caso seria um CID? Você pensava?

ENTREVISTADO - CID de atletismo na época! Fiz três croquis até e nunca levaram ...

ENTREVISTADOR - Adiante, né? Perfeito! Já que nós falamos aí em CID, vamos tentar trazer agora a discussão dos jogos escolares. Jogos escolares que eu falo, de forma mais ampla, não interno aqui da escola, jogs interclasse. Jogos escolares, o JESAM, regional e os jogos escolares do DF, Você participa? Qual a visão que você tem em relação aos jogos?

ENTREVISTADO - Já participei há muito tempo, logo no início, quando eu entrei na Fundação Educacional eu participei. Que existia uma importância maior.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Depois deixaram de lado, passou um bom tempo, né? Vai depender muito das regionais trabalharem isso de uma maneira mais, de uma relevância maior, né?

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Porque, houve época que arbitragem era feito por professores com a turma dele jogando.

ENTREVISTADOR - Entendi!

ENTREVISTADO - Tinha muita coisa assim, fora de foco. Eu fui pra uma premiação, que eu cheguei lá, não tinha nem medalha pra premiar, fiquei três horas esperando a premiação chegar.

ENTREVISTADOR - Falta de organização do Estado, no caso?

ENTREVISTADO - É, são muitas coisas assim, teria que ter um calendário legal, certinho, montado, pra isso, coisa que nosso país é falta de gestão, não tem!

ENTREVISTADOR - É isso que ia falar, falando de calendário, de organização, porque, como é que você pensa na questão de seleção, de organização e de preparação? Como é que você, como é que seria feito isso dentro de uma escola?

ENTREVISTADO - Então, a gente, na realidade não anda em conjunto nada, né cara? É tudo fora de foco mesmo!

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Entendeu? Teria que ter uma, uma, como é que fala? Um caminho! Pra se chegar lá! Um caminho! Então, o que representa Samambaia hoje em dia? Só os CIDs, né?

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - O pessoal do CID que vai representar, porque se a gente levar um menino pra trabalhar contra, um jogo contra o CID, o CID vai...

ENTREVISTADOR - Porque o CID é específico pra se trabalhar o esporte.

ENTREVISTADO - É específico pra isso! E também tem o problema aqui da nossa carga horária, né? Tem muitos diretores que não deixam a gente correr atrás do esporte de competição, competitivo. Então, eles cobram diário, cobram provas pra se fazer. Um dos motivos, o Castorino, o diretor, vamos participar? Eu falei, pô, Casto! Eu vou ter o interclasse esse bimestre, eu vou ter que participar, como é que eu vou levar os meninos pra jogar? Ah, vai ter ônibus! Mas muitas vezes não dá, tem que ter gente, lá!

ENTREVISTADOR - E a preparação? E o tempo? Isso que eu ia, e o tempo de preparação dentro da escola?

ENTREVISTADO - Não tem como! Você tem que seguir...

ENTREVISTADOR - Vai fazer dentro das aulas? É isso?

ENTREVISTADO - Eu comentei com ele o seguinte, teria que ter um professor só pra isso! Em cada escola. Pro esporte de competição. Aí eu pegaria aquele menininho que é bom, e jogaria pra aqui: esse aqui, vamos treinar ele pra representar a escola?

ENTREVISTADOR - Identificaria dentro da sua aula?

ENTREVISTADO - Da minha aula, passaria pra ele...

ENTREVISTADOR - Encaminharia.

ENTREVISTADO - E ele faria um apanhado ali e faria frente aos CIDs.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Mas não tem a estrutura, não te dá o apoio pra poder fazer esse trabalho.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Perfeito! Então pra gente encerrar professor, na sua visão, qual é o papel do esporte dentro da escola e mais especificamente, dentro da Educação Física? O que você vê o esporte? O que você, dentro da Educação Física Escolar, eu digo, qual seria o papel do esporte? Como é que você?

ENTREVISTADO - É que eles não deram ainda a importância, porque se dessem, né?

ENTREVISTADOR - Qual o papel que você acha?

ENTREVISTADO - Olha bem, eu comento com os meus alunos o seguinte, a vida é tão maçante, né? É totalmente desestressante, então voltado pra saúde, sempre, né? Poxa, você tá dentro de 4 paredes direto, aula de Educação Física, vamo lá galera, agora é hora de dar uma aliviada, de pensar na sua saúde e algo mais! Então, isso aí que eu vejo, sempre vi dessa forma, de você poder ter uma qualidade de vida. Tá voltado pra qualidade de vida. Se você não tem alguma coisa com que se despreocupar, até na escola mesmo, né? Porque vai sempre existir aquela pressão, a competição sempre vai existir, a vida, você sabe como é que é...

ENTREVISTADOR - Competitiva por si só!

ENTREVISTADO - Competitiva!

ENTREVISTADOR - Por natureza, né?

ENTREVISTADO - É! Competitiva! Não vem com aquela história, ah, não! Ela é competitiva! Você vai ter que fazer concurso, vai ter que correr atrás. Ela sempre foi competitiva. Aqui mesmo, vai ter os melhores alunos. Então é uma forma de você preservar sua qualidade de vida, correr atrás pra que sua vida seja melhor.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Você vê o...

ENTREVISTADO - Aí o tento abrir a cabeça dos alunos pra isso!

ENTREVISTADOR - De forma mais reflexiva, de trazer o esporte não como o lado competitivo, mas como...

ENTREVISTADO - Sim! Isso aí eu falo pra eles direto! Entendeu? É importante você tá lá representando bem a sua turma ou a sua escola, mais importante ainda é você tá fazendo aquilo com prazer e ter saúde!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! É isso aí professor! Então, acho que conseguimos contemplar durante esse diálogo, durante essa conversa, e acreditando que é um momento importante pra que a gente possa realmente refletir a cerca do esporte como conteúdo da Educação Física Escolar, poder refletir um pouquinho sobre a Educação Física Escolar. Então, agradeço mais uma vez!

ENTREVISTADO - Obrigado, você! É sempre bom a gente tá conversando, então...

ENTREVISTADOR - É isso! Agradecendo mais uma vez a sua participação, a sua colaboração e que futuramente, eu pretendo ainda esse ano, fazer um momento com os professores participantes da pesquisa dos 10 Centros de Ensino Fundamental...

ENTREVISTADO - Oh, ia ser legal! Ia ser maravilhoso!

ENTREVISTADOR - E abrindo pros demais professores da nossa regional, um momento de discussão, um seminário interventivo.

ENTREVISTADO - Ótimo! Maravilha!

ENTREVISTADOR - Tá certo?

ENTREVISTADO - Seria uma ótima oportunidade!

ENTREVISTADOR - Maravilha!

ENTREVISTADO - Eu trabalhei na gerência com o Castorino, na época lá, e a gente buscou reunir, fazer isso, sabe? Mas é meio complicado! Eu cheguei a visitar todas as escolas de Samambaia, nós fizemos o JESAM KIDS né? Não sei, acho que eles continuaram, com os pequenininhos!

ENTREVISTADOR - Os menorzinhos!

ENTREVISTADO - Os menorzinhos! Foi muito legal! Aí buscamos o JESAM, né? E houve muita restrição justamente por isso que eu te falei, né? Os professores ficam meio sem, pô, vamos participar de jogos e...

ENTREVISTADOR - Como é que é? Como é que funciona?

ENTREVISTADO - Direção? Como é que vai ficar a direção?

ENTREVISTADOR - Exato!

A ENTREVISTADO - direção começa...

ENTREVISTADOR - Então, acho que é o momento mesmo pra gente poder dialogar e refletir e avançar!

ENTREVISTADO - Justamente, vê o que a gente pode fazer...isso!

ENTREVISTADOR - E entender realmente qual é o papel do esporte? Como ele deve ser trabalhado na escola?

ENTREVISTADO - Isso! Justamente!

ENTREVISTADOR - Então esse é o meu...

ENTREVISTADO - Eu acho que deveria ter as duas coisas trabalhando em conjunto, mas teria que ter um professor.

ENTREVISTADOR - Perfeito! É uma solução que você cria!

ENTREVISTADO - Que eu criei pra eu poder chegar ali, oh, futsal, voleibol, handball, ele tem (...) pra coisa, vamos trabalhar? E dali esse professor pro CID, pro CID encaminhar pro, seria, né? Uma maravilha!

ENTREVISTADOR - São etapas, né?

ENTREVISTADO - Que a gente não tem!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Então essa é a minha proposta, de fazer um seminário, futuramente, no segundo semestre...

ENTREVISTADO - Seria maravilhoso!

ENTREVISTADOR - Interventivo pra gente fazer essa discussão!

ENTREVISTADO - Seria maravilhoso!

ENTREVISTADOR - Então, encerramos aqui, deixo o meu agradecimento e até uma próxima oportunidade!

ENTREVISTADO - Obrigado, Charles! Valeu, aquele abraço!

ENTREVISTA COM O PROFESSOR 5

ENTREVISTADOR - Ok, iniciando aqui a entrevista com o professor 5 a respeito do esporte como conteúdo da Educação Física escolar. Lembrando que a entrevista será mantida total sigilo em relação ao nome do entrevistado. Ok, professor, podemos iniciar?

ENTREVISTADO - Sim!

ENTREVISTADOR - Legal! Professor, de antemão agradeço a sua colaboração, a sua participação com a minha pesquisa, com meu estudo, pra que a gente possa dialogar um pouquinho a respeito, como eu já falei, do esporte como conteúdo da Educação Física Escolar. Então professor, eu queria que você falasse um pouquinho do seu histórico em relação à Educação Física, onde você formou, quando formou e porque escolheu a profissão de professor?

ENTREVISTADO - Certo, eu me formei em 2010, na Universidade Católica de Brasília, me formei em bacharel, eu tinha formado em 2009 em licenciatura, também na Universidade Católica de Brasília.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - E assim que eu formei em 2010, no início do ano, em 2011, eu comecei a trabalhar no SESI, SESI do Gama, e aí comecei a trabalhar inicialmente no núcleo externo que tinha do SESI Gama, lá a gente trabalhava numa chácara, que era uma instituição de caridade.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - E aí, o SESI me pagava para eu atuar nessa instituição, era uma parceria, aí eu dava aula lá de natação e futebol, então eu trabalhava com natação, segunda, quarta e sexta, com crianças de 6 anos até 13 anos, 14 mais ou menos, e trabalhava nas terças e quintas com futebol na parte de treinamento, que lá tinha uma equipe que disputava campeonato da federação de Brasília, disputava alguns campeonatos do Recanto das Emas, que era a região que se localizava, e aí eu trabalhava com treinamento pra essas turmas de futebol nas terças e quintas, junto com o professor da instituição mesmo.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Então era mais voltado o trabalho que você realizava na instituição, mais voltado pro treinamento específico do esporte né?

ENTREVISTADO - Isso! Pra treinamento desportivo, principalmente nas terças e quintas, as segundas, quartas e sextas era mais como projeto social mesmo.

ENTREVISTADOR - Sim, mas voltado pra um trabalho mais social, mais participativo...

ENTREVISTADO - Isso, não tinha fim desportivo, de competição né?

ENTREVISTADOR - Perfeito! E porque da escolha da profissão, de ser professor?

ENTREVISTADO - Então, eu sempre gostei muito de esporte, Ensino Médio, educação mesmo Ensino Fundamental, eu gostava muito de esporte, aí, eu sempre tive o desejo de trabalhar na área até mesmo pra fazer um pouco diferente do que eu vivenciei no Ensino Fundamental, onde o professor, às vezes, só entregava uma bola, não tinha uma metodologia, não tinha uma forma de ensino sistemática, não tinha na verdade uma sequencia de ensino, e aí, acabou que...

ENTREVISTADOR - Bem largado!

ENTREVISTADO - É... dava uma bola pros meninos, uma pras meninas, dividia a quadra, os meninos jogavam futsal metade da quadra, as meninas jogavam queimada e era isso aí, Educação Física o ano todo!

ENTREVISTADOR - O famoso rola bola!

ENTREVISTADO - Isso, e aí eu tinha assim o desejo de fazer alguma coisa diferente, de trabalhar na área, mas de uma forma a ensinar mesmo, a promover o crescimento físico, intelectual, integral, do aluno.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! E no Ensino Fundamental, me fala um pouquinho da sua história, no Ensino Fundamental, na Secretaria de Educação, quando que você adentrou? Sempre trabalhou no Ensino Fundamental? Como que está esse histórico, esse breve histórico seu?

ENTREVISTADO - Então, eu trabalhei no SESI até fevereiro desse ano, desde que eu me formei, então foram 8 anos trabalhando só no SESI, vivenciado só essa realidade como profissional né? Eu já tinha estagiado em escolas e tudo, na época da faculdade, mas trabalhando mesmo, agora esse é o primeiro ano que eu tô trabalhando como contrato na Secretaria de Educação.

ENTREVISTADOR - Perfeito! E aí no Ensino Fundamental com turmas do sexto e sétimo ano? Perfeito?

ENTREVISTADO - Isso!

ENTREVISTADOR - Maravilha! Então vamos trazer agora o esporte pra dentro do nosso debate, da nossa discussão! Como o conteúdo esporte foi abordado

lá durante a sua graduação? Você já me falou que graduou lá na Universidade Católica de Brasília, passando pela licenciatura e também pelo bacharelado. Como foi o esporte? O conteúdo esporte? Como é que o esporte foi abordado lá na graduação?

ENTREVISTADO - Então, a maior parte era a questão mais teórica e a forma como você ensinar, passar técnicas pro aluno né? Seria você transformar o aluno em atleta, mas também a gente viu bastante relação com formação do ser integral né? Você formar não só um atleta, mas formar o cidadão, de você atuar em diversas áreas, então, na faculdade, foi uma formação assim, principalmente direcionada à técnica, à metodologia de ensino do esporte, mas, também, com essa preocupação de você formar não só o atleta, mas o cidadão.

ENTREVISTADOR - Entendi! As disciplinas eram do esporte especificamente, eram separadas, era metodologia?

ENTREVISTADO - Sim, era metodologia do voleibol, metodologia do futebol...

ENTREVISTADOR - Separadinhas, cada modalidade separada...

ENTREVISTADO - Isso, cada modalidade separada.

ENTREVISTADOR - E diante da sua fala, você acredita, que essa formação, a abordagem do esporte lá na graduação, ela teve uma aproximação, você fala de um lado mais técnico, de preparar um aluno pro rendimento, atleta como você fala, ou ela se aproximava mais a uma formação integral como você falou? Ou ficava no meio termo? Qual a conclusão você chega dessa formação que você teve dessa abordagem que você teve á na graduação?

ENTREVISTADO - Então, eu acho que ficou no meio termo, mas mais levando pro lado do atleta mesmo, na formação, eu acredito que a parte que eu mais me atentei à formação do cidadão e tudo foi mais estagiando, que eu estagiei no SESC por dois anos, estagiei em escolas e aí eu vi mais essa área mais voltada pro aluno, mas na faculdade eu creio que foi mais voltada pro atleta, apesar de não ser tanto assim né? (...) Mas teve uma tendência...

ENTREVISTADOR - Perfeito! Mas teve uma aproximação, uma tendência...Perfeito! Maravilha! Então vamos trazer agora assim, pra dentro da sua realidade, pro seu trabalho pedagógico, quais os conteúdos da Educação Física, quando eu falo conteúdos, os conteúdos de forma ampla tá? Os conteúdos da Educação Física como um todo! É priorizado por você em seu trabalho pedagógico dentro da escola e porque, você prioriza alguns dos conteúdos, quando eu falo conteúdos eu incluo os demais, não só o esporte, de forma mais abrangente.

ENTREVISTADO - Então, pra mim assim, o que eu acho importante trabalhar é o aluno entender o funcionamento do corpo dele, onde cada parte do corpo dele vai atuar durante a atividade física...

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Os músculos, eu dou importância em trabalhar isso, a gente tá até trabalhando esse bimestre com eles essa questão dos músculos, não todos, claro, mas alguns principais, pra ele conhecer, primeiramente, a ele mesmo, e aí, no esporte, o que eu acho muito importante trabalhar também, o esporte, é adoção de regras, porque são coisas que ele vai precisar pra vida toda, então, o esporte, pra mim, agrega muito nessa questão de conhecimento de regras, de respeito às regras, de competição também, porque a vida, no mundo capitalista é competitiva, então é importante ele saber competir, saber que em algumas horas ele vai perder, mas a superação através do esporte, então assim, a minha prioridade é trabalhar principalmente, a questão do conhecimento do corpo...

ENTREVISTADOR - Do corpo humano...

ENTREVISTADO - E adoção de regras e respeito às regras.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Vamos falar um pouquinho agora da condição de estrutura física e material oferecida pela escola, pra que você possa trabalhar e desenvolver os conteúdos da Educação Física Escola. Fala um pouquinho pra gente como é essa questão de estrutura física e material.

ENTREVISTADO - Então, aqui na...Eu trabalhei no SESI por oito anos, e a gente tinha uma estrutura totalmente diferente da escola, isso já era de se esperar, eu já esperava na verdade.

ENTREVISTADOR - Não foi tão impactante!

ENTREVISTADO - É, só que acabou que foi um pouco mais, porque eu imaginava assim, que eu chegaria na escola e teria pelo menos uma quadra pra eu trabalhar e tudo, só que acontece que aqui na escola a gente tem dois professores de Educação Física por turno, numa quadra descoberta e a nossa quadra é pequena, então, acaba que eu tenho que dividir uma quadra pequena por dois pra professora poder trabalhar com as turmas de oitavos e nonos de um lado e eu trabalhar com as minhas de sextos e sétimos do outro lado, e aí assim, com 35 alunos, mais ou menos, 30 a 35 alunos numa turma, acaba difícil você trabalhar em meia quadra, então assim, acabou que eu já esperava ter dificuldades, só que foram um pouco maiores pela questão do espaço, que a gente, na verdade, o único espaço que a gente tem na escola que dá pra gente fazer alguma atividade física é esse, a gente não tem um pátio que tenha espaço, isso, na verdade o nosso pátio é dentro, centralizado mesmo na escola e aí acaba que se a gente for usar o pátio a gente

atrapalha as outras aulas, então o espaço que a gente tem é a quadra e ela é dividida...

ENTREVISTADOR - Por dois professores...

ENTREVISTADO - Isso, com cerca de mais ou menos 70 alunos, botando 35 de cada turma por horário, então, assim, fica difícil trabalhar um pouco 70 alunos dentro de uma quadra dividida né? Mas aí a gente, assim, a gente tente conciliar o espaço tudo, mas no primeiro bimestre que eu cheguei, eu tive muita dificuldade com questão de material, porque eu queria trabalhar, eu trabalhei na verdade, futsal com eles no primeiro bimestre, e aí a gente tinha... no dia que eu cheguei na escola, a gente tinha uma bola de futsal pra eu trabalhar com uma turma de 35 alunos, lá na sala do material dos professores, né? E aí eu conversei com os coordenadores, a gente conseguiu mais uma bola, e aí um outro professor aqui da escola disse que tinha uma bola lá que não tava usando, ele trouxe outra bola, e aí eu fiquei no final das contas com três bolas, e aí deu pra gente fazer um trabalho, não assim totalmente adequado ao que eu queria, mas deu pra desenvolver um trabalho, a gente dividiu os alunos, tal, eu combinava com a professora que ela também estava trabalhando futsal, a gente combinava de alternar um pouco os dias, aulas teóricas, um dia eu dava aula teórica e ela ia pra quadra, pra gente tentar otimizar assim pra poder...

ENTREVISTADOR - Questão de espaço e material...

ENTREVISTADO - Pra gente poder usar melhor o espaço e o material, porque tendo três bolas também, e ela querendo trabalhar o futsal ao mesmo tempo dificultava né?

ENTREVISTADOR - Fica inviável né?

ENTREVISTADO - Isso!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Mas essa questão de material pra gente concluir, você falou dessa questão das bolas e os demais materiais, a escola tem, dá essa condição ou de certa forma é precário pra que esses materiais atendam o seu planejamento?

ENTREVISTADO - Então, eu ainda tenho algumas dificuldades, mas assim, os coordenadores me falam sempre pra que sempre se eu tiver dificuldade com algum material pra eu conversar com eles e tudo e aí a gente acaba conseguindo material posteriormente né? Mas assim...

ENTREVISTADOR - Pra tentar suprir né?

ENTREVISTADO - Isso, inicialmente eu tenho a dificuldade ainda com o material mas aí a gente conversando aqui na escola a gente consegue...

ENTREVISTADOR - Ajusta...

ENTREVISTADO - ...O material e aí dá pra desenvolver a aula de uma maneira não ideal, talvez, assim 100%, mas a gente consegue de uma forma (...)

ENTREVISTADOR - Se adequar né? Perfeito! Maravilha! Vamos trazer agora à discussão do planejamento e organização pedagógica né? Especificamente pro esporte, agora vamos trazer o esporte de volta pro diálogo. Como você se planeja e organiza, eu vi que você falou que no primeiro bimestre você trabalhou o futsal, como se dá esse planejamento e essa organização pra trabalhar o conteúdo esporte? Queria que você falasse um pouquinho sobre isso.

ENTREVISTADO - Então, inicialmente, no começo do ano, como a gente fez o planejamento anual, eu conversando com os outros professores também de Educação Física, que tá com mais experiência na escola do que eu, porque eu, como esse é o meu primeiro ano, e aí a gente, conversando com eles, eu defini que trabalharia pelo menos um esporte por bimestre...

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - E defini que eu trabalharia no primeiro bimestre futsal, segundo bimestre voleibol, terceiro bimestre basquetebol e o quarto bimestre o handebol.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - E aqui na escola eu tenho muitos alunos que se interessam principalmente pelo futsal porque é o esporte que eles tem a vivência né...

ENTREVISTADOR - É cultural...

ENTREVISTADO - Que é cultural, e aí, eles, às vezes, nem vivenciaram outros esportes, aí eles tem alguma dificuldade, resistência pra ser introduzida esses outros esportes, então assim, eu tento planejar minhas aulas de acordo com que eu trabalhe o esporte desejado, por exemplo, o primeiro bimestre foi mais fácil, futsal, agora esse bimestre tá sendo voleibol, e aí eu tento trabalhar de forma que eu trabalhe, eu tenho três aulas semanais em cada turma e aí eu trabalho duas aulas com aula prática e uma aula com a aula teórica do conteúdo...

ENTREVISTADOR - Mais conceitual...

ENTREVISTADO - (...)do esporte mesmo, e aí sobre regras, fundamentos, tudo, mas na parte escrita, que é o que eu cobro no final, na prova escrita...

ENTREVISTADOR - Na avaliação...

ENTREVISTADO - Isso, e aí eu tento trabalhar, como eu tenho duas aulas práticas, eu trabalho sempre, uma aula do esporte que eu tô trabalhando no bimestre e na

outra aula eu trabalho assim, meio a meio, eu trabalho metade da quadra o esporte, quem quiser continuar vivenciando aquele esporte que a gente tá trabalhando e aí ele, na outra parte eu deixo mais livre, quando a professora 20 horas não está na escola, que são só dois dias na semana né? E aí a gente, eu tento dividir isso. Aí, a gente acaba, eu divido por, nos dias assim o conteúdo que eu tô trabalhando e aí eu deixo uma parte mais pra eles vivenciarem o que eles já gostam mesmo e também pra não se tornar uma coisa chata, maçante pra eles o esporte, então assim, eu procuro fazer com que eles gostem do esporte, vivenciem porque gostam também, não só por obrigação da escola de ser o conteúdo do bimestre.

ENTREVISTADOR - Perfeito! E aí pra gente finalizar essa questão, eu queria que você especificasse um pouquinho mais a questão da abordagem, por exemplo, você falou que em um momento você trabalha na sala e nos outros momentos na quadra, na sala você trabalha mais a parte conceitual, de regras, fundamentos, e lá na quadra, pegar a quadra como exemplo, como seria essa abordagem, é uma abordagem mais voltada pra técnica, como é que você procura trazer o esporte pra dentro do, da sua didática, vamos dizer assim?

ENTREVISTADO - Então, eu trabalhei, como meu trabalho anterior na escola foi sempre na formação desportiva mesmo, na quadra, na parte prática, eu trabalho mais questão técnica, questão de fazer a manchete certinha (...)

ENTREVISTADOR - Dos fundamentos do esporte...

ENTREVISTADO - Isso, do fundamento, e aí eu tento ensinar, demonstrar e aí peço pra que os alunos façam, pratiquem...

ENTREVISTADOR - Vivenciem...

ENTREVISTADO - ...E aí eu vou corrigindo ao poucos, mas é mais voltada a parte técnica mesmo, na parte prática lá da aula, mas voltada à técnica.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Pra finalizar essa questão do planejamento, você segue alguma teoria, alguma abordagem pedagógica, alguma tendência pedagógica pro ensino do esporte?

ENTREVISTADO - Não, na verdade assim, eu dou uma pesquisada sempre que vou falar sobre o esporte, mas eu vou mais pela minha vivência mesmo do dia a dia de que eu já trabalhei com a parte desportiva e com a vivência até da escola mesmo e da faculdade do que me passaram na faculdade, e aí eu tento trazer tudo...

ENTREVISTADOR - Pra dentro da sua realidade...

ENTREVISTADO - Juntar e trazer pra minha realidade, mas não tenho uma metodologia específica.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! E modalidades? Você falou aí que cada bimestre você planejou trabalhar uma modalidade, você acredita que dentro das modalidades esportivas tem alguma que você prioriza ou acha mais importante trabalhar e o porque?

ENTREVISTADO - Não, então, na verdade eu não acho que nenhuma modalidade deve ser priorizada porque eu acho que eles tem que vivenciar o máximo do leque possível de modalidades, então, assim, apesar de eu estar trabalhando o voleibol em cada bimestre, mas aí a gente quando vai lá, faço um pingue pongue com eles, faço, a gente já fez bandeirinha, queimada, outras atividades, porque eu acho que ele tem que vivenciar o máximo de possibilidades possíveis, não só e, brincadeiras, como são a bandeirinha, a queimada, tudo, mas em modalidades esportivas mesmo, eu durante o bimestre faço uma pesquisa sobre um esporte que talvez eles não conheçam, igual eu fiz no primeiro bimestre, eu passei lá, pesquise um esporte que você não conhece as regras, como ele funciona e tal e aí eles tiveram que apresentar na frente da turma esse esporte que eles pesquisaram que eles não conheciam, então assim, minha busca é que eles sempre conheçam o máximo de modalidades possíveis, e assim, pelo menos o mínimo, sabe? Ver o que é aquele esporte, como é jogado, talvez eles não...

ENTREVISTADOR - Talvez o primeiro contato né?

ENTREVISTADO - Isso!

ENTREVISTADOR - Seja ele na dimensão conceitual ou até mesmo na dimensão da prática procedimental.

ENTREVISTADO - Isso!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Mas, pra concluir essa questão das modalidades, você ainda acredita que, essas quatro, por mais que você não priorize ou ache que não deva ser priorizado, essas quatro modalidades, elas ainda aparecem, dentro da escola, como hegemônicas ou prioritárias ou que aparecem com mais frequência nos planejamentos? O futsal, a queimada, o futsal, desculpa, o voleibol, o basquete e o handball?

ENTREVISTADO - Então, eu acredito que ainda, assim, é uma questão de ter ainda, mesmo que a gente não queira priorizar, ainda é priorizada nas escolas, apesar da gente trabalhar, igual eu falei, outras coisas, mas, a tendência é que a gente trabalhe essas quatro modalidades.

ENTREVISTADOR - É os que eles chamam de Quarteto Fantástico! Lembro da época também que eu estudava que já vinham essas aparições do Quarteto Fantástico, que são essas quatro modalidades com mais ênfase dentro da escola. Perfeito! Vamos falar agora um pouco dos jogos escolares, você participa dos jogos escolares? Levou suas turmas? Se sim, onde e como

ocorre ou ocorreu o processo de preparação para os jogos? Se não, por qual motivo você não participa? Jogos escolares eu falo externo à escola, né?

ENTREVISTADO - Então, a gente participou do JESAM, eu cheguei na escola e o coordenador, o Cosmo, que já é da área de Educação Física também, ele já me falou que a gente inscreveria os meninos pro JESAM, pra competição e aí, claro que eu concordei, porque o ambiente que eu vinha antes já era da gente levar atletas, alunos, pra competição, então...

ENTREVISTADOR - Pra você não teve problemas?

ENTREVISTADO - Não, pra mim é uma coisa que eu gosto, que eu acho até importante pros alunos vivenciar a competição fora da escola, fora do ambiente aqui da escola do CEF 427, especificamente, né?

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Então, eu acho muito importante, e ele me falou que a gente levaria, eu falei: legal! Só que assim, eu queria até levar eles pra participar de mais modalidades, só que como ele me falou que os meninos só tinham a vivência principal só no futsal, eles não conhecem regras e tudo no voleibol e no basquete, no handball, que é, assim, esportes que são cobrados mais regras que o futsal, até porque eles jogam futsal, eles conhecem as regras teoricamente, assim, eles não conhecem todas as regras, mas eles conseguem desenvolver bem o esporte...

ENTREVISTADOR - Tem vivência!

ENTREVISTADO - Isso, só que o voleibol, por exemplo, eles precisariam de conhecer, tanto a forma mais técnica dos gestos...

ENTREVISTADOR - Ou seja, fazendo um parênteses, até pela questão da cultura, como nós estávamos falando da modalidade, você acredita pela sua vivência, dentro da escola, que o futsal, ele tá mais próximo?

ENTREVISTADO - Ele é priorizado porque ele tá mais próximo dos alunos, porque os alunos vivenciam muito mais essa modalidade do que as outras modalidades. E até a busca de trabalhar essas outras modalidades é que eles, pelo menos, vivenciem e conheçam um pouco mais que as outras, e aí, nos jogos, eu queria levar essas outras modalidades, o basquete e o voleibol, só que aí, conversando com ele, a gente achou melhor não levar pela questão dos alunos não conhecerem muito, não terem vivenciado esses outros esportes, e aí a gente teria dificuldades com essa parte, por exemplo, no basquete, o aluno que a gente vai jogar basquete, eu ainda não comecei a introduzir o basquete que será no próximo bimestre, mas a gente vivencia algumas coisas já na aula, e aí o aluno corre com a bola na mão, não sabe das regras que tem que quicar a bola e tudo, então, assim, a gente teria bastante dificuldade se a gente levasse essas outras modalidades no jogos escolares em específico, então, a gente decidiu por levar só futsal, pela facilidade.

ENTREVISTADOR - Pela proximidade que os alunos já tem né?

ENTREVISTADO - Isso, não pela gente querer dar uma prioridade, mas pela vivência deles mesmo, que seria mais difícil, mas eu acho importantíssimo...

ENTREVISTADOR - Pelo contexto todo né, da situação...

ENTREVISTADO - Que seja, que eu até comecei, porque eu tenho alunos que gostam do basquete que até me perguntaram: professor, porque não vai ter basquete no JESAM? Eu falei: não, vai ter! Só que a gente não vai participar porque você ainda não tem uma vivência boa no basquete pra gente poder levar, e assim, as meninas mesmo, que elas gostam, mas elas não sabem regras e tudo, e aí eu falei com elas: não, a gente vai trabalhar durante esse ano e aí, provavelmente, ano que vem a gente participe, porque aí vocês vão ter uma vivência, vão conhecer regras e algumas coisas importantes pra poder competir.

ENTREVISTADOR - Perfeito! E pra finalizar, eu queria que você me falasse como ocorreu o processo de preparação, você chegou na escola, o professor falou que ia escrever os alunos na modalidade futsal, até acontecerem os jogos, como é que foi essa preparação? Como é que se deu, foram nas aulas, a questão da seleção, queria que você falasse um pouquinho sobre isso.

ENTREVISTADO - Certo! Então, eu como novo na escola, não conhecia os meninos e aí, o professor Cosmo, coordenador, ele já conhecia um pouco mais os meninos, e aí a gente resolveu fazer o seguinte, eu vim no período da manhã, porque o período que eu leciono é o período da tarde, mas aí eu vim pela manhã, conversei com os professores da manhã, e aí eles fizeram como se fosse uma pré-inscrição com os alunos deles, daí a gente marcou um horário na quadra pra fazer uma seleção dos alunos que participariam, então eles pegaram os nomes dos alunos, data de nascimento, tudo e aí a gente juntou os alunos da manhã por categoria, então a gente tinha de 12 a 14, de 15 a 17, tanto masculino como feminino, e aí a gente fez as peneiras separadas, então eu peguei os alunos de 12 a 14 de manhã, levei todos para a quadra, e daí eu, juntamente com o professor da manhã que é o professor Ribeiro, a gente fez uma seleção lá, fizemos coisa rápida assim, joguinho de 5 minutos, só pra ir observando...

ENTREVISTADOR - Isso no horário da aula?

ENTREVISTADO - Isso, no horário da aula mesmo da manhã, gente não trouxe alunos do turno contrário, a gente usou, pediu autorização para os professores da aulas, por exemplo, de matemática, português, e aí pedimos para eles liberarem um horário pra gente, pra gente poder fazer essa seleção, e aí a gente levou todos os meninos de 12 a 14, fizemos a seleção, depois 15 a 17 fizemos outra seleção e as meninas da mesma forma, e aí no período da tarde, como o professor Cosmo conhecia mais os meninos, ele foi chamando alguns que ele já conhecia, que ele trabalha mais no período da tarde e aí eu também fiz uma seleção nas minhas

turmas de sextos e sétimos anos e aí a gente levou os meninos para a quadra, fizemos a seleção também no período de aula, contamos com a ajuda dos colegas das outras disciplinas pra liberar os alunos nesse período e aí fizemos a seleção lá e com essa seleção juntando os meninos manhã e tarde, a gente foi vendo ali quem se encaixava melhor e aí a gente depois juntou todos e aí a gente foi falando os que estavam selecionados, mas assim, a gente acabou que a gente planejou ter alguns treinamentos que a gente não conseguiu efetuar porque questão de horário de ser alguns pela manhã e outros a tarde e também pelas outras questões da escola, porque o 1º bimestre a gente teve problemas com a abertura de diário, que demorou e tudo, e aí acabou que ficou meio atrasado pra mim e aí pra eu não prejudicar outras atividades que eu tinha da escola que são outras obrigações, acabou que a gente não conseguiu fazer treinamentos específicos, assim, com o time mesmo selecionado.

ENTREVISTADOR - Ou seja, é um tema bastante complexo, né? Porque, como você falou, a importância né, você vê a importância de se levar, mas também não te dá uma condição de preparação né?

ENTREVISTADO - É, assim, é importantíssimo também que eles tivessem tido essa etapa de treinamento, só que a gente não conseguiu fazer porque, por questões que tinham outras prioridades na escola...

ENTREVISTADOR - Prioridades e calendário, de certa forma...

ENTREVISTADO - É, de calendário também! Porque acabou que a abertura dos jogos também, eles começariam numa data e aí, como o GDF não tinha repassado o dinheiro pra realização do campeonato, eles tiveram que adiar, foi adiando, foi adiando, e aí até interferiu na realização do nosso interclasse, que seria em maio e agora a gente teve que jogar pra junho, porque, por questão de choque das datas, que a gente faria em maio e acabou que a gente teve que jogar pra junho pra poder adequar o calendário com os jogos escolares.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Então, professor, seguindo pra gente poder finalizar, eu queria que diante de toda essa conversa que nós tivemos, de tudo o que você pensa, com a visão que você tem em relação ao esporte. Então, eu queria que você falasse um pouquinho, qual o papel do esporte dentro da escola, qual o papel que ele deve ter dentro da escola e mais especificamente dentro da Educação Física Escolar? Qual o papel que o esporte deve ter?

ENTREVISTADO - Então, pra mim, o esporte, ele tá muito envolvido nessa questão de preparar o ser integral, de preparar pra vida, porque o esporte trabalha com a adoção de regras, trabalha com técnicas, algumas que são coisas que você vai precisar aprender pra desenvolver aquilo ali, que você vai utilizar em todas as áreas da sua vida, de forma diferente, então pra você realizar um trabalho, você vai ter que aprender a como que desenvolve aquele trabalho, pra você estudar, você vai ter que

desenvolver uma metodologia de aprendizagem, de estudo, pra você conseguir ter êxito nos seus estudos, então, o esporte, ele ensina desde novo já, você aprender que as regras são importantes, que a metodologia é importante, pra você alcançar um objetivo final, então, pra mim, ele é de suma importância, importantíssimo, só que eu acho que o esporte na escola, às vezes ele é meio negligenciado, sendo deixado de lado, meio visto, até pela direção, talvez, pelos coordenadores, por todos...

ENTREVISTADOR - Pela comunidade escolar como um todo...

ENTREVISTADO - Isso, pela comunidade escolar como algo secundário, algo não prioritário, algo que não é tão importante, e aí é visto como se, se tivesse um tempo livre você vai lá e faz o esporte, se tiver a disponibilidade a gente vai fazer os treinamentos, mas, assim, não é visto como uma coisa prioritária, e aí, eu acho que, acaba que o esporte, ele pode ajudar nessas outras disciplinas, com questão do aluno mesmo aprendendo as regras, ele aprender a respeitar o professor melhor na disciplina dele, a respeitar a metodologia que o professor está utilizando e isso ele pode aprender também através do esporte, então, eu acho assim, que o esporte deveria ser dado muito mais valor, até no ensino fundamental, porque é uma coisa que vai ser importante pra ele levar pra vida, né? Essa questão toda que envolve o esporte, de adoção de regras, de competição, de saber perder, de saber ganhar, então eu acho que ele deveria ser mais valorizado na educação fundamental, principalmente.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! E pra gente finalizar, você acredita que o esporte, dentro da Educação Física Escolar, ele ainda aparece como hegemônico? Acima dos demais conteúdos? Ou você acredita que não, que ele tá ali no mesmo patamar dos demais conteúdos da cultura corporal, como por exemplo, os jogos, a dança, as lutas, ou você acredita que o esporte ainda aparece com hegemonia?

ENTREVISTADO - Então, o que eu acredito é que a gente foi ensinado a dar prioridade para os esportes, na faculdade, tudo e até, assim, na minha educação fundamental como eu te falei, a gente foi educado a pegar uma bola e ir lá praticar um esporte, então, eu acho que o esporte ainda é prioritário para todos os professores, pra maioria dos professores, pelo menos na Secretaria de Educação e em todas as outras escolas porque a gente foi ensinado dessa forma, mas, assim, eu acredito que ele deveria estar em pé de igualdade com outras atividades, como cultura corporal, como várias outras coisas, como conhecimento do próprio corpo, como conhecimento de como funciona, igual falei inicialmente...

ENTREVISTADOR - Aspectos voltados à saúde...

ENTREVISTADO - Isso, saúde, estética, às vezes a imagem corporal que o aluno tem e tal, então eu acho que ele deveria estar em igualdade, mas eu reconheço que, assim, os professores, inclusive até eu mesmo, às vezes, a gente dá prioridade,

principalmente, pro esporte em relação às outras as outras áreas da Educação Física.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Então, pra fechar, podemos dizer, até na sua visão, você acredita que o esporte, ele é o sinônimo da Educação Física, devido a você ainda ver o esporte, enxergar o esporte ainda como um conteúdo hegemônico, você acredita que ele está atrelado, a ser um sinônimo, a Educação Física está muito associada ao esporte, está muito atrelado ou ele já, de certa forma, está, a Educação Física está independente, a Educação Física é Educação Física, esporte é esporte? Ou ainda tem essa associação, essa visão, até da sua parte, por parte da sociedade?

ENTREVISTADO - Pra mim, é sinônimo mesmo, você fala em Educação Física, você liga diretamente ao esporte, então, pra mim, não tem separação. Se você falou em esporte, você está falando em Educação Física, se você falar que vai trabalhar Educação Física Escolar, você vai trabalhar, fatalmente esporte, acho que não tem como você trabalhar Educação Física, desenvolver atividades durante o ano letivo sem trabalhar o esporte, então, assim, eu acho que está totalmente ligado, você vai trabalhar Educação Física, você vai trabalhar o esporte, só acho que às vezes, gente pode não dar tanta ênfase ao esporte, a gente pode trabalhar outras áreas...

ENTREVISTADOR - Trabalhar os outros elementos da cultura corporal, outros conteúdos da Educação Física.

ENTREVISTADO - Isso! Mas, assim, eu acho que o esporte sempre vai tá ligado, sempre vai ser sinônimo um do outro, você vai trabalhar Educação Física, fatalmente você vai trabalhar o esporte.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Encerramos aqui a nossa entrevista, mais uma vez agradecendo, professor, a sua participação que foi muito contributivo para o trabalho, pra pesquisa e que, futuramente, a intenção da pesquisa, é que a gente possa fazer um seminário interventivo com os professores que participaram da entrevista, pra que a gente possa fazer uma reflexão coletiva, um diálogo a respeito do conteúdo esporte, do esporte como conteúdo da Educação Física Escolar e que a gente possa, a partir dessa reflexão, dessa intervenção, avançar no nosso campo pedagógico e que seja contributivo e que a gente possa evoluir na abordagem do esporte como conteúdo da Educação Física Escolar. Deixo aqui, meus agradecimentos e reafirmando, mais uma vez, que foi muito contributivo. Muito obrigado!

ENTREVISTADO -Eu que agradeço, também!

ENTREVISTADOR - Estamos iniciando a entrevista com o professor 6, de antemão, agradecendo a sua concordância, professor, colaborando com o estudo e com a pesquisa a cerca do esporte como conteúdo da Educação Física Escolar. Podemos iniciar?

ENTREVISTADO - Claro!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Então, professor, pra gente poder iniciar essa conversa de forma bem tranquila, tentando identificar sobre o esporte como conteúdo da Educação Física Escolar, eu queria que você falasse um pouquinho sobre o seu histórico relacionado à Educação Física, quando você graduou, onde você graduou e o porque da escolha de ser professor da educação básica.

ENTREVISTADO - Certo! 2014 eu terminei a licenciatura, não, o bacharel, em 2013 eu terminei a licenciatura, ambos eu fiz na Católica.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha!

ENTREVISTADO - E, a minha escolha por ser professor, não necessariamente da rede pública, mas aí eu tinha a intenção de trabalhar dando aula em escola né? Que eu tive outras experiências, trabalhei em outras áreas e eram áreas mais técnicas né? Trabalhei com eletricidade, trabalhei com Engenharia, essas, cheguei a fazer o curso, mas não terminar a Engenharia, né? E aí, eu vi que eu tinha que ter mais contato com o processo de formação das pessoas e tudo, eu acho que faria mais diferença pra sociedade se eu fosse atuante numa área dessas do que se eu fizesse um trabalho desses, que às vezes é até é mais bem remunerado, até mais bem visto pela socialmente, mas não se reverte em tanto benefício para a sociedade que a gente vive né?

ENTREVISTADOR - Então, hoje, você se considera uma pessoa feliz, realizada com o exercício da profissão da Educação Básica?

ENTREVISTADO - Eu poderia, quer dizer, eu me esforço pra me aprimorar a minha formação, porque eu tenho uma preocupação com o desempenho também do que eu faço, do que eu executo né? E aí, eu sou muito cru na área, assim, apesar de ter formado em 2014, como bacharel é uma área que tem muito mais oferta de trabalho, eu fiquei trabalhando no bacharel até agora, eu fui entrar na Secretaria tem um ano, vai fazer um ano agora.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Entrou como professor efetivo?

ENTREVISTADO - Efetivo!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Então a sua experiência com a Educação Básica se dá de um ano pra cá?

ENTREVISTADO - É! Eu atuei como pibid né? Tive, eu entrei nesse contexto, inclusive da escola pública fazendo estágio, que tinha um convênio da Católica com a Secretaria de Educação, e os estágios que eu fiz foram em escolas públicas, que foi bastante enriquecedor porque traz esse contraste né? E a gente lá na Católica tinha todo o tipo de material, todo o tipo de recurso, quadra bonitinha e tudo...

ENTREVISTADOR - É, eu sou formado lá também! Eu vivenciei bem essa realidade da Universidade Católica.

ENTREVISTADO - E aí o estágio seria fazer, lá tinha uma corda e uma bola, e às vezes não tinha quadra na escola, tinha uma escola que eu peguei que não tinha quadra e aí, depois como pibid também, só que aí em outra perspectiva, que a gente aplicava projetos na escola, não era tanto, não era necessariamente uma docência, né? Mas estava envolvido com o contexto escolar e depois como jovem educador, eu peguei, quando eu fazia o bacharel, eu consegui uma grande mais leve né? Eu consegui sair em alguns horários e atuava como jovem educador numa escola do Riacho Fundo I, tinha uma “bolsazinha”, tal...

ENTREVISTADOR - Escola pública né?

ENTREVISTADO - Pública também!

ENTREVISTADOR - E a rede privada então você nunca passou?

ENTREVISTADO - Nunca atuei!

ENTREVISTADOR - Tá, na Educação Básica. Perfeito! Então tá, então você trabalha no ensino fundamental desde 2018, perfeito?

ENTREVISTADO - Isso!

ENTREVISTADOR - E sempre na rede pública, que foi quando você adentrou na Secretaria de Educação.

ENTREVISTADO - Exato!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Então, vamos trazer o conteúdo esporte pra dentro da nossa conversa. Como o conteúdo esporte foi abordado na sua graduação, lá na Universidade Católica? Como que ele foi abordado?

ENTREVISTADO - Certo! Lá, a gente tinha as metodologias esportivas né? Metodologia do Atletismo, Metodologia do futebol, Metodologia do Vôlei, e aí tinha uma linha um pouco tecnicista, era mais tecnicista, assim, tinha a preocupação de você executar o movimento certo e tal, não era muito forte nisso, mas alguns professores, talvez, até pela vivência deles, eles entraram na instituição porque tinha uma história no esporte e tudo, então eles aplicavam muito mais uma pegada de treinamento do que essa questão pedagógica mesmo.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Então você acha que era mais voltado pro treinamento, pro ensino do esporte voltado pro treinamento e menos pro ensino, na Educação Física Escolar no caso?

ENTREVISTADO - A gente tem esse jargão do movimento como fim, o movimento como meio, né? Então, assim, por mais que eventualmente se colocasse essa ideia de movimento como meio, muito mais se via de recursos que eram oportunizados lá, né? Apresentados, as disciplinas abordavam muito mais uma perspectiva do movimento como fim.

ENTREVISTADOR - Mais tecnicista mesmo?

ENTREVISTADO - Mais tecnicista mesmo!

ENTREVISTADOR - Perfeito! E as disciplinas, no caso, os esportes eram separados, cada modalidade era uma disciplina específica?

ENTREVISTADO - Isso! Tinha isso!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Você lembra? Só pra perpassar quais foram esportivas.

ENTREVISTADO - Dos esportes?

ENTREVISTADOR - É! As metodologias que tinham lá?

ENTREVISTADO - Tinham algumas que eram optativas, a maioria era obrigatória, e das obrigatórias eu fiz todas né? Que eu me lembre são: atletismo, vôlei, basquete, futsal, futebol não, futebol, que aí a gente pegava variedades, né? Do futebol, handball, ginástica artística né? Eu peguei, por acaso, ginástica rítmica depois, como optativo. Caramba! O que mais que teve? Tinha natação, mas é bem fora da realidade da escola pública, né? Natação...

ENTREVISTADOR - Isso tudo dentro...Como é que tá lá...da licenciatura?

ENTREVISTADO - Sim, é obrigatória pras duas, você não tinha como fazer, evitar elas né?

ENTREVISTADOR - E mesmo sendo um curso de licenciatura, você sentia que era uma abordagem bem tecnicista?

ENTREVISTADO - Eu cheguei a pegar um ou outro professor mais pro final, que foi trocando a grade, saíram alguns mais antigos e aí eles tinham uma pegada um pouco mais, de trazer jogos, de trazer atividades mais abertas, não focada no movimento e tal...

ENTREVISTADOR - Mais pedagógica, que eu digo, mais voltada da Educação Física Escolar?

ENTREVISTADO - É!

ENTREVISTADOR - Que toda abordagem, de certa forma, tem uma pedagogia, mais direcionada para Educação Física Escolar.

ENTREVISTADO - Isso!

ENTREVISTADOR - Perfeito! E aqui, trazendo pra dentro da sua realidade, hoje como professor da Educação Básica, quais dos conteúdos da Educação Física, eu falo dos conteúdos de forma ampla, né? Conteúdos em geral, é priorizado por você em seu trabalho pedagógico com alunos e por quê?

ENTREVISTADO - Tá, eu tenho trabalhos diferentes quando eu pego os sétimos e sextos anos em relação ao oitavo e nono.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - É, tem um aspecto muito importante que a gente não estuda na formação, é a motivação em relação à faixa etária pra fazer determinadas atividades, a vontade deles, o interesse deles em praticar algumas coisas, sexto e sétimo ano, eles tem muito interesse em fazer as atividades práticas né? Principalmente, seja modalidade, seja um jogo mais aberto...

ENTREVISTADOR - No que é proposto, no caso?

ENTREVISTADO - É, no que é proposto. Então, eu trabalho um conteúdo voltado pra apresentar os esportes pra eles, assim, eu tento abordar o máximo de modalidades possíveis né? E fugir do futebol, que todo mundo joga futebol, às vezes eu faço futebol com as meninas, fiz no ano passado, futebol com as meninas no último bimestre, mas a ideia é dar a modalidade de uma forma muito mais lúdica né? Então, eu quase não pego, assim, movimentos técnicos e dou ênfase, eventualmente, assim, eu pego um ou outro porque você tá instrumentalizando ele pra apreciar mais o que jogo que é pra ser legal e tal, (...) conhecer. E aí, eu tive essa noção, quando eu fui, logo que eu entrei eu percebi, véi, eles não tem vivência assim dessas modalidades, eles ficam lá jogando vídeo game, computador, qualquer coisa assim, e a gente, eu pelo menos, joguei quase tudo quanto é coisa na minha infância né? De modalidade esportiva.

ENTREVISTADOR - Entendi! Você teve vivência né?

ENTREVISTADO - É, e aí, eu pô, vou ter que apresentar isso pra eles, nem na tv eles vem que existe, assim, algumas modalidades, fora outras que eles tem curiosidade, mas tipo, Ah, vou jogar vídeo game, então, eu já conversei com o pessoal do frisbee pra trazer aqui pra mostrar, flagball, eu conheço algumas meninas que jogam né? Flagball não, é só flag que chama né? Mas é mania de falar! É, e aí eu estou tentando trazer o máximo, mas as que eu consegui abordar

com sucesso foi essas clássicas, handball, basquetebol, vôlei é difícil no sexto, sétimo ano, assim, mas a gente ainda dá uma introduçãozinha.

ENTREVISTADOR - Perfeito! E, vamos pensar assim, de maneira geral né? Dos conteúdos, fora um pouquinho das modalidades esportivas, do esporte, você trabalha também? Por exemplo, a dança, o conteúdo de forma mais ampla, as danças, por exemplo, as lutas, os jogos?

ENTREVISTADO - Eu, a linha vai, eu estava fechando sexto e sétimo ano, porque é bem mais voltado pros esportes, o trabalho, eu trabalho bem mais voltado pros esportes mesmo, no finalzinho...

ENTREVISTADOR - Então, a gente pode dizer que no seu planejamento ali, o esporte é aparece com mais prioridade? Com mais ênfase?

ENTREVISTADO - É, sexto e sétimo ano sem dúvidas, e aí, no finalzinho, dependendo da desenvoltura deles, eu abordo outros temas, principalmente, aspectos psicossociais ou sociais mesmo, então, eu cheguei a trabalhar, na outra escola, que tinham provas multidisciplinares, a prova teve um tema que era ética, que era perto das eleições, a gente abordou ética nas modalidades, nas atividades...

ENTREVISTADOR - Entendi, temas transversais né?

ENTREVISTADO - É! Então eu, por exemplo, desmembrava um handball e aí propunha a eles trabalharem com uma espécie de solidariedade orgânica né? Eles, tem um que só pode driblar, tem um que só pode arremessar, tem um que só pode tocar...

ENTREVISTADOR - Passar, certo?

ENTREVISTADO - É...

ENTREVISTADOR - Então você fazia uma adaptação...

ENTREVISTADO - Esse é o mais distante do esporte que eu abordei nessa faixa etária aí, de sexto e sétimo. Agora, oitava e nono, principalmente nono, a Educação Física e saúde que eu pego, atividade física e saúde, na verdade, então eu pego, o 1º bimestre eu tenho trabalhado essas questões de atividade física habitual, os impactos pra saúde que envolvem você ser sedentário, você ter uma vida ativa, eu tento ensinar eles entenderem o que é, como a gente classifica as intensidades, que tem o aspectos relativo e tudo mais, e aí eu deixo bem aberto pra eles, por exemplo, prática que eu sempre faço, apesar de ter um ano né? Mas assim, é recorrente, eu deixo eles jogarem, aí eu pego uma escala de Borgh e falo pra eles apontarem, tento instrumentalizar eles antes, lógico, mas tipo, o quantos eles ficaram cansados e tal, aí, tá vendo, pra você teve essa intensidade o jogo, pra ele teve outra, eu deixo aberto, você escolhe a modalidade, você só vem aqui e me aponta né?

ENTREVISTADOR - Entendi! E o esporte propriamente dito, aparece também no oitavo e novo ou ...

ENTREVISTADO - Aberto...

ENTREVISTADOR - Um pouco menos que no sexto e no sétimo e de forma mais flexível, mais aberta...

ENTREVISTADO - É, eu proponho a eles, oh, a gente tem, por exemplo, dois horários aqui, primeiro horário vocês tem que praticar alguma modalidade esportiva e aí a gente vai descobrir a intensidade dela, por exemplo, na outra, duas, três semanas, eles já entenderam a ideia, por exemplo, de intensidade, aí eu, hoje a gente vai trabalhar pelo menos 15 minutos de uma modalidade que você, que tenha intensidade vigorosa pra você, aí eles tem que sacar qual é e escolher (...)

ENTREVISTADOR - E também um ensino aberto né? Relação professor, aluno no planejamento, na condução das escolhas né?

ENTREVISTADO - Isso, eu tenho feito bastante isso, assim...

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Perfeito, professor! E já que a gente está falando de escolhas e de conteúdos, como é a condição de estrutura física e material oferecida pela escola pra trabalhar esses conteúdos?

ENTREVISTADO - Rapaz, aí oh...aqui, eu tenho duas escolas só de referência né? Então, aqui não tem quadra coberta, né? Isso desestimula muito o aluno, dependendo do horário, os horários perto do horário do almoço, tanto manhã, quanto tarde, eu sou 20, 20, então eu trabalho nos dois turnos...

ENTREVISTADOR - Aí eu ia te perguntar se você estava nos dois turnos...

ENTREVISTADO - É, esses horários são complicados e quando chove também, é muito difícil você trabalhar, isso em relação à estrutura física né? E os materiais, na outra escola era coberto, tinham três quadras também, na verdade, eram duas quadras e uma foi dividida no meio, improvisaram duas quadras compactas né?

ENTREVISTADOR - E era na regional de Samambaia essa outra escola?

ENTREVISTADO - Não, Taguatinga!

ENTREVISTADOR - Ah, Taguatinga...

ENTREVISTADO - E, lá, esse aspecto físico era mais favorável, né? Tinha casinha, casinha do professor né? Acho que tem uma portaria que tem, que determina que você tem que ter um espaço protegido do sol pra dar aula, se a quadra não for coberta, eu já vi a algum tempo atrás e lá tinha também, se você fosse trabalhar na outra quadra, que era aberta, que era a que tinha os gols né? Então dava pra

trabalhar handball e futebol só lá, lá era exposto, mas você tinha a casinha lá. Isso era uma vantagem bastante grande, assim, pra você atuar.

ENTREVISTADOR - Aqui, já não tem essa...

ENTREVISTADO - Nenhum dos dois!

ENTREVISTADOR - E em relação à material?

ENTREVISTADO - Material, lá, por conta da iniciativa de um professor já bem antigo, ele pressionou bastante, tal, ele conseguiu porque ele propôs uma Olimpíada, ao invés de ser só interclasse, Olimpíada Escolar, ele conseguiu bastante material, então, eu não tive dificuldade de trabalhar a partir do segundo semestre, que foi quando teve a Olimpíada. Antes disso, ele também tinha muito material porque ele trabalhava em CID...

ENTREVISTADOR - Conseguiu fazer essa capitação...

ENTREVISTADO - E aí, ele trazia às vezes e a gente dividia. Mas do recurso do começo, mais por conta dos recursos que ele possuía, mas pro final, porque a escola realmente investiu.

ENTREVISTADOR - E aí acumulou um quantitativo bom... E a realidade atual, sua?

ENTREVISTADO - Então, lá tinha muito material e muitas possibilidades pra você fazer de tudo, então eu podia direcionar pro que eu achava que a galera curtiu mais essa modalidade, trabalhava mais tempo com ela. Aqui, tem bola de futebol, o João, que é o outro professor, conseguiu porque ele trabalha com os alunos daqui pra jogar os jogos...

ENTREVISTADOR - O JESAM?

ENTREVISTADO - O JESAM, os jogos escolares (...) Ele conseguiu patrocínio e descolou outras materiais também, então, tem uns coletes legais, tem umas bolas de basquete agora, que ele arrumou também.

ENTREVISTADOR - Mas é suficiente pra contemplar o que você planeja ou você tem que fazer um planejamento de acordo com que a estrutura física e material oferece? Ou de certa forma você consegue?

ENTREVISTADO - Eu compro materiais, eu comprei materiais. Eu compro porque eu sinto necessidade...

ENTREVISTADOR - Pra poder contemplar o seu planejamento.

ENTREVISTADO - É, de seguir o meu plano, ao invés de ficar modificando por consequência de faltar algum recurso e tal, é preferível, eu me estresso menos.

ENTREVISTADOR - Entendi! Perfeito! Infelizmente é a realidade...

ENTREVISTADO - Não dá pra você cobrar da instituição, às vezes...

ENTREVISTADOR - É a realidade da grande maioria dos professores de Educação Física da rede né? Infelizmente! Mas vamos seguindo! Agora, vamos trazer a questão de planejamento e organização pedagógica, como que você planeja e organiza pedagogicamente pra poder abordar o esporte como conteúdo da Educação Física Escolar? Como é que se dá esse planejamento e essa organização pedagógica?

ENTREVISTADO - Certo! Eu tenho feito um processo bastante experimental, assim, esse ano passado e agora né?

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Aí o que eu pego é, tem alguma habilidade motora que a gente tem pra desenvolver ou algum objetivo transversal né? E aí, eu seleciono a modalidade que me melhor atende a essa modalidade motora, então por exemplo, nesse bimestre anterior, eu pensei, oh, eles vão ter muitas modalidades que eles vão ter que ter essa capacidade de lançamento e apreensão, aí peguei, qual a modalidade que mais aborda isso e com mais facilidade, talvez? Aí, eu, pô, handball acho que é uma boa estratégia, aí comecei com handball. Então eu fazia muitos jogos que eles não podiam se mover com a bola, segurar a bola, aí fizeram um passe, então eu dei muita ênfase no passe, drible, outros aspectos, eu deixei pra lá, o que eu trabalhei mais foi pra ele desenvolver essa habilidade né? Deslocamento também, essa questão psicomotora dele projetar o ponto futuro lá, o moleque chegar lá...

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - E também, porque me dá uma modalidade não tão exigente né? De habilidades né? Então, me dava a possibilidade de trabalhar outros conteúdos se eu quisesse também, então, às vezes, eu fazia um joguinho mais pra discutir alguma coisa que aconteceu na sala...

ENTREVISTADOR - Então você trabalha muito adaptando os jogos pra adequar dentro da modalidade esportiva, fazendo essa adaptação?

ENTREVISTADO - Pego a modalidade que me atende melhor dentro do objetivo que eu tenho, seja ele motor, desenvolvimento motor, seja ele de outras características né? Psicológicas, sócias, tudo.

ENTREVISTADOR - Perfeito! E falando do planejamento mais amplo, como é que se dá esse processo de planejamento? Você faz um planejamento individual? A escola te oferta um momento de planejar em conjunto?

ENTREVISTADO - Tá, a duas ocasiões, as duas escolas que eu atuei, eu atuei como 20, 20, por conta deu chegar depois na escola e tudo mais né? E aí, nessas condições, a gente ficava um pouco distanciado das coordenações coletivas, de setor né? A gente é de linguagens e aí...

ENTREVISTADOR - Isso, códigos e linguagens...

ENTREVISTADO - Códigos e linguagens, e aí eu dificilmente eu tenho contato com os outros professores porque, por exemplo, eu atuo segunda, quarta e sexta, dou aula né? Quinta eu coordeno, e aí eles estão, tanto um, quanto o outro coordenando na segunda, no seu turno contrário, na terça e na quarta.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Aí eu não interajo com eles, é individual, assim pra mim coordenar... eu converso, lógico, a gente combina, por exemplo, a se, de manhã, ah, você vai trabalhar alguma modalidade específica? Você vai dar o quê? Ah, Handball! Aí eu dou pros sétimos do D ao H, aí o A, B e C, o outro professor também trabalha o handball.

ENTREVISTADOR - Então vocês tem essa comunicação?

ENTREVISTADO - Tem essa comunicação, só não é exatamente a mesma coisa.

ENTREVISTADOR - E vocês seguem a diretriz da Secretaria de Educação? Currículo em Movimento? Ou é um acordo mais interno do que vai ser trabalhado ou vocês, não vamos olhar o currículo e planejar? Como se dá esse momento? Esse planejamento?

ENTREVISTADO - Quando eu olhei o currículo, bem por alto, ele não te estreitava, a ponto de dizer, nesse bimestre trabalhar tal coisa...

ENTREVISTADOR - Ele é bem flexível...

ENTREVISTADO - É, aí nesse sentido, eu também me dei a liberdade de trabalhar de forma, igual eu falei, né? O que me atende melhor e aí eu vou conhecendo a molecada também, eu dou uns joguinhos no começo que tem a ver com nenhuma modalidade, necessariamente, pra poder conhecer eles...

ENTREVISTADOR - Perfeito! O jogo como jogo!

ENTREVISTADO - Jogo, jogo! Pra ver a parte lúdica e traz muita informação pra gente do comportamento do moleque né? Então, eu consigo sacar muita coisa deles assim com, aí eu vejo se eles são motivados a priori, se eu vou ter que trabalhar outros aspectos.

ENTREVISTADOR - Voltando pro esporte, por exemplo, numa unidade, numa aula propriamente dita, você vai trabalhar o esporte, como é a questão do nível de participação dos alunos, o índice? Eles, geralmente, se interessam?

ENTREVISTADO - De nono ano, só futebol, eventualmente, alguns alunos né? Quando é, eles tem essa cultura aí! Eventualmente, algumas meninas no vôlei, também! E é bem, bem, tem uma questão de gênero bem importante aí né? É bem separado mesmo!

ENTREVISTADOR - Segregado mesmo!

ENTREVISTADO - É! E de manhã, não! De manhã, eles jogam, dá pra você misturar a molecada, eles, espontaneamente, jogam alguma modalidade se você der tipo 15 minutos livres, eles vão jogar. E se você propõe também, se você chega com uma abordagem bacana, eles são muito participativos! É a exceção mesmo que fica de fora né?

ENTREVISTADOR - Entendi! Você falou abordagem, me instigou a fazer essa pergunta: Como assim uma abordagem bacana? Como seria uma abordagem bacana?

ENTREVISTADO - É você não começar na técnica e começar no lúdico, né? Dá uma pegada assim, tipo uma brincadeira, eles vão percebendo que essa mesma capacidade motora que eles usaram na brincadeira está associada ao esporte e aí eles vão chegar lá, talvez no esporte que é uma outra linguagem, que dá pra ele socializar depois quando ele for adulto, (...)

ENTREVISTADOR - Perfeito, perfeito! Então, quando, pra gente finalizar essa parte de planejamento e organização pedagógica, então, pelo o que eu vi, você trabalha muito essa questão de trazer os jogos, pra tentar chegar, um meio pra tentar chegar no fim, mas, e aí como é que se daria essa questão de formatação? Você trabalha a dimensão conceitual também do esporte?

ENTREVISTADO - Muito pouco...

ENTREVISTADOR - Mas a parte procedimental, atitudinal, como que é? Mais prática?

ENTREVISTADO - Muito mais prática, de manhã, muito, muito, muito mais! Aí, eu pego, às vezes, assim, eu posso te dizer que eu dou quatro aulas fechadas assim, onde a gente discute, tenta discutir, né? Os aspectos mais voltados pro esporte mesmo. Então, em algum momento eu pego pra, na sala, pra abordar as regras, pra discutir porque que tem essa regra, como é que vai funcionar o jogo se não tiver e tal, pra eles internalizarem a regra, pra eles chegarem lá e conseguir aplicar né? Pra não ficar parando toda hora, da modalidade, aí, depois, num segundo momento, ou às vezes eu passo um dever de casa pra eles pesquisarem sobre a modalidade, aí eles chegam com as informações, eu só dou uma pincelada, assim, então, quem

criou a modalidade, porque e tudo, mas a ênfase é muito, muito maior na prática, é eles jogarem, saírem de lá tendo uma noção de como é a modalidade e conseguir, se quiser, por exemplo, tiver uma bola, tiver o espaço, eles poderem socializar através dela, utilizar pra isso né?

ENTREVISTADOR - Exato! Fazer a prática além da escola, você fala, pra fora dos muros da escola. Perfeito! Ok! E pra finalizar, trazendo a questão de teoria pedagógica, pra finalizar esse aspecto de planejamento, né? Você tem alguma teoria ou alguma abordagem pedagógica que você segue, específica, pro ensino do esporte?

ENTREVISTADO - Não, pro ensino do esporte, não!

ENTREVISTADOR - E de forma mais aberta?

ENTREVISTADO - Talvez, eu tenha, um pouquinho, a linda desenvolvimentista, essa galera do Gallahue né?

ENTREVISTADOR - É, Gallahue!

ENTREVISTADO - Não tem aquele Gallahue e ..., às vezes, eu dou uma olhada lá pra ver qual é a habilidade motora que talvez...

ENTREVISTADOR - É, porque ele é bem associado ao desenvolvimento motor, habilidade motora, o Gallahue, perfeito!

ENTREVISTADO - Pra desenvolver, estimular, por isso mesmo eu também acho que eu também tenho mais, eu trabalho mais efetivo com os menores, que eu saco, ah ele ainda está nesse nível de desenvolvimento, então eu vou dar esse estímulo mais...

ENTREVISTADOR - Perfeito! Então, você se aproxima bem da teoria desenvolvimentista.

ENTREVISTADO - Provavelmente, é a que eu mais me aproximo.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Voltando para a modalidade esportiva, há alguma que é priorizada por você, agora dentro do esporte mesmo? Não de conteúdo como amplo, de forma mais ampla. Fizemos um recorte: o esporte. As modalidades esportivas, há alguma que você prioriza e por quê?

ENTREVISTADO - Não, não tem uma única que eu priorize não!

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Agora, eu priorizo as modalidades que usam essas habilidades manipulativas, então, eu trabalho vôlei, basquete e handball sempre, e aí, eu estou tentando inserir outras né? Porque é menos excludente. Os moleques tem muita habilidade de equilíbrio, de conduzir a bola com o pé e tudo mais, e as meninas,

muito pouca, e aí, se eu pego modalidades que envolve mais esse aspecto, velocidade também, às vezes, molecada tem muito mais né? O menino, aí separa muito né? Fica muito heterogêneo, não dá pra você trabalhar.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Fica muito difícil!

ENTREVISTADOR - Então, não tem prioridade, mas você acha que alguma dessas modalidades, por parte dos alunos que eles exigem um trabalho, que se reflete de fora pra dentro em alguma dessas modalidades? Conseguiu compreender a minha pergunta?

ENTREVISTADO - Não sei...

ENTREVISTADOR - Se a, pelo seu entendimento aqui com seu convívio com os alunos, por parte deles, há alguma... Professor, vamos trabalhar essa modalidade! É essa que eu quero! E se você acha que tem alguma dessas que vem de fora pra dentro, que tem uma força, que eu digo.

ENTREVISTADO - Tem! Futebol, é, assim, não tem como!

ENTREVISTADOR - Questão cultural mesmo!

ENTREVISTADO - É cultural mesmo! E os meninos, principalmente né? Eles botam uma pressão e é essa, por consequência, é uma modalidade que eu excluo até o final, assim, até o último bimestre, eu sei que, não é uma exclusão assim, eu não proíbo eles de fazer...

ENTREVISTADOR - Era isso que eu ia ter perguntar. É uma exclusão, de forma, mas tem uma reflexão, com eles, tem um momento de reflexão, o porque está sendo excluída? Ou simplesmente, você monta no seu planejamento e segue? Como que se dá (...)

ENTREVISTADO - Não, eu não justifico assim, não arquiteto uma justificativa muito lógica pra eles, eu só falo: nesse bimestre a gente vai trabalhar essas coisas aqui, no próximo, talvez! Ai vai chegando, no último, às vezes eu dou, entendeu?

ENTREVISTADOR - Entendi! Perfeito! Então já é programado no seu planejamento de agir dessa maneira!

ENTREVISTADO - E quando eu dou, quando eu dei, a ênfase foi muito mais em instrumentalizar as meninas né? E não deixar a molecada, os meninos né? Que já tem muita habilidade, não tem mais o que avançar neles, né? Senão outros aspectos, por exemplo, mais colaborativos e tudo! Eles, movimento eles já avançaram muito! Aí, a gente, por exemplo, faz um joguinho que o menino, tinha uma quadra lá, que ela tinha uns bloquinhos assim, né? Aí eu falava: Oh, se o menino recebe a bola no bloquinho, ele não pode sair do bloquinho, aí ele recebia a

bola e ficava, tipo, devia ter um metro quadrado ou dois metros pra cá, dois metros pra lá...

ENTREVISTADOR - Dois por dois?

ENTREVISTADO - Não sei, enfim, mas dava pra ele ficar driblando e protegendo a bola e tocar pra alguma menina, aí o jogo funcionava, elas se movimentavam, elas iam entendendo, ele orientava e tocava, às vezes...

ENTREVISTADOR - Ou seja, uma adaptação da modalidade?

ENTREVISTADO - Ele jogava e isso exigia uma habilidade dele, porque, às vezes, tinha, mas não tinha sido tão desafiado, e as meninas jogavam livremente, então elas exploravam tudo aquilo que elas nunca tinham vivenciado.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Eu tentava, pelo menos!

ENTREVISTADOR - Maravilha! Entendi! Agora, vamos entrar nos jogos escolares, eu falei que mais pra frente a gente ia citar. Você participa dos jogos escolares? Jogos escolares que eu digo, externo, o JESAM, que é uma etapa regional pra poder ir pra etapa distrital, você participa? Se sim, onde e como ocorre o processo de preparação dos jogos e se não, por qual motivo?

ENTREVISTADO - Eu não participo, e eu sou muito pouco inteirado do processo. Eu, realmente, não, assim, o João, ele sempre leva a equipe né? O outro professor...

ENTREVISTADOR - Sim, o outro professor da escola, no caso!

ENTREVISTADO - E, eu... O Alan, que também é da tarde, tem algum conhecimento do JESAM né? Ou, dos jogos escolares. Mas eu sou muito pouco inteirado e aí, honestamente, eu não tenho muito interesse não, eu não sei, acho que, eu acho que o CID não pode participar né?

ENTREVISTADOR - É, só as escolas...

ENTREVISTADO - E eu acho que isso, nada a ver, assim! Eu acho que o CID que deveria participar.

ENTREVISTADOR - Perfeito! E o porque que você acha que...

ENTREVISTADO - Porque o papel da gente não é instrumentalizar tecnicamente o moleque, é dar a vivência pra ele, é dar recurso pra ele ser uma pessoa melhor, até porque, é uma das poucas disciplinas que tem essa pegada assim, a gente, talvez, artes né? Talvez, o português, porque é linguagens também...

ENTREVISTADOR - É, códigos e linguagens!

Consiga um pouquinho aí, desviando o conteúdo e abordando esses aspectos, mas a gente não tem que ensinar o menino a ser um bom jogador porque isso não vai assegurar nenhum sucesso pra vida dele, pro futuro né? Talvez, de 1% dos meninos né?

ENTREVISTADOR - Perfeito! Então, qual seria, por mais que você diga que tem pouca aproximação dessa questão, até por pouco tempo de Secretaria, mas assim, de uma visão mais ampla, sua, que eu já vi que é uma visão reflexiva em relação a essa questão dos jogos, qual seria a solução? Você deu a solução que o CID deveria participar né? A escola né, pelo o que você falou, o papel da escola não seria a formação de atletas pra fazer essa competição, qual seria uma solução pra, de forma bem, como eu posso dizer, de forma que se possa solucionar, não de imediato, mas a longo prazo? Como a gente poderia trazer a escola pra dentro dessa questão dos jogos escolares, essa aproximação e se é que há uma solução? Tentando fazer esse diálogo com você!

ENTREVISTADO - Porque tem o nome: jogos escolares, que tem esse nome né? Deveria remeter a uma coisa muito mais social né? Talvez, sei lá! Muito mais de festival mesmo, e não com o foco tão competitivo, que às vezes, o esporte caminha né?

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - E aí...pô, eu não entendo muito nem da história dos jogos escolares, né? Mas, eu acho, por exemplo, que poderia ser modalidades mistas, né? Já podia começar por aí, não sei se...

ENTREVISTADOR - De mudar a formatação, de como ele é, de tirar um pouquinho o perfil competitivo e mais, seria essa a sua visão?

ENTREVISTADO - Apesar de ser um campeonato e tudo mais né? Mas assim, enaltecer outros aspectos, eu realmente não sei, ainda não parei pra pensar não...

ENTREVISTADOR - E até mesmo a preparação dentro das escolas né? Até te perguntei sobre a preparação, como ocorre o processo? Você não participa. Mas como é que...

ENTREVISTADO - Pronto! Aí tá aí um ponto importante, sensível, se fosse um festival, se tivesse um aspecto mais, você não ia ficar dando tanta ênfase em técnica, você ia tornar, talvez, a Educação Física um ambiente mais atrativo, porque, tinha um evento muito legal que acontece de tempos em tempos, o moleque poderia participar...

ENTREVISTADOR - Ele poderia dizer que não seria tão seletivo?

ENTREVISTADO - Possivelmente, porque, é, porque assim, você seleciona, esse é um ponto (...) Você seleciona muitos poucos alunos em relação à quantidade que você tem, pra participar de um evento muito fechado, ali, e às vezes, com o cunho muito competitivo, eu vi, já, relatos da galera falando que, molecada de escola particular, porque é muito mais bem treinado, muito mais recurso, às vezes, né? Faz chacota dos meninos, às vezes, a escola vai lá e, porque não tem muito tempo pra treinar, o professor não tem muitos recursos.

ENTREVISTADOR - Você falou em tempo, acho que é uma coisa que a gente poderia até trazer pra dentro da discussão, né? Essa questão da preparação, se ela é uma incumbência, né da escola, se a escola que tem que levar pra participar, como seria esse processo, até na questão do tempo? O que você pensa em relação a isso?

ENTREVISTADO - Qual a magia? Porque você só tem 40 horas ali pra dar suas aulas, 30 horas né? Dando aula e 10 horas coordenando, e ainda tem que achar um tempo mágico aí pra treinar a molecada e ainda que seja no momento que eles possam ir também né? Que não interfira no processo de formação deles, acadêmica, né?

ENTREVISTADOR - Ou seja, um assunto complexo né?

ENTREVISTADO - Complexo!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Então, professor, pra gente poder finalizar, queria que você falasse um pouquinho, explanasse sobre a sua visão, qual a visão que você tem em relação ao papel do esporte dentro da escola, e, mais especificamente, dentro da Educação Física Escolar? Qual papel que você acha que o esporte tem?

ENTREVISTADO - Eu tenho tentado responder isso mais, assim, pra mim mesmo, inclusive, pra chegar convicto e explicar pro moleque porque que a gente tá fazendo aquilo lá, é uma dificuldade que a gente tem muito grande, que a formação da gente foga um pouco disso, sabe? Vai fazendo as coisas e vai fazendo...

ENTREVISTADOR - Fazendo por fazer!

ENTREVISTADO - E aí, você sai dali sabendo fazer várias coisas, mas você não sabe porque. E aí, assim, teve uma coisa legal que eu vi, entre as pesquisas que a molecada trouxe do handball, por exemplo, que tá mais fresco na minha cabeça, que foi do bimestre passado né?

ENTREVISTADOR - Está mais recente!

ENTREVISTADO - É! E aí, eles trouxeram, entre as coisas que você vai achar na internet, pesquisando a história, que teve essa parte de ter criado a modalidade em algum momento pra manter as pessoas que trabalhavam numa fábrica,

principalmente mulheres ativas né? E aí, a gente vê, pô, essa parada é legal! Dá pra você discutir muita coisa! Primeiro que é uma modalidade que muita gente joga, às vezes tá difundido por aí tudo, quem começou...Assim, tem linhas né? Tem a, umas das linhas é de que foram as mulheres, uma modalidade que nasce ali da necessidade delas de...

ENTREVISTADOR - De procurar até um lazer, digamos assim!

ENTREVISTADO - É, também! E esses aspectos também! Então, tipo, da, às vezes, eu tento um milagre assim, quando tem a turma tá inspirada em te ouvir e discutir sem algazarra demais que, às vezes, eles são agitados demais né? É da idade! E aí, você entrar nessa perspectiva: oh, isso aqui é uma, a gente é de linguagens né? Uma linguagem pra você se comunicar socialmente, pra você interagir com as pessoas. Quando você fala (...) você vai no parque, tem um monte de gente jogando, você não sabe jogar aquele negócio, você vai ficar excluído né? Então, é um caminho ali pra essa...

ENTREVISTADOR - Socialização né?

ENTREVISTADO - É, socialização! De lazer ativo, de cuidar da própria saúde, às vezes, assim, até me perdi um pouco da pergunta...

ENTREVISTADOR - Do esporte, do papel do esporte!

ENTREVISTADO - Mas...

ENTREVISTADOR - Dessa relação que o esporte tem com... que ele é amplo né?

ENTREVISTADO - Eu acho que o papel é dar recursos adicionais pra galera, pra molecada né? Pros alunos, pros meninos, pra se integrarem à sociedade e pra cuidar de si também, né? Que tem um aspecto, assim, a gente, oh, eu trabalho, eu trabalho duro, assim mesmo, tipo, eu tenho que sustentar a minha casa, de viver e tudo por conta né? Tem o que? Uns seis anos! E aí você vai vendo o quão importante é esse lazer combinado com esse processo de cuidar da sua própria saúde, você separa essas coisas, se você separando essas coisas, segmentando, você não tem tempo de fazer tudo isso e trabalhar, não tem!

ENTREVISTADOR - Então, você acha que dentro da escola é um espaço também pra trabalhar o esporte com essa perspectiva?

ENTREVISTADO - O papel do esporte na escola vai ser pra dar recursos pro moleque, ter uma vida mais saudável no futuro né? Ser mais ativo, socializar melhor, ter um lazer mais interessante, talvez pra ele e desenvolver vários valores. A gente para a aula, às vezes, o moleque faz uma cagada lá com o coleguinha, não é que entenda, entenda...

ENTREVISTADOR - Você tem que fazer uma intervenção na dimensão atitudinal...

ENTREVISTADO - Exatamente, isso não é legal! Porque, tá vendo a consequência, às vezes, a faixa etária deles, principalmente dos menores, mas inclusive os do nono ano, ela ainda necessita muito de um resultado imediato da consequência, sacou? Tipo eu fiz uma coisa ruim, a consequência vem agora, não tem essa capacidade de projetar lá na frente que isso vai ser ruim, não tem...

ENTREVISTADOR - Acho que é muito imediatista né?

ENTREVISTADO - É! Acho que lá pra 15, 16 anos, que lembro que eu vi essas estruturas do cérebro pra projetar autonomia moral que vão estar desenvolvidas, então, aqui, no Ensino Fundamental II, você tem que mostrar a consequência agora, e aí, às vezes, no esporte você vê! Moleque faz uma parada ruim com o outro, ele é excluído da próxima partida, às vezes, a galera já fica chateada com ele, ele vê, entendeu?

ENTREVISTADOR - E pra encerrar, você acha que o esporte, ele ainda é visto como sinônimo da Educação Física ou ele já tem uma...

ENTREVISTADO - Escolar é, Educação Física Escolar é...

ENTREVISTADOR - Ele é bem atrelado?

ENTREVISTADO - Bem atrelado!

ENTREVISTADOR - E você ainda acha que ele é hegemônico em relação aos outros conteúdos? Ele ainda aparece com hegemonia? Certa forma...

ENTREVISTADO - Eu não consigo ter uma visão geral disso! Mas eu sei que os professores mais antigos eles trabalham esportes. Não pega outras...

ENTREVISTADOR - Então ele ainda tá enraizado, ainda tá bem, aparece bem de forma hegemônica?

ENTREVISTADO - Os novos professores, talvez, tragam uma outra visão...

ENTREVISTADOR - Tentando romper com isso aí! Momento de ruptura!

ENTREVISTADO - Mas ainda é muito forte o esporte. Inclusive, você conversa com o professor e ele te fala assim, e às vezes, muito honestamente, assim, ele, pô, a gente teve essa formação e tal...

ENTREVISTADOR - E pra ele é aquilo ali!

ENTREVISTADO - É, e assim, não dá pra fugir muito disso! E acha até estranho quando...Eu tive, eu conversando com os outros professores na outra escola e eles falando, não, que chegou uma professora lá, e ela queria dar jump, tal, modalidades

de academia, só que era de Ensino Médio né? Aí eu, uai, dependendo da perspectiva dela, da intencionalidade, da abordagem que ela vai dar, usar, como ela vai usar essa, às vezes, ok! Aí eles, nada a ver, a gente...aí eu, tá bom!

ENTREVISTADOR - Outra complexidade dentro da área né?

ENTREVISTADO - Perfeito! Professor, contemplou perfeitamente, tá certo? Mais uma vez quero agradecer sua participação muito contributiva para com o meu estudo, com a minha pesquisa, e que a intenção, futuramente, em breve, fazer um momento com os professores participantes da pesquisa, dos 10 Centros de Ensino Fundamental e com os demais professores da regional de ensino, um momento de reflexão pra que a gente possa refletir, discutir e que isso seja contributivo, realmente, pra que a gente possa avançar no nosso campo profissional e de uma forma interventiva, tá certo? Muito obrigado, mais uma vez, agradeço a sua participação!

ENTREVISTADOR - Valeu!

ENTREVISTA COM O PROFESSOR 7

ENTREVISTADOR- Ok! Então vamos dar início aqui entrevista com o professor 7, de antemão professor, eu quero agradecer a sua concordância, a sua colaboração com o estudo, com a pesquisa, a cerca do esporte como conteúdo da Educação Física Escolar, tá certo? Muito obrigado! Responda de acordo com as suas convicções, lembrando que o seu nome será mantido em absoluto sigilo, tá ok?

ENTREVISTADO - Tá, ok!

ENTREVISTADOR- Então, professor, antes, pra iniciar, eu queria que você falasse um pouco sobre a sua trajetória, quando que você graduou, aonde você graduou, em que ano, e o porquê você escolheu a Educação Física como curso pra cursar na graduação?

ENTREVISTADO - Eu graduei em 2014, 14 né? Foi logo quando saiu esse concurso, que eu (...) concurso de 2014, mas eu coleei grau em 2014, graduei pela Faculdade Mauá. E escolhi a Educação Física porque eu vejo algo de grande importância para a vida, para a qualidade de vida das pessoas, então, é algo que eu tenho certeza que estou contribuindo, da melhor maneira possível, para a sociedade em si e a gente recebe esses alunos que talvez seja a única oportunidade que eles tem de estar praticando alguma atividade física é dentro da escola.

ENTREVISTADOR- E o que te levou, o motivo que te levou pra ser professor? Já era uma coisa que você queria, entrar na Educação Básica? Já tinha uma visão? Qual é essa relação sua com a licenciatura?

ENTREVISTADO - Eu vim de, minha família, meu pai é praticamente semianalfabeto, ele não tem nem um registro né? De, ah, eu tenho tal formação! Ele não tem registro, ele sabe ler, sabe escrever, aprendeu na vida, e assim, minha família muito humilde e eu via que, através da educação, que eu poderia conseguir algo melhor né? Que eu poderia avançar, né? Na minha vida. Então, eu tinha minha professora de alfabetização era uma pessoa que também não tinha formação superior, acho que era extremamente importante o trabalho que ela realizava, apesar dela não ter tanto estudo, mas ela foi uma excelente alfabetizadora, então, a gente era de uma comunidade, fazenda, a gente morava em fazenda, foi alfabetizado na zona rural, então, eu via o trabalho que ela desenvolvia, como ela foi importante na vida de várias pessoas, de tentar poder melhorar a vida de várias pessoas por meio da educação, então, eu, através dessa minha professora, eu falava: vou seguir os passos dela! Que eu posso mudar a vida de pessoas também, na minha vida!

ENTREVISTADOR- Ela foi um exemplo né? Perfeito! Maravilha! E a quanto tempo você trabalha no Ensino Fundamental? Você me falou aí que entrou em 2014 pelo concurso, então você é professor efetivo da Secretaria?

ENTREVISTADO - Sou efetivo!

ENTREVISTADOR- Perfeito! E aí foi a sua primeira experiência com a escola? Ou você já teve experiências anteriores?

ENTREVISTADO - O que aconteceu...Eu sou, a minha primeira formação ela é de 2016, ou, de 2006, desculpa! Eu concluí Geografia na UPIS, aí eu era militar temporário, na época eu estava dentro do quartel e consegui terminar a minha faculdade. Terminei, em 2019 eu dei baixa e fui trabalhar de contrato temporário de Geografia.

ENTREVISTADOR- 2009 você diz?

ENTREVISTADO - Isso, 2009! Eu fui trabalhar como professor de Geografia. Dentro da Secretaria, a gente teve uma oportunidade que eu peguei Aceleração, que é aquele projeto que tem, peguei Aceleração, então falou oh: você vai ficar com Geografia, História e Educação Física! Aí, eu fiquei com as três disciplinas, aí eu pô, isso aqui não é a minha área...

ENTREVISTADOR- Exatamente! Uma coisa que você não tinha formação, mas era, de certa forma, obrigado a...

ENTREVISTADO - Isso aqui não é minha área! Aí, teve um amigo meu que falou: oh, vai sair concurso de Educação Física, vambora fazer? Vamos fazer a graduação? Bora! Eu comecei a fazer a graduação em 2010 e coincidiu, quando estava terminando a graduação, saiu o concurso. Eu passei bem, graças a Deus!

Passei em 14º nesse último concurso aí, passei bem, saiu vaga pra Geografia e pra Educação Física, vou pra Educação Física, fiz e passei!

ENTREVISTADOR- Então, foi lá na aceleração que você teve essa proximidade com a Educação Física? De certa forma te despertou uma paixão!

ENTREVISTADO - Foi, foi! Porque, na verdade, assim, na minha trajetória de Educação Básica, eu tive pouca Educação Física, que eu sou um, eu comecei a estudar a noite eu tinha 13 anos, e a noite não era obrigado Educação Física, então eu tive pouco contato com a Educação Física na formação básica. Era, tive, quando, fazendo, a alfabetização que a professora liberava a nossa recreação, pronto, e depois, a partir do 7º ano, nunca mais eu tive contato com a Educação Física.

ENTREVISTADOR- Sempre estudando à noite?

ENTREVISTADO - Sempre estudando à noite!

ENTREVISTADOR- E com a problemática das dispensas das aulas de Educação Física...

ENTREVISTADO - Isso!

ENTREVISTADOR- Perfeito! Então, no Ensino Fundamental, você teve a partir da aceleração ali, com...

ENTREVISTADO - Contato...

ENTREVISTADOR- É, e aí, você se efetivou em 2014, de lá pra cá, sempre com Ensino Fundamental? Ou perpassou pelo Ensino Médio?

ENTREVISTADO - Não, não! A área Educação Física, eu nunca lecionei a não ser Ensino Fundamental II, então, já trabalhei com Ensino Médio, mas foi com Geografia.

ENTREVISTADOR- Beleza! Então, sempre aqui, nos anos finais né? No Ensino Fundamental II, como você diz!

ENTREVISTADO - Uhum!

ENTREVISTADOR- Perfeito! Vamos tentar trazer o esporte pra dentro do nosso debate. Como o conteúdo esporte foi abordado na sua graduação? Lá na faculdade de Educação Física, lá na Mauá? Como era o esporte? Como ele foi abordado lá dentro da graduação?

ENTREVISTADO - O conteúdo foi abordado, assim, eu acho que, bem assim, específico mesmo, você pegar ali, a gente, realmente eu não tive tanto contato assim, porque eu tive futebol, voleibol, basquetebol, handball, esporte com raquete, então, foi assim, você pegar, as regras funcionam assim e ir pra prática. Então foi

nessa temática, nessa metodologia que foi desenvolvido o conteúdo de esporte durante a graduação.

ENTREVISTADOR- Ok! Aí você me falou dos esportes! Cada, cada modalidade que você citou aí era uma disciplina ou era tudo no mesmo...

ENTREVISTADO - Uma disciplina! Cada modalidade era uma disciplina.

ENTREVISTADOR- E foi presencial essa...

ENTREVISTADO - Foi presencial!

ENTREVISTADOR- Perfeito! E como era essa abordagem lá na graduação? Era uma abordagem mais tecnicista? Era mais voltada pro treinamento? Pro desporto? Era mais voltado pra Educação Física Escolar? Como era que...

ENTREVISTADO - Era mais voltado pra Educação Física Escolar. E eu tento trazer isso pras minhas aulas, porque eu acho que, eu até falo pros meninos, a gente tem o CID aqui, que é o Centro de Iniciamento Desportivo, tem outro ambiente, que é pra você especificar naquilo ali, aqui, eu trago esses conteúdos com a visão de vivência, eles vivenciar, não pra formar atletas.

ENTREVISTADOR- Perfeito! Vamos chegar lá nesse debate! Então, lá na graduação, trazendo pro lado da graduação, que é o ponto que nós estamos vendo agora, você acha que lá, os professores também teve essa abordagem de relacionar com a Educação Física Escolar?

ENTREVISTADO - Sim! Inclusive, eu tive alguns professores que eles eram próprios da Secretaria, então, tinha muito essa visão, né? Da Educação Física Escolar.

ENTREVISTADOR- Perfeito! Maravilha! Vamos lá! Vamos adiante! E qual dos conteúdos da Educação Física Escolar é priorizado por você em seu trabalho pedagógico com os alunos e por quê? Estou falando de forma mais ampla né? Todos os conteúdos, pensando de uma visão mais ampla da cultura corporal, né? Você prioriza algum desses conteúdos ou, e porquê?

ENTREVISTADO - Eu gosto de trabalhar, com os meus alunos, sempre agregar um conteúdo de esporte com um outro conteúdo mais relacionado com a saúde. Exemplo, esse bimestre trabalhando com alimentação saudável e atividade física, gosto dos sextos anos, inicio ali com a importância da atividade física, trabalho transtornos alimentares com eles. Então, eu sempre gosto de estar agregando essas duas coisas. Eu não fico voltado: ah, esse bimestre vou trabalhar vôlei, esse vou trabalhar atletismo, esse eu vou trabalhar basquetebol, então eu gosto de agregar, eu gosto de mostrar. Uma coisa que realmente, oh, isso aqui, por exemplo, alimentação saudável é importante, pode até comer errado, mas eu falei o certo né? Pode até, ah não vou fazer atividade física, ser sedentário, mas eu falei pra eles, né? Eu falo pra eles a importância da atividade física. Então, porque, eu gosto

mostrar muito, deixar muito claro pra eles a questão da, a base né? A sustentação da qualidade de vida, que é a atividade física junto com uma boa alimentação, junto com uma boa noite de sono e etc.

ENTREVISTADOR- Trazendo saúde né? Então, você traz muito essa temática da saúde pra dentro das suas aulas né?

ENTREVISTADO - Muito! Muito!

ENTREVISTADOR- Perfeito! Maravilha! Então você, finalizando, então você considera que há alguma priorização pra algum dos conteúdos da sua parte?

ENTREVISTADO - Eu não priorizo, eu não priorizo, como eu te falei anteriormente, quando a gente dá um esporte, eu quero que ele vivencie, porque aqui, a minha ideia, não é formar nenhum jogador de ponta né? Jogador atleta, então, como eu falo pra eles, tem o CID aí que é pra isso.

ENTREVISTADOR- Maravilha! Perfeito! Vamos seguindo! Trazendo pra essa questão, específico da escola, agora, que você está inserido, aqui no CEF 120, qual é a condição de estrutura física e de material oferecido pela escola pra você trabalhar os conteúdos da Educação Física? Aí eu falo, todo conteúdo, no geral.

ENTREVISTADO - Nós temos uma certa dificuldade aqui, com relação a material né? A nossa quadra, ela tá numa situação de penúria mesmo, pode dá uma olhada lá, ela tá horrível né? E assim, a gente tem, acaba tendo contusões aqui dos meninos, essas (...) do esporte, por falta de estrutura. A gente, nós não temos, uma tabela de basquetebol, a quadra então é esse sol, como eu trabalho à tarde, então tem atividade que ela é prejudicada, inviável. Você vai fazer, por exemplo, um aquecimento no sol a pino é complicado né? Pros meninos. Mas, assim, a gente vai trabalhando o que tem, né? Às vezes, bola demora a chegar...

ENTREVISTADOR- Deixa eu te perguntar, de material, como é que é?

ENTREVISTADO - Bola demora a chegar, por exemplo, esse ano viemos receber bola agora no mês de abril, a gente tinha uns restos aí que a gente ia improvisando aí, pegava uma bola de handball, deixava os meninos jogar um futebol ali, pegava, era o que tinha, né? E, como eu disse, eu já passei por outras unidades que a gente tem mais material, eu até questiono com o meu colega, é a mesma Secretaria e assim, a gente tem esse déficit de material e infraestrutura.

ENTREVISTADOR- Ou seja, o professor não tem as condições adequadas de trabalho pra desenvolver um bom trabalho!

ENTREVISTADO - Não tem!

ENTREVISTADOR- Perfeito! Vamos voltar um pouquinho na questão de planejamento e organização. Agora, já relacionado ao esporte. Como é o seu planejamento, organização pedagógica para o desenvolvimento do conteúdo esporte? Você já até falou um pouco né? A questão do esporte, do que você prioriza, qual é a visão que você tem, mas como é a questão do planejamento? Como é que você planeja e organiza pra trabalhar o esporte dentro da Educação Física Escolar?

ENTREVISTADO - Eu gosto de, primeiramente, dar uma fundamentação teórica né? Com eles, mostrar assim, isso daqui tá errado, o certo é que (...) as regras são essa, você não pode infringir isso, vai ser falta, vai ser...Eu sempre trabalho primeiro a fundamentação teórica, pra depois a gente ir pra prática.

ENTREVISTADOR- Mais a dimensão conceitual, né?

ENTREVISTADO - Mais conceitual, pra depois a gente ir pra prática e são os jogos educativos né? Gosto muito de trabalhar com jogos educativos, pra mostrar o que, aqui é o passe, aqui é o chute, então, eu trabalho muito com os jogos educativos quando eu saio da parte teórica eu vou mais pra essa parte prática, então, os jogos educativos.

ENTREVISTADOR- Perfeito! Como é que se dá esse planejamento? Aqui na escola são quantos professores de Educação Física?

ENTREVISTADO - Nós temos aqui, dois professores de 40 horas e dois de 20 horas.

ENTREVISTADOR- E esse planejamento, ele foi feito em conjunto, é individual? Como funciona?

ENTREVISTADO - Eu tenho mais, essa facilidade de desenvolver esse trabalho com o outro professor da manhã, porque ele é 40 horas, a gente tá todo dia aqui na escola. A gente tem professor aqui que ele vem duas vezes na semana, que fica inviável, às vezes, encontrar. Quando ele tá, tá em sala e eu tô na coordenação. Eu e o outro professor de 40, a gente, sempre, todos os dias estamos aqui na escola, então tem essa facilidade de trabalhar, de discutir, de debater, de planejar. Por exemplo, quando tem os jogos aqui, a gente tira um dia pra gente fazer, discutir como vai ser, montar tabela. Fica sempre a cargo meu e dele.

ENTREVISTADOR- Tá! Vamos pensar num planejamento mais amplo! Houve um momento, lá na semana pedagógica, por exemplo, no início do ano, a escola, ela oferece, ela orienta pra que seja feito um planejamento em conjunto com os outros professores da disciplina? Como é que funciona?

ENTREVISTADO - Qual a dificuldade que a gente tem? Porque na semana pedagógica, geralmente, essas duas cargas, são de contrato temporário, eles não chegaram ainda na semana pedagógica, então, fica novamente eu e ele. Oh, vamos

trabalhar isso! O que você trabalhou? Eu sempre falo, eu trabalhei, minhas turmas, que vai pra ele, eu pego sexto e sétimo, ele pega oitavo e nono, pela manhã, então as turmas que eu, isso aqui eu já trabalhei com os meninos, isso aqui você dá uma aperfeiçoada mais (...) teoria, nosso contato é esse. Nós tem sempre esse cuidado de (...)

ENTREVISTADOR- Então, geralmente, você tem um diálogo maior com esse outro professor?

ENTREVISTADO - Muito maior!

ENTREVISTADOR- Perfeito! Maravilha! E como vocês se baseiam na construção desse planejamento? Vocês tomam algum norte? Pegam o PPP da escola? É pelo Currículo da Secretaria? Ou é uma coisa mais pessoal de vocês dois? De tentar encaixar? Ou você segue uma diretriz, a base curricular? Como é que vocês?

ENTREVISTADO - A gente pega, segue muito a questão do projeto, da Secretaria né? Os conteúdos que norteiam, a gente pega esses conteúdos. Então, é... a gente tenta, senta, e fala: oh, no sexto ano vou adiantar isso, isso e isso aqui, quando chegar lá pra você, no oitavo, você tem essa parte aqui pra realizar.

ENTREVISTADOR- Entendi! Traz pra realidade específica da escola.

ENTREVISTADO - Aham! Aham!

ENTREVISTADOR- Maravilha! Perfeito! Vamos seguindo! E agora trazendo pras teorias, abordagens educacionais, pedagógicas. Você segue alguma teoria específica no seu trabalho? Alguma abordagem pedagógica específica?

ENTREVISTADO - Eu gosto muito da parte da histórico-crítico-cultural, eu sou mais tendencioso pra isso.

ENTREVISTADOR- Então, podemos dizer que você deve ser um professor mais voltado pra, um professor mais crítico? De uma abordagem mais crítica?

ENTREVISTADO - É! Sim!

ENTREVISTADOR- Perfeito! Maravilha! Então, isso você traz pra dentro do seu planejamento?

ENTREVISTADO - Sim! Sim!

ENTREVISTADOR- Especifica ou é mais nas suas atitudes? Ou você relata isso?

ENTREVISTADO - Não, mais nas atitudes! Fico mais nas atitudes e assim, a gente tem muito esse estereotipo da nossa disciplina, né? Que a gente não pensa! Então, quando chega aqui e fala, meu filho ficou em Educação Física porque eu realmente

eu vou pra sala, dou aula, debato com os meninos e tenho esse cuidado. Porque eu acho que, é muito fácil você pegar três aulas, pegar e levar eles pra quadra.

ENTREVISTADOR- Simplesmente de fazer por fazer!

ENTREVISTADO - Fazer por fazer!

ENTREVISTADOR- E é a visão que muitos, que a sociedade tem! Que a Educação Física é simplesmente a execução do, é o fazer...

ENTREVISTADO - É! O fazer por fazer! Então, assim, é interessante né? A gente sabe, deles, oh, porque que eu tô fazendo isso? O que que isso vai...dar um exemplo simples: ah, porque que eu tenho que alongar? É só chegar ali, pegar e alongar não! Porque que eu tô fazendo isso? Porque que eu tenho que aquecer né? Então eu gosto muito de, eu gosto de mostrar pra eles, você tá fazendo isso por isso, por isso e por isso! Tem um objetivo maior!

ENTREVISTADOR- Exato! Tem um motivo! Não simplesmente, aquilo que a gente, voltando a falar, sendo redundante né? O fazer por fazer! O que é o que realmente a Educação Física tem...

ENTREVISTADO - E a gente acaba perdendo muito campo né? Um pensador, um pensador crítico, né? Como pesquisador. Tem gente, todo mundo mete a mão na nossa área, porque, são poucas pessoas que tem essa preocupação de realmente pesquisar, de correr atrás, de ler, de ver o que que tá acontecendo, então a gente perde muito campo por isso!

ENTREVISTADOR- Perfeito! Entendido! Vamos seguindo! Agora, vamos, especificamente, pras modalidades, as modalidades esportivas. Há alguma modalidade priorizada por você?

ENTREVISTADO - Eu, no sexto ano, a primeira coisa que eu gosto de trabalhar é atletismo, porque é a base de todos os outros esportes. Eu gosto, eu sempre começo com o atletismo e vou desenrolando o trabalho, né? No decorrer do ano. Mas, eu sempre começo com o atletismo no sexto ano, que eu falo pra eles que é a base. Você pula, você está fazendo esporte, você salta, você corre, então, eu gosto de mostrar pra eles o atletismo. Desenvolve as atividades no ambiente que a gente tem, né? Na quadra, monto ali, umas provinhas ali, e é ali que se desenvolve.

ENTREVISTADOR- Perfeito! Então, o atletismo de certa forma, tem um protagonismo maior.

ENTREVISTADO - Sim, eu acho que é a base, principalmente porque...

ENTREVISTADOR- Você relatou aí que está com o sexto ano. Quando eles estão iniciando, que é o primeiro ano dentro desse segmento, né? Do Ensino Fundamental! Perfeito! Maravilha! Agora, vamos entrar numa discussão em

relação aos jogos escolares, você participa dos jogos escolares? Se sim, o porque e se não, o porque?

ENTREVISTADO - Você fala a nível escola?

ENTREVISTADOR- Não! JESAM, por exemplo! Jogos escolares externos à escola. Tem o JESAM, primeira etapa, depois a etapa distrital.

ENTREVISTADO - Quanto aos jogos escolares, eu estou aqui há 4 anos, nunca participei. Por quê? Porque como eu te falei, a gente tem essa dificuldade de material, tremenda mesmo, assim, a quadra ali, a gente não tem estrutura nenhuma ali pra você desenvolver um treino, bem aquém mesmo do esperado. E a dificuldade que a gente tem de, até mesmo, da logística, complicado a logística pra gente, então, eu nunca quis participar, assim, até uma vez, conversando com um colega, mas aí ele ficou meio desanimado, aí eu vou segurar essa onda só também, não! Aí eu acabei...

ENTREVISTADOR- Maravilha! Vamos tentar trazer essas nuances pra dentro do nosso debate! Quando você fala em logística, qual seria essa logística?

ENTREVISTADO - Eu falo muito da questão do transporte mesmo dos alunos, pros jogos. Eu participo aí do grupo de Samambaia, não sei se você tá.

ENTREVISTADOR- Eu tô no grupo!

ENTREVISTADO - Pois é, a gente vê, é um pouco complicado! Teve até que parar os jogos aí, acho que, porque não chegou a verba...

ENTREVISTADOR- Não tem transporte pra levar e etc.

ENTREVISTADO - Não tem transporte!

ENTREVISTADOR- E vamos pensar agora, gostei da palavra, logística, você pensa, você citou aí a logística externa, de transporte, e como seria essa logística interna? Mesmo você não fazendo essa participação. Como é que você pensa? Por que pra você participar dos jogos escolares, você precisa organizar internamente, selecionar, fazer um time pra poder levar, né? Só pra gente tentar esclarecer um pouquinho mais isso, como é que você pensaria até a questão dessa logística? Como seria feito isso aqui interno? Caso você, uma situação hipotética, vou participar, essa ano vou participar! Como é que se daria esse processo?

ENTREVISTADO - Pois é, a gente, igual, já vem do sexto ano, é, a seleção a gente vai ter que fazer o processo de observação, de quem tem mais habilidade, tem que ser. Infelizmente, a competição é exclusiva né? Exclui mesmo! Então, assim, e é complicada, é difícil, porque, não professor, eu quero ir! Eu quero ir! Eu vou, não sei o que! É difícil! Inclusive, nesse tempo que eu tô aqui, como eu te disse, eu não

participei, mas eu sei que o dia que eu chegar pra participar, vai dar trabalho pra caramba, pra fazer essa seleção! Porque todo mundo quer ir, né?

ENTREVISTADOR- E é isso que gera um conflito, né? E a Educação Física Escolar, durante as aulas é o espaço? Tem um momento apropriado pra fazer essa seleção? Pra fazer essa preparação? Pra treinar?

ENTREVISTADO - Aqui a gente tem, né...porque todo ano fala de melhorar a quadra e tal, mas que hora que vai treinar né? Porque, vou pensar com sexto ano, pai já tá aí seis horas pra pegar o filho, que hora que vai vir? Horário contrário? Não tem! Não tem outro espaço que o professor está usando a quadra.

ENTREVISTADOR- Fazer dentro das aulas?

ENTREVISTADO - Fazer dentro das aulas? Mas aí você vai ter que tirar quem não joga? Não, aqui o time que vai participar! E aí, como é que fica você como educador, como, que eu vejo muito, gosto de ver muito educação inclusiva mesmo, que abraça todos. Como que a gente vai desenvolver isso? É muito difícil! É coisa pra...

ENTREVISTADOR- E você teria alguma ideia pra tentar solucionar isso de imediato? Assim, né? Não de imediato, mas de se criar alguma alternativa pra tentar amenizar?

ENTREVISTADO - É difícil, né? Mas, assim, infelizmente, se você for participar tipo de uma competição, você vai excluir, vai ter que excluir, oh, vem aqui, você, você, você! E porque eu não fui? Complicado! Você tem que, são crianças né? Como é que eu vou falar: oh, o outro tá melhor por esse quesito e tal, mas, quem sabe numa próxima você não vai? Mas, porque você tem uma quantidade de atletas a serem escritos né?

ENTREVISTADOR- É bem complexo né? É bem complexo! Porque, realmente, tem essa questão da seleção, da inclusão, da exclusão, ao mesmo tempo, tem a questão de você negar uma ida ao jogos, então, realmente, é um fator muito complexo a questão dos jogos escolares! Perfeito! Então vamos pro segmento final da nossa entrevista, já que nós fizemos esse apanhado do esporte, como conteúdo da Educação Física Escolar, queria que você fechasse falando qual a sua visão em relação ao esporte? Qual o papel do esporte dentro da escola e mais especificamente dentro da Educação Física Escolar? Como é que você enxerga isso na sua cabeça?

ENTREVISTADO - Bom, eu acho o esporte uma ferramenta fantástica, né? Pra você trabalhar, você consegue colher muitos frutos, né? Com o esporte! Tô fazendo essa visão dentro da escola. Você consegue analisar o comportamento de um aluno por meio do esporte, se ele é agressivo ou não. Então, o esporte, ele te dá essa ferramenta, ferramentas que, outros, talvez, outros conteúdos, né? Não te traz tanto retorno quanto o esporte. É de grande importância! É onde você consegue tirar,

talvez, um menino, uma criança, de um mundo, caminho tortuoso que ele está. Então, ele esporte agregado né? A outros conteúdos, é de suma importância, tem que ter mesmo! Claro, que a gente não focar só no esporte, eu acho fantástico a nossa disciplina, que ela te dá várias possibilidades né? E uma delas é o esporte, que você pode tá abraçando esses meninos. Como a gente trabalha em comunidade carente, você vê que todos são loucos pra tá jogando, pra tá brincando, por tá fazendo alguma coisa, então, eu acho que tem tantas outras coisas que também o esporte pode nos trazer de benefício e é, digamos assim, menina dos olhos da nossa disciplina, é o esporte.

ENTREVISTADOR- Perfeito! Maravilha! Há mais alguma consideração final pra gente encerrar? Professor, mais uma vez, agradecendo e deixando bem claro que é de fundamental importância sua participação para com a pesquisa, para com o estudo e posteriormente, a gente tentar fazer um seminário né? Com os professores que participaram, pra gente poder fazer esse debate mais amplo!

ENTREVISTADO - Beleza!

ENTREVISTADOR- Agradeço muito a participação, ok?

ENTREVISTADO - Muito obrigado!

ENTREVISTADOR- Eu que agradeço!

ENTREVISTADO - Precisando, estamos aí!

ENTREVISTA COM O PROFESSOR 8

ENTREVISTADOR - Ok! Iniciando aqui, a entrevista com o professor 8. Lembrando professor que sua identidade será mantida em total, absoluto, em sigilo absoluto, melhor dizendo, de antemão já agradecendo a sua colaboração, sua participação com o meu estudo, com a minha pesquisa à cerca do esporte como conteúdo da Educação Física Escolar. Ok, professor? Muito obrigado! Vamos iniciar! Professor, pra gente poder iniciar a nossa entrevista, queria que você falasse um pouco do seu histórico com a Educação Física, onde você se graduou, quando se graduou e porque escolheu ser professor da Educação Básica?

ENTREVISTADO - Eu, particularmente, me graduei na Universidade Católica de Brasília, no ano de 2011. Aí, isso, no ano de 2011, 2012 o bacharel, né? No de Educação Física, no ano 2012, no Bacharel.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Já era separado, licenciatura e bacharel?

ENTREVISTADO - Isso, licenciatura e bacharel!

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Foram separados! Não era a plena ainda não!

ENTREVISTADOR - Já não era mais a plena?

ENTREVISTADO - Já não era plena (...)

ENTREVISTADOR - Como na minha época, no caso, fazia tudo num só!

ENTREVISTADO - Isso! Não, eu fiz foi três anos de uma e (...)

ENTREVISTADOR - Complementou o ano com a outra!

ENTREVISTADO - Complementou o ano com a outra! É, mas eu não lembro ainda, eu paguei tudo direto ainda. (...) Ainda era o finalzinho ainda da plena. Era o finalzinho ainda, porque antes, agora quando você ingressa, você ou opta por uma ou por outra. No meu não, ainda podia fazer os dois juntos ainda.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Mas foi no finalzinho, 2011/2012.

ENTREVISTADOR - Perfeito! E qual foi a escolha pelo magistério? Ser professor da Educação Básica?

ENTREVISTADO - Pelo magistério, eu escolhi, optei pelo o curso de Educação Física, primeiramente visando a promoção da minha saúde, como eu tenho um probleminha de saúde, de uma vértebra aqui, aí pra minha localidade, eu sempre tive afim com o esporte, desde a adolescência também. Agora, a questão da área mesmo da educação, foi devido também à oportunidade, oportunidade assim, de gostar de lidar com o público e oportunidade, também, da formação, e logo em seguida ter surgido o concurso. Aí fez o concurso e foi aprovado, aí aqui estou!

ENTREVISTADOR - Maravilha! Desde que ano, você está então na Secretaria de Educação?

ENTREVISTADO - Na Secretaria, na Secretaria em si, no ano de 2013 todinho como temporário e como efetivo, 2014 até os tempos atuais, até os dias atuais.

ENTREVISTADOR - Perfeito! De 2013 até os dias atuais, na Secretaria de Educação?

ENTREVISTADO - Sim!

ENTREVISTADOR - Anteriormente, rede privada não?

ENTREVISTADO - Não, só como aluno só! Como professor não!

ENTREVISTADOR - E como professor na Secretaria de Educação, sempre no Ensino Fundamental?

ENTREVISTADO - Sempre no Ensino Fundamental!

ENTREVISTADOR - Já perpassou do sexto ao nono ano? Sempre se manteve aí...

ENTREVISTADO - Já, já foi do sexto, sétimo, oitavo, nono.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Perpassou por todos os seguimentos do Ensino Fundamental!

ENTREVISTADO - Sim!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Agora, vamos voltar lá pra graduação e trazendo o esporte, que é o nosso objeto aqui de estudo, pra dentro do nosso diálogo. Como é que o esporte foi abordando lá dentro da sua graduação na Universidade Católica de Brasília?

ENTREVISTADO - O esporte, esporte, assim as modalidades esportivas? No intuito de, como se isso dava na prática?

ENTREVISTADOR - Isso, como é que ele era? As disciplinas, cada modalidade era uma disciplina?

ENTREVISTADO - Isso, era dividido por modalidades, as disciplinas, então, eram chamadas de metodologias, né?

ENTREVISTADOR - Perfeito! E como era essa abordagem? Abordagem voltada...

ENTREVISTADO - Voltado mais pro lado esportivo do que escolar, em si.

ENTREVISTADOR - Era isso que...

ENTREVISTADO - Voltado mais pro lado esportivo do que escolar, vamos dizer que mais pro lado do treinamento do que da recreação. Tinha uma matéria chamada Recreação e Lazer que nos dava esse direcionamento assim, mas era no âmbito geral. Então eu poderia utilizar tanto no infantil, médio, no fundamental, né?

ENTREVISTADOR - Perfeito! Então, dentro das metodologias dos esportes, você acredita que ela foi mais voltado pro treinamento esportivo em relação à Educação Física Escolar?

ENTREVISTADO - Sim! Ao meu ponto de ver, sim!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Mesmo sendo dentro de um curso de licenciatura?

ENTREVISTADO - Dentro do curso de licenciatura, sim! Ao meu ponto de ver, era mais pra esse lado porque também tem o perfil do professor também, você entendeu? Porque, às vezes, assim, o professor, a metodologia do futebol, é um treinador de futebol, ele não tem nenhuma assimilação com a escola, ele vai passar o quê?

ENTREVISTADOR - Trazia pro lado que ele tem mais proximidade, no caso?

ENTREVISTADO - Sim!

ENTREVISTADOR - Perfeito, professor! Perfeito! E vamos trazer agora pra realidade aqui, pra sua realidade dentro da escola e trazendo e falando de forma mais ampla na Educação Física Escolar, de todos os conteúdos, não só do esporte. Qual desses conteúdos da Educação Física Escolar é priorizado por você no seu trabalho pedagógico?

ENTREVISTADO - No meu, particularmente, é a promoção da saúde.

ENTREVISTADOR - Você trabalha muito com questão...

ENTREVISTADO - É, questão de nutrição, prevenção, prevenção também, mas principalmente no âmbito da alimentação.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Então, você acredita que você tem uma proximidade, priorização maior com os temas da saúde? Relacionados à saúde?

ENTREVISTADO - Sim! Relacionado à saúde! Qualidade de vida, bem estar.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Ok! Maravilha! Perfeito! Porque, acredito que você já tenha contemplado, tem algum motivo específico?

ENTREVISTADO - É, só, porque a gente tem mais assimilação e aqui também, o que gente tem assim, mais, não vou dizer facilidade, o que realmente a realidade o que eles vão aproveitar também, entendeu? Que tá mais, vivendo assim, a promoção da saúde deles, porque fora daqui, quantos assim, tem condições de um plano de saúde? Praticamente, ninguém! Quantos tem condições de uma consulta com um médico? Praticamente, ninguém! O pai e a mãe, às vezes, não tem nem um grau alto de instrução. Vivendo uma realidade aqui, que o pai ou familiares, praticamente álcool, droga e sexo, então assim, falta um direcionamento pra eles. E eles (...) particularmente, eles comem o que põe em casa, mas não são obrigado a comer aquilo que põe.

ENTREVISTADOR - Ok! Perfeito! Então, você acredita que o tema da saúde, o conteúdo saúde, especificamente, é um tema que se aproxima mais da realidade dos alunos?

ENTREVISTADO - Mais da realidade sim, até mesmo pra gente criar política de prevenção, não de tratamento, né? Porque, o tratamento, a gente sabe que é, quem não tem condições se torna difícil, imagina, e quem tem, se torna bem...

ENTREVISTADOR - Perfeito! Entendido! Legal!

ENTREVISTADO - Mais no intuito de prevenção mesmo! De prevenção, evitando que algo venha...

ENTREVISTADOR - Plausível! Ok! E trazendo, continuando na realidade daqui da escola, na escola que você está inserido hoje, como você vê a questão da estrutura física e material oferecida pra que você possa trabalhar os conteúdos da Educação Física, né? Os conteúdos de forma ampla, os diversos conteúdos da Educação Física.

ENTREVISTADO - Não, na parte prática em si, a gente tem, temos um espaço melhores que outras realidades, mas um espaço ainda muito insatisfatório, questão que não temos uma cobertura, o piso também, até o deslocamento, a quadra lá é ruim, porque não temos, por exemplo, os cadeirantes, né? Vamos supor...

ENTREVISTADOR - Acessibilidade né?

ENTREVISTADO - Acessibilidade! Então, é horrível! Tanto que se fosse cadeirante, ou qualquer outro instrumento que a pessoa precisasse pra se locomover, era muito difícil chegar lá, bem complicado! Questão da nossa quadra, lá, é complicada! Foi reformada tem pouco tempo, mas ainda não atende as necessidades. Então, assim, é uma quadra só pra três professores. Então, às vezes, por isso que se dá também, a aula teórica, é importante também, mas, precisa também da aula teórica pra que se tenha um revezamento do espaço. Temos também uma área de convivência aqui, que a gente trabalha os jogos com as crianças, também, então, dama, ping-pong, outras atividades que desenvolve também o cognitivo né?

ENTREVISTADOR - Perfeito! E de material? Falamos da parte física, e material?

ENTREVISTADO - Questão do material (...) vou falar assim, pela aquisição, né? Então, a escola faz um levantamento do que a gente precisa, os professores, a gente repassa a lista, pega e compra e a gente, questão do material não, a gente, é satisfatório sim!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Ele supre a, de certa forma, as necessidades? Pra atender o planejamento?

ENTREVISTADO - Sim! Pro que a gente precisa sim! Agora, na parte teórica, agora a parte teórica, aí sim, aí já é o material que você pesquisa, que você propriamente monta, né? Porque a gente não tem um material direcionado, que recentemente, até a artes ganhou um livro, mas a gente, até hoje, a gente não teve nenhum corajoso ainda que publicou algo assim, vamos dizer, depois eu vou falar da minha, decente,

eu sei que vem algo que, não adianta eu querer fazer um livro de anatomia pra aplicar aqui.

ENTREVISTADOR - Exato, é trazer um material didático pra realidade...

ENTREVISTADO - Pra realidade atual, (...) vou colocar meu nome lá e encher linguiça, lá, profissional não vai abrir nada, não vai aproveitar nada!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Plausível! Trazendo agora pra questão de organização e planejamento, como é o seu planejamento e organização pedagógica para o desenvolvimento do conteúdo esporte? Agora, vamos fazer um recorte no esporte, conteúdo esporte! Como você se planeja, organiza pra fazer esse trabalho dentro das suas aulas de Educação Física? Como que é sua abordagem do esporte?

ENTREVISTADO - Basicamente...às vezes, eu não costumo trabalhar muito com esporte pros meninos ficam, quase sempre, com uma aula livre. Vou retomar agora as aulas mais dirigidas, pelo, os meninos assim, devido ao ambiente mesmo, também, então assim, não tem nenhuma cobertura na quadra, posso ser bem verdadeiro, então...

ENTREVISTADOR - Claro!

ENTREVISTADO - Posso ser bem sincero (...) a minha entrevista! Não, aqui é top de linha, eu levo os meninos ele faz um treinamento militar...

ENTREVISTADOR - E essa é a intenção! A gente tentar investigar! Perfeito!

ENTREVISTADO - Grosseiramente, assim, não que eu seja o professor rola bola, você entendeu? Que deixa os meninos lá e vou resolver outras, então assim, com todos os meninos lá na quadra, eles gostam muito, eles tem muita afinidade com queimada e com futebol.

ENTREVISTADOR - Sempre aparece como os conteúdos, as modalidades, os conteúdos mais hegemônicos.

ENTREVISTADO - De forma mais prática, é queimada e futebol! Então, assim, eu trabalho às vezes, então assim no conteúdo de vôlei, mas não chego, algumas vezes a relacionar a prática com a teoria. Às vezes eu passo um conteúdo, mas lá acontece outra coisa porque, basicamente, não são obrigados a fazer a aula, você entendeu? Meu alunos, ah, então a gente não pode ah, tem que fazer a aula, porque é obrigatório! Então, tem a perca da nota, mas isso a gente tem que repor de outra forma, se não faz, então assim, é como se a gente enxugasse gelo, então assim, se o menino, tudo bem, não quis fazer a prática, mas ele tem que ter a teoria, então tem que ter uma contrapartida, uma outra atividade. Então assim, se a gente ficar nesse punho de ferro, nesse desgaste, quem acaba sofrendo?

ENTREVISTADOR - O professor!

ENTREVISTADO - O professor, né? Então, assim, então, geralmente, (...) a parte, só retomando, conteúdo mais na área da saúde, e a parte prática se dá, mais ou menos, o que os meninos tem mais assimilação, facilidade. A gente propõe a eles algumas atividades, então, assim, como vôlei, o handball aqui a gente, ele já não tem muita facilidade, já não tem muita assimilação, e visando também que, a mentalidade, mesmo que seja ensino final, assim, fundamental, anos finais, eles não tem muita maturidade pra tal, aí a gente procura evitar alguns tipos de modalidades pra não acontecer alguns acidentes.

ENTREVISTADOR - E no planejamento? Planejamento anual. O esporte entra no seu planejamento?

ENTREVISTADO - Entra, ele entra porque tem que entrar!

ENTREVISTADOR - Porque faz parte da diretriz né?

ENTREVISTADO - Faz parte da diretriz e a gente tem que encaixar ele lá, então, um exemplo, assim, no primeiro bimestre você coloca futebol, você trabalha algo simples do futebol lá, mas a prática, supondo que fosse bolinha de gude, o que que eu falei? Você planeja uma coisa mas acaba...

ENTREVISTADOR - De fato, acontece outra, né? Não é tão...

ENTREVISTADO - Não é fidedigno, vamos dizer...

ENTREVISTADOR - Ao que tá no planejamento...

ENTREVISTADO - Ao que tá no planejamento! Aí eu faço, ah, foi um desvio, não (...) porque a gente tem que colocar alguma coisa no papel e tem que executar outras. Não que as aulas não aconteçam, que os meninos não participe, mas não participe como o ideal ou como utopia, né?

ENTREVISTADOR - Às vezes, a realidade nos faz ter que mudar o caminho!

ENTREVISTADO - Então, assim, os meninos são (...) gostam, mas tem, oh, recentemente, montamos assim, montamos lá a quadra de vôlei, só teve um dia, os outros dias eles: professor, a gente pode tirar a rede pra jogar queimada? Eles já tem enraizado dentro o futebol e a queimada.

ENTREVISTADOR - E você vê, né? A gente fala da queimada como uma modalidade porque dentro da escola, a queimada por ser um jogo, mas se transforma até num...

ENTREVISTADO - Mas se você, assim, ah, mas é só o futebol, professor? E a queimada? Sim, mas se você parar e analisar, analisa pelo, não só pelo o social, analisa agora pela modalidade em si, então, assim, o que eles estão trabalhando

ali? Durante, que eles estão participando daquela queimada ali? Você acha que não tem um gasto energético, ali? Você acha que não tem um desenvolvimento ali de coordenação ali? Então, assim, não é uma aula que você precisa tá, precisa ser uma aula acompanhada, não é simplesmente deixar os meninos, como se deixa o gado no pasto lá e virar as costas, mas você tá ali vendo, você tá ali observando, aí você, mesmo durante a recreação, você vai lá, faz algumas interrupções...

ENTREVISTADOR - Intervenções né?

ENTREVISTADO - Algumas intervenções! Algumas correções! Então, assim...

ENTREVISTADOR - Perfeito! E acaba que uma atividade traz outros, agrega outras coisas...

ENTREVISTADO - Outras coisas...principalmente social! Eles vivem numa comunidade aqui também que às vezes, que nem eu falo, o que que ele tem expectativa de futuro? Quase nenhuma! Então, através do social e, tanto que, quando os meninos é pra irem embora, eles não vão! Eles gostam de ficar e principalmente, gostam de ficar aonde?

ENTREVISTADOR - Na quadra!

ENTREVISTADO - Lá na quadra! Às vezes é liberado: professor, posso ficar aí com os meninos? Então tenho até interação com outros alunos, que não eram nem pra estar na aula de Educação Física...

ENTREVISTADOR - Ou seja, a escola se torna um local mais prazeroso, às vezes que a própria casa!

ENTREVISTADO - Mais prazeroso que a própria casa! E principalmente, assim, não só porque tá aqui, mas, principalmente na quadra, isso se dá assim, também, porque, eu permito também pra que eles façam essa correlação e também pra não ficar no corredor. Você sabe que se menino ficar solto aqui acaba...Mas assim, não faz parte do planejamento, mas aí, não tá no planejamento, mas o menino, às vezes, fala assim: professor, joga a bola de basquete lá...

ENTREVISTADOR - Mas isso acontece no dia a dia da escola, né?

ENTREVISTADO - Mas acaba, mas as aulas tem, mas não conforme tá lá...

ENTREVISTADOR - Às vezes, foge um pouquinho, porque, querendo ou não, o planejamento também é flexível, né?

ENTREVISTADO - Sim! Ele é flexível!

ENTREVISTADOR - Ele acaba se flexibilizando de forma automática no dia a dia.

ENTREVISTADO - Não gosto de uma coisa engessada!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Perfeito! E pra finalizar essa questão de planejamento, organização, você segue alguma teoria educacional? Alguma abordagem pedagógica específica pro ensino do esporte?

ENTREVISTADO - Não! Você fala construtivismo, aqueles negócio?

ENTREVISTADOR - Alguma abordagem teórica, vamos trazer pra Educação Física, desenvolvimentista, mais crítico, crítico superadora, construtivista?

ENTREVISTADO - Não, não! Se for nessa linha, eu não associo uma coisa com a outra não! Pode ater ser por...

ENTREVISTADOR - Se você se considera um professor mais crítico, mais tecnicista, mais sistematizado ou você vai de acordo com?

ENTREVISTADO - O que tiver associado aí com a recreação, lazer e bem estar, quando você for transcrever lá, se você for alguma relação total, tem liberdade, às vezes, você: professor falou que gosta de recreação e lazer e o bem estar social, isso está relacionado à... Aí você pode correlacionar, não tem problema não, tá? Mas eu não faço essa, não faço essa relação...

ENTREVISTADOR - Porque se você gosta muito da questão da recreação, do lazer, do bem estar social, a gente pode dizer que ela se aproxima de um tratamento do esporte mais voltado pro social, né? Mais crítico, uma Educação Física mais social, mais do bem estar...

ENTREVISTADO - É que nem eu falo pra eles aqui, aqui não é treinamento, nem performance, pra isso existe outros lugares...

ENTREVISTADOR - Então, você se distancia um pouco de uma abordagem mais tecnicista, mais voltada pro treinamento.

ENTREVISTADO - Sim!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Entendido!

ENTREVISTADO - Até, porque, muitos, fora daqui, alguns já fazem até lá, já fazem escolinha, que já supre, já supre...

ENTREVISTADOR - Essa necessidade! Perfeito! Tá contemplado! Agora vamos trazer pras modalidades esportivas, alguma modalidade esportiva que é priorizada por você e por quê? Dentro do esporte, as modalidades. Quando você trabalha, você falou que os meninos, por si só, o futsal, vem de fora pra dentro, a força do futebol, junto com o futsal. Mas você, quando vai trabalhar o esporte, você acha que prioriza algum? Até mesmo lá no planejamento, mesmo que ele não se materialize lá na prática, quando você vai planejar, ou até mesmo na prática? Tem algum que se destaca?

ENTREVISTADO - Não, eu acho que de forma igualitária, trataria normalmente qualquer um, não tenho priorizado...o que eu, o que tem mais assimilação, então, exemplo assim, se eu tivesse aqui no colégio, não que a gente, a gente adaptaria, lógico, mas vou falar só como um exemplo, se só tivesse aqui menina de um metro e quarenta, eu fosse dar, um metro e quarenta não, desculpa, tivesse 50 cm e eu fosse dar vôlei, todo dia montasse a rede lá...

ENTREVISTADOR - Teria que adaptar a rede pra eles, né?

ENTREVISTADO - Então, eu falo assim, então assim, o que tem, o que eles realmente tem, e a gente também pondera aquilo, também o fator clima também, você entendeu?

ENTREVISTADOR - Uma série de variáveis né?

ENTREVISTADO - Uma série de variáveis! Essa quadra que a gente tem hoje em dia, não era dessa forma, era de outra forma, então, ou fazia uma atividade ou fazia outra atividade, agora, hoje em dia, teve a reforma, aí a gente teve condições de colocar as duas modalidades, dentro do mesmo espaço, então assim, antes você privilegiava, por exemplo, dividia assim, hoje é o dia dos meninos, aí, jogava futebol, ou outra modalidade, hoje é dia das meninas, aí jogava a queimada, ou quando elas também, algumas turmas, mais menos quantidade, professor a gente pode jogar futebol hoje? Então jogava...

ENTREVISTADOR - De certa forma, um ensino que você dava até autonomia de escolha pelos alunos?

ENTREVISTADO - Sim! Tivesse um pouco mais de...

ENTREVISTADOR - Ensino mais aberto, vamos dizer assim, não tão centrado nas decisões do professor!

ENTREVISTADO - Fugindo logo do autoritarismo, vamos dizer assim! Em autoridade, vamos dizer, somos autoridade, mas não autoritários!

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - Mas também, porque, se a gente for, senão fica maçante, você entendeu? A gente já faz, já supre esse papel de autoritarismo mas de outras formas, mais da forma disciplinar do que fora do contexto da Educação Física, então é: menino, senta aí! Vamos calar a boca! Cadê a atividade? Então, a gente já faz esse papel de outra forma!

ENTREVISTADOR - De outra forma! Maravilha! Entendi! Então, finalizando, você acha que tem condições de igualdade, não tem, mesmo na sua concepção, não tem nada...

ENTREVISTADO - Não, nenhuma superior a outra!

ENTREVISTADOR - Eu preciso dar um destaque maior, priorizar mais essa...

ENTREVISTADO - Falo assim, até mesmo, supondo que não tivéssemos quadra aqui, todo esporte a gente sabe que é adaptável, isso é fato, ah, ali só tem, um exemplo assim, só tem cascalho, um exemplo, ah, não tem quadra, não tem buraco, então pra fazer, exemplo assim, você é doido por vôlei, então aí você ia ter que cavar, você ia ter que reparar tudo, cascalho, você ia ter que fazer os buracos, teria como ser, fazer? Por isso que eu falo, todo esporte, até o basquete também, se adaptaria, qualquer esporte você adapta!

ENTREVISTADOR – Transforma, né?

ENTREVISTADO - É as condições ideais? Não! Não é as condições ideais, mas, qualquer esporte, você...

ENTREVISTADOR - Mas dá pra praticar!

ENTREVISTADO - Dá pra praticar!

ENTREVISTADOR - De forma adaptada!

ENTREVISTADO - Até o mais risório que a gente até falou, até o mais, até a peteca, também é um esporte que muitos não encaixam como recreação, mas é um esporte! Até um ping pong, se você parar pra pensar também, ah professor isso é só uma recreação? Não, é um esporte! Se você parar pra pensar, o raciocínio, da agilidade, da coordenação...

ENTREVISTADOR - Uma série de fatores que o regulamento é como o esporte, né? Regras oficiais, os fundamentos...

ENTREVISTADO - Recentemente, assim, o ganho que tem visto com os meninos, principalmente no pingue pongue, o ganho de, como é que é o seu nome? De reação...mas como é que é o nome gente? É a reação mesmo!

ENTREVISTADOR - A velocidade de reação, você fala?

ENTREVISTADO - É, mas eu falo de poder de reação, ah o celular vai cair! Ah o celular vai caiiiiiirrr!!! E aí pra reagir, quando ele já viu... ele já...

ENTREVISTADOR - Velocidade de reação?

ENTREVISTADO - Velocidade de reação! Então, assim, esses meninos...

ENTREVISTADOR - Perfeito! Então você vê que até esportes que não fazem parte do cotidiano...

ENTREVISTADO - Do cotidiano, eles tem um ganho...

ENTREVISTADOR - Eles podem trazer pra dentro da realidade da escola, né?

ENTREVISTADO - E você, e isso só através da observação do professor.

ENTREVISTADOR - E como você falou, o esporte, ele vem com uma gama de atributos, né? O histórico que, querendo ou não, tem o histórico, que pode ser trabalhado, tem a questão das regras, dos fundamentos, das valências físicas, como você falou, então assim...

ENTREVISTADO - Das valências físicas! Não tem distinção! Um aluno especial ou não especial, aqui, vamos dizer assim, não tá nenhuma pergunta, mas eles são tratados igualmente.

ENTREVISTADOR - De forma igual, assim como conteúdo, as modalidades, né?

ENTREVISTADO - Salva as considerações específicas de cada aluno com a sua alimentação, que aí a gente adapta o, ou então, infelizmente alguns...

ENTREVISTADOR - Não consegue contemplar, né?

ENTREVISTADO - É! Porque, às vezes, assim, o menino às vezes, ele não quer, ele fica resistente a querer fazer a prática, aí, não tem como! Às vezes, o menino que é asmático ou tem bronquite, aí tem que fazer...

ENTREVISTADOR - Alguma restrição...

ENTREVISTADO - É, aí você explica pra ele porque que ele não pode, piriri, parara, ah, professor,(...) Então, não quero não!(...) fica até receioso, até passar mal nesse sentido...

ENTREVISTADOR - Até porque, eles estão respaldados, né?

E, nós, assim, por mais que as pessoas achem, a gente não é médico!

ENTREVISTADOR - Isso que eu ia falar! Eu falo que, até às vezes, eles estão respaldados, mas nem sempre esses laudos chegam nas nossas mãos, né? Meio informal, os pais avisam...

ENTREVISTADO - Recentemente, agora, uma menina, recentemente, nós estamos em maio, pra começar junho, olha, me trouxe um atestado que ela, porque ela foi pegar uma nova bombinha porque ela tem bronquite. Aí, eu, ué mas você tem bronquite, tá fazendo, então professor, mas ela já não é muito adepta da prática mesmo, mas supondo que ela fosse, e aí? Numa atividade, supondo, uma queimada, que geralmente acaba acontecendo de uma turma com a outra, então, aumenta a intensidade, aumenta, então assim...

ENTREVISTADOR - Adrenalina!

ENTREVISTADO - Adrenalina! O fator de querer ganhar, supondo que uma menina dessas mediante essa situação...

ENTREVISTADOR - Complexo! Complexo! Vamos andando! Agora, vamos trazer pra dentro da nossa discussão os jogos escolares. Você participa dos jogos escolares? Jogos escolares que eu digo, no âmbito da regional de ensino. Tem o JESAM, aí! E pra depois ...

ENTREVISTADO - Não, não, não temos não!

ENTREVISTADOR - E por quê? Qual o entendimento que vocês tem? Porque realmente é uma situação muito complexa, essa questão dos jogos. Aí eu queria que você falasse um pouquinho sobre o porque não, se tem algum motivo, se é a questão da preparação?

ENTREVISTADO - Olha, eu acho também assim, pra se disputar uma competição tem que se ter uma espaço, também, você entendeu? Pro treinamento. Então, nós somos aqui, bem amigos, então, não. Mas eu teria que tirar uma aula (...) vou ter que tirar um horário meu, pra contemplar esses alunos, tem que tirar de sala ou então, tem que ocupar o espaço do horário de outro profissional ou se for no contra turno, também se dá a mesma logística, eu vou ter que pegar e fora daqui do colégio, então, assim, é meio complicado a gente marcar um treinamento com esses meninos. Se tirar daqui, vai treinar ali, tá! E se ali acontecer alguma coisa com essas crianças ou adolescentes? E aí, o que vai acontecer?

ENTREVISTADOR - Perfeito! Então não tem as condições necessárias pra fazer uma preparação pros jogos?

ENTREVISTADO - Sim! E também, assim, eu falo, também não tenho muito, muito, muito interesse, eu, particularmente, não tenho muito interesse de levar alunos pra jogos. Eles até participam, mas participam por outros locais, então, pelos centros de treinamento, então...

ENTREVISTADOR - Inclusive nós temos os CIDS na regional, que seria o espaço específico pra eles fazerem...

ENTREVISTADO - Aqui, inclusive, acabou os meninos não indo, porque o professor de lá do CID, porque tem que se dar a comunicação de lá, inscrição ser feita aqui, pra que ele possa levar, né? Aí, ele não veio aqui, pra poder preencher as fichas dos meninos, pra dar ciência...

ENTREVISTADOR - É, porque, na verdade, os meninos da escola, eles, quando fazem essa opção, fazem um treinamento lá, esse treinamento no CID, mas que na verdade, eles vão representando a escola. Então, é um choque de...

ENTREVISTADO - A escola, aí, eu também, assim, eu não tenho muito entendimento, porque eu não corri atrás também, então o meu foco mesmo, é a escola. Então, fora da escola eu não tenho muita, a questão dos jogos assim, bem orientado, eu também não recebi nenhum, pelo menos não me foi repassado, uma orientação, nada específico em relação aos jogos.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO - E o colégio aqui, assim, não tem tradição de participação não.

ENTREVISTADOR - Então, na sua visão mesmo, você acredita que a Educação Física, o esporte, em termos de competição, fora da escola, a escola não tem, nem digo nem escola, o sistema, no caso, a sua realidade aqui é do sistema, essa questão do horário de aula, o contra turno, o sistema não oferece uma condição pra se preparar pra uma disputa.

ENTREVISTADO - Pra se preparar pra se ter uma disputa, então, não fazer por fazer, assim, se você vai se dispor a sair daqui, você vai pra competir...

ENTREVISTADOR - Teria que dar as condições de preparação.

ENTREVISTADO - Se fosse pra ir lá só pra passear, então eu fico na sala dando aula, então!

ENTREVISTADOR - Não dá as condições ideais de preparação, né?

ENTREVISTADO - É muito mais seguro, vamos dizer, você ficar aqui dentro do que lá fora.

ENTREVISTADOR - Você acredita que não dá as condições ideais de preparação.

ENTREVISTADO - É!

ENTREVISTADOR - Até porque você não iria, pelo o que você falou, prejudicar o seu momento, de uma aula...

ENTREVISTADO - É, e até a divulgação, até a divulgação assim, eu, particularmente, acho que deveria ter alguém que viesse no colégio, que tivesse cartaz, que tivesse algo, pode ter sido comunicado via e-mail, comunicando uma reunião com todos os professores, mas eu não me lembro...

ENTREVISTADOR - Entendi! Você acha que falta também uma questão de divulgação por parte da Secretaria de Educação como um todo? Já que atende uma rede inteira, né? Os jogos são separados primeiro por regionais, que querendo ou não, é a rede toda, a Secretaria como um todo.

ENTREVISTADO - Não me chegou, não me chegou aos ouvidos, assim, ninguém me repassou assim, eu fiquei sabendo pelos alunos, mas também nem corri atrás.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Então, concluindo, você entende também a questão da preparação em si, ela não pode ser realizada dentro das suas aulas porque foge do...

ENTREVISTADO - Foge, foge do, como é que da palavra? Foge da nossa realidade, você entendeu? Não temos espaços suficientes pra poder...

ENTREVISTADOR - Nem tempo suficiente, né?

ENTREVISTADO - Nem tem tempo, também!

ENTREVISTADOR - É, eu digo tempo, pelo seu discurso, que realmente é plausível, né?

ENTREVISTADO - É, porque poderia ser levado, mas mediante ao aluno, quantos aqui fazem CID? Tararatatá! Então, a gente tava ali privilegiando esses alunos fora do colégio, mas, quantos outros que são bons...

ENTREVISTADOR - Que poderiam também fazer parte da equipe!

ENTREVISTADO - Que poderiam fazer parte, mas não faz nenhum centro de treinamento, mas que a gente observa durante as aulas, mas pra ser igualitário e justo, a gente tem que fazer uma peneira...

ENTREVISTADOR - Um processo seletivo.

ENTREVISTADO - Com todos eles, então...

ENTREVISTADOR - E não há o tempo hábil...

ENTREVISTADO - Não há o tempo hábil pra poder...

ENTREVISTADOR - Perfeito! Perfeito! Entendido! Maravilha! Então, pra gente finalizar, professor, na sua visão, qual é o papel do esporte dentro da escola e, mais especificamente, dentro da Educação Física Escola? Que papel o esporte deve ter dentro da escola?

ENTREVISTADO - De resgate, de mudança de vida, de superação, principalmente de superação, porque se não for financeiro, mas pelo menos, superação frente à realidade deles, uma mudança de vida, quantos aqui o pai é sem, a gente tem o lado negativo, que permaneceu negativo, mas quantos aqui, mediante, ah, o professor lá falou que isso é dessa forma! Quantos lá não tiveram mudança? Então, é mais nesse intuito também!

ENTREVISTADOR - Então, você acha que o esporte tem também um papel social dentro da escola?

ENTREVISTADO - Social, principalmente social!

ENTREVISTADOR - De resgate, né? Você fala de resgate, de superação...

ENTREVISTADO - De resgate, de superação, mudança, bons hábitos também! Bons hábitos direcionados, né?

ENTREVISTADOR - Maravilha! E pra concluir, você acha que o esporte, em si, o conteúdo né, o esporte, ele é, na Educação Física Escolar, ele é hegemônico, hegemônico quando eu digo, você acha que ela ainda tá acima dos demais? Ele ainda aparece com mais ênfase dentro da escola ou você acha que, não o que você aplica, mas o que você ainda vê, o que você imagina?

ENTREVISTADO - Ah, sim! Sim! Voltado mais pro...porque eu não tenho essa linha, mas que eu conheço muita gente aí voltada mais pro treinamento ainda.

ENTREVISTADOR - O esporte ainda aparece como... Você acredita que ele, o esporte é muito associado, de certa forma até confundido assim, como sinônimo, a Educação Física é esporte, se resume ao esporte e vice-versa, o esporte é a Educação Física? Ou você acha que não, cada um, o esporte já tem o espaço dele, já está desvinculado da Educação Física, os outros conteúdos já aparecem?

ENTREVISTADO - Eu encaro de forma separada, porque ambos são pra promoção da saúde, mas cada um de uma forma, de uma forma separada, como, um exemplo assim, então se eu fosse dar um treinamento funcional aqui pode ter até os mesmos movimentos repetidos com o futebol, vamos dizer assim, um preparo físico do futebol, mas uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa, não sei se ficou meio confuso?

ENTREVISTADOR - Não, tá perfeito! Que eles são isolados, você fala que eles não estão atrelados, não é isso?

ENTREVISTADO - Atrelados, oh, vou dar isso aqui, porque isso aqui vai ser aplicado ali, então...

ENTREVISTADOR - Entendido, perfeito! Então, você acha que o esporte ainda aparece, como um todo, não na sua realidade, na sua perspectiva como professor, mas na realidade da Educação Física, o esporte, ele ainda é, tem essa hegemonia em relação aos outros conteúdos?

ENTREVISTADO - Sim! Ele, a outra promoção se igualou um pouco mais ao esporte, mas ainda é visto como, até um meio rentável também, você entendeu? Porque na nossa área também, foi uma das formas, não que eu tenha mais aptidão, realmente eu tenho pra área escolar, mas não me enche os olhos a área fitness, mas se você parar pra pensar, então assim, qual que ganha mais? Professores de Educação Física Escolar ou os de academia? Não tô falando, tô falando assim se o profissional ficasse o dia todinho só dando aula ali. Então, ele não, o que ele ganharia lá? Ele ganharia (...) é claro assim, que é muito discrepante ainda! Porque hoje em dia eu não sei mais, mas antigamente a gente tava ganhando seis reais a hora aula, três reais.

ENTREVISTADOR - Aqui professor do...

ENTREVISTADO - Não, da área fitness, do bacharelado.

ENTREVISTADOR - Do bacharel!

ENTREVISTADO - Então, os que conseguiram se promover, correram atrás, realmente, de ser um personal, de trabalhar como treinador ou algo no sentido assim, então conseguiu um pouco mais...

ENTREVISTADOR - Alavancar um pouquinho essa questão!

ENTREVISTADO - Sim!

ENTREVISTADOR - Mas de certa forma é um trabalho, como você falou, discrepante, né? De repente, pra você alcançar o que você alcança aqui, você precisa de uma carga de trabalho maior lá...

ENTREVISTADO - Uma carga de trabalho maior lá...

ENTREVISTADOR - Pra poder se equiparar com... Então, assim, cada qual com as suas realidades...

ENTREVISTADO - Fica até incondizente, você promover a qualidade de vida pra outros, mas a sua qualidade de vida mesmo, tá se perdendo durante esse caminho...

ENTREVISTADOR - Perfeito! Perfeito! Então tá entendido! Finalizamos aqui, a entrevista, agradecendo mais uma vez, professor, foi de grande valia a sua participação, muito contributiva para o estudo, para a pesquisa, para o objeto de estudo e que, futuramente, a gente possa fazer um momento, com os professores que participaram da pesquisa, como um todo, das entrevistas, melhor dizendo, um momento de reflexão, pra que a gente possa refletir e discutir, um diálogo mais amplo, né? Os professores participantes e se estendendo para os demais professores da Regional de Ensino de Samambaia. O intuito é esse, pra que a gente possa fazer essa reflexão a cerca do esporte como conteúdo da Educação Física Escolar. Agradeço muito a sua participação, ok? Muito obrigado!

ENTREVISTADO - Se eu falei alguma bobagem aí...

ENTREVISTA COM A PROFESSORA 9

ENTREVISTADOR - Ok, então! Dando início a gravação da entrevista com a professora 9, lembrando, de antemão, já agradecendo a sua participação, professora, em concordar com o objeto de estudo que é acerca do esporte como conteúdo da Educação Física Escolar, quero agradecer a sua concordância e a sua participação para com o estudo, tá certo? Responda de acordo com as suas convicções, lembrando, mais uma vez que, os dados e o seu nome será mantido em absoluto sigilo durante o processo de pesquisa, tá

certo? Então vamos começar de forma tranquila, eu queria que você me falasse um pouco seu histórico relacionado à Educação Física. Como é que se deu seu processo de escolha para ser professora? Seu processo de escolha com o curso? Onde você foi graduada? Em que ano? Queria que você fizesse um levantamento do seu histórico, por gentileza!

ENTREVISTADO- Tudo bem! Bom, eu sempre gostei do esporte, né? Sempre fui, desde menina, desde criança, então eu sempre tive esse objetivo, apesar de não ser da Educação Física, eu queria ser professora e aí, depois, eu fui amadurecendo, né? Então, eu comecei como bacharel, na verdade, eu fiz dois anos na UNIUB, em Uberaba, onde eu residia, né?

ENTREVISTADOR - De Educação Física?

ENTREVISTADO- É, de Educação Física! Mas não concluí, então, assim, no segundo ano eu falei, não é o que eu quero, quero escola, quero lecionar, e aí, eu larguei o curso e em 2008 eu voltei e fiz a faculdade de licenciatura, né? Em Educação Física, já na faculdade pelo CESUBRE, que é de Uberaba, própria da cidade.

ENTREVISTADOR - Tá, isso em 2008?

ENTREVISTADO- 2008! Formei em 2010 e em 2011 entrei no estado de Minas, 2013 entrei concursada, 2011 designada, que aqui é contrato temporário, a mesma coisa, 2013 concursada lá e no ano que eu assumiu lá, prestei o concurso aqui, e aí trabalhei lá até ser nomeada aqui e vim o ano passado e tô aqui em Brasília agora!

ENTREVISTADOR - Ah, tá! Perfeito!

ENTREVISTADO- Comecei trabalhando lá com projeto, né? De tempo integral, que lá funciona em todas, pelo menos até o ano que eu estava, funcionava em quase todas as escolas, né? Em tempo integral. Então, mesmo que não pra todos os anos, é, por exemplo, se a escola é de quinto até o Ensino Médio, quinto até o nono ano tinha tempo integral, maioria das escolas, quase 90% em Uberaba é assim.

ENTREVISTADOR - Era tempo integral!

ENTREVISTADO- Uhum! Então eu comecei com tempo integral, lá, eu quase que trabalhava os três turnos, né? Então, tinha Ensino Médio à noite e de dia eu trabalhava com o tempo integral.

ENTREVISTADOR - Então, tá, desde que você entrou na Educação Básica, você tem o contato com o Ensino Fundamental, especificamente?

ENTREVISTADO- Com o Ensino Fundamental!

ENTREVISTADOR - Que é o nosso recorte, aqui!

ENTREVISTADO- Isso!

ENTREVISTADOR - Sempre trabalhou na rede privada? Ou sempre na rede pública?

ENTREVISTADO- Não, sempre na pública.

ENTREVISTADOR - Sempre na pública! E o que te, essa aproximação com a questão de ser professor?

ENTREVISTADO- Olha, assim, eu entrei muito nova na capoeira, na adolescência, e assim, na capoeira a gente sempre tem a questão de formar os graduados e aumentar o grupo, isso me deu um contato com a questão do ensinar, né? De, mesmo sem experiência nenhuma, sem base nenhuma...

ENTREVISTADOR - É empírica né?

ENTREVISTADO- É! Bem assim! A ideia é crescer o grupo, não importa como, né? Hoje é diferente, mas há 20 anos atrás, eu tô com 37 anos, né?

ENTREVISTADOR - Você se aproximou com a questão do ensinar?

ENTREVISTADO- Do ensinar! Eu fui, assim, eu percebi que eu tinha, assim, não vou dizer o dom, mas, porque a gente desenvolve, claro, com a experiência, mas eu gostava, né? Eu sentia prazer naquilo de ver aquela transformação, né? Então, foi por esse motivo!

ENTREVISTADOR - Maravilha! Maravilha! Então, você já falou quanto tempo trabalho no Ensino Fundamental, tá bem claro, e na Secretaria de Educação, então, você entrou...

ENTREVISTADO- Aqui, no ano passado, dois anos...

ENTREVISTADOR - Em 2018, tá! Perfeito! Então, vamos trazer agora o conteúdo esporte pra dentro do nosso debate, do nosso diálogo! Como o conteúdo esporte foi abordado lá durante a sua graduação? Você, no período de licenciatura, do bacharel, porque foram dois momentos distintos, pelo o que você me falou...

ENTREVISTADO- Isso!

ENTREVISTADOR - O esporte esteve presente no bacharel, na licenciatura? Como é que foi? Fale um pouquinho, por gentileza!

ENTREVISTADO- Assim, no bacharel, era uma faculdade bem estruturada, que a UNIUB é a universidade bem conceituada e grande, tem muita estrutura física, né? Então, assim, os esportes coletivos, a gente teve assim um, lá tinha um campo, com várias quadras, então a gente teve bastante, um acesso bom, né? Vamos dizer assim! Conseguimos desenvolver, tinha as aulas práticas né? Até porque, era

diurno, então era mais fácil, nesse sentido, do que foi na licenciatura. Porque a licenciatura era de manhã, mas era, como não era multiperiódico, então, aquele outro espaço de tempo você trabalha e a faculdade já não tinha aquela estrutura. A gente tinha que desenvolver as aulas em espaços cedidos de outros lugares...

ENTREVISTADOR - Conveniados e etc...

ENTREVISTADO- É! Mas assim, eu vivi bem, porque eu aproveitei muito as disciplinas, né? Quem fez essas disciplinas no CESUB, ficou um pouco, não teve tanta vivência. Eu, como fiz a prática, ela foi toda aproveitada do bacharel, não na parte pedagógica, na especificidade mesmo do basquete, do atletismo, do vôlei, da natação, né? Nesse sentido!

ENTREVISTADOR - Só pra eu poder compreender, então, você lá na licenciatura, você teve disciplinas relacionadas ao esporte ou você fez um aproveitamento dessas disciplinas?

ENTREVISTADO- Eu fiz um aproveitamento! Maior parte, né? Eu só integrei depois o futebol de campo e agora eu não vou me recordar assim, que já tem um tempo, né? Tem dez anos! Mas, assim, a maioria eu aproveitei!

ENTREVISTADOR - Sim! Então vamos fazer uma junção! Durante o bacharelado e a licenciatura, o esporte, ele foi ministrado lá na graduação por disciplinas separadas? Ou era tudo...

ENTREVISTADO- Separadas!

ENTREVISTADOR - Cada modalidade era uma disciplina?

ENTREVISTADO- Isso!

ENTREVISTADOR - E você lembra, geralmente, por mais que você tenha falado que não vai lembrar...

ENTREVISTADO- É, porque já tem 10 anos!

ENTREVISTADOR - É, mas quais foram as modalidades ali, as disciplinas que mais você lembra que apareceram?

ENTREVISTADO- Olha, futsal e futebol de campo, basquete, vôlei, handball, até porque Uberaba é muito forte, a gente tem um time grande! Acaba tendo uma tendência, né? Pra ali, pra o que a cidade oferece, né?

ENTREVISTADOR - Sim! Sim! Claro!

ENTREVISTADO- E, natação e atletismo, os básicos só, o restante a gente foi depois de formado mesmo.

ENTREVISTADOR - Maravilha! E você lembra como era a abordagem do, por mais que você tenha falado que tenha feito no bacharel, ele era voltado pro ensino na escola? Mais pro treinamento? Como que era?

ENTREVISTADO- Isso! No bacharel, era pro treinamento, era uma das coisas, como, era uma das coisas que eu não gostei, por isso que eu falei, não, vou trocar porque eu quero outra coisa pra mim, né?

ENTREVISTADOR - Você não se aproximou?

ENTREVISTADO- Não me aproximei! Treinamento mesmo! A visão até no momento de dar, os professores já falavam, oh você vai pra tal clube, tal lugar, então era...

ENTREVISTADOR - Mais voltado pro alto rendimento!

ENTREVISTADO- Totalmente voltado pro alto rendimento! Aí a gente tinha umas aulas, né? Que era de, aí, agora eu não vou me lembrar! Mas que a gente trabalha com a parte de, não era socialização, era, tinha um nome específico, pra trabalhar com festas, hoje tem...

ENTREVISTADOR - Recreação, lazer?

ENTREVISTADO- É, recreação e lazer! Isso! Aí, na recreação e lazer, às vezes, se adaptava algum esporte pra questão da socialização, da interação, mas no bacharel era toda voltada, na licenciatura já a gente tinha uma outra visão, aí...

ENTREVISTADOR - Mais próxima da escola!

ENTREVISTADO- É, aí, na licenciatura, onde eu fiz no CESUB, a partir do terceiro semestre, a gente já tinha uma vivência nas escolas, então a gente começava na Educação Infantil, aí no quarto a gente ia pro primeiro período do Ensino Fundamental, no quinto, a gente ia pro segundo, e assim a gente ia vivenciando todas as etapas e de acordo com as etapas ia, o ensino do esporte pra adequar a todas, né? Então a gente conseguiu vivenciar bastante separado!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Isso na licenciatura?

ENTREVISTADO- Na licenciatura! E eu vivenciei mais na prática e a prática eu não aproveitei, como eu não tive, então, a gente fazia, a prática era separada.

ENTREVISTADOR - Entendi! Perfeito! Maravilha! Vamos trazer agora pra dentro da priorização, se é que ela existe, qual dos conteúdos, falamos dos conteúdos de forma mais ampla, tá? Não só o esporte! Não falando só de modalidade esportiva! Os conteúdos geral da Educação Física! Há algum que é priorizado por você na Educação Física Escolar? E por quê? Você tem mais afinidade?

ENTREVISTADO- Olha, eu sempre tento trazer as lutas pra dentro, independente de qual, esse ano são os oitavos, né? Então, no currículo aqui de Brasília, a gente tem, eu vou trabalhar ele no terceiro bimestre, vou conseguir aproveitar, não da forma, porque o currículo aqui eu acho muito amplo, então, é tipo assim, te joga...

ENTREVISTADOR - É difícil de contemplar, né? Durante o ano letivo!

ENTREVISTADO- É! Aí não, e assim, difícil ter uma unidade, é meio que, cada um trabalha o que quiser! É porque é muito amplo o conteúdo!

ENTREVISTADOR - Exato!

ENTREVISTADO- Não existe, ah, e outros e etc., né? É assim, eu fiquei um pouco assustada quando eu vi, mas assim...

ENTREVISTADOR - Entendi!

ENTREVISTADO- Mas, por outro lado, é bom porque permite com que a gente possa, eu tenho essa abertura de trabalhar...

ENTREVISTADOR - Você tem uma gama, né? De conteúdos!

ENTREVISTADO- É! Como eu vivenciei a capoeira o jiu-jitsu, eu sempre tento trazer pro ambiente escolar, então, assim, é lógico que quando você tem um apoio, né? Da direção, fica mais fácil, em questão de material, de vivenciar de forma correta! Mas assim, eu consigo introduzir e eu gosto, então, toda, se eu tiver com sétimo, com sexto, oitavo, nono, eu sempre trago...

ENTREVISTADOR - A questão das lutas!

ENTREVISTADO- Das lutas!

ENTREVISTADOR - Que geralmente a gente não vê, né?

ENTREVISTADO- Porque é justamente isso! Porque, assim, desde que eu estou assim no, trabalhando efetivamente e vivenciando, desde a época da faculdade, nosso próprio histórico escolar é sempre voltado para os esportes coletivos, né? Futebol, vôlei, basquete e handball ainda fica ali, né? Mais ou menos, né? Então, assim, a gente pode mais, né?

ENTREVISTADOR - Exato! Então, concluindo, no seu entendimento, você acha que, nesse contexto geral, a Educação Física, ela é um sinônimo do esporte?

ENTREVISTADO- Acaba sendo!

ENTREVISTADOR - Acaba sendo, né?

ENTREVISTADO- Porque assim, eu não sei se na visão dos educadores fica mais fácil pela questão de material que você tem pra trabalhar, mas assim, eu discordo

um pouco, porque eu acho que a gente é que faz, material compra, pergunta a lista lá pro professor, é ele que dá aquela lista de dez bolas de futsal, uma de vôlei, uma de basquete, uma de handball, o tanto é que assim, esse ano mesmo, eu pedi uma lista, pedi os materiais da capoeira, não veio! Veio só o que pode aproveitar pros outros professores que talvez estejam aqui depois de mim, né? E já cheguei em escolar, de ter material, até em Minas mesmo, de ter material, tá lá tudo embalado há 3, 4 anos e nunca foi usado! Então, assim, eu acho que a gente tem um leque muito grande de atividades, o esporte coletivo mesmo, hoje em dia se fala muito, aqui em Brasília, pelo menos, tem uma equipe boa de rugby, né? Eu conheço pouco ainda, porque eu tô aqui há pouco tempo! Mas eu sei que tem, eu acompanho jornal, né? A questão do atletismo da marcha, a gente tem um representante! Então, assim, eu acho que essas representações regionais, tinham que ser mais aproveitadas!

ENTREVISTADOR - Com certeza!

ENTREVISTADO- Até pela questão de incentivar os alunos mesmo! E hoje, apesar do ensino aqui está totalmente voltado pra prova, teoria, né? No meu ver, hoje estamos aqui pra inserir a atividade física, saúde na vida desses meninos! Que hoje é tudo é televisão, celular e mais nada! Então, a nossa dificuldade hoje, é essa, né? Como professor. Fazer com que aquilo faça parte da vida dele, né? E a gente tá um pouco de mão amarrada, né? Mas eu tento, porque assim, quanto maior o leque que você apresentar, alguma coisa ele vai se identificar.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Vai ser mais proveitoso pro...

ENTREVISTADO- Vai ser mais proveitoso! Mas infelizmente não é o que acontece!

ENTREVISTADOR - Maravilha! Então, concluindo esse tópico, que a gente falou da questão do sinônimo, você, na sua visão, você ainda acredita que o esporte, desses conteúdos, ainda tem uma hegemonia em relação...

ENTREVISTADO- Ainda tem! Infelizmente! Mas ainda tem!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Só pra você falar um pouquinho sobre material, vamos trazer pra realidade mais específica aqui da escola, você até falou que passou uma listagem, como é que você consegue compreender a sua questão, desenvolver o seu trabalho na escola hoje que você está? Em relação à estrutura física e material? Ela te dá condição de trabalhar e desenvolver bem os conteúdos da Educação Física? O que você planejou na realidade?

ENTREVISTADO- Olha, muita adaptação, né? Porque assim, olhando conteúdo, aí você tem que pensar no tempo, porque a quadra não é coberta, né? No tempo de exposição desses meninos lá no sol, a questão aqui também da seca, que a gente ainda não entrou, mas toda assim, todo o seu (...)

ENTREVISTADOR - Tem suas peculiaridades!

ENTREVISTADO- É, você tem que procurar adaptar! A questão de material, ela não é suficiente pra quantidade de aluno que você tem! Então, assim, poderia ser melhor, né? Porque senão fica muito abaixo do que a gente deseja, do que a gente planeja.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO- A gente desenvolve, mas não da maneira que poderia ser!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Perfeito! Como deveria ser e como a gente pensa realmente, né?

ENTREVISTADO- Uhum!

ENTREVISTADOR - Legal! Vamos trazer agora a discussão pra dentro do planejamento. Como é o seu planejamento e organização pedagógica para o desenvolvimento do conteúdo esporte, trazendo agora o esporte novamente, dentro das aulas de Educação Física? Como é que você faz esse planejamento? Como é que você se organiza pra trabalhar o esporte, especificamente? E se o esporte aparece dentro do seu planejamento, antes de qualquer coisa, né?

ENTREVISTADO- Olha, esse ano, a gente decidiu assim, fazer uma inovação aqui por questão do interclasse. Como a gente tinha o esporte tanto no oitavo, a gente, porque eu e a outra professora, a gente decide de forma conjunta, né?

ENTREVISTADOR - Vocês estão no mesmo turno, no caso?

ENTREVISTADO- É! Nós somos do mesmo turno, ela pega os nonos e os oitavos e a gente divide o mesmo espaço, né? Então, pra que ficasse um aproveitamento melhor, lógico que tem as peculiaridades dos anos, né? Que a gente, conteúdo que vai trabalhar, né? Os objetivos, porque o conteúdo acaba sendo o mesmo, mas de forma diferente, né? O entendimento, a abrangência.

ENTREVISTADOR - Com certeza!

ENTREVISTADO- Assim, aí nós decidimos fazer um interclasse com 21 modalidades, pra dar um leque pra atender justamente o que a gente quer, vamos mostrar coisas novas! Que fica, resumindo, futsal, queimada, dama, xadrez, é isso, interclasse, na maioria das escolas que eu vou, né? A gente aqui, vôlei, pra você ter uma ideia, a gente não tem nem as traves, então, impossível, tem a rede, mas é, não tem a estrutura, nem o buraco lá é no lugar certo!

ENTREVISTADOR - Pra colocar a trave!

ENTREVISTADO- Tamparam, não sei o que virou aquilo lá! Mas enfim, material agora chegou, há um mês atrás chegou um outro material que não fosse uma bola velha de futsal que tava aí, né? Então, assim, a gente decidiu, como no primeiro

momento eu quis rever uns conteúdos, trazer algumas coisas, pensando lá na luta, no terceiro bimestre, a gente pensou no segundo trazer o esporte, então, justamente pra que os meninos pudessem vivenciar algumas coisas...

ENTREVISTADOR - No segundo bimestre, no caso?

ENTREVISTADO- No segundo bimestre! Então, assim, eu tô trabalhando futsal, a outra professora eu acho que não, mas eu vou falar por mim, né? Eu estou trabalhando futsal com os meninos, regras, fundamentos e justamente porque a gente vai ter no interclasse. Então, tudo a gente voltou pra isso, o tênis de mesa, você quer parar, pra gente...

ENTREVISTADOR - Não, pode deixar correndo!

ENTREVISTADO- O tênis de mesa, posso falar?

ENTREVISTADOR - Pode!

ENTREVISTADO- Tá, e alguns esportes que a gente conseguisse vivenciar com os meninos, então a gente trouxe frescobol, coisas que eles não estão acostumados, tênis de mesa, o frescobol, o futsal eles já estão acostumados, mas a gente tá trabalhando, né? Eu tô tentando trazer algo que eles não tenham visto, porque assim, a maioria reclamação se você...

ENTREVISTADOR - Trazer uma inovação! Esportes...

ENTREVISTADO- É! Esporte, assim, a gente não consegue, por exemplo, a outra professora trouxe o rugby, o oitavo eu ainda achei cedo a gente trabalhar porque não vai ter, então eu tô tentando conduzir pro que a gente vai fazer no interclasse nesse momento.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO- Dentro do conteúdo ele tá lá pra gente vivenciar, os esportes, tá vôlei, tênis de mesa e outros, né? Rugby...

ENTREVISTADOR - Isso na diretriz da Secretaria? No Currículo em Movimento?

ENTREVISTADO- Na diretriz da Secretaria! Isso, no Currículo em Movimento! Aí tá assim: etc. e outros, então, assim, eu falei, não, vamos trazer pra nossa realidade, então, do coletivo, do que, vamos dizer assim, dos quatro que está sempre abordado, eu estou abordando só o futsal!

ENTREVISTADOR - Dos quatro que você fala (...) citados?

ENTREVISTADO- Vôlei, basquete, handball e futsal.

ENTREVISTADOR - O quarteto fantástico sempre aparecendo e sempre com hegemonia né?

ENTREVISTADO- Sempre! Aí eu tô trabalhando futsal porque a gente vai trabalhar interclasse, senão eu nem trabalharia esse ano! Então a gente trouxe o frescobol, o tênis de mesa, trouxe, a gente resgatou algumas brincadeiras, então, pique bandeirinha que a gente vai colocar também, tem mais! Agora eu tô... dama, xadrez, mas isso eles não estão vivenciando no bimestre, só o interclasse mesmo.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO- Mas é isso!

ENTREVISTADOR - Então, assim, o interclasse trouxe agregado uma inovação de trazer outros esportes para dentro da abordagem do dia a dia da escola?

ENTREVISTADO- Isso! A gente queria poder trazer mais, mas não teria material pra trabalhar, então, assim, dentro do que a gente tem aqui, nós temos uma mesa de pebolim, então nós vamos fazer, nós temos as raquetes de frescobol, então nós vamos fazer, a gente tá adaptando, que as bolinhas de tênis, mesmo assim nós vamos fazer.

ENTREVISTADOR - Com o material que a escola já tem!

ENTREVISTADO- É! Com a realidade da escola.

ENTREVISTADOR - Maravilha! Então tá! E geralmente você cria um planejamento, fez um plano de curso, como é que foi? Você estava aqui desde a semana pedagógica?

ENTREVISTADO- Tava, tava aqui desde a semana pedagógica, assim, eu cheguei na metade da semana.

ENTREVISTADOR - A escola ofertou um momento dos professores de Educação Física sentar pra planejar coletivo ou foi basicamente você com a professora do turno, ou foi um conjunto com os quatro?

ENTREVISTADO- Não, não tinha!

ENTREVISTADOR - São quatro, né?

ENTREVISTADO- São quatro! Não tinha, porque os dois da tarde são temporários, né? E eu cheguei já no meio da semana, mas eu e a outra professora, a gente conseguiu sentar e fazer esse planejamento anual. Mas tá sofrendo muitas, a gente não está conseguindo seguir, a verdade é essa, porque já veio três provas do governo, e aí agora vai ter uma prova, é essa a minha dificuldade, que disse que vai ter uma prova, baseada em cima do currículo e por causa do ciclo, né? Os objetivos que estão sendo alcançados, vão pegar todos os objetivos trabalhados e fazer uma

prova única. Eu falei, em Educação Física, como é que vai padronizar? Porque justamente o currículo ele permite que você trabalhe né? Como está lá etc. né?

ENTREVISTADOR - Ele é mais flexível! Vamos dizer assim!

ENTREVISTADO- Então, assim, vai ser quase impossível criar uma prova, uma unidade, né? Deveria ser possível, eu sou contra essa amplitude assim, acho que tem que ter um limite, tem que ser melhor elaborado. Eu não gosto mesmo!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Perfeito! Pra que todos seguissem ali mais ou menos o mesmo caminho, né?

ENTREVISTADO- É, mais ou menos! Muda muito! Um ano você tá numa escola, acaba que você retoma tudo...

ENTREVISTADOR - Na sua visão ele é muito amplo, né?

ENTREVISTADO- É, ele é muito amplo!

ENTREVISTADOR - Muito amplo e aí você não tem uma diretriz...

ENTREVISTADO- Muito amplo com as mesmas, assim, deveria ser melhor separado o conteúdo, né?

ENTREVISTADOR - Entendi! Entendi! Entendi perfeitamente! Perfeito! E trazendo pra esse lado, né? Falando de planejamento, organização, no seu trabalho, especificamente no seu trabalho, você segue alguma teoria pedagógica, alguma abordagem pedagógica que você traz pra dentro da sua abordagem ou não segue alguma específica?

ENTREVISTADO- Não, não sei. Na faculdade a gente vê muitas coisas, né? Mas, é, eu acho que a experiência molda muito, muda muito de um lugar pro outro, não só (...) de escola, os alunos, de turma, de uma turma pra outra, eu, no meu ver, eu acho muito difícil você ter o mesmo padrão, você tem o conteúdo, mas, cada turma você tem que trabalhar de uma maneira diferente. Eu tenho turmas que não se relacionam bem, que tem uma agressividade muito grande, outras que já tem uma vivência melhor, às vezes do esporte, vieram de outro lugar, então, assim, é muito complicado você manter o mesmo padrão...

ENTREVISTADOR - Muito heterogêneo, né? As turmas são muito heterogêneas!

ENTREVISTADO- Assim, se realmente você quer que o aluno aprenda, é difícil! Pra você, passou o conteúdo, tá bom, aprendeu, não aprendeu, aí você vai usar o mesmo método, mas eu acho que realmente se você quer atingir um objetivo, é muito difícil você trabalhar da mesma forma.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Entendi! Perfeito! Voltando às modalidades, a gente até falou aí das quatro. E por você? Há algum, você falou do conteúdo

que você gosta das lutas, agora vamos fazer um recorte pro esporte, dentro do esporte há alguma modalidade que é priorizada, que você dá mais ênfase? Ou que você acha mais importante de ser trabalhada? E o por quê?

ENTREVISTADO- Olha, assim, eu sempre tive uma tendência pro futsal, que eu gostava quando eu era menina, jogava...

ENTREVISTADOR - Você praticava e gostava?

ENTREVISTADO- É! Praticava, não era boa, mas praticava! Mas assim, eu acho que ele tem um poder de transformação muito grande! E assim, quando eu dava aula no Ensino Médio e tinha os anos finais no noturno, em Minas, eu achava que era um meio de manter os alunos na escola, então, eu sempre procurei, por exemplo, fazia campeonatos internos, pegava treinamento pra jogar fora, montava times com pessoas...

ENTREVISTADOR - Tanto masculino e feminino?

ENTREVISTADO- Tanto masculino e feminino! Do noturno, justamente porque eu creio que é um meio assim de você chamar, né? Não que necessariamente, aquilo é o segmento que a pessoa vai fazer pro resto da vida dele, não é isso! Mas eu amei, porque através do futsal, além de tá na mídia, né?

ENTREVISTADOR - Já ia fazer essa pergunta! Você acha também por conta do que a sociedade traz?

ENTREVISTADO- Além de estar na mídia, mas eu acho que tem uma maneira muito grande de você fazer outras atividades de socialização, usando o futebol, né? O futsal! Então, assim, eu via muito por esse lado, eu não, vou trazer isso pra mim com o futsal. Dali, eu tenho uma arma pra trazer ele pra outras coisas, sabe? Então, é o que a gente acaba utilizando aqui.

ENTREVISTADOR - Era o pontapé inicial, vamos dizer assim!

ENTREVISTADO- É o pontapé inicial e também, assim, vamos dizer assim, é um meio de troca, então, assim...

ENTREVISTADOR - De barganha?

ENTREVISTADO- De barganha! Então, é como, agora mesmo, a gente tá vivenciando os jogos escolares, eu tô levando as meninas, tô fazendo questão de levar as meninas, aqui só vai ter o futsal!

ENTREVISTADOR - Vamos entrar nesse próximo tópico, jogos escolares!

ENTREVISTADO- E dos esportes coletivos, o único que eu coloquei pra trabalhar foi o futsal, justamente pra casar com os jogos, com os jogos aqui, entendeu? Eu dou ênfase! Eu dou ênfase no futsal!

ENTREVISTADOR - Maravilha! Perfeito!

ENTREVISTADO- Pelo menos, nos dois anos finais eu costumo dar esse ênfase!

ENTREVISTADOR - Entendido! Maravilha! Já que você falou dos jogos escolares, era exatamente a próxima pergunta. Você participa dos jogos escolares? Se sim, você já adiantou, onde e como ocorre o processo de preparação para os jogos? Como é que funciona? Como é que toda essa preparação? O que você? Qual é o seu entendimento? O que que você pensa em relação aos jogos escolares? Queria que você falasse um pouquinho sobre isso!

ENTREVISTADO- Tá! Olha, eu, vou falar, vou fazer um comparativo primeiramente...

ENTREVISTADOR - Perfeito! Fica à vontade!

ENTREVISTADO- Lá em Minas, acontecem em agosto, então eu acho que a preparação ela acaba sendo maior. Porque, primeiro, você conhece os alunos, você identifica até as questões sociais daquele que tem uma condição, daquele que não tem, de treinamento, de permanecer na escola, até de uniforme, de tudo! Você faz um levantamento geral dos alunos, né? Você tem conhecimento de todos! A partir desse momento, você sabe se tem algum aluno que faz alguma atividade fora relacionada à aquele esporte, né? E você tem uma condição maior de levar alunos pra várias modalidades, né? Como acontece aqui, qual foi a dificuldade? Você tem, você tá no início do ano, eu por exemplo, eu tô na escola esse ano, aí a outra professora que já estava aqui de manhã, ela também não foi professora desse porque ela dava aula a tarde, né? E não exatamente dessa turma, né? Que ela da pro sexto, então, eu peguei os meninos do sétimo.

ENTREVISTADOR - Ou seja, era praticamente todos os alunos novos?

ENTREVISTADO- Novos! Aí você pega os alunos, a maioria, se viu o conteúdo, não lembra de nada, de outro esporte, né? Nem do futsal, pra falar a verdade! Aí você tem que pegar o talento nato, não aquele que pode ser trabalhado. Então, assim, ah fulano joga, mas nem você sabe se é na sua visão de esporte...

ENTREVISTADOR - Aí um pergunta! Já que você falou: tem que pegar o talento nato! Como se daria esse processo de, porque acaba tendo que ter uma seleção, né?

ENTREVISTADO- Aqui não teve seleção!

ENTREVISTADOR - E como é que foi?

ENTREVISTADO- Assim, aqui a gente pegou, as meninas do ano passado né? Que foram pros jogos, aí elas vieram atrás de mim, aí falou assim, eu jogo, aí eu falei

não, então vamos fazer um treino! Aí, eu fiz um treino, e aí eu falei, olha, como a quantidade que apareceu, cabia na quantidade que a gente podia inscrever, eu escrevi todas! Mas, se aparecesse mais, algumas dessas não estariam selecionadas.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO- Tá? Porque assim, os treinos, final de 15 minutos de uma aula, entendeu?

ENTREVISTADOR - Isso que eu ia te perguntar, como que é esse processo de seleção? Você já explicou da seleção e da preparação?

ENTREVISTADO- Dois intervalos durante a semana que a gente não tem alguma outra atividade pra cumprir, que porque aqui a gente fica, né? Na rádio, fica no lanche. Então, assim, foi bem complicado! É questão de, igual agora, começou os jogos, tem tempo de treino? Não tem! Ontem foi jogo, hoje foi o (...), amanhã tem jogo, quinta tem jogo. Então, assim, quase que não tem preparação! É muito desestruturado!

ENTREVISTADOR - Pelo o que você falou, acaba tendo que ser no momento da aula, né?

ENTREVISTADO- E privilegia quem tem a oportunidade de treinar fora da escola. Na verdade, o que eu acho que os jogos deveria ser uma porta de entrada pra esses meninos pro esporte, já que é, ele não é inclusivo mesmo, o esporte de competição, ele não é inclusivo, né? A verdade é essa! Tanto que agora eles tão aí pensando aí num festival, né? Eu acho que poderia ter pensando isso de ser junto, né? Ter a, pros meninos portadores de necessidades, ter alguma atividade que não fosse de...

ENTREVISTADOR - Junto que você fala?

ENTREVISTADO- Tudo! Acontecendo ao mesmo tempo!

ENTREVISTADOR - Ao mesmo tempo! Contamitante!

ENTREVISTADO- Isso! Contamitante! Ao mesmo tempo! Não uma coisa que eu tô lá e depois ninguém vai participar, porque né? Não sei, mas na minha opinião, deveria acontecer junto, ser um momento único, não só, mas já que é competitivo, que é um esporte voltado lá, uma competição, voltado pro rendimento, deveria ser mais organizado pra que realmente esses meninos tivessem, meninos e meninas tivessem chances de ser vistos, porque da forma que acontece, vai priorizar aqueles que já tem um treinamento em algum outro lugar. A gente tem os CIDs, né? Tudo bem! Tem algumas meninas aqui na escola mesmo, que treinam aqui nos campinhos, alguns projetos sociais, mas, assim, será que elas vão ter a oportunidade de chegar na etapa distrital? Entendeu? Porque vai se destacar aquelas que já, ou já jogam juntas em algum outro lugar ou praticam algo fora da

escola, né? Aí eu tem duas, três que aí, né, consiga sobressair sobre os outros times. Mas se fosse algo mais pro final do ano ou de um ano pro outro a organização, se não tivesse tanta mudança, eu acho que daria oportunidades maiores, então, acaba sendo muito restritivo.

ENTREVISTADOR - Perfeito! E assim, na sua cabeça, teria uma, você teria uma ideia pra solucionar? Principalmente essa questão de seleção, de preparação, na realidade hoje da secretaria, né? Com regência num turno, coordenação no outro e aí? Como é que faz?

ENTREVISTADO- Olha, o que facilitava muito, em Minas, além do tempo integral, porque no tempo integral a gente vivenciava, aí sim, você conseguia vivenciar os esportes, então, a escola determinava, ah é futsal, vôlei e capoeira, então você conseguia, né?

ENTREVISTADOR - Desenvolver, né?

ENTREVISTADO- Desenvolver os meninos como forma de treinamento, não só socialização, inclusão, né? Você tinha, conseguia ter uma visão maior deles. Outra coisa, o apoio, a conversa entre escola e professor, se não trabalhar junto, eu acho que não funciona, porque nós não temos horário, né? Hoje a coordenação a gente não consegue nem fazer o que a gente precisa, não consigo planejar, não consigo corrigir prova, não consigo fazer nada! Porque sempre tem alguma coisa da Secretaria. Então, tal dia que era reunião, era coordenação você tem que ir não sei lá onde assistir a palestra da Secretaria, aí no outro dia vai vir alguém aqui na escola falar sobre outra coisa, aí no outro dia, ah, vamos corrigir a prova porque fez do governo. Então, sabe, então assim, você fica muito atribulado!

ENTREVISTADOR - Exato!

ENTREVISTADO- Quando a escola consegue conversar com os seus professores, vou citar um exemplo, né? Vai ficar aqui mesmo! Nós tentamos fazer um intervalo que já que a gente tem um de 10 e um de 20, onde os meninos pudessem utilizar a quadra, né? Então os professores, eles cumprem o horário olhando 20 minutos o lanche dos meninos. Nós cumprimos olhando a rádio. Então, o que a gente propôs? Que a gente fizesse, quem tá na rádio, essa semana, por exemplo, eu tô na rádio, a outra professora estaria na quadra, na outra semana, a gente trocava, eu taria na quadra, ela na rádio...

ENTREVISTADOR - E poderia ser um momento...

ENTREVISTADO- E a gente trocava uma coordenação no mês...

ENTREVISTADOR - Não teve?

ENTREVISTADO- Não teve! Então, assim...

ENTREVISTADOR - Não teve apoio nesse sentido...

ENTREVISTADO- Não teve apoio nesse sentido! Então eu vejo...

ENTREVISTADOR - Que poderia ser um momento de...

ENTREVISTADO- Um momento de justamente a gente verifica, pensa, Nós estamos agora em maio, né? Junho, vamos entrar aí! Há três meses a gente poderia ter, estar tendo essa visão dos alunos, né? Já que os jogos acontecem nesse momento. E eu acho que uma outra solução seria o contraturno mesmo! Ah, a coordenação, tá! O que realmente é efetivo na minha disciplina? Se é pra atingir os meus objetivos, então eu acho que poderia ter essa brecha, eu preferia mil vezes está fazendo um trabalho com os meus alunos da manhã, vindo aqui no outro turno, né? E a gente tendo, mesmo pela falta, a gente se adaptaria, espaço a gente se adapta, né? Conversaria com os outros professores, porque eles também poderiam ter isso, no turno, no outro turno. Mas, a gente fica engessado!

ENTREVISTADOR - Exatamente! Ou seja, complexo, né? Você não pode negar também a questão do alto rendimento, da competição, de levar alguns alunos pra vivenciar, mas, também, é impossibilitado de fazer um trabalho de preparação.

ENTREVISTADO- Nesse sentido, na preparação!

ENTREVISTADOR - Então, realmente, eu também concordo com você, é bem complexo!

ENTREVISTADO- É! A gente fica engessado!

ENTREVISTADOR - Muito complexo! Então, pra gente poder ir pra parte final da nossa entrevista, eu queria agora que você explanasse a sua visão como um todo, de qual é o papel do esporte dentro da escola e especificamente dentro da Educação Física, O que você vê? Na sua visão, como professora, o esporte, qual o papel que ele tem dentro da escola?

ENTREVISTADO- Olha, hoje se fala muito da inclusão, né? Mas eu acredito assim, eu acho que o esporte ele também tem que ser de alto, voltado pro alto rendimento, eu acho que precisa do equilíbrio na verdade, nós poderíamos ter mais aulas, também seria uma outra solução, acho que nós poderíamos ter mais aulas, eu acho que a Educação Física devia ter um padrão, começando ali, a partir do quinto ano, a parte de socialização, inclusão, ser totalmente voltada ali, sem esporte de rendimento, até porque, ali nessa idade, ele começa a ter uma visão, ele tem uma visão ampla, ele vivenciando todos os esportes, não um, não só o futsal, de forma, dessa forma como, essa interação, essa socialização, ele não estaria vendo o lado do alto rendimento, a partir do sétimo ano, aí eu acho que poderia ser trabalhado, porque começam as escolhas, começa a fase que você consegue definir aptidões, entendeu? Então assim, eu estou falando da nossa realidade, que no ensino infantil,

deveria começar lá na verdade, né? Na Educação Infantil. É um trabalho maior, pra que no quinto ano a gente começasse, mas como não tem, não existe, tem muito pouco, a maioria dos pedagogos que dão aula de Educação Física, então eu estou falando assim, no quinto ano deveria começar a apresentação dos esportes. Eu acho que tem que ter sim voltado pro alto rendimento, porque a realidade assim, das regiões de onde eu sempre trabalhei, né? Sempre trabalhei na pública e sempre gostei de trabalhar em região de periferia. É o esporte é realmente a salvação, isso não é demagogia, ele é, muitos não vão estudar, não vão seguir nos estudos, vão chegar no Ensino Médio, vão ter abandonado a escola, e, às vezes, a única oportunidade que ele tem de sair desse ciclo, né? De sair de um ciclo de violência, de sair de uma questão familiar complicada, é o esporte. E se a gente não voltar ele pro alto rendimento, a gente não vai conseguir ter essa visão de que ele pode, né? De que é possível mudar, né? O esporte, por outro lado, a gente tem que balancear, pra aquele que não é do alto rendimento, a gente apresentar como atividade física.

ENTREVISTADOR - Era a pergunta que eu ia te fazer. Mas na sua visão, como professora, você acha que, por mais que, como eu falei lá a questão dos jogos escolares, né? Que nós como professores, que eu também sou professor, estou te entrevistando, mas também sou professor, essa questão de alto rendimento, de inclusão, na sua visão, na escola, especificamente, você acha que o papel da Educação Física, do esporte dentro da Educação Física, ele deve ser, ele tem espaço pro alto rendimento ou ele deve ser, ele tem espaço mais pro esporte mais inclusivo, que agrega todos, de transformação?

ENTREVISTADO- Eu não sei se ele tem espaço pro alto rendimento, mas eu acho que a gente tem que ter o pontapé. Eu creio assim, ele tem que ser inclusivo, ele tem que fazer parte, é como eu falei, o objetivo é inserir a atividade física na vida desses meninos, mas a gente não pode deixar de ter esse olhar, individual mesmo, daqueles alunos que podem, e é aí onde eu acho que a escola peca, porque deveria existir ligações, entendeu? Da escola, por exemplo, eu tô ali, tô trabalhando, igual no segundo bimestre agora eu vou trabalhar um esporte, né? Aí de repente eu notei um talento...

ENTREVISTADOR - Identificou! Perfeito!

ENTREVISTADO- Eu tinha que ter um lugar pra encaminhar esse aluno, é toda uma estrutura, né? A gente tem que pensar que o aluno às vezes, não tem o dinheiro da condução do ônibus, lá onde ele mora não tem nada, então ele tem que atravessar, então assim, a gente deveria existir uma estrutura melhor...

ENTREVISTADOR - Do sistema, do Estado!

ENTREVISTADO- Do sistema! Do Estado! Mas não dá pra voltar pro rendimento, não dá!

ENTREVISTADOR - Por mais que a gente identifique, é complicado você dar um...

ENTREVISTADO- Porque você vai, vamos dizer assim, você vai beneficiar uns e a grande maioria vai ficar excluída. E essa não é a intenção, né?

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO- Porque tem que ser uma escolha própria também, porque às vezes você tá vendo um talento mas ele não quer, então é a sua, eu penso assim, a minha função é colocar a saúde na vida daquele menino, mostrar pra ele que a atividade é importante, não importa o seguimento que ele vai seguir, luta, dança, esporte, não importa! Mas assim, mas, e a visão que eu tenho, às vezes, eu tô vendo que ele tem o talento, mas ele não quer, mas o importante, mesmo que ele não queira o alto rendimento, ele tenha constante na vida dele, mude a vida familiar.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Perfeito, professora encerramos então aqui a entrevista, mais uma vez quero agradecer a sua participação, a sua colaboração com o estudo, que é de fundamental importância pra que a gente possa compreender um pouquinho sobre o esporte, sobre a abordagem do esporte como conteúdo da Educação Física Escolar, e que posteriormente a gente possa, né? Fazer um momento de reflexão com os participantes da pesquisa e até estender pros demais professores da nossa regional de ensino, tá certo?

ENTREVISTADO- Tá certo!

ENTREVISTADOR - Deixo aqui, mais uma vez, o meu agradecimento!

ENTREVISTADO- Eu que agradeço!

ENTREVISTADOR - Muito obrigado!

ENTREVISTA COM O PROFESSOR 10

ENTREVISTADOR - Ok! Estamos aqui com o professor 10 do CEF 507 da Regional de Ensino de Samambaia. Vamos iniciar a entrevista acerca do esporte, da abordagem do esporte como conteúdo da Educação Física Escolar. Professor 10, sinta-se à vontade, tá certo? Responda de acordo com as suas convicções, lembrando que essa entrevista será única e exclusivamente utilizada para fins acadêmicos dentro da minha pesquisa e será mantido total sigilo em relação ao seu nome, ok?

ENTREVISTADO- Ok!

ENTREVISTADOR - Vamos lá! professor, eu queria que você falasse um pouquinho sobre o seu histórico, né? O que levou você a cursar Educação Física? A ser professor da Educação Básica? Você poderia falar um pouquinho pra gente?

ENTREVISTADO- Quando eu estava concluindo o Ensino Médio eu tinha três opções de cursos totalmente diferentes, história, veterinária ou Educação Física, e lá pro final, eu acabei escolhendo Educação Física porque na época eu era atleta, jogava voleibol, treinava em algumas categorias de base, então eu acabei puxando esse lado aí por conta do esporte mesmo.

ENTREVISTADOR - Por causa dos esportes! Interessante! Já que o esporte é o nosso tema. Interessante a sua ligação com o esporte! Então, o que te levou a ser professor? Te levou a cursar a Educação Física por conta do esporte, mas você imaginava que seria professor da Educação Básica? Ou você iria mais pro lado do esporte propriamente dito?

ENTREVISTADO- Eu imagina ficar mais do lado do esporte ou do bacharel, né? A parte mais tecnicista, fitness, mas aí eu tive a oportunidade de experimentar a escola e deu certo!

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO- Então, uns três anos atrás, uma amiga me convidou pra dar aula num colégio particular, eu fui, gostei, funcionou, fiquei por três anos lá e esse ano entrei na rede através do contrato temporário.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Perfeito! E já se sente adaptado à Educação Física Escolar?

ENTREVISTADO- Sim! Sim! Eu tenho o desafio da quebra de barreira. Embora, eu não me sinta, eu tenho 27 anos, né? (...) Tão distante deles, mas é uma, essa distância de gerações é impressionante! Eles são outra geração, totalmente diferente da nossa, da minha época, pelo menos, de participação, a nossa competição como professor com os com os celulares, com os jogos eletrônicos, é impressionante, hoje em dia! Então, eles realmente, qualquer, qualquer 10 segundos de dispersão eles estão vidrados ali nas tecnologias, isso é um desafio!

ENTREVISTADOR - Maravilha! Perfeito! Maravilha! Quanto tempo você vem trabalhando no Ensino Fundamental? Você me falou que trabalhou na escola particular...

ENTREVISTADO- Três anos no colégio particular e esse ano...

ENTREVISTADOR - E esse primeiro ano aqui na rede! Então, sempre no Ensino Fundamental?

ENTREVISTADO- Sempre no Ensino Fundamental!

ENTREVISTADOR - E sempre com os sextos e sétimos anos ou teve uma variação aí?

ENTREVISTADO- Na verdade, no particular eu pegava todos os anos!

ENTREVISTADOR - Todos os anos! Do sexto ao nono?

ENTREVISTADO- Médio também!

ENTREVISTADOR - No Médio também?

ENTREVISTADO- No Médio também e o infantil! Então eu tinha, ficava numa unidade, eu dava aula desde o infantil, todas as séries do Ensino Fundamental...

ENTREVISTADOR - Até o Ensino Médio!

ENTREVISTADO- E o Ensino Médio!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Então você perpassou por toda Educação Básica?

ENTREVISTADO- Por toda Educação Básica!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! E como o conteúdo esporte foi abordado durante a sua graduação? Lá na...

ENTREVISTADO- UnB!

ENTREVISTADOR - Na UnB? Não te perguntei, você foi graduado pela UnB em que ano, professor?

ENTREVISTADO- 2014!

ENTREVISTADOR - 2014! É uma informação que a gente precisa também deixar aqui bem registrado. Então, lá na sua graduação, como é que foi o conteúdo, a abordagem do conteúdo esporte?

ENTREVISTADO- Basicamente, nós tivemos 4 esportes, tirando o futebol, handball, basquete, futsal foi trabalhado e voleibol. Que eram obrigatórios na grade. Natação, por exemplo, eu não tive. A UnB tinha problemas estruturais, não tinha piscina, na minha época foi construída, mas quando abriu era pras turmas novas, então eu acabei não pegando.

ENTREVISTADOR - Certo!

ENTREVISTADO- As turmas antes de mim fizeram em outro local, mas na minha época não teve realmente a oferta da disciplina. Futebol de campo era opcional, a gente podia pegar ou não e acabava ficando fora da grade, um número muito

pequeno de alunos conseguia a matrícula, né? Na disciplina e outra maioria dos esportes eram trabalhados como, nas matérias de jogos, do lúdico, né?

ENTREVISTADOR - Certo! De forma secundária, né?

ENTREVISTADO- De forma secundária! Ou dentro, também, desses 4 esportes! Cada um deles seguia basicamente uma rotina, a gente pegava o semestre inteiro como se fosse trabalhar com o esporte escolar mesmo. Então, adaptação pra grandes turmas, o trabalho progressiva, abordagem progressiva, era bem tecnicista, mas voltado pra isso, né?

ENTREVISTADOR - Ah, tá, isso que eu ia, a abordagem...

ENTREVISTADO- Pra aprendizagem global do aluno! Então, eu vejo como uma boa ferramenta! Embora lá fosse, não tivesse toda a disponibilidade de materiais, espaços, um ginásio, né? Fosse um ambiente perfeito. E com alunos que estavam lá pra fazer aquilo ali!

ENTREVISTADOR - Aquilo ali!

ENTREVISTADO- Isso! Essa diferença assim, é o que a gente tem, de enfrentar como professor em sala de aula, poxa, eu tô na faculdade com 50 alunos que fazem Educação Física, né? Então, estão pra isso mesmo! Na escola, eu estou com 50 alunos que...

ENTREVISTADOR - A realidade é outra!

ENTREVISTADO- A realidade é outra! Mas a abordagem era essa, era voltado pro ensino mesmo, pra escola e tinha toda essa progressão mesmo de abordagem, de técnicas, de aperfeiçoamentos...

ENTREVISTADOR - Ia te perguntar isso, quando você fala em tecnicista, você fala em abordagem mais tecnicista seria o... da técnica...

ENTREVISTADO- De aperfeiçoamento da modalidade! Das técnicas, exatamente, das técnicas do esporte e de progressão, então, por exemplo, no handball eu lembro de ter um, durante as duas primeiras semanas, o professor fazer com a gente bolinha de papel pra brincar com essa bolinha de papel, porque é a realidade de algumas escolas públicas em não ter o material, traz pra eles uma capacidade de criar e reinventar e (...) material, mas eles reciclarem alguma coisa e a gente ficou trabalhando aquilo ali em passes, deslocamento, pique-pega com aquela bolinha, até, depois, começar com o material mesmo, né? E toda essa progressão abriu um leque de possibilidades pra gente ter várias aulas pra trabalhar no esporte.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Ampliou o leque de variações pra poder, mesmo sendo uma abordagem mais tecnicista, não deixava de ser também uma abordagem mais inclusiva, né?

ENTREVISTADO- Isso! Sim! Claro!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Tá certo! Qual dos conteúdos da Educação Física é priorizado por você em seu trabalho pedagógico com os alunos? E por quê? Qual dos conteúdos?

ENTREVISTADO- No esporte você diz?

ENTREVISTADOR - Não! Nos conteúdos da Educação Física, de forma mais ampla! Tem algum que é priorizado?

ENTREVISTADO- Eu gosto de trabalhar saúde! Eu gosto de trabalhar sobre saúde com eles. Porque é o conteúdo que eles pedem. Porque, por exemplo, o trabalho sobre regras do voleibol, regras do, eu não gosto de passar, porque é chato! Pra gente repetir isso pra eles, às vezes eles vêm de ciclos né? Sexto e sétimo ano nem tanto! Mas alunos do oitavo, nono, médio, já fizeram esse trabalho alguma vez na vida deles e é mais fácil assimilar regras, na minha opinião, no jogo. Quando ele observa aquilo que aconteceu fica mais nítido do que ler algumas linhas com algumas palavras que eles nem sabem o vocabulário entender aquilo, então, eu gosto de trabalhar no conteúdo aqui dentro, saúde! Basicamente saúde! E entender com eles, pra que eles entendam, né? A necessidade do esporte, da atividade física, pra deslocar eles dessa realidade virtual, que é o que eles vivem hoje.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO- E dentro do esporte, eu gosto de trabalhar a junção. Então, quando a gente pega, por exemplo, pra jogar, a gente tava jogando basquete esses dias, então fazer as (...) mas que trabalhem a junção, eles podem brincar um pouco de queimada com o passe na bola, só passando a bola de forma a trabalhar o passe do basquete, aí tentar ficar lembrando comando verbal pra eles, lembra do passe!

ENTREVISTADOR - Certo!

ENTREVISTADO- Pra eles entenderem isso! É um jogo diferente, uma queimada, não tem nada a ver, mais parecido com o voleibol, talvez, mas trabalhar o passe do basquete, pra eles brincarem com a bola...

ENTREVISTADOR - Adaptações que você cria pra...

ENTREVISTADO- Isso!

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO- Então, dentro do esporte eu gosto de trabalhar dessa forma assim, mesclar jogos, criar, tem jogo que a gente brinca com o Harry Potter, por exemplo, aprendi numa das aulas do lúdico lá na UnB, muito legal, baseado no filme, e tem, basicamente tudo acontece, tem queimada, tem handball, tem uma disputa pra agarrar uma bolinha pequenininha, como se fosse um baseball, e aí eles

gostam desse tipo de jogo, porque trás uma informação nova ao mesmo tempo estou passando as mesmas habilidades e técnicas de que eles vão precisar em algum desses esportes.

ENTREVISTADOR - Maravilha! Perfeito! Então, nós podemos dizer que a saúde tem uma predominância maior em relação às suas aulas e aos demais conteúdos da Educação Física?

ENTREVISTADO- Sim! Sim!

ENTREVISTADOR - Perfeito! E qual a condição de estrutura física e material oferecida aqui pela escola para trabalhar os conteúdos, como um todo, da Educação Física? Não conteúdo específico, como um todo, né?

ENTREVISTADO- Como um todo! A gente tem uma sala, salas bem equipadas, tem data show, se a gente organizar, dá pra pegar, dar pra usar, em termos de conteúdo dentro de sala é excelente assim, a estrutura, lá fora, na quadra, a gente, nós não temos uma quadra coberta, com o chão um pouco deteriorado, não é um chão lisinho, então os alunos penam um pouquinho, na época da chuva, choveu e alagou, porque realmente ela não tem um bom escoamento, então, eram jogos em sala, jogos de tabuleiro, eu tinha que ficar por aqui mesmo quando chovia, ou então, perder uns dois horários rapando a quadra quando a chuva cessava, a estrutura é assim! E o sol quando tá muito quente, eu dou aula no período da tarde, então, esse calor agora que tá fazendo, quando dá uma, duas horas da tarde, é bem difícil pra eles! A gente joga um pouquinho, corre pra sombra, ou então, em algumas aulas eu realmente retiro eles de quadra, porque não dá pra participar! Principalmente as meninas, né? Que sofrem mais com isso daí! Mas eles participam, participam, como é uma comunidade que está acostumada com esse tipo de coisa, né? Eles participam! Pra eles é natural, ter uma estrutura um pouco mais difícil e tudo mais!

ENTREVISTADOR - Não tem problema!

ENTREVISTADO- Embora, eles cobrem: pô professor, tem que cobrir a quadra! Como se o professor tivesse que fazer, né? Mas, tirando essa estrutura, que eu acho que é a realidade de muitas escolas daqui, né? De Samambaia, de não ter uma quadra coberta e tudo mais, a questão de material nós temos bem, isso...

ENTREVISTADOR - E pra parte prática também?

ENTREVISTADO- Pra parte prática também!

ENTREVISTADOR - Tanto pra aulas teóricas como pra aulas práticas?

ENTREVISTADO- Quanto pras práticas! A gente tem bastante material!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Porque, às vezes, não é uma realidade da educação pública!

ENTREVISTADO- Não é uma realidade da educação pública!

ENTREVISTADOR - Importante observação! Tá certo! Agora, vamos trazer mais pra parte do planejamento, de organização pedagógica, como é o seu planejamento e organização pedagógica para o desenvolvimento do conteúdo esporte? Agora já trazendo pra dentro do conteúdo esporte dentro das aulas de Educação Física. Você construiu um plano de curso? Um plano anual? Você teve acesso ao PPP da escola? O Projeto Político Pedagógico? Na construção desse projeto? Como que se dá? Tenta explicar um pouquinho pra gente!

ENTREVISTADO- A gente tem acesso ao Projeto Político Pedagógico, mas a nossa realidade como professor dentro de sala é ver o céu lá escrito, né? E aqui é um pouco diferente! E a gente, eu busquei trabalhar com os outros professores, principalmente com o outro professor aqui que divide quadra comigo, horários, pra gente trabalhar junto, os mesmos conteúdos.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO- Então, por exemplo, esse bimestre agora a gente tava desenvolvendo o basquete, aí quando junta duas turmas a gente consegue fazer um trabalho grande com as duas turmas, com trabalho de progressão no basquete, de técnicas, e basicamente trabalhar um grande esporte por bimestre, separado, mas não apenas ele! Porque, por exemplo, futebol é uma paixão nacional, os meninos querem jogar futsal com qualquer pedra que você colocar na frente deles.

ENTREVISTADOR - Se deixar é o ano inteiro!

ENTREVISTADO- É! O ano inteiro! Então, igual eu falo, tem dia: professor, tá calor! Tá calor! Eu retiro a turma, dois, três, cinco, dez falam: professor, pode jogar futsal? Eu falo: pode! Vai lá jogar, então! Eles tem coragem, jogam, ficam mais tranquilos, então, de maneira que o esporte é trabalhado o ano todo, bimestre passado era o contrário, tinha o trabalho com o futsal, né? Das (...) dos jogos e eles jogavam bastante, mas na hora que tinha uma pessoa: professor, pode jogar basquete? Pega a bola e vai lá, cara! Muda um pouquinho aí a turma e eles ficavam livres pra brincar, pra errar, pra eles jogarem como eles sabem. Então, eu busco uma linha de falar pra eles: galera, esse bimestre é o basquete, a gente vai ter trabalho assim e divido as aulas em três formatos: uma aula fica reservada pra gente ficar em sala, pra trabalhar conteúdos teóricos aqui e outras duas aulas ficam na quadra, isso é regra! Quando uma dessas aulas fica, das teóricas, fica livre, que a gente já trabalhou, terminou o trabalho ou acabou rápido, aí eles tem o tempo livre mesmo, pra jogos, brincadeiras...

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO- Aí eles ficam mais espalhados! Mas basicamente é, um esporte, um grande esporte por bimestre, com essas linhas de progressão e as aulas que são mais livres, ter jogos, brincadeiras pra eles conseguirem mesclar um pouquinho, não ficar uma coisa só!

ENTREVISTADOR - Tá, legal! E aí quando você fala um grande esporte por bimestre...

ENTREVISTADO- Seria basquete, voleibol, futsal ou handball.

ENTREVISTADOR - Tá! Se associando a aquilo que você falou anteriormente, lá da graduação!

ENTREVISTADO- Exatamente!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Você vê como o quarteto fantástico, que a Educação Física vem historicamente falando...

ENTREVISTADO- Historicamente falando!

ENTREVISTADOR - E ela ainda se perpetua, né?

ENTREVISTADO- Sim! Sim!

ENTREVISTADOR - Se você for analisar!

ENTREVISTADO- Engraçado que eles perguntam, né? Eu acho até estranho, inclusive, professor a gente não vai jogar handball não? O voleibol vai ser nesse bimestre? Vai ser o que nesse bimestre? Então eles já perguntam dos quatro, esse bimestre é vôlei, basquete, futsal, o que? Eles não tem uma outra possibilidade,

ENTREVISTADOR - Você busca alguma diretriz pra montar seu planejamento? O currículo da Secretaria? A Base Nacional Curricular Comum?

ENTREVISTADO- Eu busco usar muito, existe uma Base Nacional Curricular Comum, que acho que muitos professores passavam pra gente na graduação e eu ainda tenho muito material dessas aulas, então, por exemplo, meu professor de basquete lá, ele montou uma apostila com a gente que passava da progressão a segurar a bola, regra número 1, a bola de basquete é dura, primeira coisa que eu falo pra eles, né? Regra 2, ela machuca, jogar na cara, vai machucar, então, com esse currículo, com base nos nacionais, eu acho que consigo trabalhar bem com eles, claro que adaptando o máximo a questão temporal, em relação à geração, que os alunos estão vendo, o interesse...

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO- E espaço, que é o que a gente tem aqui. Então, por exemplo, jogar voleibol no solzão de uma da tarde, olhou pra cima ficou cego, né? Na bola de vôlei, e aí a gente consegue adaptar, fazer algum outro jogo.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO- Com base nisso!

ENTREVISTADOR - Maravilha! Essa questão do planejamento, só pra gente fechar essa temática de planejamento e organização, você me falou que você teve um momento de planejamento com um professor, que trabalha junto, esse momento foi oportunizado pela escola? Geralmente você tem coordenação? Você combinou?

ENTREVISTADO- No meu caso não. A gente tem uma coordenação juntos, né? Pela manhã! Mas eu entrei aqui depois, como eu vim do contrato, ele...

ENTREVISTADOR - Já no decorrer do ano?

ENTREVISTADO- Ele começou em janeiro, eu comecei em março, então o barco já tava andando, eu pulei com o barco em movimento mesmo!

ENTREVISTADOR - Entendi! Perfeito!

ENTREVISTADO- E aí a gente conseguiu organizar assim, planejar nessas aulas...

ENTREVISTADOR - Nesses momentos de coordenação.

ENTREVISTADO- Isso! Mas não foi na semana pedagógica, construindo todo o currículo.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Você, falando do esporte, segue alguma teoria educacional ou alguma abordagem pedagógica pra o ensino do esporte? Alguma específica?

ENTREVISTADO- Não, nenhuma específica, cara! Não sigo nenhuma teoria. Como eu falo assim, a realidade que a gente tinha, né? Conhecia muitas teorias e colocá-las aqui de forma mágica, seria excelente! Mas eu realmente sigo o feeling do dia.

ENTREVISTADOR - Entendi!

ENTREVISTADO- Então, por exemplo, tem alunos do último horário, cara eles vem super agitados aqui, doidos pra já ir embora e querem gastar energia, a turma não tem um movimento, um tipo de construção, às vezes eu tenho que fazer mais eles interajam e estarem interessados.

ENTREVISTADOR - Entendi!

ENTREVISTADO- A primeira turma acabou de vir do almoço, então, é um outro tipo de perspectiva, eles conseguem fazer um trabalho mais devagar, com mais qualidade, que são mais letárgicos, estão mais pesados. Então, realmente não sigo nenhuma teoria. Acho que, acho que dá pra, eu consigo mesclar algumas coisas e

às vezes eu não sei nem da onde eu tô tirando! Essa é a realidade, assim, de forma teórica.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! E agora trazendo pra dentro das modalidades, né? A gente falou das quatro modalidades, mas tem alguma que é priorizada por você?

ENTREVISTADO- Eu acho que não! Acho que não! Eu acho que eles gostam mais do futsal, eu vim do voleibol, então, se eu pudesse ter uma oficina de voleibol, trabalhar isso aí mais a fundo, eu teria essa paixão.

ENTREVISTADOR - Gostaria?

ENTREVISTADO- Gostaria! Eu gostaria! A escola aqui tem uma dificuldade difícil com violência, com desrespeito, a comunidade realmente é...

ENTREVISTADOR - Complicada!

ENTREVISTADO- Complicada! Então, eu pensei em desenvolver alguma coisa com relação ao esporte, porque trabalha um pouco de disciplina com eles, né? Questão de horário, participação, voltar as notas pra eles pensarem nas notas. Eu pensei nisso, é difícil por causa dos horários, a quadra tava sempre ocupada, tanto pela manhã, quanto a tarde, né? Mas, eu ainda falei com a coordenação, quando a gente tentar de desenvolver de alguma forma, e espero, talvez, conseguir no final do ano trabalhar com voleibol, que é onde eu me sinto em casa.

ENTREVISTADOR - Em casa, né?

ENTREVISTADO- Em casa!

ENTREVISTADOR - É onde você tem mais afinidade!

ENTREVISTADO- Mas priorizar, eu acho que não! Eu acho que tirando esses quatro esportes, eu dou bastante liberdade pra gente fazer outras coisas.

ENTREVISTADOR - Além desses quatro esportes, eles sempre aparecem com mais frequência, tem algum outro que você tenha trabalhado lá na escola particular? Pensa em trabalhar aqui?

ENTREVISTADO- Lá também não! Por incrível que pareça, eu trabalhei em escola particular, mas a estrutura lá também não era muito lá essas coisas! Basicamente, a gente tinha essas quatro modalidades, piscina, mas eu gosto de trabalhar jogos que incluam o máximo de pessoas possível, que traga realmente uma...

ENTREVISTADOR - Uma inclusão!

ENTREVISTADO- Um avião passando! Uma inclusão e uma, gerar conflito. Gerar um conflito mesmo! Eu gosto de trabalhar que eles resolvam os próprios conflitos.

ENTREVISTADOR - Já ia te perguntar, como assim gerar conflito?

ENTREVISTADO- Por exemplo, esse jogo que eu falei, né? Quanto mais informação tem, mais difícil é pra eles, poxa eu tenho que correr com uma bola de queimada e fazer um gol do handball ao mesmo tempo e uma bolinha voando sobre a minha cabeça. Quando eles conflitam em quem vai liderar, quem vai pegar aquela bolinha, quem vai queimar, eles conseguem resolver isso em quadra. Então, as vezes, eles vêm correndo pra mim, professor, eu quero! Eu não, vocês decidem! Vocês que fazem aí o que vocês, quem vai ser o que. Tem um outro jogo, eu faço uma queimada com xadrez, né? Cada um, cada um vira um peça de xadrez, um rei, uma rainha, um bispo, e cada um tem uma função diferente, e aí ele recorrem ao professor, pra pedir que eu escolha ele como, como rei, como cavalo, eu falo, o time decide, vocês só me avisam quem vai ser, porque na hora, durante o jogo, né? Quando eles toma a decisão, aí eles começam a escolher, poxa, eu vou escolher o Charles porque ele é rápido, então, ele foge das bolas, vai ser um bom rei, pra sobreviver, professor queima bem, então tem que ser um cavalo porque quando eles tomam as próprias decisões eu acho que o jogo tá bom, porque vira um pouco da realidade que ele vão enfrentar no dia a dia, né?

ENTREVISTADOR - Perfeito! Perfeito!

ENTREVISTADO- De não depender de um professor ditando. A sala de aula já é assim, né? Faça aquilo, não faça aquilo, copia isso, copia aquilo, então lá, quanto mais liberdade...

ENTREVISTADOR - Muito engessado, né?

ENTREVISTADO- Muito engessado! Quanto mais liberdade de escolha que eles puderem ter e de conflito no jogo, tipo assim, poxa queimou, não queimou, e agora? Como é que funciona? Eu acho mais interessante!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Eu vejo você falando muito em jogo, eu acredito que você tem muito dessa perspectiva, né? De trazer o esporte associado ao jogo.

ENTREVISTADO- Ao jogo!

ENTREVISTADOR - De modificações de regras.

ENTREVISTADO- Sim! Sim!

ENTREVISTADOR - É mais ou menos isso que você pensa?

ENTREVISTADO- Eu acho que eles funcionam legal assim! Porque, a mesma coisa eu falei, a gente tá na quadra, se eu vou pra lá pra fazer um monte de fila e toca a bola do futsal, toca pra trás, toca pra frente, ou então eu coloco um jogo. Às vezes eu faço umas misturas assim, coloco um futsal com handball, só vale gol com a mão

dentro da área, mas fora da área é com o pé, e eles tem que ali tocar com o pé até fazer um cruzamento, pegar com a mão, fazer o gol. Quando isso vem na mente deles, eles poxa, cara, tem alguma coisa esquisita aqui! Não tá funcionando! Você vê os meninos que são bons falharem, porque não conseguem, poxa, eu só consigo chutar! Só consigo chutar!

ENTREVISTADOR - Você fez adaptação, né?

ENTREVISTADO- Isso! Isso!

ENTREVISTADOR - Traz o esporte, faz a adaptação e transforma ele...

ENTREVISTADO- Esse tipo de jogo que trabalha a habilidade de um e de outro, a gente consegue observar as qualidades e as dificuldades de cada aluno, e ao mesmo tempo, trazer pra eles uma vivência diferente daquela linha teórica e tudo.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! Maravilha! Vamo lá, vamo seguindo! E em relação ao jogos escolares? Eu tô vendo que é o seu primeiro ano na rede, né? Já chegou, os jogos escolares estão acontecendo? Você participa?

ENTREVISTADO- Estão acontecendo! A nossa escola, eu acho que aqui foi a única que não participou! Se não me engano! Foi uma escolha minha e do outro professor por causa da dificuldade.

ENTREVISTADOR - Perfeito! É isso que eu queria que você explanasse um pouquinho.

ENTREVISTADO- Isso! Primeiro que eu já cheguei em março, em maio, março, abril, final de abril na verdade, abril na verdade, eles chamaram pra fazer algumas oficinas com os profissionais de Educação Física, e foram muito válidas, então a gente teve professores...

ENTREVISTADOR - Chamaram quem? A regional?

ENTREVISTADO- A regional! A regional! UNIEB! E aí a gente teve com professor de CID, futsal, foi muito interessante a aula, teve um CID de voleibol, foi uma aula riquíssima, e aí, vamos ter mais encontros, mas entrou nessa realidade de jogos escolares. Eu entendo o calendário, que realmente faz sentido os jogos escolares serem logo no primeiro semestre, depois os jogos do DF, com o todo, né? E se os times passarem, pros nacionais.

ENTREVISTADOR - Exato!

ENTREVISTADO- Mas pra gente da pouco tempo de conseguir montar uma equipe, pensar num horário de treinamento, então, quando eu cheguei já tava acontecendo. E pela realidade da escola, de realmente violência e tinha, no primeiro bimestre aqui, a gente tinha briga quase todo intervalo, situação ruim, pra garimpar esses alunos, que tivessem esse comportamento de atleta, ia demandar um tempo e espaço, que

a gente não tinha. Então, a gente conversou e falou, cara, não dá pra gente sair de lá, e ao mesmo tempo desfalcar a escola, porque quando falta um professor, gera toda uma situação aqui de alunos no corredor. Geralmente quem salva é a gente de Educação Física, né? Porque se falta alguém, joga na quadra e a gente dá um jeito lá! A gente acalma os ânimos.

ENTREVISTADOR - Bombeiro!

ENTREVISTADO- É, o bombeiro! Exatamente! Bom, mas se a gente faltar, aí é o caos! Porque tem os meninos, poxa, eu só vim pra aula de Educação Física! A escola consegue adaptar, colocar na mesma sala, tem gente que tem sala de atividades que o professor deixa, subir alguma aula e liberar um pouco mais cedo. Mas a gente desfalcaria, seria um pouco de bagunça e devido realmente, mesmo, o principal ponto foi a comunidade. Eu ficava, não conheço os alunos ainda, não tenho como levar um time de quem eu não sei!

ENTREVISTADOR - Tá! Perfeito! Vamos tentar criar uma situação hipotética!

ENTREVISTADO- Fala aí!

ENTREVISTADOR - Supomos que tivesse tudo de acordo, a comunidade fosse uma comunidade tranquila, você tivesse num ambiente em que desse pra, qual seria o seu pensamento em relação aos jogos escolares? Você acha que é viável você participar? Você participaria? Não participaria?

ENTREVISTADO- Sim! Eu acho viável! A gente, vamos falar pra dentro da escola, pra dentro da escola num ambiente que eu conseguisse montar pra eles é importante, pensar em, poxa, eu não vou selecionar apenas por, é a hora da barganha do professor de Educação Física, né? Poxa, como é que são suas notas? Seu comportamento na sala de matemática, de português, química, você é bom comigo, mas eu preciso de respeito à escola, à comunidade, a gente consegue trabalhar isso com os alunos, né?

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO- Pra fora da escola, por exemplo, levá-los, dessa questão de se sentirem importantes, valorizados, representando uma escola, representando a camisa que eles vestem, se sentirem parte, pra auto estima deles, isso como crianças, jovens que já é difícil por causa das realidades que eles têm, né? É, também, importantíssimo!

ENTREVISTADOR - Maravilha!

ENTREVISTADO- Eu acho isso o máximo! E em relação a fortalecer os jogos escolares, é o que nós precisamos! Porque você tem os jogos escolares feitos pela rede pública, organizados com dinheiro público, pras escolas particulares vencerem e levarem os atletas deles pra fora! Então, assim, se não tem realmente uma

participação, um incentivo, a gente acaba fazendo coisas pra colégios particulares, pra eles vencerem primeiro, segundo, terceiro lugar, irem pra fora e viajem e a rede pública que preparou tudo isso, fica fora! Como se fosse um campeonato brasileiro pra quem ganhar um time inglês ou um time espanhol.

ENTREVISTADOR - Entendi! Perfeito! Agora eu quero pegar um gancho de uma palavra que você usou, seleção, como é que se daria esse processo de seleção dentro da escola? Você falou muito da escola pública e da escola particular aí no final, escola particular a gente sabe que tem uma outra realidade, e a escola pública uma realidade completamente diferente, aí você falou, ah, é importante, a participação, de elevar a auto estima do aluno, dele se sentir importante, dele se sentir inserido, mas que pra isso precisa ter uma seleção, como se daria dentro de um contexto escolar? Da nossa realidade? O que é que você pensa a respeito disso?

ENTREVISTADO- Quando eu enfrentei isso na outra escola, foi até difícil, porque tinham alunos que tinham qualidade, mas às vezes não tinha tamanho, foram jogar com, tava na faixa etária errada lá, o menino de repente era mais velho, e aí cortar aquele atleta que você fala o cara é bom, mas não tem realmente como, pro professor é de cortar o coração, ainda mais quando você sabe. Aqui, eu gostei de trabalhar lá, quando eu tive que fazer, né? Acho que eu vou usar meu exemplo pra tentar, pra tentar trazer pra cá, seria eles mesmo escolherem, então, quando você, o ideal seria que a gente tivesse um interclasse, né?

ENTREVISTADOR - Isso que eu queria, como é que seria esse processo dentro da escola? Seria como você falou agora, interclasse? Seria dentro das aulas? Geralmente, já tá acontecendo os jogos...

ENTREVISTADO- Já tá acontecendo os jogos!

ENTREVISTADOR - No segundo bimestre, como é que se daria esse processo?

ENTREVISTADO- Dentro da aula, eu teria que realmente garimpar e falar, poxa, o Charles vai, o professor vai, o Pedro vai e pronto, é isso! Teria que marcar um x e escolher o aluno de forma, vou botar, monárquica, mas eu acho que, trabalhando dentro das turmas, talvez uma eleição do melhor atleta pra eles se sentirem participando do processo da escolha do time da escola, pra eles se sentirem inseridos e não excluídos, né? Eu acho que isso é interessante! Não sei, chego num sétimo ano e falo, daqui tem que sair dois bons alunos, vocês vão escolher dois atletas, eu sei que tem dois bons lá, ou três, e eles fazem a votação, escolhem, eu acho que seria uma forma inteligente de fazer, e claro, com o time daquela sala, pra que eles se sintam valorizados, além deles, geralmente, realmente colocarem aqueles atletas que tem o melhor desempenho, pensarem que tão participando da escolha do time da escola, tão votando no cara que vai representar lá fora a escola.

ENTREVISTADOR - Perfeito!

ENTREVISTADO- Eu acho que essa é a melhor abordagem para incluí-los e não se sentirem excluídos! Pra eles não olharem o professor de Educação Física e pensarem: poxa, me tirou do time! Mas eles olharem e falarem: poxa, o professor me fez escolher o time! Eu fui técnico...

ENTREVISTADOR - Delegou, né? Pro aluno uma certa função e uma certa importância, que ele se sentisse importante no processo de seleção.

ENTREVISTADO- Função, exatamente!

ENTREVISTADOR - Perfeito! Então, vamos já passando pra parte final da nossa entrevista, fechando tudo o que a gente conversou sobre o esporte, que foi muito válido, na sua visão, qual o papel do esporte dentro da escola? E mais especificamente, dentro da Educação Física? Você acha qual o papel e qual a função que o esporte deve exercer dentro da escola e dentro da Educação Física?

ENTREVISTADO- Quando eu penso no esporte, a gente falou sobre criar jogos e conflitos, eu penso muito nisso, em trazer pra eles uma realidade, claro, se a gente pensar na Educação Física clássica, (...) eu trabalho corporal, saúde, eu tenho que trazer isso pra eles, mas pensar no jogo como situações, como situações de vida, porque, por exemplo, no CID é algo simples disso, aqui eu não consigo dar aula pra montar um time de voleibol com qualidade competitiva, no CID eu consigo. O cara que vai pro CID de voleibol, ele gosta de voleibol, ele quer treinar, ele tem essa vontade, né? O esporte competitivo, dentro da escola, é difícil a gente conseguir executar, ainda mais pelo tempo e tudo, né? Agora, o esporte inclusivo, de ver aquele aluno que tem um metro de altura e consegue fazer uma cesta porque os colegas levantaram ele ou então, só as meninas podem fazer gol, eu gosto muito de fazer isso, quando eu trabalho com time misto, só as meninas fazem gol! Porque os meninos, geralmente, não vão tocar a bola pra elas, né? Então, eles fazem toda a joga e tem que parar na linha do gol esperando vir uma menina chutar. E elas se sentem importantes, participando e tudo mais! Então, trazer o esporte...

ENTREVISTADOR - Incluídas, né?

ENTREVISTADO- É! Trazer o esporte pra esse tipo de realidade, conflito, tipo assim, cara, o outro tem que participar, você não joga sozinho, então, tinha alguns meninos lá que não tocavam a bola e eu começava a tirar os outros do time dele e falava: joga sozinho, agora! Como é que você vai fazer? Engraçado, uma pergunta clássica que eu faço, falava assim: Neymar ganha o jogo sozinho? Sim!!! Aí eu falava: Ganha? Pra quem ele vai tocar a bola? Quem vai bater um lateral pra ele? Então, eles ficam tipo: caramba!

ENTREVISTADOR - Fazer uma reflexão!

ENTREVISTADO- Isso! Fazer uma reflexão! Entender, realmente, acho que o esporte é um canal interessante, porque eles tem as pessoas com que eles se espelham lá fora, tem o esporte midiático, que eles acham legal e consegue, poxa, tô com vontade de jogar basquete porque a final da NBA foi semana passada! E isso é legal! (...) Brasil a seleção vai vir agora esses dias...

ENTREVISTADOR - A influência que...

ENTREVISTADO- O esporte traz, né?

ENTREVISTADOR - Traz na cultura...

ENTREVISTADO- Na cultura e no geral, e aí eles conseguem se sentir interessados e dentro disso, o professor conseguir trabalhar essas coisas, eu acho dentro da escola, é isso que a gente tem que trabalhar. Então, por exemplo, aqui, a minha dificuldade é com violência, então, um pisão no futsal, é impossível você não levar ou você não dar um, mas foi porque quis? Não foi? Eu preciso do cara que eu vou brigar agora porque pisou no meu pé? Eu preciso dele, porque do outro lado tem cinco caras, se tirar um, não tem jogo, eu tenho que tirar um do meu time, talvez seja eu que saia, se só tem três jogando porque os dois tão com medo de briga, não tem time de novo! Eles não têm os cinco! E trabalhar esse tipo de situação, conflito, de tolerância, com eles, pra mim, é o que eu acho que o esporte traz, além do...

ENTREVISTADOR - (...) Também dos conteúdos atitudinais.

ENTREVISTADO- Sim! Exatamente, conteúdos atitudinais! Muito bem! E essa questão do viver em sociedade! Eu preciso do outro, eu sozinho não jogo futebol, sozinho não jogo basquete, eu preciso de outros, outros nove caras dentro de quadra pra eu poder conseguir jogar um futsal, eu preciso de outros atletas pra eu conseguir fazer um basquete, então, poxa, eu preciso do outro! Trabalhar, muitos meninos querem montar o time perfeito, né? Aí fica aquele, um a zero, dois a zero, três a zero, quatro a zero, e aí? Fica legal? Ah, não professor, tá bem chato! A, então divide aí de novo aí, eles conseguem pensar: poxa, é verdade! Não dá pra ficar um lado mais forte que o outro e quando eu tô do lado fraco, é ruim! Eu acho que pra isso, o esporte tem valor, porque eles valorizam o esporte, né? Como cultura, não que muitos queiram se tornar atletas e tudo. Os que não querem, principalmente as meninas, que nessa fase de sétimo ano, elas estão entrando nessa fase da puberdade, de querer tá mais arrumadinha do que suar...

ENTREVISTADOR - Não querer transpirar!

ENTREVISTADO- Exatamente! Então elas: ah professor, não quero! Tá sol! Tá não sei o que! Fiz chapinha! Eu falo: bora lá, bora lá! Quando ela se sente parte, que ela não é uma menininha, que ela tem força pra dar um chute, que ela tem força pra fazer uma cesta de basquete, é interessante ver como eles funcionam! E a sensação, vamos competir com os meninos, tô num time com meninos, tô junto aqui

com eles, tudo isso! Eu acho que o esporte cabe pra isso dentro da escola, tem que ser o meio de trabalhar realmente as necessidades! Então, como eu falei, aqui, a nossa é intolerância, é respeito, violência, esse é o que tem que tornear, né? Aos conteúdos lá dentro de quadra, que é onde acontece tudo, né? É onde acontece todo tipo de situação! E o esporte mesmo, de alto rendimento, eu acho que ainda cabe, porque o nosso modelo é esse, né? É basicamente escolar, ainda cabe pra nós identificarmos e quando tem, por exemplo, eu conheço aqui o CID de futsal e de voleibol, professores conhecidos, quando tem um atleta que eu vejo que se destaca, poder encaminhá-lo pra saber se ele quer ou não pra o esporte de competição, pra o esporte de treinamento, aí cabe também ao professor de Educação Física ter esse feeling, essa vontade, talvez identificar que isso ele vai poder ajudar esse garoto, né? De alguma forma, a gente não conhece a realidade deles, a gente só vê o aluno sentado numa cadeira, ou em pé ali na quadra, mas por trás, você não sabe como é o meio familiar, dificuldades que ele enfrenta, e a gente conhece...

ENTREVISTADOR - Questão social!

ENTREVISTADO- Questão social! E a gente conhece milésimas histórias de superação por meio do esporte, através do esporte e isso ainda é real no Brasil, né? Isso ainda é real! Quanto mais pessoas a gente conseguir fazer parte, né? De resgatar, eu acho interessante! É tão legal quando a gente vê, a gente que é da área vê uma reportagem lá que o Ronaldinho Gaúcho visitou o professor de Educação Física dele lá do não sei o que e o cara fez parte da formação daquilo ali, a gente se sente tão, poxa, que legal! Eu posso ser um cara desse aí, né? E isso me motiva a pensando no lado competitivo e tal, identificar prováveis atletas e tudo!

ENTREVISTADOR - Atletas! Perfeito! Interessante quando você fala da identificação, mas de uma transferência pro CID!

ENTREVISTADO- Sim! Sim!

ENTREVISTADOR - Ou seja, a gente pode dizer que você entende que a escola, a Educação Física Escolar não seria um espaço pra...

ENTREVISTADO- Alto rendimento, não!

ENTREVISTADOR - Pra aperfeiçoamento?

ENTREVISTADO- Não!

ENTREVISTADOR - Seleção?

ENTREVISTADO- Não! Não! (...) Algum trabalho contrário, tipo assim, contra fluxo , poxa eu vou montar aqui o time de futsal do 507, um time de basquete do 507, um trabalho contra fluxo, são os alunos, os meninos que querem jogar basquete, que vão, salvo essas situações, eu acho que realmente, dentro da aula de Educação Física não cabe espaço pro esporte de alto rendimento.

ENTREVISTADOR - Perfeito! Maravilha! É isso aí, professor! Agradeço muito a sua participação, de extrema importância o seu aceite, né? Em participar da pesquisa, do estudo, a gente vê que o esporte realmente ele é bem complexo, várias vertentes, você vê, em uma entrevista a gente, várias coisas, dialogamos várias coisas, vários aspectos e várias abordagens do esporte e isso é importante pra que a gente possa entender realmente, um pouquinho, como ele vem sendo abordado dentro da escola, e que possamos, né? Traçar caminhos, pra uma abordagem significativa e que realmente tenha significado para o aluno, então, assim, agradeço muito a sua participação e que futuramente a gente possa ter um momento de retorno, essa é a intenção, com uma oficina interventiva com os professores participantes e pros demais professores aqui da nossa regional de ensino, pra que a gente possa fazer um diálogo mais amplo do esporte.

ENTREVISTADO- Legal!

ENTREVISTADOR - Tá joia! Agradeço muito a sua participação! Muito obrigado!